

Henri Durville

**A CIÊNCIA
SECRETA**

*As grandes correntes iniciáticas
através da História*

Pensamento

4º Volume

A CIÊNCIA SECRETA

Henri Durville

A busca do passado desconhecido e misterioso tem sido sempre uma constante na vida do pesquisador ávido de conhecimentos, nos campos da arqueologia, da astronomia, da astrologia, da alquimia, da piramidologia, da maçonaria, da magia e do ocultismo em geral. Muito já tem sido descoberto e descrito e muito mais ainda resta por descobrir e apresentar nos séculos futuros.

Essa obra empolgante e gigantesca não consiste, porém, apenas em pesquisar, esquadrihar e revelar, mas sobretudo em interpretar, e bem, as descobertas feitas e expostas à inteligência dos estudiosos. É mais fácil descobrir os fatos do que interpretá-los corretamente à luz da ciência e da razão para, se possível, aplicá-los adequadamente ou pô-los a serviço da cultura. Este tratado elementar da Ciência Secreta preenche satisfatoriamente essa dupla finalidade.

Em suas pesquisas, o autor conduz o leitor à China de Fo-Hi, de Lao-Tseu e de Confúcio; à Índia dos Vedas, dos Brâmanes, das Leis de Manu, de Shri Krishna e de Buda; ao Egito de Hermes Trismegisto, de Ísis e de Hórus, das Pirâmides e do milenar Livro dos Mortos; à Grécia de Orfeu, de Homero, de Pitágoras e dos Mistérios de Elêusis. Depois, coloca-os diante de Moisés, de Jesus, dos Gnósticos e da Franco-maçonaria e, finalmente, o introduz na difícil mas gloriosa Senda da Iniciação que o levará por último aos verdadeiros Mistérios:

Tudo isso está aqui descrito em linguagem corrente e de fácil compreensão.

* * *

Esta edição revista de A Ciência Secreta consta de quatro volumes autônomos, que podem ser adquiridos separadamente: Volume I

A Ciência Secreta na China, na Índia e no Egito. Volume II

A Ciência Secreta na Grécia. — Os ensinamentos de Moisés, de Jesus, dos Gnósticos e de Hermes Trismegisto. Volume III

A Senda do Iniciado. — A Fé. — Os Ciclos da Natureza. - O Amor. - A Força Vital. Volume IV

O Pensamento. — O Sentimento. - A Intuição. — A Evolução. - Deus. — Conclusão.

EDITORA PENSAMENTO

HENRI DURVILLE

A CIÊNCIA SECRETA

Tradução
E.P.

VOLUME IV



EDITORA PENSAMENTO
São Paulo

Plano desta Edição

Esta edição revista de A Ciência Secreta consta de quatro volumes autônomos, que podem ser adquiridos separadamente:

Volume I

A Ciência Secreta na China, na Índia e no Egito.

Volume II

A Ciência Secreta na Grécia. — Os ensinamentos de Moisés, de Jesus, dos Gnósticos e de Hermes Trismegisto.

Volume III

A Senda do Iniciado. - A Fé. - Os Ciclos da Natureza. - O Amor. — A Força Vital.

Volume IV

O Pensamento. - O Sentimento. - A Intuição. - A Evolução. - Deus. — Conclusão.

Ano

91-92-93-94-95-96-97

Direitos Reservados

EDITORA PENSAMENTO LTDA.

Rua Dr. Mário Vicente, 347-04270 – São Paulo, SP – Fone: 272-1399

Impresso em nossas oficinas gráficas

Índice

O PENSAMENTO	5
O CONSCIENTE E O INCONSCIENTE	10
A VIDA MENTAL	36
A AÇÃO PSICOLÓGICA	70
O Sentimento	130
O PODER EMOCIONAL	143
O SILÊNCIO.....	167
A INTUIÇÃO.....	188
A EVOLUÇÃO	225
DEUS	260
CONCLUSÃO.....	281

Índice de figuras

Figura 1: A usina e seus dois dirigentes: o diretor e o subdiretor.....	8
Figura 2: O Iceberg.....	13
Figura 3: O móvel das lembranças.....	28
Figura 4: Uma tentativa de suicídio e a sua repercussão sobre o inconsciente.....	30
Figura 5: A polarização dos pensamentos	42
Figura 6: A polarização dos pensamentos.	44
Figura 7: O interior de um bosque coberto de folhas mortas.	81
Figura 8: A rajada.....	82
Figura 9: O mecanismo da sugestão indireta.....	100
Figura 10: A ação psicológica deve ser dirigida ao Consciente e ao Inconsciente, como a duas entidades independentes.....	115
Figura 11: O sonho do iniciado.....	128
Figura 12: Esquema dos dois psiquismos, segundo Grasset.....	193

O PENSAMENTO

Os três elementos básicos do ser humano: o corpo, o consciente e o inconsciente. — Necessidade, para o iniciado, de estudar a complexidade do ser humano.

O ser humano não é tão simples como parece à primeira vista. Um estudo um pouco atento da personalidade humana no-la revela como um conjunto de muitos elementos diferentes. Para fazer compreender melhor esta complexidade, comparamos, no nosso *Curso de Magnetismo Pessoal*, esta personalidade a uma usina.

Em repouso, esta usina nos apresenta ao primeiro lance de vista, um conjunto de órgãos agrupados em séries, que têm, por grupos tanto como por unidade, funções que lhes são particulares. Essas funções reúnem os órgãos que lhe são próprios em sistema: sistemas digestivo, circulatório, respiratório, nervoso etc. e o conjunto de todos esses organismos compõe o nosso corpo físico. Mas, este corpo, assim apresentado, é inerte e sem vida. Para que as funções se realizem e a vida seja aparente, é necessário que intervenham, na vasta usina humana, um diretor e um subdiretor.

O diretor é a consciência, esta parte de nós mesmos que confina com o intelecto puro e que, a princípio, não se deixa influenciar pelas contingências que nos rodeiam. É ela que dá as ordens. Não executa por si mesma senão uma parte ínfima do trabalho. Observando as coisas superficialmente, este diretor parece não vir à usina senão como um espectador. Tem a aparência de se desinteressar pelo trabalho.

As suas ordens são relativamente raras. Seu trabalho não está na obra visível; contudo, é indispensável.

Para secundá-lo, para fazer executar as suas ordens de maneira contínua, é preciso outro personagem, encarregado especialmente desta parte do trabalho. É o subdiretor ou o contramestre. Este subdiretor é um órgão de transmissão e de vigilância que desembaraça o diretor de todo o cuidado da execução material. Na nossa usina humana, o subdiretor é o inconsciente. Seu trabalho, como veremos, é considerável. É, efetivamente, o inconsciente que, sem intervenção da inteligência consciente e sem que ao menos o imaginemos, ativa todos os nossos órgãos, anima toda a nossa respiração, a todo este trabalho orgânico tão bem coordenado e que se passa em nós sem que façamos o menor esforço. O diretor pode estar ocupado em outra coisa, e mesmo se desinteressar totalmente das engrenagens da usina, o subdiretor, o inconsciente, não continua menos, por isso, a sua tarefa, sempre semelhante a este respeito.

*

* *

Mostramos, no nosso *Curso de Magnetismo Pessoal*, a necessidade para cada um de nós de educar o nosso consciente e o nosso inconsciente, de maneira que a nossa vida se desenrole sã, poderosa e harmoniosa.

O consciente deve aprender a dirigir com mais clarividência e firmeza; deve ser seguro de seus julgamentos, ter qualidades sólidas que lhe são necessárias, que cada um possui, porém que tem muita necessidade de desenvolver; julgamento, atenção, memória.

O inconsciente tem ainda mais necessidade de educação e é um fato absolutamente ignorado. O inconsciente é encarregado de fazer executar as ordens,

e isto somente; não lhe compete se intrometer nas decisões do diretor. Não deve tomar, por sua própria deliberação, iniciativas que poderiam achar-se em contradição com as vontades da consciência.

Não é no inconsciente que estão desenvolvidas as qualidades de chefe; deve compreender, pois que ele é um subordinado não poderá ceder a contingências imprevistas, ordens as quais não terá direito de discutir.

Tomemos, por exemplo, as exaltações, as cóleras.

Há um caso em que o subdiretor — o inconsciente — se apaixonou, perde o senso da disciplina, escapa do domínio de seu diretor; executa ações que contrariam a boa marcha dos negócios. Pode-se dizer que a educação, tal como é atualmente compreendida, não faz caso do seu subdiretor.

Não se faz nada, pois, para nos tornarmos senhor dele, e, sobrevindo a primeira circunstância, amedronta-se, faz-nos corar, tremer, empalidecer; faz-nos pronunciar, quase sem nossa intervenção, palavras inconsideradas de que nos arrependemos logo, muito vivamente.

Quando o inconsciente se apaixonou, o diretor tem boa vontade e quer se interpor, mas em vão; a autoridade do chefe não existe mais; enrubescemos, fazemos mil tolices imediatamente em conseqüência do domínio daquele que deveria sempre obedecer. Acontecem certos casos, muito raros, em que a iniciativa espontânea do subdiretor pode ser feliz; porém, freqüentemente é desastrosa.

Para que a usina humana (fig. 1) dê o máximo de rendimento é necessário, entretanto, que todos os órgãos caminhem de perfeito acordo e executem, com pontualidade, o trabalho ao qual estão destinados.

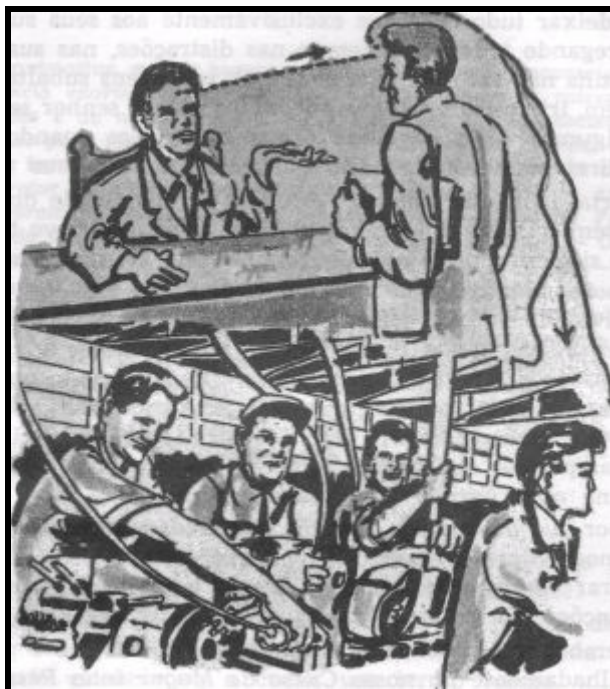


Figura 1: A usina e seus dois dirigentes: o diretor e o subdiretor.
É a imagem do ser humano. A usina, em si mesma, é o conjunto de todos os nossos órgãos e todas as funções às quais são destinados. O diretor desta - usina humana é o consciente; o subdiretor é o inconsciente.

É indispensável, pois, que cada uma saiba que tem em si, para dirigirem o corpo, duas personalidades, das quais uma deve mandar e a outra executar as ordens; a tarefa do subdiretor é aliviar o diretor de todos os trabalhos que podem ser feitos automaticamente.

Essas tarefas, que não pedem a participação contínua do diretor, são, além do jogo regular de nossos órgãos, a colocação em reserva de tudo o que, um dia ou outro, poderá ser útil ao diretor: impressões, lembranças etc. ...

Uma educação bem compreendida deve, pois, tender a fazer do inconsciente um auxílio precioso para o diretor, uma espécie de suplente.

Mas o diretor deve também compreender o seu papel e não se desinteressar em nada do trabalho do atelier. Acontece, muitas vezes, que não dá atenção à sua usina, agindo como o filho do grande industrial que, tendo encontrado a casa bem montada, tem tendência a deixar tudo entregue exclusivamente aos

seus subordinados, empregando todo o seu tempo nas distrações, nas suas fantasias. A usina não vai nem bem nem mal, se os seus subalternos são fiéis; porém, iria certamente melhor, se a vista do senhor se ocupasse dela algumas vezes, vigiando o que se esquece quando não há alguém diretamente interessado pela marcha dos seus negócios.

Importa, pois, que cada um estude a complexidade do ser humano; porém, se cada um ganha com isso, o iniciado deve tornar-se senhor de si mesmo e é o que lhe permite logo exercer o seu poder em torno de si, auxiliando, de maneira eficaz, aqueles que são fracos, aliviando os que sofrem e fomentando energias novas.

Não é senão quando tiver feito de seu inconsciente o colaborador devotado e pontual que deve ser, que o iniciado poderá fazer irradiar de si os poderes que terá adquirido assim.

Para agir poderosamente, não deverá perder de vista o papel destas duas pessoas que devem colaborar ambas, cada uma no seu domínio, na obra para a qual estão destinadas.

Eis por que nos parece de uma necessidade primordial notar aqui, de modo rápido, a importância do consciente e do inconsciente e mostrar algumas das relações que os unem, ao mesmo tempo que as funções que os diferenciam.

Abstemo-nos de notações, porque já tratamos deste problema mais detalhadamente no nosso Curso de Magnetismo Pessoal, que foi feito em vista do treinamento de cada ser humano, segundo as suas possibilidades.

Recomendamos esta obra a todos aqueles que se interessem pelo desenvolvimento psíquico.

O CONSCIENTE E O INCONSCIENTE

Parte aproximativa, no ser humano, do consciente e do inconsciente.

— Importância enorme do inconsciente; nele se acham as raízes de nossas opiniões e de nossa conduta. — A influência do inconsciente em nós mesmos pode ser boa ou nefasta. — O inconsciente guarda, em reserva, forças insuspeitas. — Ação do inconsciente sobre os nossos músculos. — O diretor e o subdiretor da usina humana. — Alguns exemplos de desdobramento espontâneo da personalidade. — Caso de Falida X. — Caso da senhora Beauchamp. — Caso de Helena Smith. — Outros casos típicos: Léonie, senhora d'Imier e senhora Tilly de Graaf. — O desdobramento pode ser provocado voluntariamente entre certos pacientes. — Papel do consciente e do inconsciente na nossa vida mental. — As lembranças postas em reserva pelo nosso inconsciente podem reaparecer bruscamente sob a impressão de um choque emocional. — Exemplos típicos. — A repressão da memória em sonambulismo. — Os dois campos de ação que se oferecem ao iniciado. — Mecanismo desta dupla ação psicológica. — O elemento que permite ao adepto semear no domínio mental do Pensamento.

Qual pode ser, no ser humano considerado como normal, a parte aproximativa do inconsciente e do consciente?

É um ponto bem difícil de estabelecer, mesmo de maneira aproximativa. Esta parte é, aliás, diferente para cada indivíduo Poder-se-ia estabelecer, a custo, um termo médio.

Tudo o que se pode dizer com certeza é que a evolução tende a aumentar a parte que volta ao consciente.

Para fazer compreender a diferença que existe entre o domínio do consciente (vontade, julgamento, memória, associação de idéias) e o inconsciente (parte automática), um psicólogo, cujo nome nos escapa, comparou o ser humano a um iceberg. Essa montanha de gelo, desde que está destacada das imensas geleiras polares, é arrebatada freqüentemente a distâncias consideráveis do seu ponto de partida pelas correntes do largo.

Uma parte dessa ilha flutuante ultrapassa a superfície do mar; comparamo-la à consciência. Mas, essa parte emergente é bem pequena em comparação à massa que o mar nos oculta e que nos representa, no ser humano, toda a parte inconsciente. A parte que emerge da água é cerca de 1/10 da parte total; o inconsciente tem, pois, na personalidade humana, depois desta comparação, cerca de 9 vezes mais importância do que o consciente.

Vê-se, por esta imagem, qual é em nós a importância do inconsciente e que não é pequeno o trabalho de chegar a submeter este domínio tão vasto à direção de uma minoridade inteligente representada pelo gelo que o sol ilumina. Um dos conhecimentos que devemos adquirir antes de tudo é o dessa desproporção que existe entre o que queremos e o que podemos fazer sem querer, de modo a não cairmos no grosseiro erro daqueles que dizem: Minha vontade é tudo; não faço senão o que eu quero.

*

*

*

É útil nos aprofundarmos nesse conhecimento tão necessário do inconsciente, parte tão importante e tão pouco conhecida da nossa pessoa. A consciência não é, efetivamente, no ser humano, o único domínio do psiquista.

O inconsciente é, ao contrário, a parte da personalidade humana que ele deve conhecer melhor se quer cumprir a obra útil que lhe é fixada. É pelo inconsciente, pela ação das energias insuspeitas que oculta, pelas repercussões que este inconsciente pode dar lugar em todos os fenômenos psíquicos superiores que o psiquista chegará melhor a auxiliar, curar, reconfortar e sustentar aqueles que lhe recorreram nas suas dúvidas, nos seus desgostos ou nas suas moléstias.

O domínio do psiquista é bem mais vasto do que se imagina à primeira vista.

De um lado, pode agir sobre a consciência, dando mais força à vontade, mais retidão ao julgamento, mais extensão à memória.

Pode operar ainda mais sobre o inconsciente que lhe oferece mil recursos para o bem, porque este inconsciente, além dos atos fisiológicos de que se encarrega, acha-se na base de toda a nossa vida emocional, sendo o elemento mais importante de toda a nossa vida psíquica.

Mas, para operar utilmente sobre essa parte tão pouco conhecida da pessoa humana, é preciso necessariamente conhecê-la a fundo, tendo dela, no espírito, uma idéia bem nítida e bem exata.

Gustavo Le Bon assim se exprime sobre o inconsciente: "*A sua importância é preponderante, porque neste terreno se acham as raízes de nossas opiniões e de nossa conduta.*"

É bem certo que a parte da influência do inconsciente na maioria de nossos atos é inegável e primacial, muitas vezes, à da consciência. De um lado, é o

inconsciente que tem a seu cargo a maior parte das nossas funções físicas; porém, o seu poder se estende bem além e, por sua impulsividade espontânea, impera sobre as nossas idéias, nossas decisões, nossos julgamentos, nossos sentimentos, em uma palavra, pode-se dizer que é mesmo a base de todos os domínios da atividade humana. Essa influência não é necessariamente má, porém o que ela tem de grave é que opera freqüentemente fora da autoridade do diretor, e assim, por seus bruscos repentes, impede-lhe a ação.

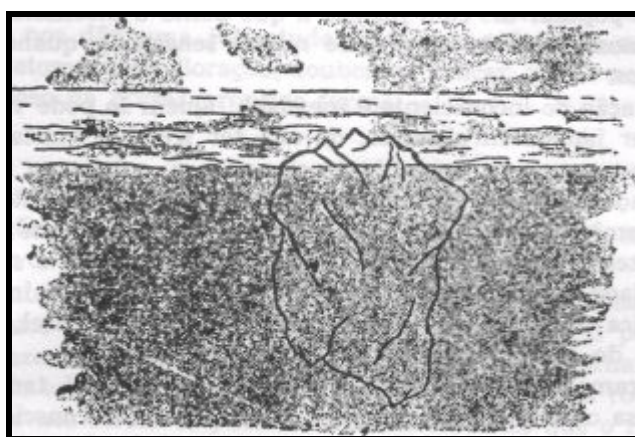


Figura 2: O Iceberg.

Um psicólogo comparou a totalidade do consciente e do inconsciente no ser humano a um iceberg. A imagem, que não poderia ter senão um valor demonstrativo, é surpreendente. Mostra quanto são desproporcionadas as partes do consciente e do inconsciente, em cada um de nós. Deste bloco de gelo, arrastado pelas correntes marinhas, cerca de um décimo sai da água; esta parte emergente, que corresponde à parte do consciente, é muito menor em relação à massa que está imersa nas ondas (o inconsciente).

*

*

*

A influência do inconsciente sobre os nossos órgãos pode ser boa ou má, se damos a essa força uma direção útil ou se não soubemos ou não tentamos educá-la.

Em mal, a influência do inconsciente se manifesta nas nossas emoções e suas repercussões são as mais inesperadas. É ele que nos faz enrubescer ou empalidecer de cólera ou de medo.

É ele que, nessa verdadeira moléstia, que é a emoção dos artistas, toma um tal domínio sobre o corpo que lhe fará aumentar desproporcionadamente todas as secreções de maneira a mais incômoda, suores frios ou normais, incontinência de urina, etc. Faz tremer as pernas, apertar a garganta, torna o artista inteiramente impotente para representar o papel que conhece perfeitamente.

É a nossa consciência por mais vontade que tenha de se interpor freqüentemente é impotente. O desgraçado é sua presa, e, no auge da perturbação, vos responde: "*É mais forte do que eu*", e esta frase popular diz com justeza a que ponto o inconsciente é senhor de nossos movimentos e de nossas sensações, quando não o dominamos.

Esta ação do inconsciente é inegável. Quem se pode vangloriar de não ter jamais enrubescido, de não ter tremido nunca?

Trata-se aqui do inconsciente que não se submeteu a nenhuma educação ou que se mostrou refratário um momento a toda ordem, dominando assim uma vontade mal dirigida que não tem sabido fazer-se obedecer. Mas, o inconsciente, quando é submetido à autoridade do diretor, quando não procura tomar iniciativas, quando fica no seu papel de colaborador submisso e fiel, torna-se um fator de primeira ordem na economia humana.

Mostramos no nosso *Curso de Magnetismo Pessoal*, tanto quanto na nossa obra *Voici La Lumière*, tudo o que o inconsciente bem dirigido pode trazer de útil, não somente no domínio das nossas funções orgânicas e psíquicas, mas também em toda a nossa vida sentimental; é a ele que é preciso dirigirmo-nos quando queremos dotar o ser humano de mais vitalidade, de mais resistência, de um melhor funcionamento orgânico, para curar seja a excitação, seja a atonia. Nas moléstias orgânicas, mesmo as mais graves, como o cancro e a tuberculose, o

inconsciente bem dirigido pode chegar a dotar o ser humano de meios de defesa tais, que o organismo chega, na maioria dos casos, a evitar a invasão do mal, a deter o impulso destruidor, depois, tomando força mais e mais, a fazê-lo recuar em um tempo mais ou menos longo e, finalmente, a operar uma cura completa e durável. E essa cura será tanto mais pronta e tanto mais completa se a fé, derramando em nós forças prodigiosas, efetua milagres.

*

* *

O império do inconsciente sobre os nossos órgãos é imenso. Temos nele um reservatório inextinguível de forças que ignoramos e essas forças, se soubéssemos dispô-las, dar-nos-iam todo poder físico e moral. Estas forças são infinitas no nosso ser e não sabemos descobri-las. Livres e postas em ação conscientemente, seriam suscetíveis de conservar em perfeito estado a usina humana, tão freqüentemente impedida por uns nadas, os quais a nossa ignorância transforma em mundos. Essas forças, que não sabemos mesmo empregar para a cura de males os mais benignos, poderiam reparar lesões caracterizadas, curar mesmo desastres que puseram o doente às portas da morte.

Quando as forças do inconsciente são desimpedidas e a consciência as utiliza em benefício dos interesses comuns, a usina renasce, a sua atividade dirigida toma novo impulso. Os órgãos funcionam harmoniosamente, uma ligeireza e uma facilidade desconhecidas nos dão uma juventude nova. A vida, que nos parecia deixar, retoma nova floração; soubemos vencer o mal pelo emprego judicioso de nossas próprias forças.

*

* *

A ação do inconsciente sobre os nossos músculos é, talvez, ainda maior do que sobre os órgãos.

Quantos gestos involuntários suscita o nosso inconsciente! E esses gestos se nos tornam tão familiares que não os percebemos mais. Fazemo-los inconscientemente a ponto de se tornarem reveladores do estado de nossa alma para aqueles que nos rodeiam. A cólera faz-nos cerrar os punhos e os dentes, antes que o nosso pensamento tenha tido mesmo a idéia dessa manifestação; o medo nos faz correr muito antes que o pensamento tenha escolhido a direção que devemos tomar; é o que conduz ao impulso inconsciente dos pânicos e a essa "fuga desabrida" tão bem descrita por Kipling em *La Mutinerie des Mavericks*. Sob a impressão de uma notícia má, o nosso estômago contrai-se, dando-nos até urna sensação dolorosa. Inviavelmente, o medo pode impedir todos os nossos movimentos e, como se diz, "cortar braços e pernas". O nosso coração, segundo a nossa compleição, ou dispara ou paralisa-se nos momentos de perturbações. A nossa vontade é impotente para regularizar as suas funções.

Não é senão depois de exercícios da vontade, suficientemente educada, que podemos pôr cobro a essas manifestações intempestivas. E principalmente pela auto-sugestão que chegamos a dominar os nossos músculos e reflexos, que obtemos uma espécie de impassibilidade exterior que é sinal de força quando é voluntária. Aprendemos, assim, a fazer poucos gestos e somente gestos que decidimos. Regularizamos as pulsações do nosso coração pela respiração ampla.

*

* *

Para o psicólogo que faz um estudo cotidiano da personalidade humana, o cérebro é uma estranha máquina. Sem dúvida, é bem como dissemos, o escritório

do diretor, o posto do comando; mas as nossas duas personalidades aí se encontram e aí vivem mais ou menos em boa inteligência.

Ambas presidem à nossa vida mental, ao funcionamento da usina que será bom ou mau, segundo o seu acordo. As nossas duas personalidades vivem em nosso corpo lado a lado, sem que o suspeitemos. O diretor pode ausentar-se, abstrair-se nos seus prazeres ou em pesquisas mais especiais e mais altas, pode, na aparência, desinteressar-se dos seus negócios, mas o subdiretor está sempre fiel no seu posto. Não tem, certamente, as capacidades de atenção, de julgamento, de decisão de seu diretor, mas procede do melhor modo possível para que a marcha da usina continue; não reflete, segue o que é feito em todos os tempos na casa e a sua rotina tem este lado bom que assegura a marcha dos negócios, o que é sempre melhor do que a sua cessação.

Parece, algumas vezes, ser retrógrado ou exageradamente firme nos velhos métodos, mas a usina marcha, e é isto que é o essencial.

Em toda a vida da usina, quer seja mesmo no mecanismo de uma roldana, seja em uma peça a examinar, seja em um documento a classificar, o inconsciente está encarregado de todas as tarefas subalternas; é ele que põe em movimento a engrenagem, que nota a sensação digna de ser conservada, que classifica e registra os documentos necessários, tudo mesmo sem a intervenção do diretor. O trabalho que produz, o trabalho desse "*hóspede desconhecido*", como o chama Maeterlinck, é enorme e é somente o nosso hábito que nos impede de vê-lo.

*

*

*

Consideremos rapidamente o papel do inconsciente e do consciente na nossa vida mental; vejamos de maneira geral como agem essas duas partes de nossa personalidade.

Para compreender bem o mecanismo da nossa dupla personalidade em sua ação, notemos primeiramente alguns fatos espontâneos de desdobramento da personalidade. Esses fatos nos mostram, com nitidez, que existem no ser humano duas entidades, dois seres independentes — um diretor e um subdiretor.

Se a regra quer que estes dois colaboradores participem em boa harmonia na elaboração de uma obra comum, há, entretanto, casos excepcionais, porém verificados, em que as duas entidades demonstram que têm uma existência pessoal e completamente independente. Pode acontecer que, sob o impulso de certas circunstâncias, o consciente e o inconsciente estejam em uma tal divergência que o homem se sinta habitado por dois seres não somente distintos, mas opostos; pode mesmo haver nele muitas manifestações do inconsciente, não havendo senão uma única da consciência, que é a verdadeira personalidade intelectual e moral do paciente. Esses diversos atores de nossas crises morais e sentimentais ou fisiológicas podem entrar em conflitos mesmo violentos, porque cada um aqui representa o seu papel, sem se preocupar com os dos outros que lhe são totalmente indiferentes, algumas vezes mesmo hostis.

Essas personalidades fictícias, que se superpõem à consciência e a obliteram momentaneamente, tomam posse do inconsciente em condições diversas que não são todas perfeitamente definidas.

Vamos recordar, para melhor compreendê-las, muito brevemente, alguns casos célebres de desdobramento espontâneo.

Dissemos algumas palavras do caso de Félida X, este curioso paciente estudado pelo Dr. Azam, e da senhora Beauchamp, relatado pelo Professor Morton Prince; recordaremos, em seguida, o de Helena Smith, ao qual o Professor Flournoy consagrou um livro: *Das Índias ao planeta Marte*. Esses casos não são tão excepcionais como poderíamos crer e citaríamos muitos outros do mesmo modo curiosos que têm sido estudados pelo Professor Charles Richet, os Drs. Hyslop, William James, Bourru e Burot, Pierre James etc. etc.

*

*

*

O caso de Félida X, que foi minuciosamente observado pelo Dr. Azam, é o de uma jovem histérica que, por vezes, sob o império de uma emoção, e muitas vezes sem causa aparente, experimentava uma sensação dolorosa nas duas fontes (cabeça) e caía, de repente, em um abatimento profundo que se assemelhava ao sono natural. Esse estado durava, no princípio, 10 segundos, mais ou menos, depois do que a doente abria espontaneamente os olhos e entrava em um estado especial que os psicólogos chamam segundo estado. Este segundo estado durava uma hora ou duas, depois o abatimento passava e o sono reaparecia e Félida, voltando ao estado normal, não se lembrava de nada. Este acesso se reproduzia de cinco em seis dias ou mais raramente.

O que é importante notar é que, enquanto durava esse segundo estado, Félida era inteiramente diferente dela mesma. Era outra personalidade que se tinha apoderado do seu inconsciente e suas faculdades pareciam então mais desenvolvidas e mais completas; lembrava-se de toda a vida, enquanto, em estado normal, não se lembrava de modo nenhum de ações e palavras que pronunciara ou executara em seu acesso. O Dr. Azam constatou mesmo uma terceira mudança de

personalidade caracterizada por um terror indizível; nesse estado novo, as primeiras palavras de Félida eram: "*Tenho medo... tenho medo*"; e não reconhecia ninguém, salvo seu marido.

*

* *

O caso da senhora Beauchamp é ainda mais curioso. Trata-se de uma jovem estudante, inteligente, porém, nevropata, sonhadora, impressionável e imaginativa, cujo caso foi minuciosamente estudado pelo Professor Morton Prince. Sob a influência de causas psíquicas, o inconsciente da senhora Beauchamp é invadido por várias personalidades que se sucedem e que têm, cada uma, a sua maneira de pensar, de amar, de agir. Cada personalidade posta em jogo é uma nova senhora Beauchamp, tão diferente das outras que Morton Prince, para estudá-las, teve de as numerar, a fim de poder sempre reconhecê-las.

Há primeiro a senhora Beauchamp n.º 1. Sob este aspecto é a doente em seu estado habitual; é nervosa, impressionável, nevropata, extremamente imaginativa.

A senhora Beauchamp n.º 2 é a mesma pessoa, mas em estado de hipnose e, diz-nos Morton Prince, "*despida deste ar de reserva de que se envolve como para se proteger*".

Vem, em seguida, a senhora Beauchamp n.º 3, que, por si mesma, se dá o nome de Sally. Característica particular: tanto mais a senhora Beauchamp, em estado normal, é lânguida e doente, tanto mais Sally é sã e robusta; esta não conhece fadiga nem sofrimentos.

Enfim, a senhora Beauchamp n.º 4 é muito diferente das outras três e principalmente da senhora Beauchamp n.º 1: é uma mulher frívola, ambiciosa,

egoísta, enquanto que, em seu estado normal, a moça é tão simpática e doce quanto desinteressada.

Estas quatro personalidades seguem-se muito rapidamente e apresentam sempre as mesmas particularidades; é impossível não reconhecê-las depois de um estudo um pouco seguido.

É fácil compreender quão penosa pode ser a vida de uma nevrótica como a senhora Beauchamp, que, segundo a personalidade que possui, fala, age, pensa, experimenta, nesse momento, de maneira inteiramente diferente, sentimentos os mais variados. Sofre grandemente com essa instabilidade constante que lhe faz afirmar agora o que ela negou há alguns instantes. E, no momento em que ela age, não ignora que outra personalidade não tardará a vir destruir obstinadamente tudo o que acaba de fazer e contradizer, tudo o que acaba de dizer.

*

* *

O caso de Helena Smith, que foi estudado longamente pelo Professor Flournoy, não é menos particular. Helena Smith é o tipo do médium de manifestações intelectuais. Incorpora, em diferentes épocas, cinco personalidades principais, que ela, em relação com encarnações anteriores e essas personalidades, declara relacionar-se em três ciclos: ciclo hindu, ciclo real, ciclo marciano.

É, por exemplo, Maria Antônia ou Cagliostro ou habitante do planeta Marte que se manifestam por pancadas impressionantes e revelam a sua identidade pela escrita ou pelos desenhos automáticos, ou ainda pela voz de Helena Smith, e certas dessas personalidades apresentam-nos caracteres particulares, uma língua ignorada por nós e que a entidade declara ser a dos habitantes de outros planetas.

*

*

*

Outro caso espontâneo de dupla personalidade muito típica foi assinalado pelo Dr. Pierre Janet. Trata-se de uma de suas doentes: Léonie.

A segunda personalidade dá-se, ela mesma, o nome de Leontina. Ambas habitam o mesmo corpo, mas, ainda que se sucedam, mostram-se extremamente diferentes uma da outra. Ambas escrevem cartas, porém, cada uma em um estilo que lhe é próprio. As duas personalidades se ignoram e, se elas escrevem sucessivamente uma atrás e outra na frente de u'a mesma folha, Léonie reconhece o seu texto, mas não reconhece o de Leontina.

Inversamente, Leontina não toma por seu o texto de Léonie. Quando Léonie está em estado de vigília, devaneia, cantarola, escreve se lhe pedem. Leontina, mais ativa, oculta os papéis sobre os quais escreveu, porque sabe que Léonie os rasgará se os encontrar. É fácil verificar, nessa doente, a existência simultânea de duas personalidades diferentes e reconhecíveis à primeira vista.

Pessoalmente, estudamos numerosos casos desse gênero em médiuns ou pacientes que, em estado de transe, sonambulismo provocado ou inspiração dançam, escrevem e desenham muito melhor do que poderiam fazê-lo em estado de vigília.

Nessa ordem de fatos, podemos notar aqui o caso da senhora d'Imier, que foi comunicado ao *Segundo Congresso Internacional de Psicologia Experimental*. Este médium desenha sem ter consciência. No momento em que a senhora d'Imier executa o seu desenho, parece que está investida, invadida por uma personalidade oculta que lhe é, aliás, difícil definir. Depois, tendo disposto uma folha de papel ordinário e um crayon Conte despido da madeira (para evitar fazer a ponta,

o que ocasionaria uma perda de tempo), sente sua mão impelida e conduzida por uma vontade que não tem nada de comum com a da médium.

O impulso dado à mão vem da espádua e, sob este impulso, sem o concurso de sua personalidade consciente, traça linhas em todos os sentidos, traços cruzados, pontilhados, ora rápidos e apressados, ora fortes ou leves, e sem ter a preocupação nem o pensamento do que resultará daí. É assim que, em uma hora, executa desenhos de grande formato, nos quais se mostram personagens envolvidas em roupagens, decorações de inspiração toda oriental, desenhos que ela se sente obrigada a representar segundo a sua inspiração, notando um tipo de uma época muito remota, que lhe parece ora asiática, hindu, egípcia, síria.

Enquanto ela desenha, o médium parece estar em estado de vigília. Pode falar de qualquer outra coisa, menos do desenho, e sua mão, como movida por uma outra mão invisível, continua rapidamente o desenho começado que ela não olha.

Encontrar-se-á no volume das teses do *Segundo Congresso Internacional de Psicologia Experimental* a reprodução de um desses desenhos inspirados, cuja importância e acabamento espantam, quando se imagina o pouco tempo para isso exigido*.

Um outro caso dos mais interessantes é o da senhora Tilly de Graaf, a respeito do qual publicamos dois estudos na nossa revista *Psychic Magazine***.

Esta pessoa executa desenhos inspirados. No momento em que a sua mão é arrastada, ela diz achar-se em comunicação com as esferas superiores, onde se encontra com a alma dos grandes gênios: Rafael, Miguel-Ângelo, Leonardo da Vinci.

* Henri Durville: Relatório do Segundo Congresso de Psicologia Experimental.

** Bernard: *Os Desenhos Inspirados*, *Psychic Magazine*. n.º 153. — Bernaxd: *As Danças Inspiradas*, *Psychic Magazine*, n.º 158.

Sua alma, fervente e mística, crê entrar em relação com a deles; seu pensamento, primeiramente emocionado pela beleza que irradiam, é levado a realizar o que ela sente e executa um desenho representando a visão que a impressionou.

Enquanto desenha, sente-se em comunhão com a imagem que lhe aparece, mas não dirige de modo nenhum a mão que a reproduz.

Alguns dos desenhos da senhora Tilly de Graaf foram compostos sob a influência da música, de uma música particularmente apaixonada ou de alta significação como o Prelúdio de Chopin, as Rapsódias de Liszt, a Gavotte de Rameau. Estes desenhos não representam nunca um episódio que possa relacionar-se de perto ou de longe com essa música, mas somente fisionomias que esses ritmos modelam na sua emoção. Há também imagens que foram concebidas sob a inspiração bebida na leitura de obras literárias e místicas.

Não somente a senhora Tilly de Graaf desenha, mas dança sob esse impulso do inconsciente. Parece, nesse momento, que uma personalidade nova se apodera de seu corpo.

O que se passa então, produz-se sem o concurso da sua consciência. Ela pode manter uma conversação, enquanto o corpo, dirigido pelo inconsciente, executa danças originais, traça desenhos da mais admirável beleza.

*

* *

Esses casos de desdobramento podem ser reproduzidos experimentalmente em certas condições. O magnetizador, o hipnotizador, o sugestionador chegam facilmente a dissociar a personalidade de seus pacientes.

Uma vez metidos em hipnose, esses pacientes aceitam as sugestões que se lhes dão. Tornam-se a personagem que se imaginou, tomando tanto melhor as características quanto esses pacientes são mais sensíveis e mais habituados a essas experiências.

Esses pacientes traduzem essa personagem ideal com tanto mais facilidade quanto mais facilmente e mais nitidamente ela se apresentar ao seu espírito. É muito mais difícil fazê-los encarnar um tipo de que nunca ouviram e do qual nada sabem.

Mas, no caso contrário, encarnam, sob todos os aspectos, a personagem indicada; tomam-lhe os gestos, a atitude, as palavras familiares; podemos torná-lo padre, ciclista, serrador de pau; terão ora a unção do primeiro, a atividade febril do segundo, os gestos ritmados e precisos do terceiro; cumprirão bem, da mesma forma, atos perfeitamente impossíveis; servirão de trenó em uma sala e remarão sobre o tapete; podemos fazer com que nadem de braços sobre u'a mesa e pescarão no soalho tão bem quanto em um chapéu; subirão pelas cortinas para escaparem de um incêndio imaginário e, para evitarem os gendarmes que não existem senão pela sugestão imposta pelo operador, tentarão se ocultar no piano.

Podemos conseguir que cumpram, do mesmo modo, ações inteiramente impróprias da sua idade, de sua compleição e de sua condição social; poderemos persuadir a uma grave personagem que ela é uma menina brincando com a boneca e fará o gesto de adormecer uma criancinha; ao contrário, a menina tomará as atitudes solenes e rebarbativas de um magistrado interrogando um acusado.

O paciente adormecido escreverá não segundo o seu hábito, mas segundo a personalidade que foi obrigado a incorporar. Uma mulher elegante tomará a caligrafia grosseira e complicada de um camponês sagaz e astuto, e

peças pouco cultas esforçar-se-ão por tomar, se se lhe impôs, uma personalidade mais bem educada, uma caligrafia de letrado, ao mesmo tempo simples e decorativa.

O paciente adormecido tem, aliás, mais recursos e facilidades que o mesmo paciente em estado de vigília.

Nenhuma circunstância, nenhuma emoção interpõe-se entre o que ele quer fazer e o que faz.

Um artista que sofre de medo em estado de vigília, não o experimentará, de modo nenhum, se se lhe solicitar representar em estado de hipnose.

Não vê o seu público senão na medida em que esta vista lhe é autorizada pelo sugestionador como meio de excitação, mas, de modo nenhum, como um constrangimento possível. É um fato que foi constatado varias vezes no que concerne à dança.

Lina, a paciente do Coronel de Rochas, Magdaleine e a senhora Caro Campbell, que foram desenvolvidas pelo sr. Emile Magnin, são exemplos.

*

* *

Certamente, todos estes fatos de desdobramento da personalidade, sejam eles espontâneos ou provocados, são, sob essa forma, fenômenos raros excepcionais, porque são fenômenos muito acusados. Mas, se nos ocupamos em citá-los primeiramente, é devido precisamente ao seu caráter em extremo nítido que fez ressaltar, de maneira mais impressionante, a existência lado a lado e entretanto independente, do consciente e do inconsciente. É preciso saber que o inconsciente não é visível apenas nesses casos excepcionais. Eis aí fatos de uma ordem mais comum, que se passam com cada um de nós. Por serem menos visíveis, esses fatos

não demonstram menos a participação, na nossa vida mental, do consciente e do inconsciente. Eis aqui, primeiramente, um fato que citamos em nosso Curso de Magnetismo Pessoal:

Estais no vosso quarto e trabalhais. De repente, durante um momento de repouso, os vossos olhos se fixam, sem que penseis nisso, nos desenhos do papel; são ramalhetes de rosa atados por fitinhas azuis. Esses ramalhetes são reunidos uns aos outros por grinaldas de rosas menores.

Analisai todos os detalhes do desenho, notai todas as nuances das flores. Parece-vos que nunca vistes assim, o que olhais. No entanto, já há longos anos habitais esse quarto. Mil e mil vezes os vossos olhos pousaram sobre essas rosas. Vós as conheceis desde muito tempo, vendo-as sem cessar. Estão contidas em todas as impressões que recebeis a cada segundo, a cada milésimo de segundo, do mundo exterior. Por que não as vedes? — E que afastastes a Sensação que disso recebeis, porque é inútil. Entretanto, não existe ela? — Sim, mas dizeis que não tendes consciência disso. A impressão consciente pode se produzir, está sempre à vossa disposição, mas a pusestes em reserva, como uma dona-de-casa econômica o faz com as suas conservas. Assim se passam em nosso cérebro numerosíssimas verificações que se registram mais ou menos profundamente, porém poucas dentre elas nos impressionam, porque, de modo geral, não sabemos ver, observar, prestar atenção.

Apesar de tudo, o que entrou no nosso cérebro e que não nos parece ter sido retido por nossa consciência, não está, por isso, perdido para nós. O nosso inconsciente, por seu lado, faz as suas verificações e as registra à sua maneira. Mesmo muito firmemente dirigida, a consciência não poderia, se o quisesse, conservar a noção de todas as sensações que percebemos; não lhe é possível

guardar todas as noções, todas as idéias, todas as imagens. Somente ela pode guardar certo número dessas mesmas idéias, imagens e noções, e esse número é relativamente restrito. Muitas de nossas percepções escapam totalmente à nossa consciência.

*

*

*

Que acontece com todas essas impressões que escapam à atenção voluntária?

Certamente, um grande número dentre elas desaparece; muito tênues, de um relevo ligeiramente acusado, elas se desvanecem como uma luz que se extingue. Não têm mais valor para nós; parecem mortas para sempre. Outras, porém, dentre essas impressões, não morrem. Um número considerável delas, sem que o saibamos, é posto em reserva pelo nosso inconsciente.

Não será necessária senão uma ocasião para que saiam da sombra onde dormitam. Então, reaparecerão por consequência de associações de idéias mais ou menos inesperadas ou, mais ainda, espontaneamente, sem notarmos, sob a influência de condições diversas, de um choque emocional.

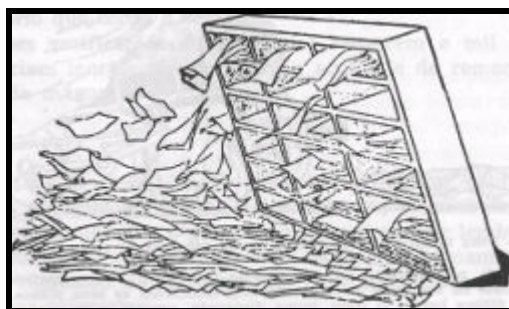


Figura 3: O móvel das lembranças.

O nosso Inconsciente é como um móvel de muitos compartimentos, onde se vão acumulando, pouco a pouco, sem notarmos, todas as nossas impressões, mas sob um choque violento é revirado esse móvel e eis que sai do fundo do inconsciente um acúmulo considerável de documentos. São anotações, imagens mentais, lembranças, impressões que, na maioria, o nosso consciente havia esquecido completamente.

Sob o ponto de vista da atividade mental que nos ocupa neste momento, o inconsciente nos aparece como um móvel subdividido em múltiplas prateleiras, cheio de papéis, documentos e desenhos que representam todas as anotações feitas sem nossa consciência.

Tudo isso é freqüentemente empilhado ao acaso, na mais completa confusão. Um dia ou outro, e o mais freqüentemente sob um impulso imprevisto, o inconsciente folheia nesse móvel e tira um maço de documentos que passa à consciência. Então toda a série de lembranças reaparece na nossa memória.

Acreditava-se que haviam fugido; ignorava-se mesmo totalmente a sua existência e, entretanto, estavam lá; dormitavam em um canto retirado e, se perderam o seu vigor e a sua vivacidade, não existem menos por isso e açodem fielmente ao nosso chamado.

Os exemplos são inúmeros, podendo demonstrar esse mecanismo. São .mesmo tão numerosos que somos obrigados a restringir a lista dos que podíamos citar aqui, brevemente. Limitar-nos-emos aos mais simples, e ainda passaremos por eles muito rapidamente.

Cita-se o fato de pessoas que, no momento da morte, a qual parecia dever ser fatal, em uma situação imprevista de uma sensação de brusco perigo, ou pelo menos sob uma emoção violenta, sofreram tal choque que, em um clarão de pensamento, uma parte, algumas vezes longínqua, de sua existência lhes apareceu em suas mais pequeninas minudências, com viva nitidez.

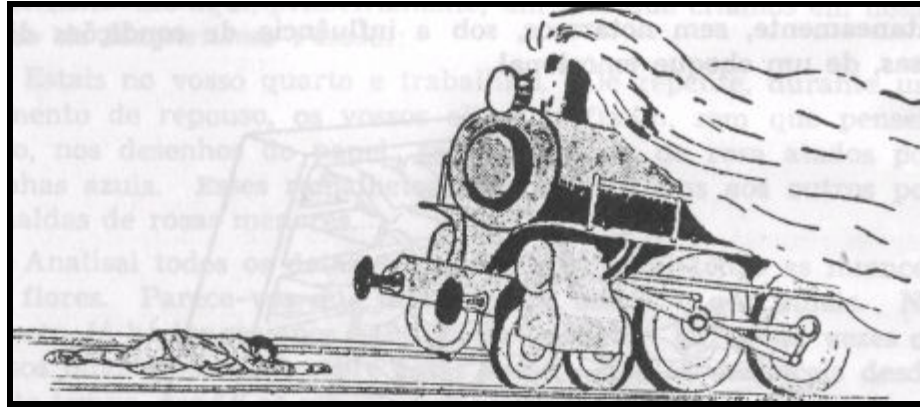


Figura 4: Uma tentativa de suicídio e a sua repercussão sobre o inconsciente.
Este homem quis, pelo suicídio, pôr fim às suas desgraças. Mas, o instinto de conservação, que existe no fundo de cada um de nós, contrariou os seus planos. Lançou-se nos trilhos à última hora. O trem, numa disparada, passará sobre ele, sem lhe fazer mal. Mas, a emoção será de tal força que fará saltar de seu inconsciente, em alguns segundos, mil lembranças esquecidas.

Esses, fatos, já o dissemos, são extremamente numerosos: suicidas que sobreviveram à sua funesta tentativa; envenenados que uma feliz intervenção os trouxe de novo para a vida; afogados retirados a tempo, mas que sofreram mesmo uma sufocação quase completa e perderam a consciência sob a água; condenados à morte que, então, viam aproximar-se o seu último momento e que, no instante supremo, em seguida a resultados de uma pesquisa suplementar, são agraciados no momento em que não esperavam mais que a descida da máquina sinistra; desesperados que se lançam sob um trem em velocidade e que um movimento de instinto de defesa fez que se colocassem, no último segundo, não sobre os trilhos, mas entre eles, sobre os quais o trem chegou a todo vapor, que sentiram a morte passar sobre eles com espantoso ruído e que ficaram incólumes, sem a mais ligeira erosão, — todos esses, em um momento terrível, sofreram um tal choque emocional que fez ressurgir, do fundo de sua memória, mil lembranças esquecidas; reviram uma parte de sua vida passada como um panorama imenso; reviveram as menores circunstâncias depois de muito tempo esquecidas.

Os anais de psiquiatria estão cheios de fatos semelhantes. Dir-se-ia que, nesse perigo, no instante da morte inevitável, um impulso mais forte lança por terra o móvel das lembranças; que, nesse minuto trágico, o inconsciente rejeita todas as imagens que havia registrado. Estavam lá essas imagens nos respectivos compartimentos; dormem ali sem ordem e sem escolha; ignoramo-las todas, mas o móvel foi bruscamente derrubado e todas, em confusão, são lançadas ao vento e turbilhonam como folhas mortas. Nunca imaginamos possuir esse admirável tesouro de imagens acumuladas no mais profundo de nós mesmos!

Eis que, sob o pensamento brutal da morte, todas essas lembranças saem a voar. A consciência absorve-as a mãos cheias no reservatório que cobre a terra.

Muitas verificações desaparecidas renascem e mil coisas que nos pareciam mortas revivem com a acuidade do remorso, do desejo ou da mágoa.

*

* *

Um fato da mesma ordem pode ser provocado pelo magnetismo. Um paciente magnético é colocado em sonambulismo e, sob a vontade estranha que o guia, chega a reencontrar lembranças que a sua consciência em estado normal esquecera plenamente. Esses fatos de regressão da memória são bem conhecidos pelos experimentadores psiquistas.

Diz-se ao paciente adormecido que se transporte pelo pensamento ao ano precedente, depois ao anterior, e, de ano em ano, revê cenas do seu passado. Não encontra absolutamente a totalidade de suas impressões, certamente porque teria uma infinidade, mas encontra fragmentos, resto e lembranças que revê, então verificadas e exatas.

Pacientes adormecidos puderam encontrar, assim, noções inteiramente abolidas neles em estado de vigília. Tal paciente já idoso que, nascido na Grécia de pais gregos, deixara o seu país na meninice e, vivendo em um meio todo diferente, esquecera a língua grega, não sabia mais uma palavra no seu estado normal ou muito raras expressões mal-articuladas, lembrou-se, quando estava mergulhado em sono e transportado ao período de sua infância, de todas as palavras que conhecia assaz bem para entabular uma conversação seguida com o mais puro acento.

Como ficou admirado um dia que se lhe fizera escrever, durante o sono, frases na sua língua natal, encontrando de novo, ao seu despertar, caracteres que ele não estava mais em condição de decifrar! Sabia bem que esta caligrafia era a sua, mas o sentido do que tinha diante dos olhos escapava-lhe completamente, e, entretanto, alguns minutos antes, estando em hipnose, então esse mesmo texto não apresentava para ele mistério algum.

*

*

*

Refletindo bem, esses fatos são tão estranhos que nos devem parecer incríveis?

Que é o sonho? Não é a prova flagrante de que o nosso inconsciente pode, enquanto cochilamos, trabalhar sem intervenção da nossa consciência, associar idéias que nos espantam algumas vezes? Essas associações e idéias são muitas vezes defeituosas; elas se misturam e se entrechocam em um todo incoerente porque as faculdades superiores de atenção, julgamento e memória estão adormecidas.

Mas assistimos a um trabalho do nosso inconsciente que reúne, sem a intervenção da nossa vontade, noções que registramos durante a vigília.

Quando dizemos que as associações feitas em sonho são ordinariamente incoerentes, não encaramos aqui senão o sonho banal, porque há sonhos proféticos, lúcidos; mas isto é uma ordem de fatos muito elevada, sobre a qual teremos ainda que voltar.

Os exemplos desse gênero poderiam ser multiplicados ao infinito e isso nos arrastaria além dos limites que nos fixamos.

Entretanto, aquele que se entrega ao ideal de espalhar sobre os seres que o rodeiam uma ação benéfica, encontra-se na necessidade de ter uma noção muito nítida dessas duas personalidades que se justapõem em todo ser humano, que coabitam no mesmo corpo. O adepto deverá agir sobre essas duas entidades e cada uma necessita de processos particulares. É mesmo o inconsciente, tão profundamente ignorado, que nos oferece os maiores recursos. Se insistimos aqui sobre esses fatos é para bem fixar no espírito do leitor os dois terrenos de ação que se lhe oferecem.

Quando estamos em presença de alguém, devemos logo imaginar que diante de nós há neste corpo único que está sob os nossos olhares duas personalidades bem distintas: o consciente e o inconsciente; o diretor e o subdiretor da usina humana. A ação psicológica, tal como a concebemos, se dirige às duas personalidades, mas de maneira diferente.

O adepto pode influenciar uma delas apenas, como se pode dirigir, em uma usina, seja ao diretor, seja ao subdiretor. Pode também fazê-las agir uma sobre a outra, seja dando ao diretor uma ordem que deverá fazer executar pelo subdiretor que lhe deve ser submisso e subordinado, seja por um mecanismo inverso, que encarregue o subdiretor de uma missão para o seu superior, essa missão tendo por fim melhorar o rendimento do trabalho cotidiano.

É certo que tais ações são difíceis de exercer. Elas exigem um conhecimento profundo da personalidade humana. É preciso sentir perfeitamente a importância que o consciente e o inconsciente têm por si mesmos e em relação ao outro; é preciso tê-los estudado suficientemente para estar preparado a evocá-los diante do seu espírito como duas personalidades nitidamente distintas que têm relações em conjunto, porém que não se confundem de modo algum. A nossa imagem do diretor e do subdiretor da usina servirá utilmente para aqueles que desejam fazer uma idéia assaz precisa dessas duas personalidades.

*

* *

Estando esses dois seres conhecidos, é preciso proceder à sua nova educação. É um axioma de que não nos podemos separar: antes de querer agir sobre os outros é preciso primeiro ser senhor de si. Ninguém agirá em torno de si senão na medida em que tiver obtido a soberania completa sobre si mesmo. Esse desenvolvimento pessoal se dirige às nossas duas personalidades.

No que concerne à consciência, devemos primeiramente adquirir uma atenção sustentada, notando muito fielmente as nossas impressões. Tal atenção sustentada permitir-nos-á obter u'a memória dia a dia mais extensa, porque nos é de grande utilidade tanto na vida intelectual como na vida prática.

Essa memória será tanto mais fiel quanto mais nos habituarmos a fazer associações de idéias. Esse hábito de associações de idéias desenvolverá o nosso julgamento, o nosso raciocínio e essas faculdades são particularmente preciosas. De que nos serviria, aliás, reunir conhecimentos, se eles não nos servissem e se o nosso espírito, sem guia, lhes desse indiferentemente, a todos, a mesma

importância? Enfim, uma vontade calma e perseverante nos é indispensável, porque, sem ela, nenhum esforço seria coroado de

Do lado do inconsciente, devemos tê-lo submetido ao papel de colaborador devotado e fiel, consciente de seu papel. Não se deverá permitir nenhuma perturbação intempestiva.

Então, de posse de uma síntese psíquica perfeita, sentindo-se calmo, bem equilibrado, o coração cheio de sentimentos elevados e altruístas, o iniciado pode agir. Ele sabe que o seu papel é reconfortar, auxiliar, estimular e levantar aqueles que sofrem. Consciente deste papel sublime, aumenta ainda o seu poder

Os seres estão diante dele como o campo inteiramente preparado no qual vai semear.

E qual é o elemento que lhe vai permitir iniciar as sementeiras? É o Pensamento.

A VIDA MENTAL

O pensamento é o elemento básico de toda a vida mental. — Opera em nós e em torno de nós. — As correntes superiores. — As atrações misteriosas e sua causa. — De onde vem o pensamento? — As sugestões que nos assaltam a cada segundo. — A educação é uma série de sugestões apropriadas à criança. — O problema da liberdade mental. — Vivemos com o pensamento de todos aqueles que nos precederam. — A sugestão poderosa da raça. — As maravilhas arquiteturais e o que elas sugerem ao observador. — A alma das pedras. — O livro que nos instrui, o quadro que nos comove. — O pensamento é o elemento que nos permite agir na parte mental de todos aqueles que nos rodeiam. — A ação sugestiva e como deve ser compreendida. — Qualidades que deve possuir o sugestionador. — O equilíbrio orgânico. — O autodomínio. — Educação do pensamento. — Papel da atenção voluntária; sua importância nas operações do espírito. — A concentração mental. — Educação da vontade. — O otimismo é uma das qualidades do verdadeiro adepto. — A força atrativa dos pensamentos.

O pensamento é o elemento básico de toda a vida mental.

Vimos, estudando o corpo, que é animado e sustentado pela força vital, independente de seus órgãos. Para o ser psíquico, do qual acabamos de estudar as duas personalidades, consciente e inconsciente, veremos que o equivalente da força vital será o pensamento. Veremos, em um próximo capítulo, que, para a parte emocional do nosso ser, o sentimento tem a mesma importância.

Podemos, pois, resumir assim: para o corpo, a força vital é o poder essencial do ser; para a nossa personalidade psíquica, é o pensamento; para a parte emocional, é o sentimento que teremos de estudar.

Vejamos, aqui, o pensamento e, por este estudo, compreenderemos toda a necessidade de darmos ao nosso espírito uma completa educação. É o que exprime assim o Dr. Marcel Viard, na *Arte de Pensar*: "*Podemos, por diversos caminhos, chegar às maiores satisfações terrestres; mas, mesmo quando todos os outros órgãos funcionassem perfeitamente, nunca chegaríamos a isso, se nos desinteressássemos do cérebro e da sua produção que é o pensamento.*"

Segundo Descartes, o pensamento é o atributo essencial do espírito; melhor ainda: é a sua própria vida. Sem o pensamento, o consciente e o inconsciente seriam como o corpo sem. força vital; seriam como se não existissem. O pensamento é, pois, para o ser psíquico — para os seus dois compostos: diretor e subdiretor — o meio que lhes permite entrar em comunicação com o mundo exterior. É o pensamento que percebe e estabelece todas as relações entre eles e as coisas ambientes.

Interiormente, o pensamento é a base de todo ato psíquico do ser humano, de toda operação da inteligência. O consciente e o inconsciente comunicam-se entre si; o pensamento é seu intermediário, como na usina a palavra une o diretor e o subdiretor.

É o pensamento que rege as faculdades de espírito e do inconsciente. Por isso, quanto mais fiel e poderosa for a atenção, mais o pensamento se materializará, por assim dizer, diante do nosso intelecto. Tendo mais valor, relevo, contornos, nitidez, mais bem guardadas serão essas imagens pela memória, mais facilmente elas se combinarão com as nossas aquisições anteriores. Nossas

associações de idéias far-se-ão tanto melhor quanto todas as anotações que foram postas de lado estejam presentes ao nosso espírito no instante em que o nosso julgamento tiver necessidade delas, quanto mais facilidade tivermos de evocá-las. E a força mesma do nosso julgamento dependerá do número de pensamentos que houvermos registrado, de sua colocação em reserva, segundo um plano lógico, maduramente refletido.

O pensamento, porém, não age somente no interior de nós. Pode irradiar e transportar para longe do corpo os nossos desejos, as nossas decisões e emoções. Que se manifeste diretamente sob a forma de pensamentos ou que seja, de qualquer maneira, materializado por palavras, é sempre o nosso pensamento que levará para longe o que decidimos. Mais a nossa vontade seja forte, calma, perseverante e mais o nosso pensamento terá facilidade de se exteriorizar sob uma ou outra forma; mais longe e mais poderosamente agirá em torno de nós; mais seguramente penetrará nos cérebros que queremos atingir — com o seu consentimento ou não.

Os nossos pensamentos impor-se-ão tanto melhor em torno de nós, quanto serão mais precisos, mais nítidos; quanto mais tiverem relevo e vigor.

Todos os problemas da vida mental se relacionam com o pensamento.

*

* *

Se nos é dado, porém, poder exteriorizar os nossos pensamentos e impregnar deles os outros, vivemos, nós mesmos, em uma atmosfera de pensamentos. Todos nós somos solidários uns com os outros. Estamos mergulhados no mesmo elemento de pensamento como todas as plantas, todos os animais; tudo o que vive na terra é banhado na mesma harmonia universal. Quando

o sol envia sobre a terra os seus raios quentes, todas as plantas compreendidas na zona iluminada se expandem. Do mesmo modo, todos os seres humanos comungam juntos, sem o saber, na mesma corrente de pensamento universal.

Cada um fixa uma parcela desse pensamento universal e a reenvia com uma polarização particular, feita segundo o seu atavismo, a sua educação, as suas aquisições pessoais.

O adepto, que conhece a existência dessas grandes correntes de pensamento, pode utilizá-las e absorvê-las, sem cessar, como de uma fonte pura.

Com o verifica muito judiciosamente Prentice Mulford:

"Não há limite ao poder da corrente do pensamento que podeis atrair para vós; não há limite para as coisas que, graças a ele, sereis capaz de realizar no mundo. No futuro, certos indivíduos poderão chamar a si tudo dessa favorável corrente de pensamento que, graças a ele, serão capazes de realizar o que muitos chamarão de milagres".

"Está na possibilidade do espírito humano atrair uma corrente de pensamento sempre crescente em qualidade e poder que guarda todo o segredo do que se chama magia."

(Nossas Forças Mentais).

Emerson diz, mais ou menos, a mesma coisa na *Conduta da Vida*:

"Quem fixará um limite à influência de um ser humano? Há homens que, por seu poder simpático, arrebatam nações com eles e dirigem a atividade da raça humana".

"E, se existe um laço tal que, por toda parte onde vá o espírito do homem, a natureza o acompanha, talvez haja indivíduos cuja influência magnética tenha o poder de atrair forças materiais e primordiais, de modo que, onde eles apareçam, imensos recursos se organizem em torno deles."

E mais longe, Emerson diz ainda:

"Todos os homens que têm vencido estiveram de acordo sobre um ponto: foram causalistas. Acreditaram que as coisas não obedecem à sorte, mas a uma lei; que não havia um anel fraco ou arrebitado na cadeia que realiza o começo e o fim das coisas."

É precisamente o pensamento que é a causa dessas atrações misteriosas, desses poderes "sobre-humanos" que desconcertam todos aqueles que não tomaram o trabalho de se inclinar sobre o ser humano e analisá-lo em todas as suas partes. Certamente a palavra "sorte" só serve para encobrir a nossa ignorância. Todo o feito tem uma causa. O adepto tem de a descobrir. E quantas chaves Ihe fornecerá o conhecimento profundo do mundo do pensamento!

*

* *

Se considerarmos o trabalho formidável que se produz em nós, tanto no inconsciente quanto no consciente, não nos podemos impedir de cogitar de onde vem o pensamento. Heitor Durville diz, no seu *Magnetismo Pessoal*:

"Os pensamentos não nos pertencem propriamente; eles nos são comunicados; vêm-nos de fora e nós os absorvemos, transformando-os segundo os nossos desejos, as nossas necessidades e tendências. Esta verdade se acha justificada por uma locução popular notável. Assim, falando de um estado de coisas determinado, ouve-se muitas vezes dizer: Estas idéias estão no ar, querendo dizer, com isso, que um grande número de indivíduos pensam ao mesmo tempo num assunto idêntico."

"É fora de dúvida que os pensamentos se comunicam de um indivíduo a outro. Assim, na família, por exemplo, se um indivíduo pensa em uma coisa e a anuncia a outro, recebe, muitas vezes, uma resposta análoga a esta: Ora veja, eu pensava nisso e ia falar-te. Se não queremos fazer intervir o acaso — que não existe — é impossível admitir que o mesmo pensamento tenha nascido nos mesmos cérebros ao mesmo tempo; ele desenvolveu-se em um, para se transmitir ao outro, através do espaço."

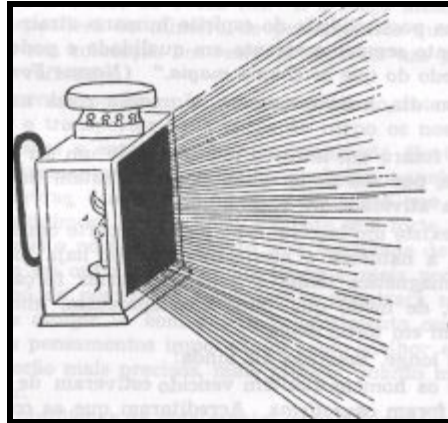


Figura 5: A polarização dos pensamentos

A nossa mentalidade pode ser comparada a uma lanterna. Todos recebemos a mesma luz; projetamo-la, porém, com uma coloração particular. O campo mental do pessimista é sombrio e toda luz que o atravessa está obscurecida.

Efetivamente, tudo leva a supor que o pensamento nos vem de fora. As plantas recebem do sol o impulso que as faz crescer. Do mesmo modo, dissemos, o pensamento do homem parece vir de uma fonte exterior. Idêntico na sua essência, o pensamento sofre modificações passando para cada um de nós.

Prentice Mulford diz, com razão, que todos temos o mesmo pensamento, porém, cada pessoa é como uma lanterna munida de um vidro de cor diferente. Tal lanterna, com um vidro sombrio, a de uma alma pessimista, ofusca a claridade e a reenvia quase negra; ao contrário, a lanterna de um otimista, guarnecida de um vidro cor-de-rosa, enviará raios de uma cor agradável.

Essas diferentes colorações são feitas pelo nosso consciente e, mais ainda, pelo nosso inconsciente, vasto reservatório onde se amontoam, subsistem mesmo apesar da nossa vontade, não somente as nossas aquisições pessoais e voluntárias, mas ainda os nossos atavismos, as relações de raça e outros dons que vêm do mais remoto passado.

*

*

*

A todo momento, a cada segundo, recebemos pensamentos que nos são exteriores; são eles que nos moldam. Temos consciência de bem poucos dentre eles, mas são inúmeras gotas d'água que, caindo sobre a nossa mentalidade, no duplo domínio do consciente e do inconsciente, dão-lhe, pouco a pouco, os seus característicos.

Parece-nos que a nossa mentalidade permanece sempre a mesma, mas é um erro fácil de verificar, por pouco que nos dermos ao trabalho de encarar o problema. A cada instante, recebemos essas gotzinhas tão transparentes que passam despercebidas, mas, insensivelmente, agem surdamente, cumprindo, sem que o saibamos, um trabalho formidável. Somos solidários com tudo que nos rodeia. Sofremos, de tudo, a reação e o reflexo e, por uma lei de equilíbrio, tendemos sempre a nos pôr em uníssono com todas as vibrações, com todos os pensamentos, com todas as sugestões que non vêm do meio do qual evolucionamos. Certamente, o perfeito equilíbrio ideal, a comunhão inteira com todos os seres que nos rodeiam não são atingidos nunca, tanto os elementos são múltiplos e desarmoniosos, mas nem por isso somos menos estreitamente solidários com todos os de nossa linhagem, de nosso país, de nossa raça.

Aliás não estamos nós já modelados, feitos desde a mais tenra idade? Não nos educam? Ora, que é educação? É uma série de sugestões apropriadas à criança. Mas, essas sugestões não vêm todas de nossos mestres. Recebemo-las tanto em casa como na escola. Encontramo-las na família que nos influencia por suas tradições; encontramos-las de novo na rua que nos influencia por seus espetáculos e seus cartazes; elas nos solicitam sem cessar no jornal que folheamos cada manhã, em todos os livros que lemos, em todo acontecimento, qualquer que seja, de que se fala em torno de nós. Tal ato de heroísmo ou devotamento dá-nos,

por um minuto, a exaltação de um nobre pensamento; tal desgraça pública em que somos misturados abate-nos como se nos fosse pessoal. Tudo nos influencia, tudo age sobre nós muito mais profundamente do que somos levados a crer.

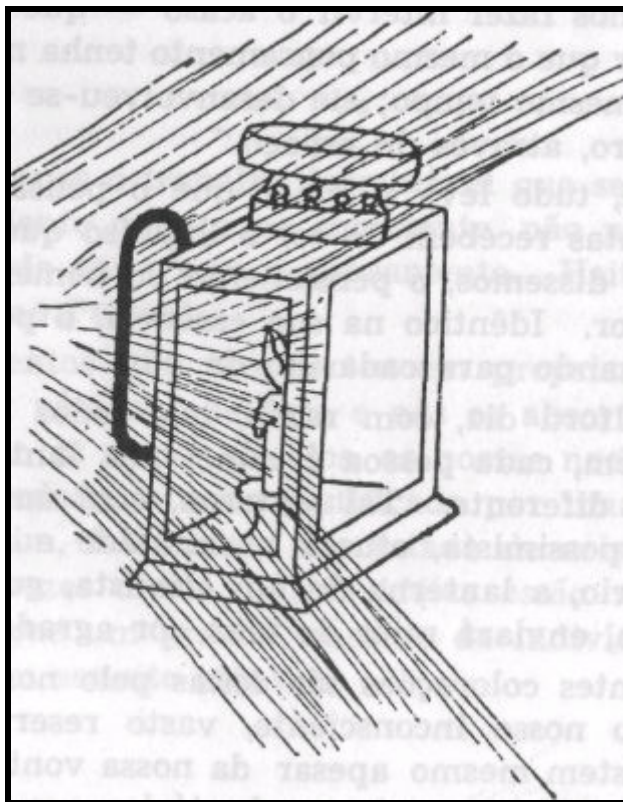


Figura 6: A polarização dos pensamentos.
Ai, a lanterna está munida de um vidro incolor. A luz, que irradia da chama guarda a sua coloração. Tal é o espírito do otimista que não projeta para o exterior sentos pensamentos claros e alegres.

A escola ou a educação é direta, estamos cheios de lições, de preceitos, de idéias; somos modelados, não segundo a nossa própria natureza, mas segundo as idéias do momento, em conformidade com os programas aos quais estamos submetidos. Antes que tenhamos a faculdade de compreender, de raciocinar, já temos uma aquisição considerável e, tarde, quando tivermos atingido a idade de raciocinar, quando tivermos a possibilidade de julgar, de refletir, de coordenar as nossas lembranças e as nossas idéias, ser-nos-á impossível fazer tábua rasas dessas idéias adquiridas no curso da nossa Infância. Aliás, se nós quiséssemos

fazer ressaltar aqui a ação toda poderosa, sob o ponto de vista da formação de nosso espírito, de tudo o que nos rodeia, não teríamos razão, imaginando que toda essa aquisição, cuja influência é tão formidável, nos é nociva. Longe de nós este pensamento.

Ao contrário, as sugestões felizes predominam, porque todos ou pensamentos que nos vêm já passaram por muitos cérebros e aí se purificaram. Herdamos, ao nascer, todo esforço daqueles que nos precederam.

*

* *

Bem poucos pensam nesse trabalho que nos preparou os caminhos. Cada um acredita-se senhor, julga-se um ser independente e apto a mandar nos outros. São, principalmente, aqueles que foram submetidos a disciplinas severas, a sugestões poderosas que imaginam que são os mais livres e mais autorizados a impedir a liberdade dos outros!

Aceitaram sem discutir tal ou tal fé, tal ou tal forma de espírito que partilham com o que foi ou é ainda o seu meio; foram feitos pelo que ouviram; foram modelados pelos livros que os formaram; beberam uma doutrina ou uma negação filosófica, moral ou religiosa e a defendem com tanto mais interesse quanto menos se dão mesmo ao trabalho de reconhecer que todo esse madeiramento que levantaram e que tomam por seu palácio pessoal não é mais que um conjunto de idéias feitas que defendem como um dogma intangível.

Essa influência sugestiva acusa-se particularmente nítida no curso dos estudos universitários. É ele que dotará o ser de um vinco que conservará muitas vezes até a morte.

É assim que se encontram em muitos adultos a formação característica das grandes escolas e das faculdades; é o sinete deixado por todo um ambiente, pela atmosfera moral e intelectual da Escola, do meio, por todo um conjunto de sugestões que dão ao espírito céptico do sábio a envergadura de espírito do eclesiástico ou do professor. Essa forma de espírito sobrevive em estado endêmico na casa ou na Escola, desde que a Escola foi fundada.

Aqueles que aí entram são tomados pelo seu encanto, sofrem a sua ação, modelam-se sobre hábitos que adquirem; e muitos que tem passado por aí guardam os seus hábitos que os seguirão durante todo o curso da vida. O ser, tornando-se homem, crê viver na mais completa independência e vangloria-se disso!

E, entretanto, seu espírito e seu inconsciente trazem esse cunho profundo, adquiriram o vinco e lhes é impossível desfazer-se dele.

É muita ingenuidade acreditar que os nossos pensamentos nascem em nós. Todos nos vêm de fora e o que lhes dá a aparência pessoal é que eles se associam com as nossas precedentes aquisições, que estão sujeitas às afinidades que dependem do terreno de cultura — que somos — para elas.

Todo esse trabalho se opera misteriosamente e de tal modo, sem que o saibamos, que não o sentimos e que a nossa vaidade está sempre pronta para o negar!

*

* *

Não somente sofremos a sugestão de todos os seres que nos rodeiam atualmente, mas vivemos com o pensamento de todos os seres que nos precederam, seja na família, seja no ramo de atividade a que nos consagramos.

Somos solidários com todos os indivíduos da nossa raça; seu pensamento nos sugere pelas tradições que nos legaram. Esse pensamento que lhes sobrevive deve sobreviver ainda depois de nós.

As obras de todos aqueles que trabalharam o conservam e, mais profundamente ainda, materializam-no em mil gestos involuntários, em mil secretos pensamentos que são o eco de nosso pensamento. Gustavo Le Bon exprime esta idéia profundamente quando diz:

"Para compreender a verdadeira significação da raça é preciso prolongá-la, ao mesmo tempo, no passado e no futuro. Infinitamente mais numerosos que os vivos, os mortos são também infinitamente mais poderosos do que eles. Regem o imenso domínio do inconsciente, este império invisível do qual surgem todas as manifestações da inteligência e do caráter'.

"É por seus mortos, muito mais que por seus vivos, que um povo é conduzido".

"É por eles somente que uma raça é fundada. Século após século, criaram as nossas idéias, os nossos sentimentos e, por conseqüência, todos os móveis da nossa conduta. As gerações extintas não nos impõem somente a sua constituição física; impõem-nos também os seus pensamentos".

"Conduzimos o peso de suas faltas, recebemos a recompensa de suas virtudes." (Leis Psicológicas da Evolução dos Povos).

Por toda parte, efetivamente, existe o pensamento daqueles que nos precederam. Está nas obras duráveis dos artistas e dos escritores.

Os livros, as pinturas, as esculturas, a arquitetura exprimem a alma coletiva da raça. Todas essas produções, quando as consideramos, impõem o seu cunho ao nosso pensamento.

Vem-nos esse pensamento a todo instante, reaparece em todas as curvas no nosso caminho, nos momentos em que acreditamos mais fortemente na nossa liberdade.

Influencia-nos tanto mais quanto todo esse trabalho é interior e quanto o eco dessas manifestações exteriores desperta em nossa alma mil lembranças deliciosas ou penosas. A influência de nossos ancestrais nos segue por toda parte, em tudo; a sua impressão se faz sentir benéfica ou maléfica.

*

* *

Se passearmos em uma catedral e nos demormos a admirar-lhe a maravilhosa arquitetura, somos penetrados por todo um mundo de sugestões.

Pensamos imediatamente no arquiteto que concebeu esse plano ousado, nos obreiros que o executaram com sua fé apaixonada pela qual se exaltava o seu robusto esforço.

Pensamos nos escultores anônimos que tão delicadamente animaram na pedra tal friso, tal recorte.

O nosso pensamento evoca esses prodigiosos artistas que fizeram do florão, da rosácea, uma flor de cor e de luz que não deixa passar senão raios escolhidos, para nos inspirar pensamentos piedosos e calmos.

Admiramos todas essas formas; evocamos todas essas lembranças com tanto mais facilidade e poder quanto armazenamos precedentemente mais sensações da mesma ordem. Mais a nossa atenção foi atraída para uma ordem de fatos, mais foi educada sob uma forma de pensamentos e mais os pensamentos da mesma natureza acorrerão em multidões numerosas para aumentar a nossa bagagem.

Esses pensamentos serão concernentes à linha geral, ao plano, às esculturas, ao vitral, segundo os nossos hábitos de espírito e as nossas tendências já adquiridas. Mais intimamente, as associações tu idéia produzir-se-ão por sua vez.

Tal parte do vitral, onde se mostra uma cena do Evangelho, materializará diante de nosso espírito a nobre figura de Jesus.

Imaginaremos imediatamente no seu espírito, no seu apostolado, nos benefícios que espalhou profusamente em torno de si, na sua morte ignominiosa e na lenda gloriosa com a qual o envolvem de amor povos e séculos.

Tudo isto resultará de um pouco de cor sobre um pouco de vidro, animado pelo fogo, pelo pensamento de um artista! Esse pedaço de vidro está inerte e, entretanto, para nós, vive em sua ação, fala-nos, comove-nos, sugere-nos e agita em nós todo um mundo de pensamentos.

*

* *

Há monumentos que evocarão sucessivamente uma multidão de pensamentos diversos e contraditórios.

Tomemos, por exemplo, o *Mont Saint Michel*, essa maravilha da arquitetura da Idade Média.

O claustro em abóbadas nos mergulhará em um religioso silêncio em que vive ainda a alma meditativa daqueles cujos pés nus gastaram as lajes. Seu espírito assalta o nosso enquanto olhamos essa montanha de maravilhas com transportes de admiração. Deixamo-nos deslizar, comover pelos pensamentos que deixaram o seu traço nessa pedra trabalhada. Aquele que se emociona por essa sensação desejaria experimentar mais ainda, sentir seu espírito em comunhão mais íntima com o dos homens que lá viveram, penetrados somente de idéias puras e calmas. A fria claridade dos coloridos, a sala da comunidade onde se reuniam, tudo nos faz participar de sua existência. Somos penetrados pelos seus pensamentos.

Entremos na sala dos Cavaleiros. Subitamente, uma alma diferente se faz sentir. É aí que se reuniam os capítulos, onde se discutiam os meios de defesa de uma abadia tão bela e tão rica, exposta às incursões dos Ingleses, do lado do mar, dos Bretões do lado da terra. Aqui, era a guerra, mas a guerra santa, sem agressão e sem conquista. O perigo constante de "*Saint Michel du Péril en Mer*" penetrou as pedras vivas das vibrações de uma alma heróica. O amor cavalheiresco do risco as encanta de uma exaltação que ainda não foi extinta. Fazem-se grandes projetos de luta contra o mal na sombra dessas longas abóbadas onde, entre dois capítulos, os monges pacientes iluminaram tantos manuscritos delicados.

Mas é preciso descer. Eis as prisões e aqui o horror nos penetra. Os inimigos de Luiz XI geraram nesta sombra, sem que os seus gritos pudessem atravessar para fora da espessura fria das muralhas. Blanqui definhou aí 17 anos, sem que a sua fé republicana tivesse sofrido o menor abalo.

Em todos os tempos, apesar da maldade dos homens, um grande ideal susteve as almas que eram dignas dele. A piedade e a admiração se misturam nas sombrias profundezas desse lugar desolado.

Fugimos à alma dessas pedras através das escadarias sem número, para acharmos de novo o dia, diante dessas flechas finamente traçadas que sobem para o céu no impulso impetuoso das mãos juntas para a prece.

Certamente, as pedras têm uma alma, a alma daqueles que as reuniu, daqueles que viveram na sua sombra doce ou cruel. E essa alma, nessas horas meditativas, penetra a nossa. Sentimo-la no fundo de nós mesmos, despertando todo um mundo de pensamentos deliciosos. Encontramos de novo essa alma, diversa e profunda, segundo os seres que a formaram.

É a mesma coisa em toda parte e a alma que encontramos nas Pirâmides do Egito difere, em sua calma religiosa e funerária, da paz reclusa do convento dos monges ocupados a instruir os homens, a abençoá-los, sob a guarda dos cavaleiros sem cessar preocupados em os defender, em uma época em que só a espada protegia aqueles que faziam florescer, à margem dos manuscritos, as mesmas flores que a sombra, caída das rendas de pedra, traçava sobre os muros dos corredores acinzentados.

Nos livros, encontramos o pensamento daqueles que os escreveram. Os autores desapareceram, mas o seu pensamento vive nas suas obras, mais poderoso pelo seu recuo do que pelo tempo em que a palavra as vibrava no ar. Lemos, e os pensamentos saltam de entre as páginas do livro, adejam-nos como grandes pássaros, tocam-nos, entram em nosso cérebro e aí se vão combinar, em profundezas ignoradas, com as nossas aquisições anteriores.

*

*

*

Tal quadro nos comove. Primeiramente, o assunto que representa atrai o nosso olhar atento. Examinamo-lo, porém, mais seriamente. Então, a alma do pintor nos penetra. Sentimos a sua mágoa ou a sua alegria e se, como Vinci, por exemplo, ele pôs um símbolo profundo em sua obra, descobrimo-lo e a nossa impressão artística é sublimada. Vibramos em uníssono com o seu pensamento. A alma do artista está ali, presente na sua obra.

O pensamento e, pois, um elemento capital na base da nossa vida mental. A influência de tudo o que nos rodeia é uma verdade da máxima evidência e é porque somos acessíveis a essa sugestão do pensamento dos outros que somos capazes de sugerir em torno de nós.

*

*

*

Certamente, o pensamento é uma formidável potência.

Se aprendermos a desenvolvê-lo em nós, a utilizá-lo como convém, chegamos a fazer registrar esse pensamento pelo cérebro daqueles que nos rodeiam; nós os conduzimos a fazer em seguida associações de idéias, precisamente aquelas que achamos úteis.

Não é preciso dizer que é um trabalho difícil e algumas vezes de longo fôlego, trabalho que não é acessível ao primeiro que chega, nem do domínio de todos.

A educação do nosso pensamento requer um tempo muito considerável; é preciso, em seguida, aprender a sugerir e isso reclama estudo, tato, habilidade, um dedilhado especial para cada pessoa. Mas — não é demais repetir — importa, antes

de tudo, àquele que quer servir-se dessa força prodigiosa que é o pensamento, conhecer a fundo a personalidade humana.

Ora, como já vimos, o ser humano é complexo; devemos agir sobre o diretor e o subdiretor; sobre a consciência e o inconsciente; ambos são acessíveis ao nosso pensamento, mas de modo muito diferente.

É preciso, em presença da pessoa a reeducar, evocar, diante de si, essas duas personalidades, fazê-las surgir da sombra como seres reais, nitidamente independentes um do outro, porque as ações a executar sobre um ou sobre o outro, não se assemelham.

O essencial, em primeiro lugar, é educar-nos a nós mesmos, termos um pensamento poderoso. Antes de procurar impor a nossa ação àqueles sobre os quais queremos impressionar, importa que sejamos absolutamente senhores de nós mesmos; é uma reeducação a fazer completamente e não é menos penosa.

A intensidade de nossos próprios pensamentos está em relação direta com o nosso estado psíquico. Quanto mais equilibrados formos, mais nítidos e fortes serão os nossos pensamentos. Serão tanto mais precisos, tomarão tanto mais relevo e vigor, quanto soubermos empregar mais atenção a todos os fatos.

Encadaremos esses fatos tanto melhor quanto mais associarmos as idéias com uma facilidade maior. Esse encadeamento de nossas idéias deve ser feito com a maior lógica.

A lógica é a base de toda ação mental seriamente compreendida. A sugestão é certamente poderosa, mas não são os dados absurdos e sem fundamento que temos o dever de sugerir. Se essas idéias fossem falsas, burlescas, inexistentes por si mesmas, entrariam no cérebro, influenciaria bem um instante, o tempo de uma experiência demonstrativa que somos forçados a fazer algumas

vezes como um estudo clínico, porém, a sua atenção não duraria: deixariam o cérebro tão facilmente como ali penetraram.

Esses pensamentos não devem também ser imorais, de natureza a prejudicar a pessoa sugerida. Além de carregarmos com uma falta pesada, ela seria inútil, porque a pessoa se revoltaria, defender-se-ia e neutralizaria a nossa ação.

É preciso não considerar o sugestionador como um malfeitor que procura violentar uma consciência, humilhá-la, submetê-la a idéias e sensações que lhe podem ser nefastas.

Toda consciência sente muito bem o que a arrasta para o caminho nefasto e se rebela contra essa vontade.

Sua revolta legítima quebra a sugestão, fazendo a pessoa escapar a toda impressão.

*

*

*

O papel de sugestionador é mil vezes mais belo. Ele deve apresentar ao espírito pensamentos belos e nobres, ativos, poderosos, reconfortantes, que defendam a pessoa sugerida da depressão física e moral, dando-lhe a coragem e a paz. Diante de uma tal ação, a pessoa não tem razão alguma de se acabrunhar; sente que querem o seu bem e que o procuram pela sugestão; aceita-a, pois, com gratidão.

A sugestão e o pensamento amigo penetram o neurastênico como o sol que vivifica a planta; ele não tem razão, pois, de fechar o seu espírito a essa doce sensação.

Abre-o, ao contrário, inteiramente, com alegria, como fazemos nos primeiros dias lindos, quando os raios primaveris têm tanta força e doçura.

Sente a influência que se expande sobre ele e, longe de afugentá-la, deseja-a de coração; abre-se inteiramente, detém-se sob essa irradiação benéfica.

Percebe, então, novas forças e sabe que essas forças lhe trarão de novo a saúde e a alegria.

Sente a esperança renascer. Ao contato do sugestionador, tem consciência de que uma flama se acende em suas trevas e que esse clarão é a vida.

Essa flama, acreditava-a para sempre perdida; eis que não estava morta; dormitava somente sob a cinza que o sopro do sugestionador acaba de afastar; ele a estima e a vida está prestes a voltar. Tal ação deve ser feita com tanta doçura quanto prudência. O sugestionador deve compreender o seu papel como o de um confessor que sabe escutar todas as confissões, compreender todas as dores; que se esforça para atraí-los sempre mais; que se apieda das vítimas, perdoa aqueles que cometeram quaisquer faltas, que lhes pesquisa os motivos para suprimi-los poderosamente.

Seu dever é curar, reconfortar poderosamente.

É preciso uma doçura constante, uma vontade calma e perseverante. É indispensável que o doente considere o sugestionador como seu amigo, como um refúgio certo onde o infortúnio possa achar um abrigo seguro na tempestade. Bem nobre é essa tarefa para aquele que assim a compreende. É um papel digno do iniciado que não deve empregar os seus imensos poderes senão para apaziguar, curar, reconfortar, semear em torno de si a esperança e a fé. E, à imagem do sol, o iniciado deve esparzir, indistintamente, sobre todos, a força, o calor, a luz e a santidade.

Muito nobre é este papel e não conseguiríamos bem demonstrá-lo; porém, para que seja considerado como se deve, é preciso que o sugestionador

mereça a alta missão que lhe é confiada. É um papel difícil que exige grandes qualidades de espírito e coração

*

*

*

Dissemos já — e é voluntariamente que voltamos com freqüência a esse ponto decisivo — que, para exercer este poder tão considerável, é preciso estar de posse de um equilíbrio perfeito: possuir um espírito sólido, que não se precipite sob os impulsos do inconsciente, uma vontade calma, poderosa, esclarecida pelo julgamento mais reto, pelos pensamentos mais elevados; é preciso ter sentimentos puros, um ideal que vos sustente na vida e vos torne vencedor das dificuldades e experiências.

É certo que o equilíbrio ideal do ser humano não poderá existir senão quando o corpo estiver em perfeita saúde; se o diretor está no seu posto, consciente de sua tarefa, prestes a preenchê-la e a fazer respeitar a sua autoridade, se o subdiretor está decidido a executar fielmente as ordens que lhe serão dadas. Todas as partes que compõem o nosso ser são estreitamente solidárias. Reagem sem cessar uma sobre a outra e é de toda necessidade encarar o problema em toda a sua amplitude, se se deseja resolvê-lo.

Não insistiremos, especialmente aqui, sobre a direção a dar ao corpo. Ele tem, certamente, enorme importância.

O corpo não pode deixar ao pensamento o seu máximo de rendimento senão quando a vida sã que lhe concede dá a todos os órgãos o que lhe é necessário, e somente isso. É preciso um alimento para o seu funcionamento harmonioso, mas o corpo não tem necessidade nunca de um outro excitante além da vontade, uma vontade calma, lúcida, ativa. Uma vida sábia, uma alimentação

prudente são necessárias; é um ponto que tem sido demonstrado e estabelecido por todos os sábios e iniciados. E é preciso que essa alimentação seja suficiente e judiciosamente compreendida.

As leis de Manü são formais sobre este ponto:

"Comer muito prejudica a saúde, a duração da existência, a felicidade futura no céu, causa a impureza, é censurado no mundo; é preciso, pois, abster-se." (II, 57).

Epíteto recomenda igualmente para não se dar excessivo cuidado ao corpo.

"Sinal de tolice — diz ele — é ocupar-se demoradamente com os cuidados de seu corpo, como exercitar-se longamente, comer durante muito tempo, ocupar o tempo com bebidas, dar muito tempo às outras necessidades corporais. Todas essas coisas devem ser feitas como acessórios; que para o espírito sejam voltados todos os nossos cuidados."

Não é somente necessário dar ao corpo uma alimentação escolhida e pouco abundante; é preciso dar-lhe a saúde e a calma por uma respiração ampla, por exercícios físicos judiciosamente compreendidos. Tudo isso é de primeira necessidade para que as engrenagens materiais da nossa usina estejam em perfeito estado. É preciso, em seguida, chegar a um perfeito domínio do inconsciente. Esta

parte de nós mesmos é a sede de nossos desejos e nossas emoções. É uma personalidade perigosa, pois nos arrasta, às vezes, para onde o espírito não quer ir; por isso, é preciso contê-lo fortemente sofreado a fim de dominarmos a nós mesmos. Essa educação do inconsciente é de toda necessidade; sem ela, a vontade se quebra, ou se deixa conduzir pelas loucas contingências.

Hermes demonstra, por uma comparação tão justa quão simples, que entraves são para o espírito as paixões do corpo. Em um dos fragmentos de suas obras que nos foram conservados e que Luiz Ménard traduziu com tanta precisão quanto poesia, Hermes diz:

"Quando um músico, querendo executar u'a melodia, é impedido por falta de afinação dos instrumentos, não obtém senão um resultado ridículo; os seus esforços inúteis excitam as censuras dos assistentes; é em vão o seu esforço em empregar todos os recursos de sua arte."

Há ainda outro motivo pelo qual o iniciado deve ser senhor de seus impulsos, mesmo daqueles que lhe parecem mais agradáveis a seguir; não somente é-lhe preciso estar em um equilíbrio perfeito tanto para se beneficiar com influências superiores, como para fazê-las irradiar em torno, mas ainda, se ele quer agir sobre outrem, não o pode senão dando o exemplo.

A auto-sugestão nos permite dominar os nossos impulsos inúteis, quebrar os nossos repentes, e tornar-se verdadeiramente ele próprio, aquele que inspira a confiança porque a merece.

Não é fácil consegui-lo. É preciso exercitar-se nesse papel por si mesmo, e, lentamente, grau por grau, chega-se a compor em si a personagem que se quer vir a ser, porque são postas em operação qualidades e potências que estão em nós e queremos desenvolver.

A educação do olhar é um poderoso auxílio nessas circunstâncias; dá calma e segurança ao espírito. Quando se olha para alguém, falando-lhe com uma segurança adquirida, acha-se na sua própria oposição um ponto de apoio que nos impede de nos comovermos além da medida de cedermos ao nosso temor impulsivo, de perdermos o fio do nosso pensamento. A respiração ampla e ritmada é também, em um fim análogo, de importância considerável.

Tudo isso é o princípio da iniciação, mas é também a sua base sólida. Sem esse início é inútil querer subir.

Podemos obter alguns resultados fugitivos; não teremos senão efeitos incertos, transitórios e incompletos, ao passo que, com o domínio perfeito, chegamos, sem muito esforço, a realizações que ultrapassam em beleza o que o principiante pode imaginar.

Depois de haver estabelecido esses dois primeiros pontos, dominado o corpo e o inconsciente, é preciso pensar no espírito. É, talvez, mais exigente ainda. Tem necessidade de uma direção seguida, de um aperfeiçoamento constante. Esse espírito, bem educado, permitir-nos-á emitir pensamentos poderosos, nítidos, dotados de vida, relevo e de cor. Então, na obra de irradiação que desejamos empreender, ser-nos-á fácil evocar e exteriorizar todos os pensamentos que julgamos úteis, dando-lhes a força e as qualidades que achamos necessárias para cada caso particular.

*

* *

Se a matéria das operações mentais é o pensamento, o elemento que nos permite proceder com este pensamento, como com u'a matéria plástica, é a atenção. É graças a ela que chegamos a modelar nitidamente o pensamento, dar-lhe a forma e o relevo que são necessários à nossa ação.

A atenção é uma faculdade primordial que nunca é educada convenientemente; que se desconhece mesmo apesar de estudos muito especiais, como o desenho pelo qual caímos ainda no erro de especializá-la em um dos seus únicos aspectos, aliás bastante restrito: a forma artística.

Podemos dizer, de maneira geral, que não se sabe prestar atenção. E, desta insuficiência de atenção, provém u'a memória defeituosa, que registra fracamente o que lhe está confiado. Essa memória defeituosa não pode transmitir ao julgamento senão noções incompletas que o falsificam, não lhe mostrando senão questões insuficientemente elucidadas; por isso, ao julgamento falta retidão e as associações de idéias se ressentem disso e muito. Somos seres essencialmente distraídos; caminhamos muitas vezes ao acaso, sem sermos capazes de nos determos para contemplar e ver, em suas minudências, o que merece ser olhado.

Um pequeno objeto sem importância, um pequeno seixo, por exemplo, poderia evocar no nosso espírito pensamentos múltiplos, mas deixamo-lo por desleixo.

Rejeitamo-lo sem o ver. Se olhássemos um pouco atentamente, poderia despertar, em nossos pensamentos, forma, cor, relevo, composição íntima que nos poderiam fazer pensar em problemas complexos como o crescimento e a evolução da matéria inerte ou como tal reputada.

Tudo isso nos escapa ou quase escapa.

Contentamo-nos com alguns vagos dados, quando poderíamos possuir muito mais precisos.

Todas as noções ali estão, contudo, diante de nossos olhos, mas não as observamos; elas nos passam despercebidas.

Passam despercebidas porque deixamo-las afastar sem olhá-las. Parecem-nos que são sem utilidade, ao menos no momento e é porque não nos preocupamos em registrar esses pensamentos.

Na nossa infância, não nos ensinaram a observar. A faculdade de atenção não se desenvolve em nós.

Todos esses pensamentos, em si mesmo, ser-nos-iam inúteis em muitas circunstâncias; poderiam mesmo tornar-se um fardo para o nosso diretor. É que esse diretor tem ocupações precisas.

Não se pode ocupar, por sobrecarga, de tudo o que se encontra fortuitamente no seu caminho. Entrega-se a uma ordem especial de pensamentos que são diretamente necessários ao trabalho que empreendeu. Entretanto, se tal objeto em si mesmo — como o seixo — não lhe é de grande utilidade, o hábito de ver, estudar, observar, registrar ser-lhe-á, ao contrário, bem útil.

Em muitos casos, noções muito preciosas nos escapam que nos poderiam servir grandemente no decorrer do tempo. Além disso, a atenção se enfraquece e a nossa atividade mental disso se ressentir. Os nossos pensamentos não são alimentados pelas verificações de fora; anemizam-se, tornam-se fracos e insuficientes.

*

* *

O que nos falta ainda mais do que a faculdade de levar a nossa atenção sobre as coisas exteriores é o hábito da concentração que é uma forma de atenção impelida ao extremo. Não sabemos concentrar-nos.

Para desenvolver a nossa atenção, para tirar de um objeto, de aparência insignificante, o máximo dos dados que ele comporta, deveríamos saber reunir sobre ele todo o nosso esforço mental, considerando-o como um objeto de estudo e meditação.

Heitor Durville, meu pai, disse justamente, em seu Magnetismo Pessoal:

"Aquele que sabe concentrar o seu pensamento e dirigi-lo para o fim que quer atingir sem o deixar desviar-se, sem nada perder, decupla, por esse fato único, o seu poder e os seus meios de ação."

Essa concentração é útil, não somente para estar em si mesmo, mas também, e talvez ainda mais, pela irradiação que quer emitir, é indispensável a quem quer intentar uma ação sugestiva sobre os outros. Ela é análoga ao esforço do animal que agrupa os seus músculos para um impulso necessário; do mesmo modo é a compressão da água prisioneira em um tubo onde sofre a pressão da massa super elevada que a projeta com mais força e a faz lançar-se no ar em jatos harmoniosos.

A concentração mental permite, àquele que dela se utiliza, reunir em um momento de curta duração todas as suas energias mentais e produzir assim um esforço de que seja incapaz em outras horas.

É preciso aprender, pois, a concentrar-se, a isolar-se em um pensamento, a não ver momentaneamente senão ele e a vivê-lo com intensidade.

Damos, no nosso Curso de Magnetismo Pessoal, amplos exercícios ao alcance de todos, que serão de grande utilidade para adquirir essa força de concentração tão necessária a toda ação psíquica.

Aconselhamos igualmente a todos aqueles que compreendem a importância que apresenta a educação pessoal, uma obra muito bem feita do Dr. Marcel Viard: *A Arte de Pensar*, que, no seu pequeno volume, não deixa de ser menos, para o leitor estudioso, um livro cheio de promessas.

O hábito de atenção desenvolve, ao mesmo tempo, todas as outras faculdades de espírito. Já o dissemos, e não há necessidade de nos estendermos a respeito, a atenção mais exata nos dá u'a memória mais leve e mais extensa, uma lógica mais estrita, baseada em1 observações sempre mais completas e, por esse fato, associações de idéias sempre mais amplas e mais fáceis.

*

* *

A vontade é também fortificada pelo desenvolvimento da atenção. O hábito que tomamos de não deixar passar despercebidos e indiferentes os objetos que caem sob os nossos olhos, desenvolve de maneira possante a vontade que será encarregada de escolher e aproveitar materiais que a atenção e a memória lhe recolhem. A vontade é para o ser humano o que um estalo de chicote é para a carruagem. Quando o cocheiro (o diretor, a consciência) segura o chicote, está em estado de obrigar o cavalo a um esforço maior.

O papel da vontade é certamente imenso, mas é um erro, desgraçadamente muito freqüente, tudo basear sobre o império da vontade.

Para ser verdadeiramente eficaz, essa vontade deve ser dirigida com calma, perseverança e lucidez, o que demanda uma educação especial bem longa. É preciso que essa faculdade, que pode dar a todo o ser um impulso violento, não peça à carruagem que ela governa um esforço acima do que lhe é possível dar.

É preciso também que essa vontade não seja tentada, como acontece muitas vezes, a abusar de seu poder, a fazer servir o seu esforço ao seu interesse somente.

Aquele que é arrivista é geralmente um desajeitado que não vence nem chega senão muito longe do fim que se havia prometido; por isso tem de solicitar da sua atrelagem um impulso muito forte e rápido; por isso, nas curvas perigosas e nos declives escorregadios, fere muitas vezes o seu cavalo e quebra a carruagem.

Deve, esse cocheiro inteligente, medir as chicotadas que é obrigado a dar, fazê-las raras e leves, e somente em algumas circunstâncias pouco freqüentes.

Esse violento esforço não é o fim a que se propõe o psiquista; o que ele quer realizar, principalmente, é um estado de calma constante em que a vontade seja igual, calma, regular, sempre desperta, prestes a dar um esforço contínuo e não essas pancadas às quais os cavalos não resistem.

Assim compreendida, a vontade que sofreu um exercício constante e necessário nos confere, por suas vitórias cotidianas, um domínio mais e mais completo sobre nós mesmos, condição especial para ser admitido ao adeptado. Péladan, que entreviu a sublime ascensão do iniciado, diz:

"Agirás sobre outrem na mesma proporção em que terás agido sobre ti".

Não se pode irradiar sobre os outros quando não se possui um corpo em perfeito estado, quando não se é senhor dos impulsos do inconsciente, quando não se é senhor do próprio espírito. A vontade deve ser igual a uma arma sempre afiada, mas dentro da sua bainha e não essa espada enferrujada, pesada e enodoada, incapaz de ação.

Salomão disse muito judiciosamente: "*Aquele que é lento na cólera é superior ao mais poderoso, e aquele que governa o seu espírito é mais forte do que aquele que toma uma cidade.*"

*

*

*

A direção de nosso espírito e de nossa vontade deve ter por primeiro efeito dar-nos uma vista inteiramente nova da vida e das circunstâncias que nos rodeiam. Anima-nos necessariamente ao otimismo. O nosso papel é dar coragem aqueles aos quais ele falta, reconfortar os fracos, auxiliar aqueles que estão prestes a sucumbir sob o peso das suas dores. Temos o dever de dar forças vivas ao doente que as adaptará às necessidades de seu organismo; de sustentar o deprimido que não pede senão um pouco de assistência para se encontrar de novo no caminho da ação. Mas, para fomentar essas forças ativas e vivificantes é preciso ainda que as sintamos em nós!

Não teremos essas forças vivificantes se não estamos, nós mesmos, penetrados de um justo otimismo.

Os nossos pensamentos devem ser radiosos e alegres, para iluminar toda a sombra.

O otimismo é, aliás, uma qualidade primordial do verdadeiro adepto. A educação de sua vontade dotou-o de forças especiais que multiplicam os meios de

realização de que dispunha; se ele desenvolveu uma atenção precisa, u'a memória exata, terá qualidades superiores que aumentam à medida que se desenvolve; tudo lhe parecerá fácil; não poderá entristecer-se diante dos obstáculos, que não lhe resistirão.

Também mesmo se, em dado momento, obstáculos imensos se apresentarem no seu caminho, retrocederá ou galgará todos eles, com a filosófica resignação daqueles que conhecem a utilidade primordial da existência.

Nessa concepção nova da vida, chega-se necessariamente ao otimismo. Está-se cheio de idéias alegres e reconfortantes e é o que permite ao iniciado emaná-las, irradiá-las ao redor de si, fazendo viver aqueles que vêm a ele nas suas mágoas, numa atmosfera de força e calma que os prende à vida e ao desejo da vida. Ao contato do iniciado como diante da face do sol, as nuvens se dissipam, a obscuridade foge; aquele que chorava sente-se cheio de confiança e de esperança.

É preciso esforçarmo-nos, pois, para entreter em nós esse otimismo. É uma necessidade para o adepto porque, sob o ponto de vista psíquico, idéias da mesma natureza se atraem. Se lutamos com energia contra o que nos entrava, se somos alegres e confiantes, mesmo no momento da luta, atraímos para nós o ambiente em que vivemos, pensamentos análogos aos nossos, que nos vêm ajudar, sem cessar.

É o que explica que não há nunca desperdício verdadeiro para o curador psiquista.

Mais eleva o seu espírito para as fontes puras, mais recebe forças vivas que poderá despender em vista de um ideal que é já, por si mesmo, uma recompensa.

*

*

*

Prentice Mulford explica muito bem esta atração dos nossos pensamentos da mesma natureza que vêm reforçar a nossa própria reserva:

"Se dois indivíduos — diz ele — se encontrassem em intervalos regulares e se não tivessem conversas senão de saúde, força e vigor do corpo e do espírito, abrindo ao mesmo tempo os seus espíritos, a fim de receber do Todo-Poderoso as boas idéias sobre os meios de reparar a sua fraqueza corporal e espiritual, não tardariam a atrair para eles uma corrente do pensamento de saúde, força e vigor. Se estes dois indivíduos conversassem sobre este assunto em intervalos regulares e no mesmo lugar, se achassem prazer em falar assim e o não fizessem por obrigação, se pudessem ouvir-se sempre sobre todos os pontos, abordando o seu assunto sem idéias preconcebidas, sem se permitirem uma tagarelice preliminar inútil, sabendo deixar seus outros companheiros para falar de seu negócio, ficariam bem admirados, no fim do ano, pelos maravilhosos resultados obtidos sobre o corpo tanto como sobre o espírito. Efetivamente, agindo assim e encontrando-se com a sua prece secreta ao Todo-Poderoso para adquirirem melhor pensamento, atrairiam para eles uma verdadeira corrente de força vivificante." (Nossas Forças Mentais).

Essa concepção foi tomada por todas as seitas que fazem tratamento mental, que reeducam pelo pensamento, pela fé, todos aqueles que se acham abatidos e deprimidos pela luta e a moléstia.

É a base dos ensinamentos, tão interessantes sob este ponto de vista particular, da Ciência Cristã.

Se podemos receber dos seres que nos rodeiam, assim como do próprio ambiente no qual vivemos, forças puras, ativas e construtivas, o fato inverso pode ser produzido.

Por outro lado, o acúmulo mesmo dos pensamentos no nosso intelecto, se esses pensamentos são todos orientados de maneira pessimista, reage sobre todos os nossos pensamentos a vir, e lhes dará uma polarização particular.

Mulford, que se estendeu longamente sobre a geração dos pensamentos, comenta esse fato nestes termos:

"Todo desgosto, qualquer que seja — diz ele — todo pensamento pessimista vos impede de vos elevar. É uma verdadeira força habituada a criar em torno de si uma dilacerante miséria sempre maior. É uma força habituada a reforçar sempre os nossos pensamentos de desgostos. É uma força colossal habituada a fazer que o espírito envolva toda coisa de uma espessa camada de tristeza e quanto mais vos servis dessa força no mau caminho, mais essa camada se torna espessa".

"É porque, quando a nossa memória se volta para o passado e que vivemos nele de preferência a viver no

presente, atraímos sobre nós mesmos todos os velhos estados de espírito e as condições mentais que pertencem a esse passado. Essa condição de vida não pode senão conduzir para o corpo uma sensação muito nítida de sofrimento físico. O sofrimento está ligado a um estado de espírito que devemos afastar de nós, para sempre. Se olharmos avante, lançaremos para longe de nós esse estado, e não tardaremos a possuir uma excelente saúde. Se a idéia predominante no nosso espírito é olhar para trás de nós e considerar tristemente os acontecimentos passados, o resultado supremo será formidável para o nosso eu físico." (Nossas Forças Mentais}

A AÇÃO PSICOLÓGICA

Como se exerce a ação psicológica: ação verbal, ação mental. — A sugestão verbal e seus limites. — Aqueles que escapam d empresa sugestiva. — Somos tanto mais sugestionáveis quanto somos capazes de associar idéias, raciocinar, julgar. — A sugestão imposta é uma verdadeira pressão moral. — A sugestão raciocinada e os benefícios. — Essas duas formas de sugestão podem ser algumas vezes utilizadas simultaneamente. — Exemplo típico. — A ação sugestiva em rajada. — A sugestão imposta não deve servir senão em circunstâncias excepcionais. — Como se exerce a sugestão raciocinada. — Necessidade de ganhar a confiança do doente. — A refutação lógica das idéias nefastas. — A sugestão indireta. — Seu mecanismo psicológico. — Um paciente sempre pode subtrair-se a toda ação sugestiva. — O nosso consciente tem por guardião a atenção; o nosso inconsciente: o instinto. — Inoculação, no inconsciente, de idéias sem participação da consciência pensante. — Necessidade, para utilizar este método, de seguir no ser humano o jogo do consciente e do inconsciente. — Parte destas duas entidades no trabalho muscular e mental. Como reconhecer, em um dado momento, qual dos dois predomina. — As duas formas de sugestão: raciocinada e indireta combinadas. — Exemplo. — A força do silêncio. — A espera do momento favorável à intervenção sugestiva. — Saber escutar. — A ação decisiva. — A sugestão mental. — Os fatos espontâneos e provocados. — A visão do iniciado.

Se nos dermos ao trabalho de refletir sob todos os pontos que acabamos de encarar, podemos abordar outra parte do problema, aquela que concerne à influência que podemos exercer em torno de nós.

Como pode agir o pensamento? Vamos precisá-lo aqui.

Podemos utilizá-lo de duas maneiras diferentes:

1.º — Por uma ação verbal, isto é, por uma ação que imporá o pensamento por palavras, a uma pessoa presente ao lado daquela que escuta e registra as idéias que lhe são dirigidas;

2.º — Por uma ação mental, uma ação a distância, sem palavras pronunciadas, quer a pessoa esteja preparada ou não.

No primeiro caso, o pensamento é incorporado nas palavras.

No segundo caso, o pensamento vai diretamente, a distância; ele se incrusta, por sua própria força, na personalidade psíquica da pessoa pela qual nos interessamos.

Pode-se agir ainda ao longe, escrevendo, mas isto não é senão uma forma indireta que podemos ligar à sugestão verbal.

Estudemos sucessivamente estes dois modos de sugestão: — a sugestão verbal e a sugestão mental.

*

* *

Estendamo-nos primeiramente a respeito da sugestão verbal.

Somos todos acessíveis à sugestão verbal?

Um pensamento emitido em uma forma apropriada pode penetrar não importa em que cérebro, fixar-se nele, dar lugar aí, em um tempo mais ou menos

aproximado, a associações de idéias que modificarão as aquisições anteriores da pessoa a sugerir?

Sob o ponto de vista da transmissão de um pensamento determinado que modelamos no nosso espírito e que nos propomos sugerir por palavras, pode-se dizer que quase todos os indivíduos são sugestionáveis, porém, não todos.

Assim fizemos sobressair isso no nosso Curso de Magnetismo Pessoal; o motivo é bem simples: para que um ser receba e conserve uma sugestão verbal, é preciso que tenha uma consciência e que esta consciência esteja aberta, isto é, seja capaz de registrar o pensamento sugerido durante um tempo assaz longo.

Então, não são acessíveis, de maneira eficaz, às nossas sugestões verbais:

1.º — *Aqueles que não têm consciência ou que não têm mais consciência: os loucos, os alienados, os débeis mentais, os minus habens que parecem não ter consciência.* O diretor de sua usina não está mais à altura da tarefa ou, muitas vezes mesmo, foi sempre incapaz de preenchê-la. Se lhe propuserdes uma idéia, se tentardes impor u'a maneira de ver, o pensamento que emitistes atravessa o seu cérebro ocupado com outra coisa ou se choca de encontro a uma resistência impenetrável.

Percebeis que o cérebro que quereis fazer agir segundo um método novo, não é acessível ao vosso pensamento. Um cérebro de idiota ou imbecil é apenas sugestionável. Se mesmo um pensamento aí penetra durante a duração de um clarão não pode ficar bastante tempo para ter uma ação.

2.º — *Aqueles em que a consciência não é sustentada pela razão, para os quais a atenção é impossível, que não são senhores da direção de seus pensamentos.* Nesses, os seus próprios pensamentos se impõem com a mobilidade

de uma visão cinematográfica; as imagens sem coesão seguem-se e se desenrolam como um filme. Aqui o cérebro recebe bem o vosso pensamento e poderia fazer uma obra útil, porém é muito depressa levado pelas torrentes de outras imagens. É o caso dos grandes nevropatas, dos grandes intoxicados que não estão em condições de dirigir o seu cérebro e que sofrem todas as influências sem obedecer a nenhuma.

3.º — *Aqueles cuja consciência já está possuída, isto é aqueles que estão presos a uma idéia fixa; maníacos, obcecados, perseguidos.* Não podem receber outro pensamento senão o que já predomina e que ocupa toda a sua atividade psíquica. Toda a extensão de seu campo mental está invadida por uma só idéia mórbida e, embora façais por atrair, por vossas palavras, a atenção do diretor, ele está inteiramente absorvido por outros negócios. Toda a sua atenção está cristalizada sobre uma idéia fixa geralmente falsa e toda a sua vida psíquica está concentrada nesse ponto. Se ele vos parece escutar, está fortemente distraído; as vossas palavras entram por um ouvido e saem pelo outro, imediatamente; não vos ouve mesmo. Se por acaso vos responde, será uma frase banal sem grande relação com o que dissestes, a consciência está fechada a tudo que não seja o objeto de sua obsessão, seu capricho ou sua mania.

*

* *

Para bem fazer compreender a diferença do mecanismo psicológico entre essas três categorias de pessoas que escapam à ação sugestiva, imaginemos que a consciência é um grande domínio e que vos propondes ser o jardineiro.

A vossa tarefa será bela e interessante se estais de posse da vossa liberdade de ação e de tudo o que a facilita.

Mas, entre os loucos, os alienados, os débeis mentais, o terreno não é absolutamente fértil; é cheio de pedras e, apesar de todos os cuidados que lhe podereis dar, parece que não brotará aí grande coisa; seria preciso modificar completamente o solo, combater inteiramente o atavismo, criando uma nova natureza, e isto está acima das forças humanas.

Entre os grandes nevropatas, o terreno foi talvez excelente outrora, quando era regularmente cultivado, mas está abandonado há muito tempo.

Agora toda a terra, que não é tão rica, está invadida pelas ervas más, pelas vegetações daninhas que mostram o valor relativo do solo, mas constituem sério embaraço para aquele que quer cultivar.

Invadem toda a terra; cobrem-na de suas florescências inúteis. É preciso revolver profundamente o solo e arrancá-las. Isso não é pequena tarefa, porque a menor raiz deixada em terra poderá tornar a dar logo novos impulsos que tentarão sufocar todas as plantas escolhidas que tiverdes semeado.

Pode-se chegar, entretanto, a modificar toda a flora, mas é preciso empreender essa tarefa com coragem e fé.

Enfim, entre os maníacos perseguidos e obcecados parece que o grande domínio mental seja rodeado de fortes paliçadas que defendem a entrada.

Se ultrapassamos essas barreiras, achamos sempre um terreno mau, cheio de plantas nefastas que são as relações dos atavismos, das heranças más que prepararam essa esterilidade. Podemos arrotear essa terra fechada? Sim. Em uma pequena medida, poderá receber semente das flores às plantas que são adaptáveis ao seu solo, mas, em todos os casos bem caracterizados, os resultados serão mínimos.

*

*

*

Fora desses casos, cujo número, como se vê, é restrito, pode-se afirmar que somos todos acessíveis à sugestão verbal e acrescentaremos, ao encontro da idéia recebida pela maioria das pessoas, que somos todos tanto mais sugestionáveis quanto somos capazes de associar idéias, raciocinar, julgar.

É muito necessário fazer desaparecer essa crença comuníssima de que a sugestão é uma pressão moral, a violação de uma consciência e que o fim do sugestionador, que quer obter resultados duráveis, não apresentará ao paciente senão idéias que ele possa razoavelmente aceitar.

Demonstramo-lhes os benefícios das idéias que lhe são submetidas; ele as raciocina e compreende; abre voluntariamente o seu espírito às concepções que, desde o seu exame inicial, julgou úteis e aproveitáveis; ele aceita essas concepções novas porque são boas e é ele quem fixa em seu espírito as novas ações.

Nesse caso, o paciente não pensa segundo o seu método habitual, porque lhe propõe idéias que não haviam, talvez, roçado o seu cérebro.

Em muitos casos, entretanto, esses pensamentos já se ofereceram ao seu espírito, mas não lhe dera toda a importância que mereciam, fosse por erro de julgamento ou por distração.

Mas, se se lhe apresentam essas idéias novas, mostrando-lhes os benefícios, admite o nosso raciocínio se é feito com lógica: aceita idéias que achamos úteis; fá-las suas.

Esses pensamentos sugeridos se combinam então com as suas aquisições precedentes, adaptam-se e modificam-se.

O trabalho é incitado. Entretanto, se o nosso esforço se limitasse a dar uma só sugestão, é certo que ela arriscaria a se apagar depressa.

É preciso, pois, renovar muitas vezes a sugestão, emitir pensamentos sem cessar, pensamentos da mesma ordem diante do espírito daquele que se quer influenciar, prendermo-nos aí com doçura e paciência para que o desconto se opere. É justamente o que faz compreender a falsidade da idéia que se faz da sugestão e que combatemos.

Ao apresentar, muitas vezes, uma idéia falsa e perigosa, um momento virá em que o espírito a considerará com a vista mais crítica e perceberá os seus lados maus.

Nesse caso, a consciência ficaria na defensiva e rejeitaria essa idéia má, porque ela tem sempre o poder.

Nós o vemos, a sugestão que se dirige ao diretor, ao consciente, é moral e não pode ser senão moral, porque, se pode aceitar um pensamento culpável, o impulso de uma ação violenta, de uma violação intelectual, se por surpresa a pessoa pode ser possuída, tomada, não acontecerá o mesmo em uma ação de longa duração; nesse caso, a pessoa reage, defende-se, liberta-se sempre.

O problema da sugestão é posto, muitas vezes, diante da consciência e a conclusão é sempre a mesma, não se pode forçar o sugerido a sofrer violações, a roubar, a executar um ato qualquer, se a sua consciência o reprova no estado normal.

*

*

*

Isso posto — e é um fato de grande importância que é preciso não esquecer — vejamos os dois modos principais que permitem agir sobre o diretor;

estudemos mais nas suas minudências como se podem exercer a sugestão imposta e a sugestão raciocinada.

A sugestão imposta é aquela que foi empregada pelos primeiros sugestionadores e notadamente pelo Dr. Liébeault e pelo Professor Bernheim, com a diferença que Liébeault não sugeria senão em estado de hipnose, enquanto que Bernheim acha — com justa razão — que a sugestão, na grande maioria dos casos, não tem absolutamente necessidade do sono provocado.

Esta forma de sugestão é verdadeiramente uma pressão moral. Tende a fazer entrar uma idéia no cérebro da pessoa sugestionada, sem que ela o consinta. Apressemos-nos a dizer que esta forma de sugestão é extremamente limitada quanto ao número daqueles que a ela se sujeitam; é preciso certa disposição nervosa que é já um estado doentio.

Por outro lado, mesmo entre esses doentes, o livre-arbítrio existe sempre bem no íntimo da pessoa e a responsabilidade, se é restrita pelo estado nervoso, não deixa por isso de existir. O paciente tem sempre, pois, a possibilidade de lutar, discutir e defender-se.

É mesmo graças a essa disposição de espírito que se pode dizer que uma sugestão imposta à força não fica muito tempo no cérebro; pode-se acrescentar que não dura nunca.

O paciente sugestionado liberta-se sempre e o mais rapidamente possível. Existe, no fundo de toda pessoa, um desejo de vida independente, de consciência pessoal, de liberdade que não suporta obstáculos. Queremos ser nós mesmos, escolher os nossos pensamentos, cumprir atos sem nos fazermos escravos de quem quer que seja.

Os exemplos são numerosos e poderíamos citá-los em apoio desta asserção; dipsomanos, fumadores inveterados, onanistas, impulsivos de todas as espécies, desequilibrados e outros que, dominados pela sugestão imposta, não tiveram mais perturbações enquanto foram submetidos à pressão do sugestionador, porém que, desde o seu primeiro momento de liberdade, ao primeiro relaxamento de vigilância, retomaram os seus vícios e hábitos, apressando-se até em recuperar o tempo perdido, tanto eram felizes por haverem ganho novamente a sua independência e viverem segundo o seu desejo, satisfazendo a sua paixão. O resultado de uma tal intervenção, feita sob uma forma imposta, autoritária, é sempre deplorável; o bêbedo volta à sua bebida, o cleptômano rouba mais; todos têm uma recrudescência de sua paixão porque esta forma de sugestão é má no sentido em que não produz efeitos senão durante um tempo muito curto, sob o domínio do sugestionador. É por isso que é preciso não utilizar esta forma de sugestão senão com a maior prudência.

*

*

*

Não é pela força que se corrige uma personalidade deformada. Não é pelo amortecimento da consciência, tornando-a escrava, passiva e sem energia que se lhe dá a força para arrostar as dificuldades da vida. O problema deve ser colocado de modo inteiramente diferente. Não se trata de fazer discípulos submissos que, sob as vossas ordens, farão o que quiserdes. O que é preciso é obter a confiança do paciente, dando-lhe, com benevolência, os conselhos de que tem necessidade, os pensamentos de conforto que o sustentarão, que lhe ensinarão a esperar.

Então, entrando em nossas razões, estimulado pelo nosso exemplo, encorajado pelas forças que o sugestionador esparze nele, o doente volta à vida, compreende que ela pode ser bela e boa, recomeça a agir, a ter confiança, em uma palavra, a viver.

Não se fez do doente, do deprimido, um escravo, um autômato; não foi constrangido a ações irracionais. Muito ao contrário, fez-se dele um colaborador na cura de sua moléstia; tornamo-lo consciente de seu papel, fazendo que compreendesse as suas fraquezas e seus erros; ajuntamos a nossa força à sua para remediar as suas faltas.

Há casos, entretanto, em que é necessário exercer uma pressão, tomar inteira posse de toda a consciência, mas esses casos são felizmente muito raros.

*

* *

Tomemos um dos mais trágicos: uma pessoa tem desgosto de coração; está em desespero; perdeu um ser amado; compreende toda a importância de uma perda; seu espírito está em desordem; a vida lhe parece impossível; toma a resolução de se suicidar. Se esse pensamento é vivo e preciso no seu espírito, falta-nos o tempo para lhe dirigir longos discursos; o essencial é salvar-lhe a vida; raciocinemos em seguida.

Em face de tal caso, deveis agir com prontidão e mesmo com certa violência, tomando posse de toda a direção do barco que ameaça soçobrar. A vossa intervenção exige energia para evitar a catástrofe. É a vós que cumpre guiar o barco e dirigi-lo; tendo reunido todas as vossas energias em feixes, deveis exercer uma ação forte e dominadora. Bani do cérebro doente toda espécie de pensamento que não seja o vosso. Assumi o vosso papel até o fim. Sugeri sem recuar. Submergi a

personalidade desfalecida sob a vossa própria energia. Não lhe deixeis um só instante para refletir.

Podeis comparar o cérebro de uma pessoa impelida ao desespero a um interior de floresta coberto de uma camada de folhas mortas. Ao ver esse espesso tapete pardo, parece que a vida nunca mais tornará a voltar a esse lugar outrora delicioso; os caminhos estão obstruídos; criaram aí a imagem da morte. Todas essas folhas mortas representam, no cérebro do desesperado, todas as impressões dolorosas, as más recordações, os desgostos que tornam a vida uma carga. É preciso que tudo isso desapareça para que a vida possa renascer, para que a bela claridade do céu penetre e encontre de novo o sol rejuvenescido.

A vossa intervenção deve ser imperiosa, como a rajada de vento que, de um só golpe, abala e leva para bem longe toda essa montanha de folhas. Agi fortemente; disso depende a saúde.

Vosso primeiro cuidado, pois, em semelhantes casos de extrema urgência, deve ser agir com vigor e, se se pode dizer, como rajada. Agi energicamente e apossai-vos do seu pensamento.

É uma ação forte e poderosa; é preciso que a vossa influência seja decisiva para arrebatá-la, de um só golpe, toda essa massa inerte. É preciso que, de uma só vez — em uma intervenção que durara o tempo necessário, sem poupar vosso trabalho — empregando toda a vossa habilidade, alcanceis o resultado definitivo.

É preciso não deixar uma parte da tarefa para o dia seguinte.

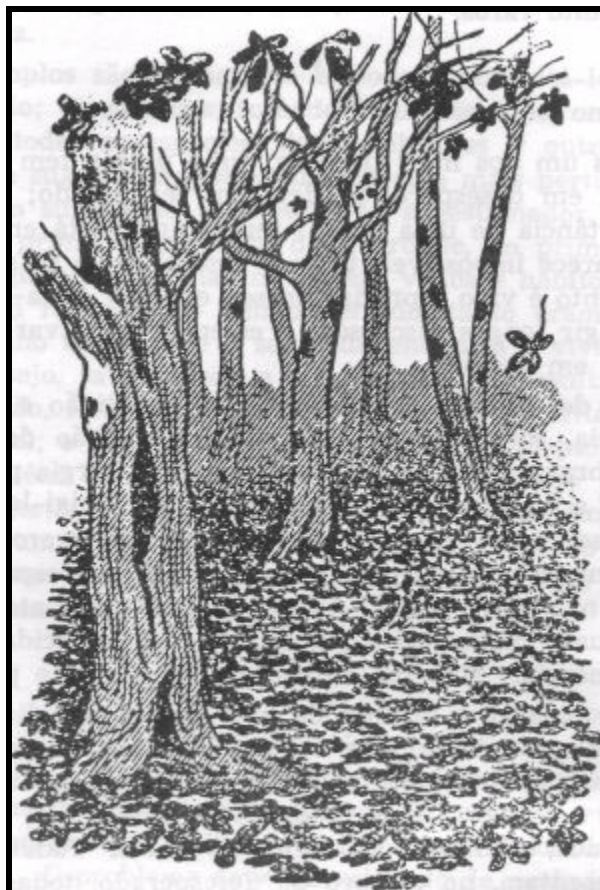


Figura 7: O interior de um bosque coberto de folhas mortas.
O cérebro de uma pessoa desesperada pode ser comparado a parte interior do bosque coberta de um monte de folhas mortas. Estas folhas estavam na estação calma, cheias de seiva, como os sonhos e as ilusões da mocidade. Mas o outono chegou. As folhas jazem em terra. Os sonhos e as ilusões feneceram.

É indispensável que a crise seja completamente conjurada antes de abandonar a pessoa a si mesmo; é preciso não lhe deixar tempo para refletir. É necessário falar-lhe sem cessar, com força e continuidade.

Mas é preciso pesar a vossas palavras, adaptando-as ao caso particular e à mentalidade daquele que vos escuta. Mostrai-lhe todas as razões que ele tem para viver, os deveres aos quais não se pode subtrair, as esperanças que se abrem diante dele. Advogai a causa com calor e fé. Gastai uma energia calma, uma autoridade doce de irmão que não espante o doente, mas o coloque em estado de confiança convosco. Não negueis o seu desgosto que é real; compartilhai-o, fazei

com que ele sinta o vosso apoio, e o seu coração doloroso abrir-se-á diante do VOSSO.

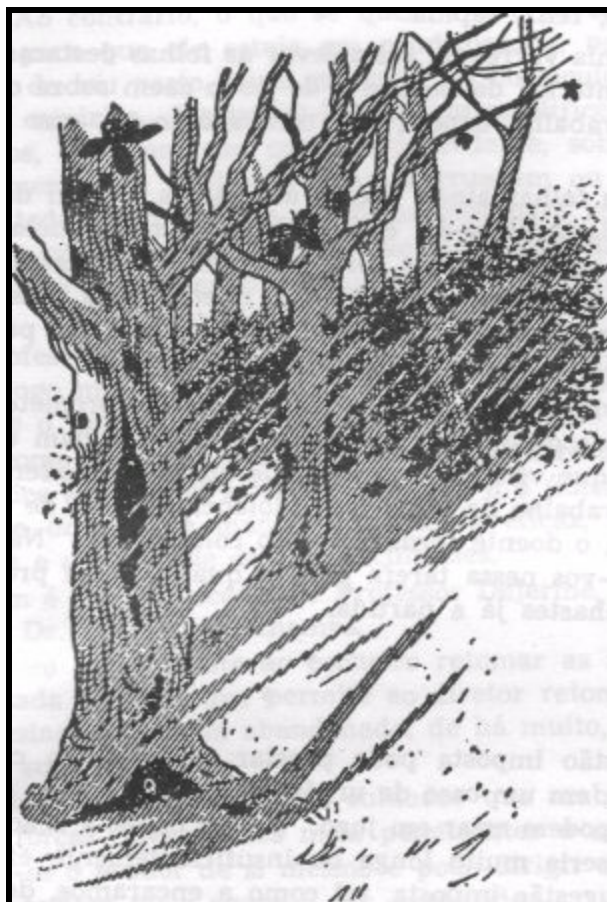


Figura 8: A rajada.

Abandonado a si mesmo, o desesperado podia estar encerrado para todo o sempre no seu sudário de pensamentos sombrios. Mas o auxílio do iniciado é como a rajada que, com o seu sopro poderoso, dispersa, para bem longe, todas as folhas mortas. O solo se liberta. Em breve a vida renasce.

Não é preciso dizer que o trabalho será concluído em uma só vez; não tereis a partida inteiramente ganha; mas embora tenhais pleiteado varias horas seguidas sem recuar — não deveis, nesse dia, deixar o vosso doente senão quando o sentirdes voltado para uma concepção mais nítida e mais razoável das coisas. É preciso não vos separardes dele antes de terdes a certeza de curar o seu pesar, antes que ele encare a possibilidade de se fazer uma nova vida. E é aqui que se

mostra a habilidade do sugestionador: mais este tenha o hábito de sondar o coração humano e mais a sua ação será decisiva, feliz, rápida.

A ventania varrendo, resta levar as folhas destacadas que voltejam pelo interior do bosque e de novo caem sobre o solo; é um pequenino trabalho depois, em comparação ao que se procedeu primeiro.

Algumas folhas ainda presas aos ramos, porém desfalecidas e sem seiva, destacar-se-ão e se irão misturar àquelas já caídas. Porém, aqui ainda, o mais forte está feito. Estas últimas folhas não são senão ligeiros obstáculos. O doente, pela vossa ação, sentiu o impulso de uma seiva nova invadir toda a sua pessoa; percebeu a esperança nova que lhe aconselha a viver.

Deseja viver. Apega-se ao futuro que lhe prometeis. Não vos resta mais que dissipar as dúvidas que o preocupam e livrá-lo de seus receios que vêm da fraqueza que ainda se apodera dele. Não é mais um trabalho de força e de violência, porém de simples persuasão; aqui, o doente torna-se vosso colaborador. Não deseja senão auxiliar-vos nessa tarefa para a qual sente a própria importância. Ganhastes já a partida.

*

* *

A sugestão imposta pode prestar serviços em circunstâncias excepcionais, em um caso de urgência em que a vida do doente ou a sua razão podem estar em jogo. Nesses casos, a ação da sugestão raciocinada seria muito longa ou insuficientemente eficaz; porém, a ação da sugestão imposta, tal como a encaramos, deve ser sempre de curta duração e devemos, no momento mesmo em que nos servimos dela, ter o pensamento de substituí-la, o mais cedo possível, pela sugestão raciocinada.

Esta sugestão raciocinada, doce, amigável, é o único processo de cura que dota o ser humano não somente de suas faculdades nativas, mas ainda de mais poderosas faculdades de domínio, de uma vontade mais firme e mais esclarecida.

Na sugestão raciocinada — compreendeu-se — a ação é inteiramente diferente. Não se deseja mais impor à força nenhum pensamento àquele que tem necessidade de cuidados; não se quer exercer sobre ele domínio de espécie alguma.

Não se substitui o seu pensamento, nem a sua vontade e seu ser moral permanece em toda a sua integridade.

Para voltar à comparação do cocheiro, do cavalo e da carruagem, não se procura, como no caso precedente, enganar a vigilância do cocheiro para tomar o seu lugar na boléia da carruagem; não se quer adormecê-lo para substituí-lo; não se tenta tomar-lhe as rédeas. Ao contrário, o que se quer é dar lições ao cocheiro desfalecido, para que ele esteja em condições de, por si mesmo, tomar conta do seu posto, para que evite os obstáculos e se dirija melhor pelo caminho. Mostramo-lhes as curvas difíceis e os declives perigosos, e se, em sua conduta precedente, sobrevieram-lhe acidentes, quer tenha quebrado a sua carruagem ou estropiado o seu cavalo, todos os meios lhe são fornecidos para reparar uma e curar o outro por si mesmo. A sugestão raciocinada não tem outro fim, nem outro meio, senão desenvolver a personalidade enfraquecida.

É o professor Dubois de Berne que mostrou o valor deste método. Foi logo muito empregado. Pode-se dizer que é quase ou inteiramente o único empregado neste momento.

Aliás, como dissemos, é o único que chega a resultados necessários, o único admissível e lógico, pois que é o único que restitui ao indivíduo doente, de

maneira realmente eficaz, a consciência de sua força e a plenitude de suas faculdades.

Também é o que preconiza o Professor Déjerine, o Dr. Gastão Durville, o Dr. Alberto Deschamps.

É o único que permite ao cocheiro retomar as rédeas com a mão exercitada e firme, que permite ao diretor retomar o comando de sua usina que havia abandonado, de há muito, ao ignorante manejo do subdiretor.

Efetivamente, o diretor, pelos cuidados que acaba de receber, conquistou forças novas, luzes mais penetrantes e mais vivas.

Tornou-se o senhor de si mesmo e pode dirigir os outros porque não se arrisca mais agora a ser conduzido.

Para ser realmente eficaz, esta sugestão raciocinada não pode ser dada senão em estado de vigília, no momento em que o espírito está mais presente, e mais atento.

*

*

*

Como se exerce a sugestão raciocinada? Varia segundo a pessoa a quem se dirige.

Em princípio, é preciso primeiramente estudar a pessoa que tem necessidade de nossos cuidados, saber a fundo quais são as suas idéias mórbidas e os sentimentos que a mergulham no estado de exaltação ou depressão de que sofre. É preciso, em seguida, refutar esses sentimentos e essas idéias, fazendo-lhe compreender o seu perigo e sua fraqueza; e preciso substituí-la por idéias sãs, capazes de lhe restituírem a força e a alegria.

Se o ser está desamparado, é preciso dar-lhe coragem, mostrando-lhe que o que ele imagina como o fim inevitável de todas as suas esperanças não é senão uma tempestade fugitiva que fareis desaparecer prontamente.

Se tem alguma decepção sentimental, é preciso fazer-lhe compreender que os desgostos do coração são muitas vezes baseados em um mal-entendido, que não se havia escolhido bem e que a vida, separando-nos com crueldade, mostrou-se talvez clemente.

É preciso que o doente se afaste desse pensamento que o assalta e o perturba. Desde o momento em que o discute e o esqueça momentaneamente, está no caminho da cura.

Sob o ponto de vista curativo, se se quer curar o temor, por exemplo, é preciso fazer compreender ao doente a inexistência do perigo, a perfeição do que faz e a atenção benevolente de que é objeto por parte daqueles que ouvem. É preciso mostrar muito tato nessa tarefa.

Em todos os casos, é preciso agir logicamente. Vosso papel consiste essencialmente em propor idéias, em fazê-las refletir diante dos olhos do paciente sob todas as suas facetas e considerá-las sob um aspecto diferente daquele pelo qual as tinha visto.

Em certos casos, não deveis insistir; é a própria pessoa que deve imprimir no seu espírito o que julgar útil.

É preciso, pois, muitas vezes, empregar muito engenho e muita lógica para chegar ao fim, por mil meios diferentes. E' um trabalho que reclama atenção forte e contínua, porque deveis seguir com poderoso interesse todos os efeitos que as vossas palavras produzem, e essas palavras deveis escolhê-las de tal maneira

que sejam imediatamente acessíveis ao pensamento do doente, que ele as possa fazer suas, fazê-las adaptáveis ao seu particular.

Antes de tudo, é preciso que a pessoa se torne vossa confidente e que se vos abra inteiramente.

Não vos é possível propor um remédio para um mal do qual não conheceis senão superficialmente as causas, os processos e os efeitos. Toda reticência, toda reserva do doente diminui a vossa ação, arrisca conduzi-lo em falso; torná-lo nulidade onde deveria agir fortemente.

*

* *

O primeiro estado consiste em ganhar a confiança do doente. Orientai, pois, todas as vossas boas disposições no sentido de vos aproximardes mais e mais da pessoa que desejais curar. Se ela sofre, sabei escutar as suas queixas sem fadiga aparente e com uma benevolente atenção. Sabei escutar. É a esse preço somente que adquirireis a sua confiança. Não acheis o tempo longo, mesmo se sua conversa não vos interessa. Deve interessar-vos, pois que disso depende a sua saúde, a sua vida, talvez, e assumistes o compromisso de lhe restituir a força, a confiança e a vida. É uma grande força saber escutar e, mesmo na prática da vida corrente, é um elemento de sucesso junto às pessoas que queremos para amigas.

Lembrai-vos do fato que conta Atkynson, em seu livro sobre a *Força do Pensamento*, a propósito de Carlyle. O grande filósofo inglês recebeu um dia a visita de uma pessoa que o admirava muito e desejava conhecê-lo; porém, como ele passasse por não ser facilmente acessível, o visitante estava violentamente emocionado e o deixava transparecer. Diante das suas saudações embaraçadas, o

mestre não compreendendo o fim de sua visita, tornou-se mais frio e a perturbação do recém-chegado recrudescer por isso.

Entretanto, o visitante era um homem enérgico e não queria deixar-se abater assim. Conhecendo um dos assuntos que mais podiam seduzir Carlyle, abordou-o discretamente e deixou o campo livre para o seu interlocutor. Carlyle entrou no assunto, estendeu-se, exaltou-se, estendendo-se em propósitos que iluminaram o seu pensamento; o visitante, que não teve tempo de dizer palavra, assistiu ao mais sublime improvisado.

Depois de três horas de silêncio, resolveu despedir-se. O ilustre escritor conduziu-o até à porta, prodigalizou-lhe as atenções mais calorosas de interesse e simpatia, apertou-lhe a mão com a mais cordial despedida e deixou-o, dizendo-lhe: *"Que encantadora conversação tivemos e como a vossa visita me foi agradável! Renovai-a muitas vezes!"*

Isto não serve senão para demonstrar a utilidade prática que podemos achar em saber escutar; porém, no domínio do psiquismo, a utilidade pode ser maior ainda.

Estamos em presença de um ser desamparado, aflito pelo seu desgosto, doente até o fundo da alma — não temos o direito de exigir, ainda que a sua conversação não nos agrade.

Está perturbado por seu tédio, ferido pela sua dor; devemos escutá-lo com o mais benevolente interesse, se queremos conhecer essa mágoa a fundo e nos colocaremos em condições de curá-la.

Essa simpatia que testemunhamos ao doente é um grande alvo e dos mais importantes na cura, predispondo o paciente aos nossos cuidados.

*

*

*

Essa predisposição confiante, uma vez obtida, a pessoa se abre à vossa ação.

Desde as primeiras palavras reconfortantes que lhe prodigalizais, ela sente que correis em seu auxílio e, do fundo de si mesma, ela tem confiança na vossa amizade sobre a qual se poderá apoiar até o seu completo restabelecimento.

Essa simpatia que vos manifestará a pessoa desamparada ser-vos-á necessária para refutar as idéias que julgais nefastas e substituí-las por idéias mais sãs. Como o faríeis, senão pela amizade? Vosso paciente é a presa de idéias negras; é preciso que o vosso robusto otimismo lhe mostre que a vida tem belezas com as quais não podemos contar quando fechamos os olhos para não as ver.

Se a pessoa que se dirige a vós tem mágoas de coração, fazei renascer a sua esperança em uma vida melhor e mais calma.

Se está doente, fazei-lhe entrever a cura que lhe dará forças inteiramente novas. Mas, principalmente, que a vossa ação seja lógica. Dai ao vosso pensamento todos os desenvolvimentos necessários. Não é uma palavra miraculosa, como o Sésamo, abre-te, que pode realizar a cura; é preciso fazer entrar no cérebro doente toda uma série de raciocínios que se seguem com uma coordenação perfeita.

É preciso que as vossas sugestões, mesmo sem ter esse aspecto, criem raízes e sigam o seu caminho.

É preciso que a sua lógica forme uma cadeia contínua que atrairá o paciente para as vossas idéias.

Uma tal reeducação, seja psíquica ou sentimental, necessita muito tato e delicadeza.

É preciso, muitas vezes, fazer abstração de vossas condições pessoais, pois não é este o momento, quando desejais curar alguém, de empreender com ele uma controvérsia filosófica ou religiosa.

Arriscaríeis a fechar para vós, e para sempre, o seu coração, só atacásseis as crenças que lhe são caras.

O que é preciso, principalmente, é mostrar sempre, a todo momento, um otimismo calmo, raciocinado, que não exagera as promessas que acreditais poder fazer. Esse otimismo, que quereis ver partilhado por um ser deprimido, deve achar-se justificado tanto por fatos exteriores como por raciocínios áridos.

É preciso que esse otimismo seja calmo, ponderado; que se manifeste pelo ambiente que irradia em torno de vós; que se exteriorize pela doçura de vossas palavras, pelo vosso aperto de mão, pelo vosso sorriso de boas-vindas.

É preciso que a vossa atenção seja cheia de doçura. Não repeli jamais o doente sobre o qual desejais exercer alguma ação. Quanto mais calmo fordes, mais o paciente depositará em vós plena confiança; mais poderosa será a vossa ação.

Empregai todo o tempo necessário no restabelecimento da cura. Não vos canseis. Certos doentes são absorventes. Uma vez que ganhastes a sua confiança — e é geralmente coisa bem depressa adquirida — vós vos tomareis indispensável; não sabem decidir mais nada sem o vosso conselho; para a menor coisa, contam convosco. Sabei corresponder às esperanças que fizestes nascer. Não recueis diante de nada para merecer e conservar a confiança daqueles de quem cuidais.

É de toda necessidade que sejais sempre o amigo fiel e devotado sobre o qual se apoiarão, enquanto não estiverem de posse de uma vontade calma e sustentada. Não medi os vossos minutos. Uma vez começada a ação, deveis dar-vos inteiramente àquele que pôs em vós toda esperança de sua vida. Fizestes

nascer nele esperanças que iluminam e sustentam. Não esmigalheis nunca essas esperanças. Colocai-vos à altura da vossa tarefa.

Com o tempo, essa tarefa tornar-se-á, dia a dia, mais fácil. A vossa experiência aumentada sem cessar, sugerir-vos-á, cada dia, novos meios para desenvolver e sustentar aqueles que têm necessidade de vós.

Nos casos graves, aqueles que, a princípio, vos reclamavam muitas semanas, se se tratava de séria reeducação, não vos pedirão, em breve, mais que alguns dias. A vossa fé, que vos é tão necessária para criar em torno de vós uma atmosfera de força e saúde, a vossa fé crescerá com as vitórias obtidas.

Cada dia sentir-vos-eis mais seguro dos vossos poderes. O entusiasmo que vos arrebatará e que sabereis comunicar, fará milagres.

Um elemento que é preciso não negligenciar se quereis chegar a um sucesso definitivo é o ambiente em que vive o doente. É de necessidade primordial que este não receba, em vossa ausência, uma sugestão inteiramente contrária. Se tomastes a tarefa de tornar uma pessoa alegre, é preciso que ela não encontre em sua casa uma atmosfera de tristeza ou pessimismo que destrua durante o dia o que foi adquirido pelos vossos cuidados; isto seria o tecido de Penélope. É preciso que encontreis auxílios na família do doente; que o seu ambiente esteja bem prevenido do papel que deve representar; que vos secunde, harmonizando exatamente as suas sugestões às vossas.

Tais são, mui rapidamente esboçadas, as regras essenciais sobre as quais se baseia a sugestão raciocinada; são elas que vos devem guiar.

*

*

*

Os dois modos de sugestão que acabamos de examinar têm por missão dirigir-se principalmente à consciência, ao diretor.

No caso da sugestão imposta, é adormecido o diretor, é subjugado, é dominado de uma ou de outra maneira e colocamo-nos em seu lugar, ordenamos em seu nome e ele não tem mais autoridade.

Quando se trata da sugestão raciocinada, é ainda a esse diretor que nos dirigimos; mas ele sabe disso; não se procura afastá-lo do poder; ao contrário, dão-se-lhe conselhos e ele é dirigido a fim de que adquira maior autoridade.

No primeiro caso, o sugestionador é um usurpador e toma posse do poder depois de haver desapossado — momentaneamente — o legítimo senhor; no segundo caso, o sugestionador é o regente que supre um rei menor e o prepara a conduzir a coroa quando o momento chegar. Longe de refrear o seu esforço, estimula-o; trata-se de torná-lo melhor e mais lúcido, a fim de que conheça mais exatamente os seus direitos e deveres. Assim o sugestionador anima o doente abatido; auxilia-o por boas palavras, por palavras de conforto que ensinam àqueles que sofrem a não desconfiar obstinadamente da vida que tem boas horas e seus lados magníficos, principalmente quando não se quer ocultar de si mesmo tudo o que pode ser belo e agradável.

O diretor estava encerrado em uma pequena câmara obscura: abrimos a janela que dá para o infinito, mostramos-lhe horizontes desconhecidos, conduzimo-lo ao sol do qual se esquecera e em que nem mais pensava!

E o doente, voltando à tranqüilidade, apaziguado e conduzido pelas mais doces esperanças, retoma o gosto da ação, reanima-se, acha que o mundo não é tão mau como pensava, que a vida merece o concurso da sua inteligência; a ambição, o amor e a esperança renascem.

A ação sugestiva raciocinada é excelente e nunca a aconselharíamos demais. Ao redor de nós, achará, por centenas de vezes, ocasiões de se exercer utilmente e de fazer prodígios.

Contudo, já vimos que a usina humana tem necessidade não somente de um diretor, mas também de um subdiretor encarregado de executar as ordens do diretor, de supri-lo no seu trabalho que é enorme. O subdiretor pode e deve ser igualmente sugestionado.

Aqui, encontramos-nos diante de um problema inteiramente novo. Tem-se pensado sempre em nos dirigirmos ao diretor e é sobre ele somente que os sugestionadores tentam operar.

Mas, por mais inteligente e sagaz que seja o diretor, seja qual for a sua potência de trabalho, tem necessidade de um subdiretor que faça aquilo de que não se pode encarregar ele mesmo.

Podemos agir também sobre esse subdiretor, dotá-lo de faculdades novas, dar-lhe mais ardor pelo trabalho, facilitar o seu papel, educá-lo, em uma palavra.

Se chegamos a este fim é bem certo que toda a usina ressentir-se-á. É singular verificar que esse ponto tenha escapado até aqui aos psicólogos.

Há muito tempo, assinalamos esta lacuna e tentamos remediá-la. É o que nos conduziu a criar um novo método de sugestão, destinada a influenciar o inconsciente; e chamamos: sugestão indireta. Mostramos o mecanismo desta ação e fizemos conhecer-lhe os processos em nosso *Curso de Magnetismo Pessoal*.

É necessário, todavia, dizer aqui algumas palavras.

*

*

*

Primeiramente, qual é o fim dessa forma de sugestão?

A sugestão indireta propõe-se fazer entrar diretamente no inconsciente de uma pessoa pensamentos que achamos úteis. Trata-se de fazê-los entrar diretamente, falando com ele, mas fazê-los penetrar, por assim dizer, sem que o saiba; em todo caso, sem que o diretor (a consciência) se aperceba.

Para bem fazer compreender o mecanismo dessa forma de sugestão, retomamos a comparação, já feita, do conjunto da personalidade humana com a usina.

Estamos no escritório da diretoria em que trabalham, lado a lado, o diretor e o subdiretor.

Este escritório, que lhes é comum, é o cérebro. O diretor tem por guardião a atenção; por desgraça é um guardião que se deixa muitas vezes distrair, ainda que esteja decidido a preencher convenientemente as suas funções. Tem por missão inspecionar os visitantes que se apresentam no escritório; não deve deixar penetrar até a consciência senão pensamentos que mereçam um estudo sério.

Se quer que esses visitantes, esses pensamentos, mereçam um bom acolhimento, deixa-os entrar livremente no escritório; em caso contrário, afasta-se. Se as pessoas que se apresentam estão de mau semblante, tendo o aspecto de um perigo, o guardião redobra de vigilância e, se julga que a ação desses visitantes pode ser realmente má, tem todo o poder para os repelir.

Tal é bem a função da atenção; se os pensamentos que se apresentam ao nosso cérebro são bons e perfeitos, deve abrir-lhes as portas; se são duvidosos, a atenção deve estudá-los com cuidado antes de lhes deixar franquear o campo de nossa consciência; se são maus, devem ser impiedosamente rejeitados; tal é o mecanismo habitual. Vê-se, portanto, que a escolha dos pensamentos acolhidos

pertence ao nosso livre-arbítrio. É à nossa personalidade consciente e às suas faculdades superiores que incumbe aceitar ou recusar o pensamento que lhe vem.

Isto, já o dissemos, é o que acontece geralmente, mas não é possível, mesmo, a título excepcional, adormecer o cérebro que defende o limiar do escritório diretorial, enganar a vigilância da atenção e penetrar no escritório do diretor, quer ele queira ou não?

*

* *

Imagine-se de boa vontade, sob a fé dos romances, que o hipnotizador tem esse poder. Que erro! Temo-lo dito muitas vezes: um paciente nevrótico — predisposto, portanto, a sofrer a influência hipnótica — pode subtrair-se sempre ao domínio de um hipnotizador. A vontade somente basta para isso.

O paciente predisposto não será mergulhado em hipnose senão com o seu consentimento.

Se recusa submeter-se ao encanto do hipnotizador, esse, ainda que fosse o mais poderoso do mundo, terá que ceder. Não chegará nunca a seus fins. O método forte, brutal, dominador, tão temido por certas pessoas, não faz mal senão sobre o papel.

A heroína de tal ficção, que o romancista nos mostra como a vítima de um hipnotizador desonesto, não existiu nunca senão em um cérebro fértil em imaginação.

E quão poucas pessoas, aliás, são hipnotizáveis! É uma ínfima minoridade. Só os grandes nevróticos: histéricos, epiléticos, coléricos, formam as classes dos grandes pacientes hipnotizáveis. E que de reservas, ainda, a fazer a esse respeito!

Desde Charcot, foi conduzido o hipnotismo aos seus justos limites. O que se vê nas cenas teatrais e feiras não são mais, muitas vezes, do que ilusão e fraude.

Em outros trabalhos, já estudamos a questão da responsabilidade do paciente sugerido.

Para nós, nenhuma dúvida é possível: o paciente pode sempre, se quiser, subtrair-se à hipnose e, mesmo se consentiu em se deixar adormecer, não conserva menos, nesse estado, a plenitude de suas faculdades; não faz senão o que ele quer. Se o paciente hipnotizado comete qualquer ação má, é porque em estado de vigília a teria praticado do mesmo modo, de "*moto-próprio*".

Uma mulher que consinta, durante o sono, em se despir completamente, achará esse ato muito natural em estado de vigília.

Um paciente honesto, ao contrário, mergulhado em hipnose, não cometeria um crime. Nem a violação, nem o assassinato, nem o roubo, nem a falsificação, nem um reconhecimento fictício de dívida, nem qualquer outro ato reprovado pela consciência, podem ser impostos aos pacientes hipnotizados. O que a sugestão imposta pode fazer é, talvez, exagerar uma tendência.

Dizemos talvez, porque o fato está ainda longe de ser provado. É possível que um ladrão, dominado por um hipnotizador, cometerá um latrocínio com mais prontidão e mais audácia. Mas esse ladrão, a quem o crime sempre repugnou, não será nunca, por ordem, um assassino. Há uma barreira que o sugestionador não poderá transpor. Os fatos que poderíamos citar contra essa afirmação não são mais que simples suposições sem fundamento algum ou experiências de laboratório. Pelo fato de um paciente adormecido, armado de uma faca de papelão, ferir, por ordem do seu hipnotizador, a uma pessoa indicada e fazer o simulacro de roubá-la, não se

pode argumentar que, na vida corrente, esse mesmo paciente, de posse de uma verdadeira faca, teria cometido um crime!

O paciente que tem confiança em seu hipnotizador sabe bem que os atos que ele executa são infantilidades sem importância alguma. Consente nisso, com toda a lucidez.

Mas, na vida corrente, todo pensamento que lhe é sugerido é passado pelo crivo de sua consciência. E uma consciência não aceitará nunca, em caso algum, sob um só pretexto, cometer um ato que reprovaria.

A causa é julgada.

*

*

*

Nesse caso, trata-se, já o dissemos, da sugestão brutal, de uma tentativa de violação moral. Nesse caso, o cérebro que defende a porta do escritório diretorial está sempre em condição de opor-se a toda intrusão má.

Porém, direis, se a maneira forte e brutal falha, não existe outro processo para chegar ao mesmo fim? Não se pode, por exemplo, aproveitar de um momento de distração do cérebro para penetrar no gabinete do diretor? A vigilância do guarda pode ser enganada? É um ponto que precisa de algumas explicações.

Parece-nos útil voltar ao nosso exemplo e o completar.

Dissemos que o diretor tem sempre junto de si um guarda fiel, que é a atenção. Esse guardião preenche tanto melhor o seu ofício quanto a atenção é mais forte, mais sustentada, mais exercida.

De seu lado, o subdiretor tem um vigilante que lhe é próprio: é o instinto. Não se trata, aí, de uma personalidade voluntária, criada e desenvolvida; ao contrário, são as qualidades inatas que estão a seu serviço, servem-no ou

prejudicam-no; é o fundo atávico, a espécie, a herança da própria raça que serve de guarda ao inconsciente.

É no instinto que se acha todo o resíduo do nosso passado. Assim, se o diretor tem como guardião a atenção com os seus auxílios, o julgamento e a inteligência, o subdiretor é guardado pelo instinto. Essa força instintiva é poderosa em toda escala animal. Nas espécies superiores e que mostram inteligência, é o instinto, contudo, que domina. No homem, ao contrário, o instinto vem em segundo lugar, depois da inteligência, mas o instinto não existe menos, por isso.

O instinto é a base de conservação do indivíduo e da espécie no homem, tanto quanto entre os seus irmãos inferiores.

Em relação ao animal, Flourens caracteriza assim essa faculdade:

"O instinto tem três caracteres que lhe são próprios:

1.º) ele age sem instrução, sem experiência: a aranha, efetivamente, não aprende a fazer a sua teia, nem o bicho de seda a fazer o seu casulo, nem o pássaro o seu ninho, nem o castor a sua cabana; 2.º) nunca faz progressos: a aranha não faz melhor a sua teia no último dia de sua vida que no primeiro; ela a faz bem desde o princípio; nunca a faz melhor, nunca a faz pior; 3.º) o instinto é sempre particular, isto é, relativo a um objeto particular".

"O castor tem a maravilhosa indústria de erigir uma cabana, mas essa maravilhosa indústria não lhe serve senão para construir a sua cabana".

"Para todo o resto, para as qualidades requeridas por nós, diz Buffon, é muito inferior ao cavalo, ao cão etc."

Cada espécie de animal tem uma forma de instinto que lhe é própria, que é adaptada às suas necessidades.

No ser humano, o instinto, que nos conduz a um ato espontâneo e irrefletido pode ser uma força poderosa que nos arrasta a executar um ato sem que a consciência tenha noção do fim para o qual tendemos.

O instinto tem, principalmente, por fim a conservação da vida ou a conservação da espécie; o ser quer viver e fazer viver. Esse instinto pode também revestir-se de formas mais intelectuais; é ele que nos impele a ser livres, a realizar a nossa personalidade. Entre os homens, o instinto se justapõe à razão e a assiste.

O instinto é, pois, para o nosso inconsciente, um guardião e um guardião seguro. Esse instinto vela pela nossa vida, pela nossa liberdade, sem que o percebamos mesmo, e, por isso, será difícil, senão impossível, suggestionar a qualquer ser, contra a sua própria vida, contra a sua própria liberdade.

Se se deseja invadir esse domínio interdito, o instinto se revolta e um violento debate se segue ou a ação do .sugestionador será sempre desfeita. Os fatos o provam.

Vê-se que o poder da sugestão é limitado por confins de uma moralidade estrita e irrepreensível: se sugeris à consciência uma ação contra a vida do paciente, ele não a cumprirá também. Existem limites que o homem não poderá ultrapassar.

*

*

*

Deste modo, vejamos como nos é possível agir sobre o inconsciente pela sugestão indireta.

A princípio, essa razão será verbal. Expressamos o nosso pensamento por palavras; é a sua exteriorização mais corrente. O que queremos, no caso presente, é atingir o subdiretor sem que o diretor se ache advertido dessa intrusão.

É preciso, principalmente, que o guardião do diretor, a atenção, não tenha a menor suspeita.

É necessário pois, aproveitar momentos em que a atenção se ache distraída, enfraquecida e ausente, para tentar operar sobre o inconsciente.

Para fazer isto, é preciso "*lançar no ar*" as idéias que se quer fazer penetrar no inconsciente. É preciso lançá-las negligentemente, sem ter a atitude de lhes dar a mais ligeira importância. Essas idéias serão emitidas sob o tom negligente que se dá aos propósitos vagos que entretêm uma conversação banal. Serão tanto menos percebidas pela consciência essas idéias lançadas ao ar, quanto a atenção será mais distraída e mais afastada do limiar que ela deveria guardar.



Figura 9: O mecanismo da sugestão indireta.

Afetando a pessoa, sem que dê por isso a consciência pensante, a sugestão indireta age como as gotas de água pura que caem em um vidro cheio de água suja. Graças a este agente novo e límpido, o vidro enche e o líquido contido no vidro vai clareando lentamente. Estas gotas de água representam as idéias sãs que, pouco a pouco, entram no cérebro do deprimido, aí levando, insensivelmente, sem a sua intervenção consciente, a alegria de viver.

Mas o que foi dito sob esta forma vaga não deixará menos, por isso, de percorrer o seu caminho. As idéias — principalmente se a tentativa é freqüentemente renovada — irão ao inconsciente; este as registrará e verificará com muitas outras que nota a todo instante, a todo segundo.

Todas essas impressões entram no inconsciente, e arranjam aí lugar, aí se armazenam, aí se agravam.

Fazem corpo com o amontoamento de aquisições anteriores; descoram-se umas sobre as outras; reagem todas juntas, criando associações de idéias que podem ter, com o tempo, infinitas repercussões.

Naturalmente, não se trata aqui de um pensamento emitido por uma só vez; é certo que um só pensamento se perderia no amontoamento de conhecimentos adquiridos; existe, no fundo do inconsciente, milhares e milhares de impressões acumuladas entre as quais a recém-vinda terminaria por ser absorvida.

O inconsciente, como vimos no começo deste capítulo, é um vasto reservatório onde as impressões se misturam, muitas vezes sem grande ordem, a menos que as nossas faculdades tenham recebido uma educação muito severa. Mas, se a infiltração é perseverante, se o choque é reiterado, a ação sugestiva tornar-se-á cada dia mais nítida e mais decisiva.

Podemos representar as impressões e os pensamentos postos de lado pelo inconsciente como um copo cheio de água. Cada pensamento, cada noção incorporada a esse líquido modificará a sua cor.

O neurastênico e o pessimista não levam senão idéias sombrias e a totalidade de suas impressões, de seus pensamentos pode ser comparada à da tinta.

A sugestão que desejareis exercer é como um novo líquido que derramais com um conta-gotas nessa água enegrecida. O líquido que acrescentais ao do copo cheio é de cor límpida. Uma gota é bem pouca coisa! Mas, as gotas sucedem-se às gotas.

Sob a nova queda, o copo transborda pouco a pouco, e o novo licor que trazeis para substituir o antigo vai tornando clara, lentamente, a cor do líquido primitivo, pois que a água negra desaparece para dar lugar a um líquido claro.

Tal é, esquematizado, o mecanismo de vossa ação sobre o inconsciente pela sugestão indireta.

O inconsciente da pessoa a sugerir está cheio de coisas negras.

Esse vaso, essa reserva, são os arquivos imensos, as impressões acumuladas que o diretor e o subdiretor esgotavam.

A nossa sugestão indireta são as gotas de água pura que tornarão clara a totalidade do líquido, dar-lhe-ão, com o tempo, uma limpidez perfeita.

Criamos, desse modo, no espírito que é preciso curar, u'a mentalidade nova, dar-lhe-emos uma orientação de espírito que, se perseveramos na nossa ação, não se ressentirá, de modo algum, das antigas impressões tão tristes que o nosso pensamento acaba de substituir.

Vê-se, por esta imagem, que se trata aqui de uma ação infinitamente delicada e que é preciso compreender perfeitamente o mecanismo antes de empregá-lo.

É uma ação longa e minuciosa, que exige muita paciência. Encontraremos, muitas vezes, nessa obra, um grande número de dificuldades, mas o resultado é seguro, contanto que não tenhamos pressa.

Por nós, pessoalmente, temos mudado mentalidades até em suas tendências mais enraizadas.

Tal neurastênico voltou ao seu estado normal, retomou a sua vida ativa, julgando e raciocinando bem.

Tal preguiçoso tornou-se ativo; seu espírito abriu-se; refez a sua vida sobre nova base.

Criamos mesmo gostos, disposições para tal ou tal arte, porque achamos que havia uma forma de atividade acessível ao nosso doente, uma derivação útil aos seus pensamentos que o faziam sofrer. Vê-se que existe nesse novo método um campo de ação tão imenso como pouco conhecido, que se abre a quem o sabe compreender.

A ação assim exercida é de incalculável poder. A nossa experiência, já longa, permite-nos afirmar que toda mentalidade, toda disposição de espírito, toda tendência moral pode ser modificada profundamente por este processo.

Trata-se de uma possibilidade de ação muito importante, cujas repercussões podem ser infinitas. O trabalho é longo, certamente, e reclama tanto mais paciência, quanto o resultado é mais difícil, principalmente quando u'a mentalidade tem de ser de novo e inteiramente modelada.

Mas o sucesso obtido merece esse esforço. Qual a mãe, por exemplo, desolada de ver seu filho preguiçoso, absorvido por companhias que lhe não convém, que se não esforçará em remediar esse mal?

Qual a mãe, quando a vida de seu filho está posta a prêmio por hábitos deploráveis, que se não esforçará para curá-lo, que se não consagrará a isso inteiramente, com toda a força do seu coração? Qual a mãe que não achará que isto merece toda a sua paciência?

E poderíamos citar mil outros casos.

Para vencer na aplicação deste método, é preciso, primeiramente, aprender nitidamente o mecanismo psicológico dessa ação indireta. Isto é de primeira importância.

Para um principiante, a dificuldade está em compreender nitidamente o papel que representam, no nosso organismo, o diretor e o subdiretor.

Em uma usina, essas duas pessoas são nitidamente visíveis; vivem lado a lado, cada uma tendo um tipo particular, cada uma preenchendo o seu ofício e vivendo uma vida independente.

Em nós, estas duas pessoas são menos aparentes. Há dois seres e um só corpo! Ambos, pois, vivem um no outro, interpenetrando-se. O mesmo rosto serve sucessivamente aos dois personagens para manifestar exteriormente os seus sentimentos pessoais, a sua vida particular. Os mesmos membros — braços e pernas — são movidos, ora por nosso consciente, ora por nosso inconsciente.

Ora, é preciso que o psicólogo, que deseja fazer a reeducação psíquica ou sentimental, se dirija, em certos casos, a um e não a outro dos dois ocupantes. Quem está presente no posto? Contemplando um rosto, podemos adivinhar seguramente que os dois o animam neste momento preciso? Delicada tarefa. Um só rosto e dois seres que dispõem dele, um imperando sobre o outro. E nesses olhos — espelho da alma — manifestam-se, alternativamente, não somente os nossos pensamentos, mas também uma multidão de desejos, emoções e sentimentos que, vimos do mais profundo do nosso inconsciente, se projetam à luz do dia, exteriorizam-se espontaneamente de nós mesmos.

O psicólogo, acostumado a perscrutar a natureza humana em suas profundezas mais misteriosas, chega a seguir o jogo preciso das duas personagens, a dissociar a sua vida própria.

Um gesto, uma atitude e uma entoação de voz são profundamente reveladores. Em uma pessoa que considerais com a vista atenta, alternadamente se sucedem as manifestações do consciente e do inconsciente; muitas vezes se misturam e se entrelaçam, umas se salientam para se dissiparem logo, enquanto as outras, postas seguidamente em relevo, num tempo variável, se atenuarão por sua vez, desvanecendo-se como uma nuvem depois da borrasca.

Que vida poderosa se manifesta atrás de um rosto que parece adormecido! Esses traços que vos parecem mortos vivem, contudo, uma vida oculta, secreta.

Há, muitas vezes, sob essa passividade, dissimulado atrás desse desprendimento aparente das coisas daqui de baixo, um braseiro sob cinzas.

Esta flama, que não reclama senão renascer, brilha em certos olhares, manifesta o seu doce calor em uma entoação de voz, em um aperto de mão, em mil outras circunstâncias.

Um só corpo basta para esses dois seres, e isto merece ainda algum desenvolvimento.

Consideremos a nossa personalidade durante a noite: — Neste período, o diretor dorme; só o subdiretor trabalha. No corpo, a ação deste último é nítida; faz mover os nossos órgãos, preside às funções automáticas que não têm nenhuma necessidade da ação da vontade, função digestiva, circulatória, respiratória etc. ... Mas, ao lado desfia atividade orgânica, o inconsciente possui ainda uma atividade psíquica, Pensa, reúne as idéias e, principalmente, sensações e imagens. Não

possui juízo; por isso, estas associações de idéias são as mais caprichosas, ora singularmente belas, muitas vezes inteiramente fantasistas.

E' daí que provêm os sonhos, os pesadelos, muitas vezes baseados sobre uma ação física (sufocação, estrangulamento proveniente de um objeto que prejudica a respiração, peso no estômago devido a uma digestão imperfeita etc.). Por vezes, também, esses sonhos são o reflexo de nossas preocupações durante o dia, modificadas pelas imagens adventícias justapostas sem rima, nem razão.

Neste momento, não fica vivo em nosso corpo senão um só ocupante, o inconsciente que preside à vida orgânica e mental — uma vida mental inferior, porém que não deixa de existir por isso e que tem suas produções características.

Durante a vigília, o inconsciente possui também uma grande parte nas nossas ações. É sempre ele que se encarrega das funções automáticas do organismo. Cumpre sempre também o mesmo trabalho mental e esse trabalho é considerável; mas, durante o dia, o diretor está na usina e todos os atos conscientes serão feitos por ele.

No corpo, este diretor (o consciente) ordenará ao braço para se estender; à mão, para tomar um livro, abri-lo, colocá-lo diante dos olhos etc. ... No domínio mental, dará ordens ainda mais precisas.

Durante a vigília, pois, as duas personalidades vivem lado a lado, interpenetram-se mesmo, combinam-se em aparência, sob o abrigo do mesmo corpo.

Mas, essa interpenetração não destrói de modo algum a sua autonomia. Cada um destes dois elementos não deve fazer senão a sua tarefa e não o trabalho do outro.

Trabalham ambos segundo as suas faculdades; estão no primeiro plano, cada um por sua vez.

*

* *

Tomemos primeiramente um exemplo nas manifestações do corpo.

Encaremos um ato consciente que reclama a participação do diretor. Um objeto está colocado diante de mim. Tenho necessidade dele. Quero tomá-lo. A minha consciência acha, com efeito, que é bom que esse objeto me seja trazido; ordena ao braço que se estenda, à mão que o segure e ao braço que dobre; apanho o objeto em questão.

Escolhamos, agora, um ato em que a consciência não tome parte, um ato que não revele senão o inconsciente. Sou tomado de um medo súbito. Essa impressão inesperada faz-me pular, tremer as pernas, fujo a toda velocidade e, se o meu medo é muito vivo, não pensarei mesmo nos obstáculos que impedirão a minha fuga; atropelo-me de encontro aos móveis, precipitar-me-ei antes que a consciência tenha tido tempo de saber se o perigo é real ou quimérico e se justifica essa saída inesperada.

Outro fato mais simples: estendo a mão para tomar o bule de chá. Estou distraído e, em lugar da asa, toco o bojo que está muito quente. Queimo-me. Retiro a mão bruscamente, bem antes que a sensação do calor tenha penetrado até o cérebro. O movimento de meu braço para afastar a mão do bule é um reflexo devido à ação puramente inconsciente.

Na manifestações mentais, veremos que o consciente e o inconsciente têm também ações que lhe são pessoais e diferentes.

Eis, primeiramente, um caso em que a consciência predomina. Escuto um conferencista tratar de um assunto que me interessa vivamente. Sou todo ouvidos.

O desenvolvimento de suas idéias me penetra e eu estou com tanto mais atenção quanto o seu plano se desenvolve com grande clareza. Seus pensamentos se incorporam aos meus em perfeita ordem. Cumpro um ato consciente. O diretor está em seu posto.

Mas eis, agora, que o inconsciente chega ao primeiro plano. A conferência está terminada. Faz bom tempo. Concedo-me um momento de repouso; vou recrear. Deixo-me arrebatado pela multidão pela qual estou rodeado; a onda da cidade me conduz para o "*boulevard*"; é um caminho que conheço perfeitamente, que tenho percorrido milhares de vezes. Não tenho necessidade de prestar atenção aos meus passos; caminho como um autômato. Nesse momento, minha atenção é diminuída; minha consciência está inteiramente encantada pelas palavras que acabo de escutar, ouve-as ainda, associa-as, tira novas deduções; o consciente está atenuado em mim; é o inconsciente que entra em jogo, que me guia por caminhos perigosos, é ele que dirige e se diverte com os incidentes da rua e que os registra segundo o seu bel-prazer.

A distinção é capital e é necessário compreendê-la bem, quando se quer fazer a sugestão indireta, porque acabamos de o ver tão bem nas manifestações do corpo como nas do espírito: o consciente e o inconsciente subsistem lado a lado e, cada um, por sua vez, dirige os atos visíveis.

*

*

*

Pode-se saber, em um dado momento, qual dos dois, o consciente e o inconsciente, se acha no primeiro lugar, no que concerne à nossa atividade psíquica?

Sem entrar em maiores desenvolvimentos, é ocioso dizer que, em tese geral, quando a pessoa presta atenção, o diretor está lá, em pessoa, mas desde que esta faculdade enfraqueça, o inconsciente reaparece. É preciso, pois, assegurarmos do grau de atenção da pessoa que ouve. Estudai com cuidado os sinais dessa atenção. Se a pessoa a quem falais escuta o vosso desenvolvimento, interessa-se por ele, discute, enquanto toma parte ativa na conversação, não poderá haver dúvida, é a consciência que está em jogo.

Usareis, então, da sugestão raciocinada. A consciência pode admitir os vossos argumentos, se os apresentais de maneira a fazê-los agradar. Mas, se a atenção enfraquece, então o inconsciente chega ao primeiro plano e deveis continuar a vossa ação, usando da ação direta.

Como podeis julgar do grau de atenção que se vos presta? Seguindo atentamente a atividade mental da pessoa com que estais em conversação, nas suas palavras, nas associações de idéias que ela faz voluntariamente ou que obrigastes fazer.

A atividade muscular é também reveladora da atenção. A pessoa que escuta atentamente faz poucos gestos ou os faz inteiramente nítidos e precisos; ao contrário, aquele que se deixa ir à distração ou ao sonho, deixa pender as mãos ou as coloca frouxamente abertas. Não deixeis, principalmente, de olhar o rosto; é o espelho da alma e diz tudo a quem o sabe ver; o jogo dos músculos do rosto diz mais que a palavra. A pessoa que escuta, fecha fortemente os lábios ou os entreatre em um sorriso desenhado; aquele que vagueia intelectualmente e segue

os caminhos de sua fantasia, tem sorrisos lânguidos e doces, atonias em todo o rosto, manifestando um pensamento vago e distraído.

O olhar é a mesma coisa: o de alguém que vos escuta, se fixa sobre vós com extrema precisão, e a vista daquele que sonha ou devaneia é vaga e sem expressão. Tudo, na atitude de um ser, manifesta o trabalho interior.

*

* *

Um sugestionador hábil deve saber combinar a ação da sugestão raciocinada e da sugestão indireta.

Os poucos elementos que acabamos de dar podem bastar para influenciar, segundo julgue mais útil, seja o consciente, seja o inconsciente; um, pela sugestão raciocinada; o outro, pela sugestão indireta. Estudamos separadamente os dois métodos, porém, na prática, muitas vezes há a maior vantagem em excitar um e outro, combinando-os em u'a medida que não pode ser determinada senão depois de um estudo atento de cada caso particular.

Um e outro podem prestar grandes serviços se forem empregados isoladamente, mas é bom não os separar. Quando empregais, pois, a sugestão raciocinada, pensai na sugestão indireta e inversamente; desse modo, o poder do vosso pensamento atinge, ao mesmo tempo, o consciente e o inconsciente, obtendo assim, com extrema facilidade, o resultado que procurastes.

Tomemos um exemplo em que a sugestão indireta seja tão necessária quanto a sugestão raciocinada.

Uma pessoa vem à vossa presença, acabrunhada por um grande desespero. Sofreu cruéis decepções; sofre mágoas de coração que quase lhe tiraram a coragem de trabalhar e enfrentar as dificuldades da existência. Renunciou

à vida que, no estado em que se encontra, parece comportar apenas motivos de desgosto; não quer viver; o suicídio lhe parece a única solução racional do estado de coisas que a rodeia. É um pobre farrapo humano, sem energia e sem crença. Todos os seus sonhos e todas as suas esperanças soçobraram na tempestade.

Para que mais procurar, doravante, o que possa interessá-la na vida? O amor mentiu, sendo preferível morrer.

Para com um ser que atravessa horas tão trágicas, seria cometer uma falta procurar meios-termos; é preciso intervir logo, agir por todos os meios, não medir nem tempo nem fadigas. Antes de tudo, é preciso merecer a sua estima e a sua confiança. Não é um conselho que se pode seguir ou não: é uma necessidade primordial.

São precisas maneiras doces, palavras amigas, um rosto ao mesmo tempo tomado da mais terna piedade e da mais firme confiança.

As vossas palavras afetuosas devem atrair confidências sem pedi-las; não deveis deixar transparecer, em momento algum, o pensamento desolante que podeis duvidar de vossa força. Essa força deve ser ou parecer segura de si mesma. É preciso que tomeis ascendente sobre essa alma desamparada, mas esta empresa necessária deve ser doce e amigável; não deveis aparentar aborrecimento ou constrangimento.

É preciso que o doente se sinta com toda a liberdade junto de vós e que nada de vossa parte venha perturbá-lo e fatigá-lo, procurando impor-se, fascinar. Vossas palavras serão medidas pela força que sentis. Vale mais rodear-vos de uma espécie de mistério do que aparecer como vencedor. Não vos impondes, sois procurado; não sois um intruso, um conquistador, mas um amigo. As vossas mãos

devem estar estendidas em um gesto fraternal. O vosso coração está aberto e conquista a confiante amizade.

*

* *

Vosso poder aumentará pelo silêncio no qual sabereis envolver-vos. O ruído é nefasto nessas espécies de curas e não poderíeis vos isolar devidamente.

Se a noite está próxima, a iluminação será a suficiente e não muito viva.

Evitai, no lugar onde estiverdes, tudo o que pode ser causa de distração, tanto para o doente como para vós mesmo. Nenhum ruído exterior. O silêncio mais religioso deve reinar, somente entrecortado pelas palavras que haveis de trocar.

Deveis harmonizar-vos também com essa ordem de calma e silêncio. Tudo, nos vossos gestos, nas vossas palavras, deve refletir a vossa calma interior. Que as vossas palavras sejam medidas, que a vossa voz seja doce; quando ela deve apaziguar, é preciso que se torne como uma lenta melopéia que embala e consola o desgosto. Esse silêncio amigo que flutua no ambiente, essa paz interior que se exterioriza de toda a vossa pessoa, acalmam logo o inconsciente do doente.

Antes mesmo que a consciência do desamparado tenha solicitado o vosso auxílio, o inconsciente é misteriosamente tomado pelo encanto que soubestes criar em torno de vós.

Isto é de uma grande importância e, entretanto, são coisas que se ignoram geralmente, nadas que, entretanto, dispõem o ser a aceitar a vossa ação. São nadas que agem poderosamente pela doçura, a calma e o magnetismo ambiente.

No exemplo que escolhemos, o vosso fim é acalmar um ser que está perturbado e aflito. É preciso compreendê-lo.

Fazei sentar o vosso doente bem à vontade, em uma poltrona baixa e profunda. É mais importante do que o imaginais, que o doente esteja sentado de um modo confortável e imóvel. Mais essa pessoa está agitada, doente, prostrada ou desamparada, mais essa atitude é necessária. Uma poltrona fofa e profunda é um acessório dos mais úteis.

O repouso do corpo predispõe ao repouso do espírito. O desesperado é sempre assaltado por uma série de pensamentos doentios. Há, no seu espírito, uma cristalização de toda a sua atividade mental, uma polarização particular de seus pensamentos que faz com que o doente não veja os acontecimentos senão sob um prisma muito particular; lança-se no seu desespero; acredita-se perdido, incurável; Julga-se demais na vida; pensa no suicídio.

Ora, o que é preciso, antes de tudo, é fazer cessar essa nefasta cristalização; é procurar libertar o espírito dessa atenção mal compreendida. É sob esse ponto de vista que o repouso do corpo é útil. Facilita, traz a calma do espírito. Quanto mais o espírito ficar em repouso, mais permeável será à vossa ação.

*

* *

A pessoa desamparada está, pois, assentada diante de vós, confortavelmente, a seu gosto, em uma calma religiosa que auxilia a apaziguar a sua perturbação, em um quadro favorável que lhe agrada, em um ligeiro mistério que a envolve já de poesia e encanto.

Muitas vezes, esses elementos bastam para a conquista do inconsciente; tocastes bem profundamente a parte emocional e sentimental. A calma reina em vós, uma calma soberana que impressiona já aquele que veio pedir-vos a força. Sois, neste momento, como o iniciado que Vitor Morgan compara a um "*leão deitado*

que, com o seu calmo olhar, contempla, acima da cabeça dos homens, horizontes de flamas". O perigo ronda em torno de vós; é o doloroso pensamento do suicida que espalha a sua sombra nesse cérebro agitado.

O pobre doente está aí, prostrado, sem outra força além da vossa. Mas, sentis em vós poderosas energias; sabeis antecipadamente que sereis vencedor do mal. Poderíeis mandar, impor a vossa vontade, usar de uma sugestão brutal, mas não o quereis. As vossas palavras poderiam, como a rajada que levanta as folhas mortas, varrer, de repente, desse cérebro desamparado, todos os pensamentos mórbidos, arrancar desse coração tudo o que o faz sofrer, de maneira apenas a curá-lo em seguida, a cuidar dessa chaga que sangra.

Porém, não; o instante não é favorável para um trabalho tão violento. Estais aí, senhor de vós. Esperais o instante propício para agir. A vossa intervenção, nesse momento, arriscaria a não ser decisiva. E é preciso que o seja.

O que vos é preciso não é obter do vosso doente lágrimas para acalmá-la, nem soluços para apaziguá-lo. Não é mesmo uma calma exterior, esse sorriso superficial que é uma aquiescência polida à tarefa que empreendestes, porém que, logo depois, deixará reaparecer a desgraça inevitável, o tédio que, nem sempre, podemos dominar.

Não; o que procurais é despertar a vida no fundo do ser e renová-la completamente; é a alegria que quereis ver brilhar em toda a pessoa, uma alegria que se não apagará mais, porque terá deitado raízes no mais profundo do coração.

O que quereis possuir é toda a extensão da consciência; é também e principalmente o campo do inconsciente, muito mais vasto ainda.

Assentado a alguma distância de vosso doente, bem a vosso gosto também, esperai, pois, o instante favorável para agir de maneira decisiva, para

cruzar o ferro com o vosso adversário que é o desgosto, o desespero, tudo o que desviou, para fins nocivos, as forcas do vosso doente.

Antes de vos empenhardes nesse combate, procurai conhecer esse adversário a fundo para determinar os seus pontos fracos.

Observai com sagacidade, mas com a vista calma e sem rudeza.

O mistério que paira é vosso poderoso auxiliar; a calma religiosa do ambiente é um meio de repouso que adoça, então, o desgosto que deveis obrigar a fugir.

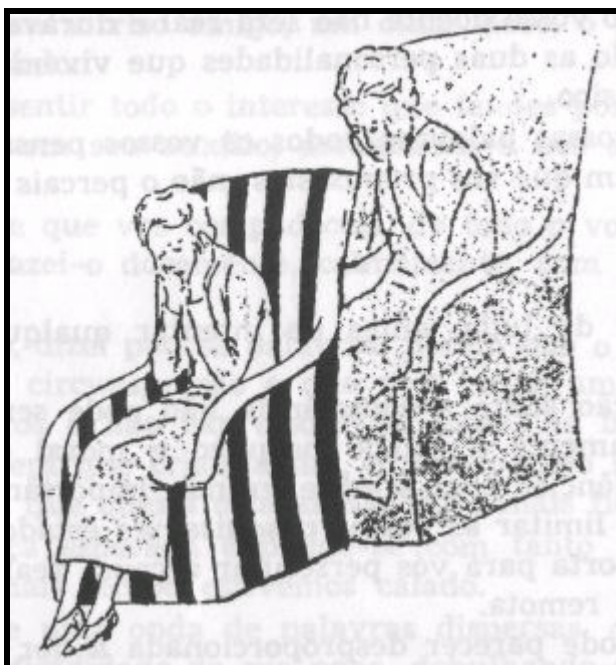


Figura 10: A ação psicológica deve ser dirigida ao Consciente e ao Inconsciente, como a duas entidades independentes.

Estais Junto de uma pessoa a reconfortar? É preciso representardes o corpo como a casa do consciente. Por um esforço do vosso espírito, materializai, atrás desse corpo, uma secunda personagem que se ligará a ele como uma sombra. Esta sombra representará aos vossos olhos o inconsciente. As duas entidades diretoras da personalidade humana devem aparecer-vos lado a lado e é sobre ambas que deveis, alternativamente, dirigir a vossa ação.

Observai atentamente a pessoa que está sob os vossos olhos a fim de terdes a certeza se é o inconsciente ou o consciente que ocupa o primeiro posto no corpo em que vedes.

Vão suceder-se alternadamente. A vossa ação, segundo julgardes propício o momento para exercê-la, será diferente, de acordo com o primeiro ou o segundo.

A princípio, tereis a vantagem de imaginar que vedes essas duas entidades presentes, seja lado a lado, seja uma atrás da outra, mas nitidamente distintas.

O corpo do paciente será, para vós, a casa da consciência, mas, atrás dele ou ao seu lado, deveis imaginar a sua sombra que considerareis como a sede do inconsciente.

Ambos terão, no vosso espírito, a mesma atitude. Deveis dirigir-vos aos dois. Pensai, principalmente, no inconsciente, nesse hóspede desconhecido, "*nessa grande figura, de que fala **Maeter-linck**, que está lá, desde todos os tempos, nas trevas*".

É necessário que possais distinguir, sem hesitação, as duas entidades que compõem a personalidade psíquica de vosso paciente.

É indispensável que sintais ambas presentes.

É sobre elas que a vossa ação se deve exercer e o bem que procurais para o vosso doente não será real e durável senão quando tiverdes atingido as duas personalidades que vivem nele ao abrigo de seu corpo físico.

Todas as vossas palavras, todos os vossos pensamentos devem tender para o fim que vos propusestes; não o percais nunca de vista.

*

*

*

Mas, antes de tudo, antes de intentar qualquer ação, sabeis escutar.

A vossa ação sobre a consciência não pode ser eficaz se não conheceis exatamente o estado psíquico e moral da pessoa. As menores minudências têm sempre grande importância.

Não deveis limitar as vossas pesquisas ao estado atual do vosso doente. Importa para vós perscrutar a causa real do mal e esta pode ser muito remota.

Tal crise pode parecer desproporcionada à dor que ela aviva, se não conheceis exatamente os fatos que a motivaram.

De outro lado, cada um julga com o seu caráter particular e o sugestionador deve ser, antes de tudo, um psicólogo avisado que saberá pôr em linha de conta muitos fatores que, para outros, poderiam parecer de pouca importância. São precisamente estes fatores particulares: escrúpulos, delicadezas de sentimentos, etc. ... que contribuíram poderosamente para determinar o estado que deveis combater.

O que não é para um senão uma palavra sem importância, toma aos olhos do escrupuloso um caráter grave, sagrado às vezes. Uma promessa de união eterna e completa faz de uma jóia muito comum, uma aliança, um sinal visível de compromisso que tem tal pessoa para toda a vida.

Aliás, são muitas vezes os mais fracos indícios os mais reveladores e um momento de distração de vossa parte pode fazer perder um dos mais importantes elos da cadeia, um elo sem o qual vos será bem difícil reconstituí-la.

É preciso que conheçais as menores minúcias dos fatos, para que possais estabelecer o grau de gravidade que apresenta o estado ao qual a dor pôde conduzir o vosso doente.

Se desespera, não é nunca sem motivo e se seus motivos vos parecem infantis ou bizarros, é sem dúvida porque ele acrescenta aos fatos, em aparência

sem interesse, um pensamento inteiramente diferente que os modifica na sua manifestação.

Se soubestes inspirar confiança àquele que deveis curar, desde as primeiras palavras, sente ele um apoio na vossa amizade que se oferece.

Seu coração ulcerado não reclama senão abrir-se e muito poucas palavras, um sorriso amigo, um olhar doce, o próprio silêncio devem encorajá-lo.

Fazei-lhe sentir todo o interesse que tendes por ele e o desejo intenso de vir em seu auxílio, arrancando-o aos seus pensamentos maus.

Mostrai-lhe que vos compadeceis, de todo o vosso coração, de suas penas. Fazei-o docemente, calmamente, com a gravidade de amigo.

Ao começo, dissei poucas palavras, porém que o doente as sinta em toda a sua circunspeção e que veja nelas uma promessa segura de socorros e não expressões ao acaso, de banal polidez.

Na atmosfera que criais assim, o desesperado se sente mais à vontade; o mal que queria ocultar não quer mais ficar em segredo.

A confiança esperada expande-se com tanto maior simplicidade quanto mais tempo estivemos calado.

Através de uma onda de palavras dispersas, o aflito vos faz conhecer a profundidade de sua pena, debulhando-se em lágrimas, em soluços.

Deixai-o; ajudai mesmo, por uma palavra amiga, esse transbordar da dor; as lágrimas levam uma parte da mágoa e é como um abscesso que se abre.

Deixai o doente falar; deixai-o esvaziar toda a sua amargura. Falai pouco e somente quando ele se cala; não interrompais as confidências que vos abrem plenamente o coração que quereis curar. O momento de vossa atenção direta não é chegado ainda; perderíeis muito se vos apressásseis. Vosso dever, nesse momento,

é redobrar a atenção. Durante essa onda de palavras e de lágrimas, observai, vede qual a queixa que mais freqüentemente se repete, procurai o ponto sobre o qual deveis dirigir a vossa ação, quais são as interpretações excessivas que deveis corrigir quando o momento vier. O amor ferido pode tomar muitas formas e a ruptura de que se sofre pode ter atingido a vaidade, o amor-próprio, o orgulho tanto quanto uma real ternura. Na pessoa que estudais, qual é o elemento que predomina? É, principalmente, uma cerebral, uma sentimental, uma emotiva, uma afetuosa, uma sensual?

Tudo isso ser-vos-á útil e deveis notá-lo cuidadosamente no vosso espírito.

Deveis também tomar nota da parte da exageração dolorosa do que vos é contado.

Uma poeira na vista sempre nos parece enorme. Mas aquele que a considera de fora, para tirá-la, a vê em suas justas proporções.

Desembaraçai o fato preciso das interpretações e recriminações que a aumentam ao infinito.

Para aquele que sofre, a pessoa que causou o desastre está coberta de crimes; pode acontecer que seja simplesmente um desajeitado ou que aquele que sofre tenha exigido, do ser amado, sentimentos que não podia dar.

Concebei essa forma de espírito para fazerdes idéia da realidade e, para vossa própria edificação, reduzi as coisas à realidade.

Deixai a onda correr, mas se sentis uma reticência, proponde uma questão discreta; não tenteis forçar o pudor doloroso daquele que se vos entrega; agi delicadamente; que a vossa questão aja uma nota de interesse e não de curiosidade. Esperai, entretanto, que a onda de lágrimas e palavras cesse por si

mesma. O doente, por este afluxo de palavras e soluços, vos tomou como confidente, como confessor. Espera o vosso auxílio.

Vê-lo-eis por seus olhares que suplicam a vossa assistência.

As palavras do doente dizem sempre o seu desespero, mas com menos poder.

Já a vossa presença somente algumas palavras de conforto que fizestes ouvir, a calma soberana de vossa atitude, o tom de vossas palavras e a vossa impassibilidade conquistaram o inconsciente.

Apenas falastes e já a sugestão penetrou no inconsciente, e se revela no brilho novo desses olhos nos quais iluminam clarões de esperança.

Certamente, o diretor está ainda preso a seu desespero; fala-vos sempre de suicídio. Se fordes observador negligente, pensareis que nada está feito ainda. Entretanto, o subdiretor manifesta, pelo clarão dos olhos, que a esperança está prestes a florescer e que se espera tudo de vós para entrar de novo na vida normal, para encontrar novamente o encanto de tudo o que é delicioso no mundo.

Observai bem o inconsciente. Apela para a vossa força como um naufrago que chama desesperadamente o navio que passa. Já tem fé. Sabe que lhe dareis o vosso apoio, conta com isso, antecipadamente. Tem tanto desejo de viver! Sois para ele o salvador. Por ele, por esse impulso que já vos entrega, sentis que a batalha, apenas começada, está prestes a ser ganha.

O inconsciente reclama o vosso apoio, mas vos traz o seu. É um auxílio precioso e com o qual podeis contar.

*

*

*

Chegou a hora de influenciardes na consciência.

A vossa ação, desde o primeiro encontro, deve mostrar-se decisiva. Já o sabeis: não há derrota possível no que empreendeis. Escutastes pacientemente o tempo necessário. Algumas vezes, em casos extremos, essa confissão lamentável durou duas horas, três mesmo. Que vale isso quando assumistes a tarefa de salvar um ser?

Até aqui escutastes religiosamente o desesperado que vos confiava toda a sua mágoa.

Agora os papéis mudam. É preciso que ele vos escute, que as vossas palavras penetrem na sua obra até que sinta reconfortado e transformado. É preciso!

É aí que começa a vossa ação direta, mas deve ser essencialmente doce. Em caso algum deveis perder a vossa calma. É preciso encontrardes encorajamentos para incutir no coração cansado a força de lutar; argumentos decisivos para lhe demonstrar que nada está perdido, que um desgosto por maior que seja, uma desavença por mais lamentável que seja, não bastam para destruir em nós o sentido da vida, que nos ficam ainda grandes alegrias e belos deveres que valem a pena de viver.

Essas palavras precisam ser ditas com doçura, sem aspereza, mas com força. É preciso que as vossas palavras sejam como fios invisíveis que teçam uma armadilha, uma rede em que o paciente se encontrará, de repente, docemente aprisionado. Toda a personalidade deve ser emocionada por vossa voz, captada por vossos pensamentos, sacudida pela vossa fé sincera ganha pelo vosso entusiasmo, convencida pelo vosso raciocínio que não deve deixar margem à negação.

Sois o sol que conduz a alegria e o renascimento à planta que se julgava morta.

Cuidai dela e não vos deixeis cair em desfalecimento algum. O sucesso o exige.

Não vos apresseis, entretanto. Que cada palavra tenha inteiramente o seu valor, mas não deixeis ao doente ocasião de intervir de maneira seguida no que dizeis, nem lhe deixeis tempo para fazer associações de idéias que o desviariam do fim necessário aos vossos desejos; ele não deve pensar mais no seu desgosto, e sim na sua cura.

Pode acontecer que, a princípio, por qualquer fraca exclamação, a pessoa manifeste a sua incredulidade. Combatei as objeções com doçura e perseverança. Procurai mil argumentos sugestivos. Deveis sentir que, sob o vosso simples impulso, as idéias mórbidas cedam uma a uma. Vós as fazeis cair, uma após outra, como as pedras de um edifício mal construído e, em breve, sob os vossos esforços ininterruptos, o edifício vai ruir.

Atingido esse fim, é preciso não deixar ao vosso doente a sensação penosa do vazio.

Resta-vos reconstruir e é preciso fazê-lo imediatamente. A tarefa é urgente.

É preciso pôr diante do espírito um novo ideal, dando ao pensamento uma nova orientação. É preciso mostrar ao ser dolorido que, após a tormenta, após o mais cruel inverno, outro ciclo vai renascer e fazer florescer uma nova esperança.

Não há mal incurável para aquele que tem vontade de viver uma vida harmoniosa e útil. O vosso doente está no número desses; desceu um declive funesto, mas quer já subi-lo e estais perto dele para lhe estender a mão nessa ascensão difícil. Quem poderá resistir àquele que quer voltar para a luz? Fazei-lhe compreender essa idéia; sustentai-a por raciocínios claros e lógicos; fazei-lhe

entrever horizontes grandiosos e magníficos, porém que não devem parecer fabulosos. O que prometeis deve parecer sempre realizável. Sugeri, sugeri sem repouso, porque a cura será obtida a esse preço.

É preciso que a vitória seja obtida no mesmo dia, desde essa primeira entrevista.

Não deixareis a pessoa senão no momento em que virdes brilhar nos seus olhos a certeza do vosso sucesso, a confiança renovada, o desejo de viver.

O doente deve deixar-vos, dizendo: *"Oh! que bem me fizestes! Estou salvo!"*

A crise grave está conjurada. A vossa tarefa não está certamente terminada, mas está em muito bom caminho. Nos dias que se seguirem, ela será tanto mais facilitada quanto mais tiverdes confiança no resultado obtido, quanto mais tiverdes o hábito de perscrutar, atrás de um rosto impassível, todo o mistério que aí se oculta.

É assim que todo iniciado que compreende a sua missão no mundo, que conhece as forças latentes em si mesmo, que as desenvolve com o fim de auxiliar aqueles que sofrem e apressar a sua evolução, pode realizar verdadeiros milagres.

Não há obstáculos que possam resistir a uma evolução bem disciplinada e consciente do bem que pode fazer.

Repetimos e repetiremos sempre o que dissemos no nosso livro *Voici la Lumière*: *"Não há dor que não se possa acalmar; não há dúvida que não se dissipe; não há tormento de coração, por maior que seja, desordem de espírito, seja qual for a sua intensidade, a que não se possa dar remédio; não há sombra alguma que não possa ser iluminada"*.

Não nos podemos estender aqui mais longamente sobre este assunto, que desenvolvemos mais largamente no nosso *Curso de Magnetismo Pessoal*, indicando todos os modos de sugestão verbal (imposta, raciocinada e indireta) de que demonstramos a ação e explicamos o mecanismo psicológico.

Indicamos aí os resultados que podem esperar de cada método.

É, pois, essa a obra que recomendamos aos leitores curiosos de minudências que não poderiam encontrar o seu lugar aqui.

*

* *

Resta-nos dizer algumas palavras da ação à distância de nossos pensamentos, não expressos pela palavra. Essa ação é possível, verificada, indiscutível. Ela se produz espontaneamente ou voluntariamente e, nos dois casos, por um mecanismo análogo ao da telegrafia sem fio.

A telepatia — isto é, essa transmissão espontânea ou involuntária — é um fato inegável do qual todos falam e cujos exemplos citados são em número quase infinito.

Gurney, Myers e Podmore, Camilo Flammarion, Carlos Richet, Heitor Durville e muitos outros recolheram observações típicas que não podem deixar nenhuma dúvida a este respeito.

Inúmeros fatos atestam a possibilidade de transmitir o pensamento a grande distância.

Podemos reproduzir voluntariamente esses fatos de telepatia espontânea. Sim, isto é certo. Experiências há que o demonstram. O Dr. Ochorowicz, o Dr. Perronnet, Heitor Durville, o Professor Carlos Richet, o Dr. Janet e G. Fabius de Champville citaram experiências que merecem fé.

Pode-se não somente transmitir pensamentos, mas também sentimentos. Isto não se faz sem esforço; é preciso uma prática longa e difícil.

Antes de tudo, é preciso ser psiquicamente forte e senhor do seu pensamento. O que dissemos do exercício necessário para praticar a sugestão verbal, pode ser dito com mais utilidade, dessa prática especial, porque é ainda mais difícil.

A senhora Annie Besant, estudando o poder do pensamento, assim se exprime:

"Quase todo o mundo, atualmente, está deseioso de praticar a transmissão de pensamento e sonha com as delícias de se comunicar com um amigo ausente, sem recorrer ao telégrafo e ao correio".

"Muitas pessoas parecem crer que lhes bastará, para cumprir essa tarefa, ligeiro esforço e ficam surpresas quando vêm malograr a sua empresa. É claro, entretanto, que é preciso ser capaz de pensar antes de poder transferir o seu pensamento e que certo poder de pensamento vigoroso é necessário a fim de projetar, através do espaço, essa corrente de pensamentos".

"Os pensamentos fracos e vacilantes da maioria das pessoas não produzirão senão vibrações vacilantes na atmosfera do pensamento, vibrações que aparecem e se desvanecem sem nenhuma forma definida e dotadas de uma vitalidade infinitamente fraca".

"Uma forma-pensamento deve ser nitidamente recortada e de uma vitalidade sólida, se está destinada a ser lançada em uma direção definida, e se se requer dela bastante força para que, chegando ao destino, determine uma reprodução de si mesma."

Certamente, os pensamentos são forças. Podem ir transmitir longe os nossos desejos e as nossas emoções.

Meu pai, Heitor Durville, consagrou uma obra inteira a esta questão, o seu *Curso Superior de Magnetismo Pessoal*. Mostra, em seu trabalho, quais são as condições a preencher para realizar ações a distância*.

A ação telepsíquica é necessariamente moral. É preciso bem penetrar-se de certa segurança que o psiquismo não pode, em caso algum, servir a uma obra nefasta.

Quer seja a sugestão verbal ou mental, nada pode fazer contra o indivíduo, nada que não possa ser sério e durável.

Aquele sobre quem queremos exercer autoridade é sempre livre de aceitá-la ou recusá-la.

No domínio do inconsciente, o instinto é um guardião que se não deixa seduzir.

Quer a ação seja exercida a pequena ou a grande distância, é o mesmo, e é uma crença errônea a que afirma ser possível causar impunemente dano a seu próximo por essas espécies de trabalhos. A experiência prova que todo ser guarda sempre o seu livre-arbítrio. Mesmo agindo sem que a pessoa o saiba de longe ou de

* Heitor Durville: *Curso Superior de Magnetismo Pessoal, Telepatia, Telepsíquica (Ação à distancia)*.

perto, o instinto de defesa é sempre mais forte que toda ação exterior. Nem uma surpresa é possível.

No que nos concerne, não temos nenhuma hesitação. Posto que assim seja, certos espíritos mal-humorados conservarão os seus temores e apregoarão a imoralidade!

E depois, mesmo admitindo-o — o que é impossível — certo perigo, deveríamos guardar, rigorosamente, segredos de tais ensinamentos? Certamente não-

Temos todos uma faca sobre a nossa mesa ou na nossa algibeira. Pelo fato de um "*apache*" ou um louco poder servir-se dessa faca para assassinar o seu semelhante, é preciso suprimir da terra todas as facas? É preciso tomar esse objeto útil daqueles que não se servem dele senão para as necessidades mais pacíficas?

Do mesmo modo acontece com a sugestão, que presta, cada dia, imensos serviços. Deve ser empregada, mesmo se, em certos casos — e não o cremos — essa força possa ser momentaneamente utilizada para o mal.

Posto que o seja, expusemos os poderes do pensamento, com certa reserva.

Demos apenas direções gerais. O caminho está delineado, os pontos principais estão indicados. Cada um deve agir segundo as suas qualidades e a força de seu espírito. Se a vontade e o desejo do bem esclarecem o leitor, ele descobrirá o que não acreditamos dever precisar. Chegará ele por si mesmo ao cumprimento perfeito da obra.

*

*

*

Qual deve ser a visão do iniciado?

Deve ver aqueles que o rodeiam como outras tantas casinhas, cada um atendo o seu jardim que lhe dá certa autonomia.

Cada casa é linda e agradável; cada uma tem o estilo que lhe dá fisionomia particular.

Cada casinha é um corpo habitado por uma consciência. Os seus pensamentos são decorações com as quais enfeita o interior. Ao redor de cada "vila" estende-se um grande jardim; é o domínio do inconsciente.

Entre muitos seres, esse campo do inconsciente é inculto; os seus espessos matagais o ensombream; mas, desde que aí se põe um pouco de ordem, o temor desaparece.

Aqui plantam-se flores, ali árvores. E, em breve, o belo jardim nos encanta.

O Iniciado deseja que essas habitações se multipliquem, que sejam sempre mais belas e mais agradáveis para a felicidade de cada um.

Cada domínio é privado e o iniciado terá escrúpulos de transpor a porta.

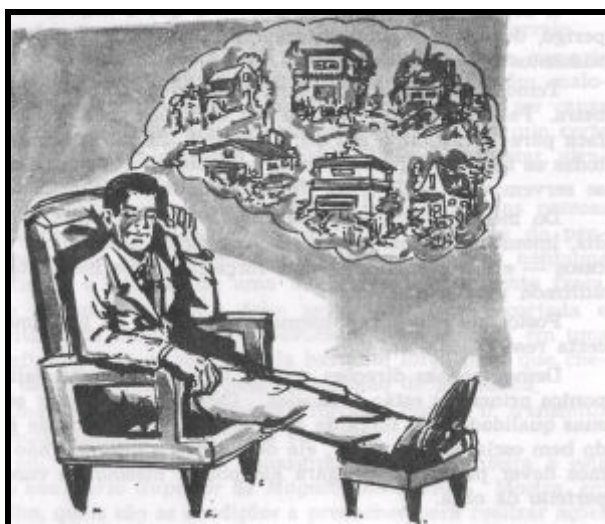


Figura 11: O sonho do iniciado.

O iniciado vê todos os homens como casinhas rodeadas de um belo jardim. Cada construção tem um estilo particular, como cada ser possui um caráter e tendências que lhe são próprios. A casinha é o nosso consciente que cada um deve embelezar. Em torno se alarga o jardim; é o domínio do inconsciente que é preciso não ignorar.

Mas deve responder a todos aqueles que esperam dele os meios de tornar a habitação mais bela, o jardim mais fértil. E ele sabe que a paz do lar é o primeiro elemento da paz do mundo.

O Sentimento

Os dois modos de percepção do ser humano: compreender e sentir.

— A educação do coração e como deve ser compreendida. — Necessidade de desenvolver em nós a parte emocional. — Alegrias sentimentais. — O sentimento entra como fator importante em todos os atos da vida. — Os magnetismos misteriosos que criam o desejo, o impulso irresistível, a comunhão de pensamento, o encanto da amizade. — A Natureza é a sua poderosa magia. — O espírito é, muitas vezes, o joguete do coração. — Porque e como remediá-lo. — A verdadeira alegria altruística.

O ser humano tem dois modos de percepção: compreender e sentir. Em vez de um ser prejudicial ao outro ou haver incompatibilidade entre os seus poderes, eles se completam e se compensam mutuamente.

O homem tem tanta necessidade de compreender, raciocinar, julgar, examinar claramente os fatos, como tem necessidade de sentir, experimentando sentimentos e emoções que dão ao seu pensamento os elementos que servem de base aos seus estudos e julgamentos.

O cérebro e o coração têm, cada um, o seu papel a representar e um não pode invadir as atribuições do outro.

Certamente, o intelecto é um crivo indispensável que deve reter tudo o que julgamos nefasto à nossa vida mental, mas, como disse Pascal com tão delicada concisão: o coração tem as suas razões que a razão não conhece. Os dois são necessários, pois colaboram na mesma obra.

Entretanto, para que os dois elementos de nosso conhecimento possam prestar-nos os serviços que estamos no direito de esperar, um e outro devem ter recebido uma educação que desenvolva e discipline os seus poderes.

No que concerne ao espírito, vimos que o elemento que lhe permite o mais magnífico desabrochar é a atenção. É uma faculdade primordial que, se sabemos desenvolvê-la, dá-nos u'a memória fiel, associações de idéias mais numerosas e mais rápidas, julgamento mais são e mais sólido.

A educação do coração é um problema muito mais complexo e do qual, é preciso dizê-lo, nos preocupamos muito pouco.

Confundimos, muitas vezes, sentimentalismo com sensibilidade. Certamente, uma sensibilidade falsa e exagerada não pode conduzir senão a desgostos, porém, como estamos longe do verdadeiro sentimento!

Em nossos dias, tem-se a tendência de suprimir a sensibilidade do coração.

Queremos subordinar o sentimento à razão e, indo de um excesso a outro, decretamos que o domínio tão vasto do coração deve ser reduzido ao seu mais simples limite.

O pretexto que se dá é que o coração está sujeito a arrebatamentos. Certamente, sim, e o fato é deplorável.

Mas, nessas condições, é bem o coração que é preciso suprimir, ou somente os seus impulsos desordenados?

Seria perigoso suprimir a fonte, talvez a mais delicada, de nossas alegrias, para evitar os seus desvios. Se se generalizasse tal método, isto seria equivalente a suprimir o estômago de um homem para evitar que ele esteja sujeito a indigestões.

O ser humano, despojado de todo sentimento, além de que seria um anormal, achar-se-ia, ao mesmo tempo, privado de sensações doces ou pungentes, de alegrias esquisitas, de dores mesmo, sem as quais a vida não existe.

Se se tem a tendência a classificar as pessoas em cerebrais e sentimentais, não é pela existência exclusiva de um dos dois modos de percepção; é somente pelo predomínio de um deles.

É uma confusão que se faz muitas vezes e que é a causa de grandes erros.

É admitido, em princípio, que o homem é mais cerebral, e a mulher mais sentimental. Isto não é, de modo algum, absoluto. O homem, na média dos casos, é submetido aos trabalhos mais exteriores, assumindo responsabilidades mais pesadas na direção da vida material. É o que o obriga a considerar a existência sob um ângulo mais positivo e mais prático, mais racional se quiserem. É constrangido, pela necessidade de viver e fazer viver, a ter uma direção de espírito mais refletida.

Quanto à mulher, que é o seu complemento, desenvolve, no interior da casa, as suas qualidades de coração e de sentimento, dá livre curso à sua natureza sensível, mais intuitiva que a do homem. É, principalmente — e está muito bem assim — um ser de sentimento, que exalta todas as suas potências no sentimento filial, o sentimento de amor, o sentimento maternal; ela se prende melhor e mais que o homem e sente, mais profundamente que ele, as alegrias e decepções que provêm do sentimento.

*

* *

Seria errôneo, entretanto, crer que o sentimento seja uma espécie de enfermidade e que é preciso fazê-lo desaparecer.

Há necessidade, ao contrário, de desenvolvê-lo em todos os seres, de fazer todas as criaturas participarem das delicadezas da sensibilidade, das luzes da intuição.

Somente é de máxima importância que o ser seja senhor de sua sensação, que reprima todo exagero, porque todo desregramento é perigoso para a parte de nós mesmos por ele afetada. A desarmonia do corpo é a doença; o desequilíbrio de espírito é a desordem; a perturbação do coração é o desgosto.

A saúde — seja orgânica, cerebral ou moral — não reside senão em um perfeito equilíbrio e é para este fim que nos devemos encaminhar.

Consideramos que cada pessoa deve desenvolver as suas qualidades sentimentais, do mesmo modo que as suas faculdades psíquicas. O ser deve aperfeiçoar-se, acrisolar-se, — sem o que as mais belas alegrias da terra lhe são recusadas. Que doce satisfação a de prestar serviços àquele que sofre! Que prazer fazer saltar um clarão nos olhos de uma criança, levar-lhe um brinquedo, um nada que vai iluminar a sua doce fisionomia! Que emoção poderosa experimentamos ao lado do ser amado! E que calma nos invade quando admiramos as delicadas belezas na Natureza! A violência e a imensidade do mar despertam em nós todo um mundo de emoções. O perfume sutil da menor das flores nos encanta pela sua magia penetrante ...

*

* *

Mais do que qualquer outra pessoa, o iniciado deve desenvolver o seu poder emocional.

É com ele que deve contar para estabelecer, entre o seu magnetismo e o da pessoa que quer curar e regenerar, essa harmonia sem a qual a sua intervenção seria sem efeito.

Nenhuma grande ação psíquica pode ser coroada de sucesso sem este poder emocional.

Por outro lado, não é senão pelo sentimento e pela intuição que o adepto conseguirá pôr-se em contacto com as energias superiores para lhes haurir forças que deve espalhar em torno de si.

É sob essa única condição que poderá preencher a sua missão.

O cérebro compreende e concebe, mas o sentimento imprime no interior de nós mesmos um sentido especial.

E, se a delicadeza desse sentido interno varia de um para outro, não existe menos por isso em cada um de nós. No domínio do corpo, não experimentamos todos o sentimento da sede, da fome, da dor e da fadiga?

Este apelo interior reage sobre o nosso cérebro que nos ordena a beber, comer, a nos cuidarmos, a cessar o nosso esforço.

Em uma ordem mais elevada, os nossos olhos nos dão o sentimento do belo; são eles que transmitem ao coração e ao espírito a alegria de um belo espetáculo; são eles que nos fazem gozar a harmonia de uma paisagem onde a luz e a sombra se casam na penumbra verde e movediça das folhas, onde a água faz deslizar as suas fitas de prata no espesso veludo das relvas .

Os nossos olhos nos dão mais ainda, mostrando-nos os seres queridos.

O ouvido nos faz apreciar as alegrias da música e as doces inflexões da palavra humana em suas modulações variadas; registra mil ruídos que se misturam na Natureza em harmonias suaves e doces; dá-nos as concepções do gênio ou do

talento que exprimem, com o auxílio dos sons, as nuances mais delicadas do pensamento e do sentimento.

E, em um domínio mais alto, o sentimento presta todas as suas graças e suas poesias à lei de conservação da espécie, quer seja ele o amor dos esposos que fará renascer a vida, quer seja o sentimento materno que encontra tantas doçuras nos cuidados delicados e atentos de que necessita a vida do pequeno ser tão penosamente posto no mundo.

Vê-se que o domínio do sentimento é infinitamente extenso. Tem o seu lugar na vida e esse lugar não é secundário.

Os filósofos disseram com sagacidade: é a razão que esclarece o homem, mas é o sentimento que o conduz.

Os seres humanos agem mais pelo sentimento que pela reflexão. É certo que a maior parte das grandes ações foram executadas no auge do entusiasmo.

É permitido supor que nem sempre se teriam produzido, se tivessem sido postos na balança a utilidade de tais ações e seus perigos.

É que o sentimento é uma faculdade interior de percepção e de apreciação que não revela julgamento, mas um sentido especial, interno. É ele, esse sentimento, que guiou tais entusiastas; os emotivos vibraram, comoveram-se, tocaram-se e agiram em conseqüência, espontaneamente, sem mais exigirem.

*

* *

O sentimento entra como fator importante em todos os atos da vida. Aqueles mesmos que se riem do sentimento e se acreditam muito fortes para estarem sujeitos a ele, são talvez aqueles que lhe cedem mais, e mais facilmente.

É no amor, principalmente, que a parte do sentimento é preponderante. Não são os raciocínios mais capciosos que chegarão a essa atração irresistível de um ser para outro. É o sentimento que dirige o apelo íntimo, profundo e espontâneo da espécie que quer viver.

Bem antes do julgamento ter podido formar-se uma opinião, antes da reflexão poder exercer-se, a escolha do sentimento é fixada de maneira definitiva.

Por que a vista de uma pessoa de traços comuns nos mergulha em uma deliciosa perturbação, enquanto u'a mais bela não retém nem mesmo a nossa atenção?

Por que tal voz nos deixa emocionado, perdido em um mundo de idéias felizes e sensações delicadas, quando outras vozes mais exercitadas, conversações mais sutis e mais sábias, não nos deixam senão o fugitivo prazer de uma simples palestra?

Mistério que Montaigne exprimiu muito bem quando disse, falando de sua amizade por La Boetie: porque era ele e era eu. Os maiores letrados não descobrirão nunca a razão mais justa, porque era ele e era eu. Os maiores letrados não descobrirão nunca a razão mais justa, por que a razão nada tem que fazer aqui.

*

* *

Porém, a sombra se ilumina à claridade do farol iniciático. Essas atrações espontâneas seguem leis precisas que o psiquista conhece.

Os magnetismos se combinam sem que concorramos para isso, atraem-se ou se repelem, vão tocar os seres na parte emocional e determinam, aí, correntes que criarão logo o desejo carnal, os impulsos irresistíveis do amor sentimental, a comunhão de dois espíritos, o encanto arrebatador da amizade.

Entre dois seres que se amam, trocam-se eflúvios misteriosos que os colocam em estreita harmonia. Ambos estão embriagados, emocionados; ornam-se mutuamente de todas as qualidades ideais; uma só palavra funde a sua emoção, eles se amam.

Diante da Natureza, a sua união não é menos forte; talvez seja mais sutil. É que aí se movimentam forças ainda mais poderosas.

Os grandes espetáculos da Natureza têm uma profunda influência sobre todos, mas o sentimental, cujos meios de percepção são muito afinados, se ressentem de toda essa poderosa magia.

Seu coração se emociona diante da paisagem de neve que se desenrola a perder de vista; esta extensão dá a seu espírito uma calma quase religiosa, tanto unida ela é e pacífica. Algumas árvores despojadas de sua vestimenta de verão dão folhagens de geada. Aqui, os ruídos dos homens não chegam. Uma paz sobre-humana se expande sobre toda a terra. Os cuidados se apaziguara

Essa doçura nos transporta a um mundo novo. Vivemos minutos de eternidade.

Diante da imensidade cambiante do mar, o sentimental saboreia o bem-estar que dá aos olhos a extensão sem limites do horizonte, mas a sua alegria tem outras causas.

Surpreende-se a olhar a luz cintilar nas ondulações das vagas e embalar-se em mil reflexos fulgurantes; seu pensamento segue-os e se hipnotiza docemente a essas mudanças infinitas de cor; agradável repouso o invade.

O céu estrelado abre-nos as suas imensidades infinitas; nós o olhamos até nos perdermos na sua extensão sem limites; a calma reina em nossa alma

porque não há vertigem no céu. Cada astro segue o seu caminho traçado em toda a eternidade e cada um evoca para nós o poder misterioso que o dirige.

Os céus dizem da glória de Deus, cantando o Salmo, e nós o sentimos também. Tudo nos arreata na noite calma e nos comprazemos em contemplar no céu todas as suas magnificências, como gostamos de encontrar, depois de um longo dia de esforços, olhares e sorrisos amados.

O olfato dá também ao sentimento percepções múltiplas e evocadoras. No momento da ceifa, os campos têm um odor que nos cativa. As flores nos revelam a sua presença na doçura da tarde pelos seus diferentes aromas; o perfume penetrante dos cravos se aviva na vizinhança do carregado e rico perfume de lis e das tuberosas. Os odores têm a sua magia, u'a magia tanto mais poderosa quanto ela passa, ligeira, despercebida, uma magia que nos encanta, que nos seduz, que nos transporta, que povoa o nosso espírito de sonhos.

As nossas impressões religiosas despertam-se no incenso que se evapora; as nossas lembranças de ternura revivem no perfume que trazia o ser amado.

O ouvido é igualmente, para o sentimento, a fonte de alegrias esquisitas. É ele que nos faz ouvir o doce murmúrio da cascata que desliza ao longo dos rochedos, suspende-se às anfractuosidades cheias de musgo e se despeja como uma faixa, esmagando-se no vale em mil ressaltos de que cada um conduz a sua nota no grande concerto dos vaiados. Os altos bosques se balançam sob o vento que os desfolha e os seus cimos agitados deixam cair, por sobre o caminhante, melodias pacíficas cuja serenidade nos penetra; o canto dos pássaros aí se mistura e floreira sobre essa harmonia os seus melodiosos gorjeios.

Ao longe, as vagas que morrem nas praias murmuram docemente, mas daqui a pouco, assim que o vento se levantar e sob a sua impetuosidade, as vagas lançar-se-ão contra os rochedos, rugindo com fúria, para voltarem de novo com os fragmentos arrancados à pedra.

A calma vem pelas doces sensações que devemos a todos os nossos sentidos. Diante da paisagem de neve, sob o encanto do luar que estende as suas gazes de prata por sobre o sono de todas as coisas, à sombra dos altos bosques onde o dia se veste no vitral verde das folhas, a calma nos invade e embriaga.

Podemos ter, pois, maiores alegrias no domínio do sentimento, e loucura seria privarmo-nos disso: alegrias junto do ser amado; alegrias na Natureza que varia, sem cessar, os seus perfumes e as suas cores, seus ritmos e suas vozes, para nos falar ao coração e fazer-nos imaginar harmonias mais belas ainda.

*

* *

Se a nossa natureza nos conduz ao despertar, devemos recusar-nos a essas doces satisfações?

Sim, dirão os espíritos mal-humorados, e citarão a palavra de Bochefoucault: "*O espírito é, muitas vezes, o joguete do coração*". Pode ser. Certamente o coração faz sofrer, mas é preciso reconhecer que, muitas vezes, as desilusões provêm da nossa má escolha; deixamo-nos arrastar somente por qualidades mais aparentes que reais e pedimos àquele ou àquela que consideramos como um ser perfeito, espírito e sentimentos que não possuía de modo algum.

Não é, talvez, sua culpa se não somos compreendidos. Esse ser nos deu tudo quanto possuía e pedimos mais ainda.

Com que direito queríamos impor-lhe a nossa concepção pessoal da vida e do amor? Precisamos aprender a amar os outros por eles mesmos e não somente seguindo o nosso próprio prazer.

As mágoas que nos causaram deveriam ser, para nós, objeto de reconhecimento, porque são os tormentos e as lágrimas que apuram a nossa sensibilidade despojando-nos do que podíamos ter de muito material e egoísta.

É sempre um grande bem ter chorado e ter sofrido, quando, depois da borrasca, a iniciação nos mostra um novo horizonte da vida e suas experiências, suas dores e sua utilidade.

É preciso não suprimir o coração. Não, certamente. Mas é preciso ensinar-lhe o verdadeiro amor, o amor que procura a felicidade dos outros e não a sua própria satisfação.

Se o amor faz sofrer um ser, não é fechando o seu coração que o poderá curar, mas sim, abrindo-o muito mais; abrindo-o inteiramente, para que todos aqueles que sofrem aí encontrem asilo.

É somente assim que encontramos a suprema alegria. Devemos compreender que, se procuramos apenas a nossa alegria, não a encontramos senão fragmentada, porque ninguém colhe senão o que semeia.

O nosso devotamento se paga com devotamento e o nosso sacrifício com sacrifício.

Aquele que quer obter todos os devotamentos e sacrifícios dos outros e não dá coisa alguma, prepara-se para as mais cruéis decepções.

*

*

*

A verdadeira alegria, aquela que não será negada àquele que sabe escolher, é a alegria altruísta, a alegria daquele que colocou a sua felicidade na felicidade do ser amado, amigo, mulher, filho, esposo. Aí está a verdadeira felicidade.

Esta concepção da vida é a do iniciado, porque é a única que nos permite viver uma vida bela e harmoniosa. O que devemos realizar é uma síntese maravilhosa de todos os elementos que compõem o ser humano. Cada parte de nós mesmos deve conduzir à obra geral uma perfeita harmonia. O que é preciso, pois, é desenvolver todas as nossas atividades; é sentir em nosso corpo uma abundância de forças vivas; é entreter no nosso cérebro pensamentos sãos e otimistas que o penetram de luz; é pôr em nosso coração sentimentos escolhidos e elevados; é deixar-nos embriagar pelas emoções puras que nos vivificam e nos fazem comunicar com as harmonias cósmicas.

É daí somente que vêm a saúde, o sucesso, a serenidade; não é senão por esta senda que o ser pode ganhar a plenitude de seus poderes e suas faculdades.

Para levar essa existência harmoniosa, é necessariamente preciso encarar o que são as nossas três partes constitutivas: corpo, espírito e coração — e fazê-las viver cada uma segundo as suas necessidades, segundo as formas que são mais aproveitáveis à sua inteira expansão.

Aquele que sofreu não tem imediatamente a força de considerar o problema sob este aspecto. Sofre e quer cessar de sofrer; deseja a calma, a paz e o esquecimento a todo preço.

Como curá-lo? Não é impossível.

Aqueles que têm sofrido definham-se no abatimento; desesperam-se; não querem mesmo formar os projetos mais simples; não têm mais fé em coisa alguma; consideram-se como desgraçados aos quais todas as alegrias são sistematicamente recusadas. Entretanto, mostramos em nossa obra *Voici la Lumière*, por exemplos pessoais, que a graça pode voltar ao coração.

Não há desgosto, por mais profundo que seja, que não possa iluminar-se de esperança e fé; não há pesares, desilusão ou noite negra em que não possa penetrar um raio que dissipe todas essas sombras.

Que é preciso?

Muitas vezes bem pouca coisa.

Chamar a si as forças benéficas que nos rodeiam, que nos banham de todas as partes. Querer sem solução de continuidade. Desejar misturar-se aos ritmos que nos rodeiam. Chamar a vida e a luz com todo o impulso de seu coração.

Não há exemplo de que as forças superiores tenham sido recusadas àquele que as pede com plena confiança.

Após a tormenta, volta a bonança; não há para o coração naufrágios absolutos; todos os passageiros são salvos.

Doces alegrias recompensarão aqueles que têm sabido esperar, que têm querido esperar com fé que as nuvens se dissipem e que o céu reapareça.

Não somente cada um deve educar o seu coração, porém, mais ainda aquele que tende para a iniciação. Efetivamente, o adepto deve perceber com mais finura e acuidade todas as forças que se movem em torno de si; deve colocar-se em relação mais direta e mais completa com todas as palpitações da vida.

E isso nos conduz a encarar os meios que permitem a cada um adquirir o poder emocional.

O PODER EMOCIONAL

A educação sentimental. — Como proceder a essa educação. — Processos empregados pelos Jesuítas; os exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola. — O jesuíta deve aprender a sentir, a vibrar, a se comover. — Aplicação do ouvido. — Aplicação do gosto. — Aplicação do tato. — Contrariamente ao que ensinam os jesuítas, é preciso não pesquisar senão emoções reconfortantes. — A evocação de um sítio encantador. — A reeducação sentimental e como deve ser compreendida. — O iniciado, quando quer, torna-se um verdadeiro foco de vida. — O encanto arrebatador da Natureza. — O Magnetismo superior.

O ser humano deve pensar e sentir. Ora, se nos preocupamos em educar o espírito, descuidamos completamente do coração e o abandonamos aos seus impulsos, a todos os erros de uma sensibilidade desregrada.

Aquele que deseja emoções penetrantes, torna-se escravo de seus sentimentos; enfraquece-se pelo fato de procurá-las sem domínio; torna-se uma presa oferecida ao primeiro sentimento que passa. Há alegrias, certamente, e muito vivas, mas ele corre em direção às piores tormentas. E, muitas vezes, quando vem a desilusão, o sentimental decide refrear os seus impulsos; recusa-se a toda expansão, a toda espontaneidade; fecha-se dentro da cidadela interior; torna-se egoísta e pessoal; assume o que os néscios chamam "*caráter*"; e, entretanto, a doçura, a amizade, a fraternidade e o devotamento deveriam ser a base de toda a sociedade humana. Recusam-se esta alegria!

É porque se negligencia a educação do coração que há tantos impulsivos que acreditaram amar e não pensaram senão no seu prazer. Então vem inevitavelmente a desilusão, o desespero, a neurastenia, as precipitações que conduzem, muitas vezes, ao suicídio. Não é o sentimento em si mesmo que é a causa, é a nossa má educação, a nossa inaptidão a compreendê-lo, a senti-lo, a dirigi-lo, a fazê-lo desdobrar-se.

Se o ser desse a seu espírito e a seu coração as alegrias sãs às quais ele aspira, as alegrias medidas que não enganam; se se tornasse senhor de seus impulsos, a vida se desenrolaria diante dele como um magnífico panorama.

Mas, para chegar a essa doce quietude, o espírito e o coração têm necessidade de ser vigiados.

E é principalmente o coração, esse jardim onde devem florescer as sensações e os sentimentos mais delicados, que exige maior atenção.

*

* *

Porém, como proceder a esta educação do coração?

Podemos apurar e dominar as nossas sensações?

Cada um de nós pode gozar, na sua deliciosa plenitude, as harmonias superiores?

E esses magnetismos que nos enlaçam como um perfume, a custo perceptível, que nos emocionam, que nos perturbam, podemos, à nossa vontade, sentir todas as suas potências, fixá-las em nós, aumentar o nosso dinamismo, e graças a esses reservatórios, sem cessar entretidos, podemos tornar-nos um centro de ação?

Certamente, sim. É certo, além disso, que os nossos dois domínios, do espírito e do coração, são solidários.

Tal percepção de um, reage sobre o outro. Tal idéia nos emociona e tal emoção sugere ao vosso espírito mil pensamentos. É indispensável, pois, desenvolver simultaneamente as nossas duas faculdades: de pensar e sentir.

No que concerne o nosso espírito, vimos que o elemento básico de toda operação mental é a atenção.

É ela que, arrastada, impelida, dia a dia, a um grau mais elevado, nos dotará de faculdades psíquicas poderosas. Utilizada sob a forma de auto-sugestão, a atenção é suscetível de modificar toda a nossa personalidade interior. Basta fazer como o artista que representa o seu papel: queremos ser tal personagem, é preciso imaginar que já o somos. Colocando-se diante do espelho, tomam-se atitudes, fazem-se gestos, pronunciam-se as palavras que caracterizem este personagem em tal ou tal circunstância. Esta procura da atitude dá-nos mais segurança na voz, facilidade nos movimentos e na palavra. O fato de nos movermos segundo o nosso gosto, diante do espelho, representando o nosso papel, faz-nos tomar hábitos novos.

E, se nos obrigamos a renovar cada dia o nosso esforço, reforçamos sem cessar as nossas qualidades, criamos em nosso espírito o "*hábito psíquico*". E este vinco psíquico, uma vez impresso, nos dispensará, no futuro, de um exercício que poderia, com a repetição, parecer fastidioso. O papel que, a princípio, apresentara algumas dificuldades quando procurávamos gravar o texto na nossa memória, virá, por si mesmo, sem esforço.

*

*

*

É uma educação deste gênero que dá tanta força aos Jesuítas.

Cada membro da Ordem deve o seu poder pessoal a uma disciplina muito severa que se dirige em conjunto ao espírito e ao coração e que os forma a ambos.

Sem entrar em consideração alguma religiosa, é certo que temos muito a ganhar no nosso desenvolvimento psíquico e sentimental, inspirando-nos nos ensinamentos de Santo Inácio. Podemos utilizar o método de treinamento, aplicando-o a um objetivo inteiramente diferente. O mecanismo é o mesmo.

Os exercícios espirituais de Santo Inácio tendem a fazer seres que pensam e sentem em uma certa forma. Para chegar a esse fim, devem seguir uma regra rigorosamente estabelecida. O fundador da Ordem dos Jesuítas não teve, de modo algum, a preocupação de ocultá-la. Diz ele, efetivamente:

"Por exercícios espirituais, entendemos certas operações do espírito e do coração, tais como o exame de consciência, a meditação, a contemplação, a prece mental e vocal, empregadas com o fim de desprender a alma de suas afeições desregradas e, por aí, conduzi-la mesmo a conhecer e atrair a vontade de Deus sobre ela". (Eretriorium S. Ignatii Annotatio prima).

Esses exercícios espirituais, segundo a própria definição de Santo Inácio, foram escolhidos *"com o fim de conduzir o homem a se vencer e desprender-se da influência funesta de toda afeição viciosa, e, o coração assim liberto, a se traçar o plano de uma vida cristã"*.

O exercício do espírito e do coração, tal como é concebido nesse método, deve praticar-se na calma e no retiro, de tal modo que nada venha desviar o futuro adepto dos pensamentos e sentimentos que o devem modelar.

Em todas as iniciações, o conhecimento de si mesmo é o primeiro degrau a galgar. E é sempre indispensável, para proceder com resultado a essa análise interior, afastar-se de todo ruído, evitando toda contingência.

Nesse ambiente favorável, o adepto começa os seus exercícios. Eles têm por fim, principalmente, acionar a inteligência e a vontade do homem.

"O entendimento induz a que se procure pelo raciocínio o conhecimento inteiro do assunto que lhe é proposto; a vontade produz diversas inclinações resultantes desse conhecimento adquirido. Nesses atos do coração que se aproxima de Deus e se entretém com ele, o fiel deve ter cuidado de não sair nunca do respeito interior e exterior, sob o império, principalmente então, da presença da Divindade" (Terceira Anotação de Santo Inácio).

Os exercícios espirituais foram divididos por Santo Inácio em quatro séries ou semanas, consagradas cada uma a um trabalho especial de reforma ou a um estudo particular de Jesus.

Porém, cada uma dessas semanas não é, necessariamente, de sete dias. Cada uma delas não termina senão quando o seu fim é atingido.

Uns vão mais depressa, outros mais lentamente, segundo as suas faculdades e aceitação mais ou menos completa e imediata da regra. De ordinário,

entretanto, o curso completo dos exercícios dura trinta dias. Como número, duração e natureza, esses exercícios são acomodados à idade, à capacidade, à boa vontade do que faz retiro espiritual.

Cada um recebe de seu diretor de consciência, um regulamento, uma espécie de horário que determina as horas de levantar-se, de suas refeições e das ocupações do dia. O guia espiritual, se o julga útil, completa essa direção geral por conselhos particulares, modifica a tarefa de cada dia segundo as faculdades particulares de que é o único juiz; vigia as inclinações, dá, de viva voz, encorajamentos e conselhos, segundo os acha oportunos.

A meditação conduz imediatamente e, necessariamente, como dissemos, ao conhecimento do eu. Se não estuda, o homem ignora os seus pontos fracos. Quando estes são conhecidos em toda a sua extensão, o adepto deve tomar a determinação de se restringir aos exercícios e treinamentos que são de natureza a remediar as fraquezas que acaba de descobrir.

É preciso conhecer-se a fundo para empreender seja o que for, principalmente no domínio do psiquismo. Ganhar-se-á tanto mais, quanto o exame de nós mesmos for feito com maior sinceridade.

Para os homens válidos, generosos, capazes de esforços seguidos e dispendo de seu tempo e de seu futuro, Santo Inácio prescreve, primeiramente, quatro meditações, de uma hora cada uma, no curso do dia; depois, u'a meditação de uma hora à noite. Essas meditações são completadas cada dia por dois exames de consciência, um para o meio- dia, outro antes do sono. Alguma trégua pode ser concedida, se houver necessidade. (18ª Anotação de Santo Inácio)

Como se vê, a regra é muito rigorosa. Entretanto, é atenuada sensivelmente para aqueles que, apresentando todas as qualidades físicas e morais

requeridas, são absorvidos por suas ocupações e não dispõem cada dia senão de uma hora ou de uma hora e meia. Esses adeptos livres devem seguir exercícios que são regulados pelo tempo de que dispõem.

Avançam mais lentamente; porém, o seu desenvolvimento prossegue sempre com ordem e método.

Esses exercícios podem ser feitos em casa, mas é necessário afastar-se de toda causa de distração.

Santo Inácio aconselha àquele que quer seguir o caminho por ele traçado a deixar, se puder, a sua morada habitual, para retirar-se em uma casa ou quarto mais solitário.

*

*

*

Não nos podemos estender aqui mais longamente a respeito dos exercícios em si mesmos.

Afastar-nos-íamos do nosso fim. Apenas sublinhamos a sua importância, como meios de aperfeiçoamento.

As direções dos jesuítas, já o dissemos, procuram desenvolver ao máximo os poderes psíquicos e emocionais de seus adeptos. Para atingir esse fim, desenvolvem a aptidão para a meditação e a contemplação, manejam o juízo, exaltam a vontade, submetem os sentidos ao domínio muito rigoroso do espírito.

Vinculados à sua disciplina muito rígida, os sentimentos do jesuíta obtêm uma acuidade de percepção infinitamente maior e mais delicada. Do mesmo modo, a imaginação e a memória adquirem grande extensão. O adepto chega, desse modo, a possuir um poder cerebral e psíquico excepcional.

No que concerne ao coração — e é o ponto que mais nos preocupa nesta parte do nosso trabalho — o jesuíta deve aprender a sentir, a vibrar e a se comover segundo o que lhe é ordenado. Os exercícios que lhe são impostos são muito numerosos e variam de dia para dia, durante o retiro.

E eis aí um, por exemplo, tomado ao acaso, entre aqueles que têm por objeto a Morte.

É preciso que o jesuíta represente a sua própria pessoa como se entrasse em agonia, dando a essa vocação o mais poderoso realismo. As instruções que recebe, facilitam-lhe, aliás, a tarefa.

Efetivamente, está bem especificado que, para sentir intensamente todas as fases dessa agonia, deve ser auxiliado, sucessivamente, pela vista, o ouvido, o gosto e o tato.

Acreditamos útil dar aqui, a título documentário, todas as precisões de minúcias concernentes a cada um dos sentidos enumerados.

*

*

*

Aplicação da vista. — Primeiramente, o jesuíta deve contemplar o seu apartamento que, pela circunstância, não será iluminado senão por um fraco raio do dia ou pela luz lúgubre de uma lâmpada amortecida, como se vê em um sitio onde se vela um morto. Deve considerar o seu leito, do qual não sairá mais senão para ser metido em um esquife e olhar minuciosamente todos os objetos que o rodeiam e que vai deixar.

Na sua contemplação, todos esses moveis todas essas piedosas lembranças parecem dizer-lhe: "*Tu nos deixas, então, e é para a eternidade!*".

O que faz esse retiro espiritual deve evocar as pessoas que o rodeiam e ver a consternação que transparece no seu rosto.

Os criados, tristes e silenciosos, participam da mágoa de sua família em prantos.

Cada um lhe diz supremos adeuses.

Um ministro da religião ora, ao lado de seu leito, ou o reconforta com piedosos sentimentos.

O jesuíta vê, a si mesmo, estendido sobre o seu leito de dor, angustiado pelas aflições de sua agonia. Imagina perder, pouco a pouco, o uso dos seus sentidos.

Todas as suas faculdades se atenuam. Luta com violência contra a morte que vem arrancar a sua alma para levá-la diante do tribunal de Deus, onde deverá prestar contas das suas ações mais ocultas e de seus pensamentos mais secretos.

*

* *

Aplicação do ouvido. — O jesuíta escuta o ruído monótono do relógio que mede as suas últimas horas e que lhe diz, a cada um dos seus movimentos: "*Eis-te, em um segundo, mais perto do Tribunal de Deus. Cada uma das pancadas que escutaste até aqui, com tanta indiferença, mais te afasta da vida que vais deixar*".

Outros ruídos se fazem ouvir. A respiração do solitário torna-se cada vez mais penosa e um extertor, sinal precursor da agonia, perturba o silêncio doloroso da câmara. Ao redor dele, cada um sufoca os soluços até o momento em que se ouvirão as preces da Igreja recitadas no meio das lágrimas.

Por um momento, o jesuíta imagina o padre pendido para ele, prodigalizando-lhe as supremas consolações; a sua voz se enfraquece gradativamente ao seu ouvido, à medida que a vida o abandona.

*

* *

Aplicação do gosto. — O adepto deve representar-se ou figurar-se tudo o que há de amargo na agonia de um moribundo, na sua separação brutal de todos os bens que o retinham neste mundo.

No momento presente, essas amarguras vêm de todos os elos que se quebram, do abandono de tudo o que o jesuíta amou, da perda definitiva da posição pela qual tanto sacrificou, do desprendimento de todos os seus bens, adquiridos de u'a maneira que, no instante supremo, não lhe deve mais parecer tão legal. Experimenta profunda amargura de se separar de seus amigos, de seus parentes, de tudo que lhe é querido, por vezes em detrimento dos próprios deveres reais.

E esse corpo, ao qual ligará tão grande importância, escapará cedo ao seu domínio.

Em um espaço muito próximo, seu despojo se tornará objeto de desespero, depois de horror.

O jesuíta deve saborear toda a amargura dos sofrimentos físicos, nos aborrecimentos de toda espécie. Deve exaltar a dor das separações, as angústias penosas que se manifestam à última hora. Essa aflição não se deve ainda limitar ao tempo presente. É preciso evocar o passado, reviver o seu espírito, as diferentes etapas da vida.

Que pesar constitui a lembrança de uma existência inteira consagrada ao pecado, à infidelidade, às graças recebidas sem que tenham encontrado em nosso

coração a correspondência necessária! Tantos pecados graves cujo escândalo teria como conseqüência a perdição de outras almas.

E para o futuro, quantas inquietações! O adepto se esforça em criar na sua imaginação a visão do julgamento que vai sofrer. Lembra-se de todas as suas obras, de seus pensamentos mais furtivos. Ouve a definitiva sentença que dispõe dele por toda a eternidade.

*

* *

Aplicação do tato. — O jesuíta imagina segurar em suas mãos desfalecidas o crucifixo que o padre ai colocou. Toca o seu próprio corpo que, em breve, não será mais do que um cadáver.

Como os seus pés já estão gelados! Seus braços, que a doença emagreceu, começam a enrijar-se. Seu peito é penosamente movimentado por uma respiração desigual que, em breve, vai faltar. Seu coração não bate mais senão com um movimento apenas sensível. Seu rosto está afilado pela febre e cobre-se de um suor frio.

Não é em uma tal condição que o jesuíta viu amigos e parentes, no momento em que expiravam? É nesse estado que hão de vê-lo por sua vez, um dia, que não está fixado por ele, porém que está já bem próximo.

Daqui a quanto tempo será ele semelhante a este cadáver que imagina?

Faz hoje, a seu próprio respeito, as reflexões que o seu último dia não deixaria de inspirar àqueles que serão testemunhas desse fim supremo.

Tal é, na sua parte essencial, a contemplação relativa à agonias e que forma a base do segundo exercício sobre a morte. Esse exercício é completado por um colóquio que deve fazer o jesuíta com Jesus moribundo.

*

* *

Se tomamos este exemplo, entre muitos outros, é para mostrar de que maneira o jesuíta deve exercitar-se a fim de chegar a desenvolver, em si mesmo, uma grande potência emocional. É certo que os exercícios espirituais de Santo Inácio são particularmente bem estudados e são suscetíveis de dar, tanto ao espírito como ao coração, uma grande força.

O exercício que colocamos sob os olhos dos nossos leitores é relativo à morte, mas é bem evidente que, se retemos o mecanismo, não impelimos ninguém a encarar a sua morte com tão cruel precisão. O jesuíta prossegue um fim; desenvolve a sua parte pensante e a sua parte emocional para atingir a esse ideal.

O que ele quer é tornar-se, o mais possível, semelhante a Jesus, melhor e mais completamente unir-se a ele. O jesuíta procura desenvolver-se segundo o ideal que lhe dá a sua fé religiosa; mas, cada um de nós pode fazer esse desenvolvimento da parte emocional em um fim menos místico, e adaptando-o aos fatos e idéias às quais ele se quer conformar.

É certo que temos tudo a ganhar de uma tal educação, porque quanto maior for a nossa acuidade de percepção, melhor penetraremos nos mundos superiores que nos são fechados em razão da imperfeição dos nossos sentidos.

Se os apuramos por um treinamento lógico, deixar-nos-emos mais completamente comover por tudo o que é belo; chegamos a u'a melhor educação artística.

A arte e a poesia se nos revelarão como nunca teríamos podido imaginar.

Saborearemos, por isso, alegrias superiores, alegrias que fazem unir-se completamente, num mesmo entusiasmo, o espírito e o coração. O domínio que podemos conquistar assim é imenso.

Contrariamente ao que ensinam os jesuítas, achamos que é de toda necessidade, para -cada um de nós, não procurar senão emoções cuja delicadeza envolva toda a nossa pessoa apenas de impressões de prazer.

O grande inimigo do psiquista é a tristeza. Todo pensamento deprimente deve ser impiedosamente rejeitado de nosso espírito.

E devemos neutralizar com outros tantos cuidados todo o sentimento de natureza a fazer nascer em nossa alma qualquer inquietação. Nosso papel é criar, em torno de nós, a alegria e a esperança, mas não podemos fazer nascer esses sentimentos nos outros, se não os possuímos em nós mesmos.

É preciso, pois, esforçarmo-nos por ver em torno de nós tudo o que é belo, alegre e robusto, tudo o que encanta e arrebatava a nossa imaginação, tudo o que reconforta o nosso abatimento.

Nessa alegria do mundo, absorveremos forças novas e nos tornaremos aptos a fazer com que outros também as experimentem.

Tomemos, pois, o hábito de observar com minúcia tal quadro, tal sítio que nos agrada; façamo-lo reviver diante do olhar de nossa alma; analisemos, do melhor modo possível, a sensação que nos dá e o prazer que nos infunde. Quando, por um esforço da nossa imaginação, o quadro ou o panorama reaparecem diante de nossos olhos com tanta nitidez e relevo, como se aí se achassem na realidade, procuremos animar este sítio.

Se evocamos diante do nosso espírito grandes árvores, nada mais fácil do que ouvir nos ramos o gorjear dos pássaros que se perseguem e brincam.

Não há necessidade de se entregar a criações gigantescas. O menor recanto tem o seu atrativo; podemos deixar-nos entusiasmar aí pela calma e a poesia, tanto quanto diante de lugares os mais grandiosos.

Este sítio vos deve ser familiar, de maneira que vos recordeis dele como de um lugar de repouso e meditação. Porém, antes de tudo, se quereis tirar daí o maior proveito possível para a vossa formação psíquica, encarai-o sempre sob o seu aspecto mais risonho. Sob essa forma, essa evocação vos dará o máximo da vitalidade, força e otimismo.

A presença ideal do sítio que vos encanta servir-vos-á de sustentáculo e repouso. É agindo assim que se vibra cada vez mais.

Desenvolvemo-nos nesse sentido, do mesmo modo que um violinista descobre, à proporção que trabalha, todos os segredos de sua arte. Começou por não tirar de seu violino senão sons discordantes, mas, à medida de seu esforço, tornou-se mais apto, cada dia, a tirar de seu instrumento melodias mais sensíveis e mais completas.

Se é bem dotado e se continua, se não considera como tendo atingido a perfeição, desde que consiga algum talento, chegará a tornar-se um verdadeiro "*virtuose*" e dará a todos aqueles que o escutam a volúpia sagrada da música que os fará comunicar com grandes harmonias superiores.

*

* *

Acontece o mesmo para com aquele que procura a iniciação.

A princípio experimenta uma grande alegria em encontrar de novo um sítio encantador; contempla-o; interessa-se por ele como por um espetáculo que o descansa e o agrada; mas, à medida que a sua sensibilidade se apura, acha novas

belezas no lugar que julgava conhecer; suas alegrias, melhor saboreadas, tornam-se mais intensas. Que doçura, que repouso depois da tormenta! A doce canção das folhagens embala o seu coração e adormece a sua mágoa; as cores que o rodeiam são para ele como um sorriso de boa vinda; a alma desamparada acha-se em paz como um exilado que respira de novo o ar natal.

Aquele que trabalhou, que gastou as suas forças em uma obra útil, recupera-as nessa calma, e os eflúvios dos poderes do alto chegam-lhe mais fortes e mais doces no ar puro dos campos e do alto dos montes, que nas cidades onde o ar está viciado por todas as febres, por todos os desejos, por todas as ambições.

São prazeres que não se descrevem; apenas aqueles que os experimentaram estão em condições de dizer que benefícios estupendos beberam aí!

É preciso abrir o coração a tudo que é poesia. É preciso acostumar os olhos a ver a graça e a beleza do mundo, a fim de que, nas horas de experiências, de dor ou de cansaço, se possa sentir que há, na existência que nos é permitida, outra coisa além das monstruosidades, das tristezas, dos desgostos, das contrariedades de toda espécie. Não se evitará a amargura, mas as alegrias do mundo circundante, o êxtase desinteressado da beleza ambiente serão para aquele que sofre um conforto, uma consolação; nessa idéia, absorverá seiva nova, um otimismo que o fará suportar os seus tédios, porque a Natureza maternal lhe dá o exemplo dos ciclos sem cessar renascentes, que trazem o sol após os dias nublados. O iniciado deve sentir, principalmente, experimentar e gozar profundamente todas as fontes de sensação que o rodeiam. O seu papel é auxiliar, sustentar, estender a mão às vontades vacilantes, embalar e curar as mágoas, e ele

as compreende infinitamente melhor quando está acostumado a vibrar em uníssono com as suas vibrações.

Sente o mal daquele que chora e, se o seu pensamento bem dirigido lhe permite encontrar palavras que é preciso dizer para reconduzir a paz e a coragem aos mais febris como aos mais abatidos, a sua palavra encherá o coração de emoções sadias, vivificantes e reconfortantes, que darão a força de suportar os maus dias à espera de um ciclo melhor.

Mas é, principalmente, a faculdade de sentir, adquirida, que faz experimentar àqueles que delas têm necessidade.

Está ele diante de um ser que sofre, não no seu espírito, mas no seu coração?

É-lhe possível, sem palavras, somente com a sua presença, dar-lhe alegria, vivacidade e arrebatamento; fazer-lhe sentir que a vida é bela; que esse esplendor do mundo que desesperava de tornar a ver, vai ser ainda o seu deslumbramento desde que os seus olhos estejam livres dessa perturbação que lhe traz a cólera, o ódio e o ciúme. Essa alegria e essa doçura se exteriorizam do iniciado como o calor emana do sol.

Pela manhã, a planta tinha fechado as suas flores e folhas, como um pássaro friorento se recolhe ao ninho, mas, desde que o sol aparece, a flor se expande e estende o seu coração bem aberto aos raios que a vivificam. Do mesmo modo, o ser que sabe, tem o poder de comunicar a alegria que criou em si mesmo pela sua vontade, a alegria de que está empolgado e que pode irradiar logo que o queira.

A auto-sugestão que se dá, cria nele não somente a personagem que quer ser dotada de alegria, otimismo e força; não somente o iniciado toma dela

essas idéias, mas sente como sentiria aquele que decidiu ser: viver intensamente. Seu poder emocional dá a seu magnetismo uma qualidade particular; é uma espécie de encanto que se expande sobre a pessoa a curar, que a arrebatava com doçura, aquece-a e revitaliza-a, sem que tenha mesmo necessidade de pronunciar uma palavra. É como uma atmosfera de alegria e sol que penetra no doente.

*

* *

Vimos quanto à palavra pode ser útil para conduzir a associações de idéias (conscientes ou inconscientes); mas, aqui, a palavra não está em jogo, é como uma combinação secreta de magnetismo a magnetismo. Para melhor fazer compreender como se pode conseguir uma reeducação sentimental, citaremos um exemplo.

Tomaremos, completando-o, o que já demos no nosso capítulo precedente sobre o pensamento.

Trata-se de uma pessoa que, em conseqüência de desgostos de coração, se acha em um estado de perturbação dos mais graves. Está prostrada e desamparada; não crê mais na vida; tudo o que ela poderia considerar como esperança de uma alegria, como uma felicidade possível ruiu em torno dela ou parece dever ruir. Desde então, para que viver? Não é melhor terminar pelo suicídio? Ter-se-á ao menos a paz, se não se encontra a felicidade.

É urgente arrancar desse cérebro doente essas funestas idéias. É preciso ornar o espírito do doente de pensamentos sadios e harmoniosos; é preciso restabelecer a sua percepção no seu equilíbrio.

O cérebro exige cuidados; o coração ainda tem mais necessidade deles, talvez.

Em uma pessoa muito sentimental — e são as que sofrem mais — é mesmo o coração que reclama cuidados mais urgentes e atentos.

Ora, não basta dar sempre ao espírito pensamentos vivificantes de que tem necessidade, inspirando-lhe uma concepção mais sábia da vida; é preciso também cuidar do coração. Se se descuida deste último ponto, muitas vezes a pessoa assim tratada não se cura senão superficialmente; guarda um vácuo que a torna cruelmente desgraçada. Seu aspecto exterior é modificado; não é mais questão de suicídio, mas o coração fica ferido.

Os anos passarão. O desamparado, cuja dolorosa inquietação ninguém procurou penetrar, guardará a sua desilusão.

O coração deve ser tratado pelo menos tão delicadamente como o espírito. Para este último, demonstramos os processos a empregar: uma ação sugestiva raciocinada (interessando diretamente a consciência) e uma sugestão indireta (dirigindo-se ao inconsciente).

Demonstramos a necessidade de obter a confiança, conquistar a amizade que se vai produzir: uma doçura calma nos vossos gestos, uma autoridade fraternal no olhar, e, principalmente, a princípio palavras muito medidas.

É preciso, tirando partido da sugestão poderosa do silêncio, animar as confidencias. É preciso que tudo o que o doente acumulou de ressentimento, suspeita e dor, em uma dolorosa experiência, se escoe entre as suas palavras e lágrimas.

É uma onda nefasta que tomava todo o cérebro, envenenava todo o coração; devemos deixá-la correr com todas as demonstrações de interesse o mais benevolente, até que se esgote.

O paciente achar-se-á, em breve, sob uma impressão de calma reconquistada, bem-estar e segurança após a borrasca, no agradável refúgio do porto. De toda a vossa pessoa deve emanar uma promessa de alegria futura, uma certeza de que as experiências são passageiras e que as decepções são, muitas vezes, a promessa de uma felicidade maior e mais duradoura.

Essa alegria que o doente julgou perdida deve ser encarada de novo, por ele mesmo, como uma esperança permitida ainda; que ele a reviva diante de vós; que se compenetre profundamente da certeza de que não há desgraça irremediável. É preciso que a alegria lhe apareça de novo e isto, mesmo sem palavras, o iniciado pode e deve fazer. O doente está diante dele, abatido e sem força, despedaçado pelas lutas da vida. A centelha vital está tão profundamente obliterada pelas brumas do desgosto que parece desaparecida para sempre. O iniciado quer que a centelha reacenda, que o doente se erga confiante, pronto para as mais ridículas esperanças.

Para chegar a esse resultado é preciso criar em si mesmo uma imagem do ser feliz. Como vimos o jesuíta esforçar-se-á para realizar, no seus mais minuciosos detalhes, o momento de sua agonia; assim o iniciado deve viver em si mesmo os sentimentos que experimenta o ser feliz.

Para que um fogão possa comunicar o seu calor àqueles que o rodeiam, é necessário que esteja aceso. Sem isso, não passa de um amontoado de carvão ou madeira seca. Mas, se o acendeis, irradia, projeta ondas em derredor, aquece, pouco a pouco, progressivamente, todo o ar do aposento.

Quando chegardes de fora, transido de frio e as mãos geladas, sentis o doce calor da casa; mas isso não vos é suficiente; aproximai-vos da chaminé, apresentai-lhe os vossos pés e as vossas mãos que o frio tornou dolorosos e entorpecidos.

*

* *

O iniciado, quando quer, torna-se um verdadeiro foco de vida. Desenvolveu as suas potências emocionais e são elas que lhe permitem criar em si mesmo, à vontade, o estado de alma que lhe é útil para produzir uma ação desejada. Como o fogão irradia calor, ele irradia força vital; difunde para aqueles que o rodeiam, flamas de alegria e otimismo. Por isso, o doente que o procurou para encontrar de novo a saúde e a paz do coração, é docemente invadido por uma atmosfera, como o que vem de fora é docemente tomado pela tepidez e a doçura do lugar. Não pode subtrair-se a essa influência e sua mágoa se apazigua e sua alma agitada, repousa.

Poderíamos ficar transidos de frio próximos ao fogão onde as chamas crepitam? Não, não é verdade?

Acontece o mesmo com o ser desamparado que encontra, na presença do iniciado, uma vida nova mais doce e mais pacífica. Sente-se investido de um magnetismo sutil que lhe dá força e esperança.

Não sabe de onde lhe vêm esses eflúvios estranhos. Não vê a ação. Não ouve palavras. E, contudo, o único fato de estar junto de vós já o transformou, dando-lhe forças. Um encanto misterioso o envolve e penetra.

É-nos impossível insistir aqui sobre fatos. O mecanismo foi indicado e isso basta. Haveria perigo em dizer mais. Se tal ação é possível de uma alma a outra alma — e é inegável no que concerne ao iniciado — tem-se o direito de temer o caso em que um ser pouco evolucionado ou dotado de más intenções se apoderasse de uma força tão poderosa, procurando servir-se dela para dominar sentimentalmente

aqueles que tivessem a desgraça de entrar na órbita de sua influência. É uma razão superior que nos obriga a ficar apenas em generalidades.

*

* *

O conhecimento dos fenômenos que não podemos fazer entrever aqui, virá pelo estudo. O estudo é indispensável para adquirir a potência emocional. A Natureza é, para aquele que se quer desenvolver nesse sentido, o melhor livro que pode ser oferecido à sua atenção. Os poetas o disseram com essa intuição que faz parte de seu gênio. É Musset dizendo à Musa:

Vem ver a natureza imortal

Sair dos véus do sono;

Vamos renascer com ela

Ao primeiro raio do sol!

É Lamartine que diz à alma ferida em busca de paz e amor:

Quando tudo muda para ti, a Natureza é a mesma,

*Porém a Natureza está presente, a convidar-te e
amar-te!*

Mergulha-te em seu seio que sempre te abre.

E o mesmo sol se levanta em todos os teus dias.

Poderíamos multiplicar essas citações ao infinito; o que resulta é que aquele que quer espalhar, na Vida, forças contra o mal e a dor, deve amar a Natureza e gozar dos seus divinos espetáculos.

Deve amar o mar em cóleras violentas seguidas de calmas tão grandes que o pensamento se embala ao marulhar das vagas; os bosques tão grandiosos que se fazem, entretanto, tão doces e paternais pelo gorjeio dos ninhos. Ali estão os ensinamentos de todas as forças altruístas e devemos revê-las em pensamentos para delas nos recordarmos sem cessar.

É preciso gostar de passear entre as delicadas harmonias que caem das folhagens e que suspiram na tarde. É aí que a meditação se torna doce e aproveitável. Abre-se o coração às palavras que o silêncio amigo nos traz; o espírito repousa ao contato dessa Paz imensa. Uma sensibilidade nova se difunde em todos os sentidos; chega-se a sentir e gozar o que não teria percebido nunca, senão nessa paz deliciosa. As imagens que deixávamos passar diante de nossos olhos fechados, penetram-nos agora como os símbolos de um pensamento que se comunica ao nosso numa linguagem mística.

Esse amor, muito vasto para o nosso coração, nem sempre lhe basta. É preciso à nossa ternura um objeto mais tangível. É preciso que a nossa afeição esteja unida à de outro ser. Está em nós procurá-lo, e, tendo-o encontrado, cultivá-lo e conduzi-lo à nossa compreensão da vida. Partilhará a nossa alegria, a nossa serenidade. Mas, para chegarmos a essa obra delicada, é preciso fugir dos arrebatamentos e não confiar o nosso coração senão depois de longo estudo. Não é senão nessa segurança que poderemos abandonar-nos à doçura da ternura recíproca.

O amor que devemos desejar é o elo do lar e da família. É ele a fonte de verdadeiras alegrias. Antes de se unirem duas existências que se devem desenrolar pacíficas e paralelas, é preciso que uma estima recíproca seja baseada em análogas concepções, que sejam fundidas as harmonias do espírito e do coração.

Ainda existem aqui alegrias egoísticas. Há mais altas e mais belas. São as do altruísmo. É preciso saber auxiliar os outros, derramando o conforto e a doçura sobre todos aqueles que estão sofrendo.

Aquele que encara assim as coisas, acha a vida bela em torno de si. Compreende e experimenta as alegrias do iniciado; sente a felicidade que lhe vem da Natureza; goza com profunda embriaguez a paz que transmite aos outros.

*

* *

Novel iniciado, tu sabes agora que a felicidade te pertence se te queres dar ao trabalho de merecê-la.

Eleva os teus pensamentos, abre o teu coração e saboreia as harmonias eternas.

Eles são a tua força e já a recompensa de teu labor.

Possibilidades infinitas são oferecidas a ti. Reflete. Vê que tesouro de força e poder está aberto diante do teu desejo. Tu nada farás além de querer, para atingi-las, essas harmonias que te farão viver uma vida que imaginavas a custo quando começastes a subir os primeiros degraus que te conduzem ao Templo. Harmoniza as tuas vibrações às suas; elas te arrebatarão sobre as asas melodiosas, até os mais altos cimos do pensamento.

Possues em ti, como um tesouro oculto, o meio de transmitir a força e a coragem àqueles que se arrastam, desfalecidos, no caminho da vida, da qual não

sentiram senão sarças e pedras. Não digas que é a sua culpa. Pensa somente que eles sofrem. Prepara-te para a obra que o mundo espera de ti.

Que os teus pensamentos sejam tão altos como devem ser para preencheres a tua elevada missão; que sejam belos e alçados para o infinito. Que os teus sentimentos sejam generosos e altruístas, sempre prestes ao completo devotamento.

E's banhado sem cessar por um magnetismo superior. Procura descobri-lo nas vibrações que te rodeiam e, quando o tiveres reconhecido, fixa-o em ti. Ele te animará de uma flama mais ardente que o sol e mais sutil que um perfume.

E' a fé que te penetra, a fé que deveras fazer irradiar sobre o mundo para o seu bem e a sua cura; é a Fé que te fará dar àqueles que choram, a esperança, a alegria, a força e a felicidade.

Que sublime papel será o teu! Tu já o entrevês, mas tens ainda muitas coisas a aprender. Elas não dependem senão de ti. Procura, dia a dia, compreender melhor o que te rodeia. Pensa, sem cessar, nessas forças maravilhosas que animam os seres. Recolhe a Vida para espalhá-la em torno de ti. Semeia o pensamento que faz reviver. Faze germinar nos corações desertos a alegria e a coragem.

O SILÊNCIO

A Sabedoria ideal está no silêncio. — A calma interior. — O silêncio das paixões, o domínio dos impulsos, a paz do coração. — O despertar dos poderes e das faculdades psíquicas no silêncio. — A procura do silêncio é necessária ao adepto. — Necessidades do autodomínio. — Importância do silêncio do mecanismo do amor sentimental. — Os apelos silenciosos. — A expansão do Eu superior. — O caminho que conduz aos mais secretos mistérios. — As forças amigas do silêncio.

Hermes, em seu sermão secreto a seu filho Tat, no momento de lhe conferir a última Iniciação, lhe diz: "*A Sabedoria ideal está no Silêncio*".

Nenhuma palavra é mais verdadeira. A verdadeira Sabedoria está na comunhão do pensamento humano com os eflúvios que lhe chegam dos poderes superiores, e esses eflúvios, as palavras divinas perceptíveis ao entendimento único, ou ao sentimento mais elevado, não podem ser percebidos senão no recolhimento.

É o que todas as iniciações são unânimes em proclamar.

É por isso que vemos o Buda meditando em atitude de recolhimento, que a misteriosa Isis se apresenta com um dedo sobre os lábios fechados, convidando o sábio ao silêncio que atrai as revelações.

É somente no silêncio que o ser se analisa a fundo.

Maeterlinck o exprime com poesia: "*As abelhas não trabalham senão na obscuridade; o pensamento não trabalha senão no silêncio e a virtude no segredo*".

É somente no silêncio que o ser humano tem verdadeiramente consciência das suas forças latentes e das que o envolvem no ambiente. É na paz

do pensamento, quando nada de exterior vem perturbar a sua meditação que sente nascer e se expandir em novas faculdades. Seu coração deve sentir-se em uma calma absoluta, não somente no silêncio exterior, mas no arrefecimento das paixões; deve sentir-se livre do seu tumulto devastador, para perceber as harmonias que descem do Infinito e o penetram, deslizando-se como uma suave melodia.

O espírito, desprendido das agitações, só pode atingir as regiões serenas quando tiver consciência de sua missão e de seu lugar no Universo.

Ninguém pode chegar aos cumes iniciáticos se não aprecia ou não procura, como uma satisfação pessoal, a calma absoluta: a calma interior de todo o seu ser, o domínio perfeito das paixões e dos impulsos e também a calma exterior que não se poderia encontrar senão na paz do lar, ou melhor ainda, na serenidade deliciosa da Natureza.

*

* *

Antes de tudo, é preciso estabelecer a calma em si mesmo.

Todos os desejos, paixões, impulsos e arrebatamentos devem ser submetidos ao domínio perfeito da razão. É no repouso do pensamento — que a calma dos sentidos deve preceder — que as grandes vozes se fazem ouvir.

Estanislau de Guaita o diz àquele que procura os segredos iniciáticos: "*Se tu aspiras a ser um Adepto, impõe ao Eu o mais rigoroso silêncio*".

Uma calma soberana deve reinar na nossa pessoa física e devemos obter também a calma absoluta do nosso campo mental e do nosso domínio emocional. Nenhuma vibração violenta e inesperada deve perturbar a nossa comunhão com a Divindade; nada da nossa pessoa deve escapar a essa calma necessária; é a última etapa no caminho iniciático.

É no silêncio, na paz do coração e no repouso do espírito que o ser se revela a si mesmo. A ação nos faz conhecer as possibilidades e os limites de nossas forças, porém não no-las revela. A noção de nossa força real nos vem principalmente nos momentos de repouso. É no período de calma momentânea, de silêncio meditativo em que recordamos a ação feita, em que preparamos a ação a fazer, que vivemos mais poderosamente. Maeterlinck disse com muita exatidão: "*O silêncio é o elemento no qual se formam as grandes coisas para que, em seguida, possam emergir, perfeitas e majestosas, à luz da vida que elas vão dominar*" (*Tesouro dos Humildes*).

*

* *

O silêncio é principalmente importante para o despertar dos nossos poderes psíquicos. Como poderíamos praticar a concentração do pensamento, cristalizar o nosso desejo na dissipação interior, do tumulto exterior? É o que descreveu muito judiciosamente Rodolfo Steiner: "*A força que dá origem à calma interior é uma potência mágica que nos transmite certos poderes ocultos*". Essa transmissão dos poderes ocultos não pode dar-se senão no mais profundo recolhimento. Como, por exemplo, acolheríamos as imagens que nos são transmitidas, as fugazes intuições, senão na paz interior e no silêncio exterior?

O ruído é para todas as manifestações psíquicas um poderoso dissolvente.

Nossas faculdades mais altas, inspiração, intuição, não podem aparecer senão no silêncio. Ser-nos-ia impossível escrever uma página qualquer por mais simples, escolher palavras necessárias à expressão de nossos pensamentos, senão na calma do gabinete de trabalho.

Com mais forte razão poderemos, fora da calma exterior e interior, atingir ao fenômeno psíquico.

É no silêncio que desenvolvemos as nossas faculdades mais elevadas, que lhes podemos fazer adquirir o seu mais alto grau de aperfeiçoamento.

No silêncio, percebemos matizes delicados de tom, de cor e de pensamento, que fogem no alvoroço, na preocupação.

No silêncio, o espírito se expande e sutaliza-se.

Parece ao adepto, quando se coloca em um quadro favorável, em uma paz absoluta, que, segundo o seu desejo, o seu espírito, isento das contingências habituais, se dilata, se eleva, haure, enfim, forças vivas que a mão distraída da multidão não é capaz de atingir.

Uma onda de luz, descida do alto, transborda o seu coração. As últimas sombras se dissipam diante da claridade penetrante e deliciosa. Desse impulso promissor e pacífico para os horizontes infinitos, o espírito livre desce com noções desconhecidas que o enriquecem e o fortificam.

Em um instante, descobriu coisas nas quais nem pensava.

São idéias novas. Desce ainda sob esse encanto mágico, fortificado pelo fato de se haver abeberado na fonte de todo conhecimento e de toda alegria. Seu espírito encontrou novas certezas que mantêm a sua confiança; seu coração saboreou as alegrias profundas nas quais se desalteram e se fortificam o sentimento e a fé. A força vital dos universos, mais alta que a atmosfera pesada, o re-confortou e o amparou; ele pode distribuí-la, por sua vez.

Nos momentos de solidão, meditação e recolhimento, o ser pode abandonar voluntariamente o seu corpo em um repouso pacífico. Não é a doce preguiça que embala o espírito nesse instante; ao contrário, todo o ser se locupleta

de energias novas. Ele sabe que pode agir, sente que as suas possibilidades se multiplicaram e se desdobraram; porém, antes de dar o sinal da ação, haure poderes novos do ambiente.

O silêncio interior, que nos é tão indispensável, é mais fácil de adquirir quando o quadro exterior a isso se presta.

As dores do místico acalmam-se na Igreja à meia claridade e toda perfumada de incenso. Numa atmosfera sagrada, projeta o seu coração em arrebatamentos poderosos.

Do mesmo modo, o adepto acha o conforto na calma da Natureza, no silêncio delicioso que cai das folhagens.

Através de todos esses murmúrios confusos, goza das alegrias mais puras; abre o seu espírito e o seu coração, deliciosamente, às harmonias do infinito.

*

* *

Essa procura do silêncio é necessária ao adepto. Mas seria um erro acreditar que esses períodos de calma e repouso têm por fim afastar dele o impulso generoso que o conduziria para a ação. O esforço e o repouso são dois tempos igualmente necessários da manifestação de nossas energias.

Ambos são indispensáveis.

Todos os nossos órgãos são dotados desse mesmo ritmo; eles se Contraem e se distendem; trabalham e repousam. Por outro lado, o espírito e o coração têm a mesma necessidade de paz e calma. Um trabalho constante esgotaria prontamente o trabalhador mais corajoso; os casos de esgotamento tão cruéis e tão deprimentes são disso a prova evidente.

Nosso espírito é capaz de esforços, de concentração, de uma aplicação sustentada, mas esse esforço não pode ser continuado indefinidamente.

Depois de um tempo variável, segundo a resistência de cada um, tem necessidade de repouso e distração. Esta distração pode ser mudança de trabalho, mas é a mesma coisa, um entretenimento. Seria preciso, para o nosso benefício, que pudéssemos derivar o nosso espírito, tenso e fatigado, para idéias mais alegres que nos predispuessem a um sono feliz.

A nossa parte emocional tem, também ela, necessidade de se modelar nesse ritmo binário.

Não nos é possível ficar muito tempo sob uma idêntica emoção, sob uma atração violenta, com igual fervor. Depois de um período de perturbação, um repouso se produz necessariamente.

Esse repouso do coração e do espírito, podemos encontrá-lo no Seio da Natureza. É aí que encontraremos a paz e a força nos sãos e vivificantes eflúvios que se irradiam, para nós, da terra e do ar, das vagas e dos bosques.

Sob a sua deliciosa influência, todas as nossas preocupações se dissipam. Sentimo-nos próximos das forças naturais e delas recebemos as energias reparadoras que nos prodigalizam, para o trabalho do futuro, uma sensibilidade mais viva e mais aguda, um poder de pensamento ao qual não podíamos pretender. Quando voltamos, vemos a vida mais bela e mais fácil, experimentamos a alegria de viver; o otimismo que nasce das forças recuperadas nos envolve em todos os sentidos.

O trabalho e o repouso não são, aliás, necessidades penosas; os dois têm seu encanto.

O trabalho nos dá a alegria robusta de criar, realizar e imitar a laboriosa Natureza.

O repouso que sucede ao esforço nos dá, com a consciência feliz do dever cumprido, uma agradável languidez, uma percepção delicada da vida que nos rodeia, uma alegria mais intensa para gozá-la quando sentimos havê-la merecido.

É preciso saber ser ativo. O repouso será mais apreciado. A inação, que parece tão agradável ao preguiçoso é uma forma da morte; conduz ao cansaço, tão prontamente quanto o trabalho excessivo; dá a saciedade dos prazeres e o desgosto da vida; acabrunha-nos de sombrios pensamentos.

É preciso aprendermos a repousar, a nos deixarmos ganhar pelo silêncio e a paz. Um repouso material, invadido de pensamentos inquietos, é uma forma de trabalho.

É preciso deixar o silêncio envolver docemente a nossa pessoa: corpo, espírito, coração. É assim que encontraremos horas deliciosas que nos esperam, porque esse repouso não é inútil se sabemos, nos momentos propícios, nos tornar voluntária e profundamente silenciosos.

*

* *

Antes de pensar obter o perfeito domínio do nosso espírito e de nosso coração, antes de lhe impor esse aproveitável silêncio, comecemos pelo mais fácil, que não é o menos indispensável; imponhamos silêncio ao nosso corpo.

Para obter o repouso preciso, impõe-se a necessidade de dominar todos os impulsos, tudo o que parece indispensável, todo desejo imperioso, como o dos sentidos. Se penetramos no caminho da Iniciação, não devemos ser escravos e sim senhores do corpo. Não é somente nos casos excepcionais, como nos que se

referem aos intoxicados: eterômanos, morfinômanos etc., que é necessário retomar posse de si mesmo. É na conduta da vida que é preciso libertar-se de todo impulso interior, por menor que seja: gulodices, desejo irresistível de fumar, necessidade de café ou de outros excitantes. Nem sempre são faltas graves, porém, são impulsos e todo arrojado irracional é um inimigo da liberdade. O homem deve dominar-se. Não deve ceder à necessidade interior, a menos que lhe não seja permitida senão com objetivo bem definido. Não devemos tolerar em nós mesmos nenhuma fraqueza, por mínima que nos pareça. Se queremos que a usina humana tenha o mais perfeito rendimento, todo o ser deve ser submetido, até nos mais insignificantes atos, ao seu diretor, que é a consciência. Nenhuma desobediência deveria ser permitida; o governo de um só é a condução expressa de todo funcionamento harmonioso. Certamente, é preciso que a autoridade do espírito sobre o coração e o corpo seja doce e compreensiva, porém, é preciso que essa autoridade exista e não seja nunca discutida.

Importa também dominar todo medo, todo temor, toda cólera, toda impaciência, toda impulsividade, qualquer que seja. É necessário libertar o seu espírito da ansiedade e da dúvida, ter a sensação nítida de que coisa alguma no mundo poderia entravar o impulso judicioso de nossa vontade. Certamente, aí está, para muitos, um trabalho importante, algumas vezes difícil; trabalho que exige muita perseverança. Mas, não vai além das nossas forças. É bastante compreendermos a necessidade de nosso aperfeiçoamento. Indicamos, no nosso Curso de Magnetismo Pessoal, os melhores processos para nos tornarmos senhores de nós mesmos. É necessário nos submetermos a uma disciplina geral, praticar a auto-sugestão, educar os nossos gestos, o olhar especialmente, que devemos considerar como tal, e um dos mais significativos. O isolamento também é necessário de maneira a

obtermos, à vontade, o repouso de nosso espírito. É empregando todos os meios harmoniosamente combinados segundo as necessidades de cada um, que, com perseverança, chegaremos a vencer os nossos impulsos, a impor silêncio ao nosso corpo tanto quanto ao nosso coração e ao nosso espírito. É assim que nos tornaremos senhores de nós mesmos, que adquiriremos a noção da força calma, do equilíbrio soberano.

Este estudo é indispensável. O adepto não se pode formar sem isso.

É igualmente no silêncio que a parte emocional de nosso ser se desenvolve e se expande.

Nossos sentidos adquirirão, graças a ele, uma acuidade que não encontrariam fora de seu pacífico domínio. No ruído e na tormenta, as sensações delicadas passam despercebidas perto de nós. Mas, no silêncio, os matizes mais fugitivos nos comovem e nos fazem vibrar.

*

* *

Vejamos qual é a importância do silêncio no mecanismo do amor sentimental.

Uma voz nos emociona tanto mais quanto a escutamos em silêncio. Muitas vezes, o nosso ser é tocado de leve por uma pessoa que passa, silenciosa, misteriosa, e só pelo fato de vê-la no silêncio nos impressionamos em súbita emoção.

Essa emoção nos invade; sugere em nós imagens encantadoras; afeta-nos em nossos sentimentos mais íntimos e em nossos pensamentos mais profundos.

E, contudo, nada foi dito; nem uma palavra foi pronunciada. Um magnetismo imperioso e sutil exalou-se desse ser que não conhecemos e que, por um fenômeno de simpatia, por uma afinidade secreta, toda a nossa pessoa emocionou-se por sua causa.

Mais tarde, quando estabelecemos conhecimento, um olhar, uma doce pressão de mão, sem palavra, sem entusiasmo, nos perturbam até o fundo da alma.

O silêncio fala mais deliciosamente do que a voz.

Depois das promessas feitas, muitas vezes sem palavras precisas, que é que há de mais singular, de mais perturbador do que o beijo silencioso dado em uma emoção que nenhuma palavra poderia descrever?

Maeterlinck, cuja alma de poeta tão poderosamente apanhou todos esses matizes delicados, assim se exprime quanto ao silêncio no amor:

"Para saber o que existe realmente, é preciso cultivar o silêncio entre ambos, porque não é senão no silêncio que se entreabrem um instante as flores inesperadas e eternas, que mudam de forma e de cor, segundo a alma ao lado da qual nos encontramos. As almas se pesam no silêncio, como o ouro e a prata se pesam na água pura, e as palavras que pronunciamos não têm sentido senão graças ao silêncio em que se imergem".

"Se eu digo a alguém que a amo, não compreenderá o que tenho dito a mil outras pessoas, talvez; mas, o silêncio que vier depois, se á amo efetivamente, mostrará até onde mergulharam hoje as raízes dessa palavra e fará nascer uma

certeza silenciosa por sua vez, e esse silêncio e essa certeza não serão duas vezes os mesmos em uma vida..."

"Não é o silêncio que determina e fixa o sabor do amor? Se fosse privado do silêncio, o amor não teria nem gosto nem perfumes eternos. Quem de nós não conheceu esses minutos mudos que separam os lábios para unir as almas? E' preciso procurá-los sem cessar. Não há silêncio mais dócil do que o silêncio do amor: verdadeiramente o único que é exclusivamente nosso. Os outros grandes silêncios, os da morte, da dor ou do destino não nos pertencem. Eles vêm para nós, do fundo dos acontecimentos, à hora que escolheram, e os que eles não encontraram não têm censuras a fazer. Mas, podemos sair ao encontro dos silêncios do amor. Esperam eles noite e dia e no limiar de nossa porta e são tão belos quanto os seus irmãos. Graças a eles, aqueles que quase não choraram podem viver com as almas, tão intimamente como aqueles que foram muito desgraçados; e é por isso que aqueles que muito amaram conhecem também segredos que outros não sabem; pois há, no que calam os lábios da amizade e do amor profundos e verdadeiros, milhares e milhares de coisas que outros lábios não poderão dizer nunca." — (Tesouro dos Humildes).

O silêncio, mais embriagador que todas as músicas, quando é assim o meio de exprimir uma combinação profunda e secreta, é a atmosfera mais propícia à expansão do amor sentimental.

Acolhe e preserva os pudores mais íntimos. Um olhar e um suspiro insensível bastam àqueles que fremem profundamente pelo único fato de se acharem um perto do outro. Parece, àqueles que se amam verdadeiramente, que as palavras serviram demais, que são brutais e ruidosas, que profanariam um sentimento muito puro para ser lançado no molde das palavras, muito real para que o próprio ar receba delas a confiança.

De que serviriam as palavras? Para banalizar o inefável.

Para fazer vibrar dois seres nas mesmas emoções basta o silêncio.

*

*

*

Não é somente o nosso ser emocional que se desenvolve no silêncio, como as flores da noite que se fecham de dia e não entregam todo o seu perfume senão às brisas silenciosas. É também essa parte de nós mesmos, intermediária entre o coração e o espírito que é nosso pensamento religioso.

As grandes dores são mudas como os grandes amores.

As mãos da dor exprimem silenciosamente, da alma mortificada, os sentimentos mais puros. O místico não tem necessidade de gritos e transportes para pôr diante de Deus a sua alma prosternada. Sua fé expandiu-se no silêncio como na Igreja, recolhido, se expande o doce perfume do turíbulo; sua alma segue esse impulso e o transporte para as regiões superiores onde comunicará com a claridade suprema, com as forças infinitas.

*

* *

A prece nos conduz a esses *Exercícios espirituais de Santo Inácio*, que formaram tantas almas para a ação tanto quanto para a prece; que lhes deram ao mesmo tempo o ardor ativo e a força sentimental, por meio de métodos jamais excedidos, de exercícios voluntários e de domínio do eu.

Tomemos, por exemplo, o que foi dito do recolhimento do espírito no exercício preparatório do retiro:

"A voz de Deus não se faz ouvir senão no silêncio e no repouso da alma. É verdade que, vinda do fundo do coração, essa voz de Deus é poderosa como a tempestade e retumbante como o trovão... mas antes de chegar ao coração, essa voz é fraca como um sopro ligeiro que apenas agita os ares... Teme o ruído e cala no movimento."

Aqui, o livro de direção mística confirma o que dissemos reativamente às forças superiores. Não podemos percebê-las senão o silêncio, na paz e na meditação.

O R. P. de Ravignan, um dos mais fervorosos continuadores a obra educativa de Inácio de Loyola, fala assim nos *Comentários* que acrescenta aos *Exercícios espirituais*:

"A lei que preside a tudo no curso dos exercícios é a bela lei a solidão e do silêncio; deve ser sempre religiosamente

guardada: solidão e o silêncio, essas duas grandes coisas que tocam tão de perto a Deus, que parecem dar-nos qualquer idéia da própria natureza divina e mergulhar-nos antes na sua imensidade para aí retemperarmos as nossas almas debilitadas! A solidão é a pátria dos fortes e o silêncio é a sua prece! Ali Deus fala e age neles; inicia-os nos desígnios generosos, nas empresas enérgicas."

É no silêncio, na solidão, na meditação que o espírito se desprende verdadeiramente e abre as suas asas.

É no silêncio, na solidão e na meditação que o espírito se eleva e atinge as regiões onde vivem, em raras harmonias, as correntes nas quais haurimos as energias que nos faltam para empreender o que resolvemos.

É no silêncio, na solidão e na meditação que a nossa intuição, afinada e aberta pelo esforço empregado, sentirá descer do alto as palavras que nos iluminam, que nos revelam a nós mesmos, que nos desvendam a imensidade que nos rodeia.

Nessa paz voluntária, o gênio do artista, a inspiração do poeta e a visão do profeta se desenvolvem com o impulso e o ardor das águias ébrias de sol.

Onde poderiam beber o que devem dar ao mundo, senão nessas fontes vivas que jorram secretamente no jardim fechado do silêncio? Lá somente o Espírito se desvenda, e lá somente o nosso espírito comunga com ele. Nenhum ser pode evolucinar, compreender o fim da vida, subir para o templo da Verdade sem o apoio do silêncio inspirador. É o que formula Alberto Caillet na *Ciência da Vida*:

"Ficar tranqüilo é relativamente fácil, impor silêncio às paixões brutais ainda passa, mas suprimir o pensamento, afastar o curso da Ideação!... A tarefa é mais árdua e, entretanto, é preciso cumpri-la, porque tudo logo se levantará em nós, como um sol resplandecente."

Isolando-se, mergulhando-se, como em uma atmosfera mais calma e mais poderosa no silêncio e na paz, o iniciado desenvolve em si uma personalidade nova, uma espécie de Eu superior.

Ganha, por esse fato, faculdades que parecem miraculosas àquele que não quis ou não soube pedir a uma ascese apropriada, para lhe dar uma comunhão íntima com as potências supremas.

E' nesse ar novo que ele vive, cria e faz abrir em si possibilidades novas, essas intuições que o conduzem mais seguramente do que a razão habitual à fonte eterna da Vida.

Rud Steiner exprime-se assim, a respeito da iniciação:

"No homem, o eu superior está em constante evolução mas é somente pela calma e segurança que se pode assegurar a essa evolução uma regularidade normal."

"Os redemoinhos da vida exterior viriam de todas as partes recalcar o ser interior se o homem se deixasse dominar por essa vida, em lugar de a dominar ele mesmo".

"Acontece com ele como uma planta que deve brotar das fendas de um rochedo, ela definha se lhe não dão espaço."

Ora, não há forças exteriores que possam dar espaço ao eu interior, pois só a calma interior que ele cria na sua alma pode produzir esse efeito. As circunstâncias exteriores não podem modificar senão a sua situação relativa ao mundo exterior; nunca poderiam despertar o homem espiritual. É em si mesmo e por si mesmo que o discípulo deve engendrar um ser novo e mais elevado”.

"Esse homem superior torna-se, com o andar do tempo, o soberano que, com a mão segura, dirige a conduta do homem exterior."

*

*

*

Essa concepção do silêncio, fomentador das mais altas e mais puras energias, também está, já o vimos, na base das iniciações antigas e encontramos-la em Pimandro, onde sobrevive o traço da iniciação de Alexandria, que se apresenta igual a si mesma, em todas as iniciações que a bacia do Mediterrâneo viu florescer sob diversos nomes.

Hermes disse a Tat, seu filho e seu discípulo que ele dirige para a Luz:

"Os olhos de nossa inteligência não podem contemplar ainda a beleza incorruptível e incompreensível do bem. Vê-la-ás quando não tiveres nada que dizer dela; porque a Gnose, a contemplação, é o silêncio e o repouso de toda sensação. Aquele que aí chegou não pode mais pensar em outra coisa, nem olhar nada, nem ouvir falar nada, nem mesmo

mover o seu corpo. Não existe mais, para ele, a sensação corporal nem movimento; o esplendor que inunda todo o seu pensamento e toda a sua alma arranca-o dos laços do corpo e o transforma inteiramente na essência de Deus. A alma humana chega à apoteose quando contemplou a beleza do bem."

Estanislau de Guaita, em sua obra *No Portal do Mistério*, dirige-se àquele que quer tornar-se adepto e lhe dá assim instruções análogas, porque a verdade é uma:

"Se aspiras a ser um Adepto, evoca o Revelador que fala dentro de teu ser; impõe ao Eu Inferior o mais religioso silêncio, para que o Eu Superior se possa fazer ouvir — e então, mergulhando no mais profundo de tua inteligência, escuta o Universo, o Impessoal, o que os gnósticos chamam o Abismo..."

"Mas é preciso estar preparado — e é o papel do Iniciado humano vigiar essa preparação — sem o que o Abismo não tem senão uma voz para aquele que o evoca imprudentemente, voz terrível e que se chama Vertigem."

"Em resumo, é este um grande e sublime Arcano: Ninguém pode perfazer a sua iniciação senão pela revelação direta do Espírito universal, coletivo, que é a Voz que fala no interior."

Aquele que quer iniciar-se e seguir o caminho que conduz aos mais secretos mistérios, deve amar o silêncio. É neste momento que as vozes lhe falarão, as vozes que preparam o futuro adepto à revelação integral. É no silêncio que o espírito pode revelar-se a si mesmo.

Longe de imaginar que o silêncio nos possa ser prejudicial a ponto de criar em nós um estado de torpor físico, mental ou emocional, que possa adormecer no nosso ser os poderes que aí estão incluídos, devemos ter a certeza contrária.

Vimos que o silêncio é o meio mais propício à ascensão da inteligência e do sentimento para a Luz; é também no silêncio que o iniciado, quando transpôs as portas, pode galgar cumes para haurir forças mais ativas, para pedir às correntes superiores o desenvolvimento de suas mais altas faculdades.

O silêncio tem a sua grandeza pela comunhão em que nos põe em contato com as energias cósmicas, sendo também cheio de encanto. As forças que se canalizam nele são doces e penetrantes. Seu vôo não é brusco e violento. Suas grandes asas nos embalam como vagas apaziguadas.

Entretanto, a sua agradável doçura não é a moleza ou a indolência. Ao contrário. Arrebatando-se às regiões serenas, elas nos dotam de energias novas, superiores em qualidades e intensidade àquelas que estamos habituados a sentir.

As forças que o silêncio nos permitiu haurir na pura atmosfera onde nos fez penetrar decuplicam o esforço futuro. O iniciado mergulha-se no silêncio como Anteu tocava a Terra, para se revivificar e fortificar-se, ao contato sempre eficaz do seio maternal.

*

*

*

As forças amigas do silêncio estão por toda parte em torno de nós. Elas têm um encanto esquisito. Quando o silêncio penetrou em tudo, elas vêm a nós como vozes misteriosas que se fariam ouvir sem palavras; penetram-nos como olhares.

Essas forças amigas do silêncio nos banham com suas poderosas harmonias; elas nos encantam pela sua delicada pressão. Sob a sua possante magia, o nosso espírito e o nosso coração se acalmam.

Se elas caem sobre os nossos sentidos, eis-nos transportados a um mundo de delícias. Nada vem perturbar a nossa doce quietude. E, contudo, nesse apaziguar, nesse sono que nos rodeia, que atividade possante! É uma vida mais bela, superior à vida ruidosa que nos fere em outros momentos.

As pulsações da vida tornam-se doces murmúrios.

A menor palpação nos parece uma voz amiga.

Se quereis estudar a linguagem secreta da Natureza, colocai-vos em um lugar isolado do vosso apartamento, assentado em uma poltrona confortável ou estendido sobre uma "*chaise-longue*". lá onde, muitas vezes, gostais de vos recolher.

Quando não tiverdes chegado ainda à posse de vós mesmos, achareis nesse repouso e nessa atitude devaneios falazes, porém cheios de encanto, que vos embalam como um semi-sono. Eram as forças amigas do silêncio que vos davam esses doces sonhos; que, no apaziguamento propício do ambiente e da hora, vos embalavam nas mais doces esperanças; que conduzem a vossa alma, depois dos duros trabalhos e das longas preocupações, a esses minutos de repouso e de conforto, em que a vida parece fazer-se mais clemente e mais doce.

Agora, a calma que vos penetra vos emociona profundamente. E na natureza acalmada, às horas da tarde, particularmente, quando o silêncio vos rodeia — um silêncio ritmado por mil ruídos ligeiros e cantantes — sentis com alegria que essas forças lá estão em torno de vós, no ambiente, que as respirais com tanta alegria vivaz quanto o ar áspero e doce das alturas.

São essas forças que, no grande silêncio dos bosques, quando as folhas se agitam com doçura sob uma brisa insensível, vos murmuram palavras eternas que vos invadem e cumulam de uma potência sobre-humana, fazendo-vos sentir até ao fundo de vós mesmos essas energias da terra, esse magnetismo universal que deveis canalizar para curar e confortar os outros.

Esse ligeiro ruído das folhas que ouvistes outrora distraidamente e que não tocava o espírito ocupado de vãs imagens, acumula-se presentemente de palavras que deveis ouvir e o vosso coração vibra ao escutá-las. O murmúrio das fontes vos fala da vida que foge mais rapidamente que elas, da vida que deveis difundir, como fazem elas, às secretas raízes dos seres que apelam para a sua vivificante frescura.

Sentis, assim, Forças que vivem, que palpitam como o coração da floresta. Parece-vos, a essa hora, que elas vos aparecerão sob a encantadora figura das Ninfas e Fadas, mas essas fugitivas visões não são, por si mesmas, senão imagens das forças que devemos possuir. Não é a pequena fada, dançarina na sombra verde, que deveis ver sob os bosques, mas é a grande Viviana, aquela que sabe os segredos e se serve deles a fim de preparar para a luta a criança adotada por ela, que virá a ser o cavaleiro, defensor do direito e dos fracos.

São as *Forças amigas do Silêncio* que percebeis dançar na praia com o murmúrio das vagas, quando a sua espuma desliza sobre a areia ou se projeta para

o céu. O ar iodado as conduz materialmente aos vossos pulmões, mas essa força material não é senão uma repercussão, apenas sensível, daquilo que é verdadeiramente; as Forças amigas do Silêncio vêm de mais alto.

Estas Forças amigas estão por toda parte na Natureza. Sugerem-nos o amor. São elas que embriagam o poeta; que lhe fazem encontrar esses ritmos e essas palavras que traduzem os Sentimentos absolutos, as Verdades sublimes que não tocariam o coração da Humanidade, se não estivessem revestidas de um véu de ouro. São Forças inteligentes; são elas que vagam na tarde doce e calma, que nos tocam de leve com uma languidez singular e nos olham pelos olhos dourados das estrelas.

Ninguém as percebe senão o iniciado e o poeta, que são guiados por um sentido superior.

Para eles, elas se revelam; dizem palavras que o ouvido não pode ouvir; fazem ver, sob as dores da vida, as alegrias do Bem cumprido, do Ritmo aceito de boa vontade, dos Ciclos sempre re-nascentes que vão da Luz à Sombra e da Sombra à Luz e não nos trazem senão a claridade estonteante e a doçura materna.

A INTUIÇÃO

A faculdade intuitiva existe, em cada um de nós, em estado latente.

— Manifestações espontâneas. — Inspiração e pressentimento. — O mecanismo dos fenômenos intuitivos. — A super-consciência. — A dedução inconsciente. — Caracteres da verdadeira intuição na sua forma espontânea. — O desenvolvimento voluntário da super-consciência. — O perigo dos excitantes psíquicos. — Graves perturbações produzidas pelo ópio, o haxixe e a cocaína. — A propósito do "*Inglês comedor de ópio*", de Tomaz de Quincey. — Pelo emprego dos eufóricos, o ser humano torna-se um farrapo, foge da realidade para o domínio mentiroso das miragens. — Diferença entre a visão quimérica do intoxicado e o fato real da intuição. — Curioso exemplo. — Como se pode desenvolver e adquirir a faculdade intuitiva? — É no silêncio amigo que podem despertar as mais altas faculdades que estão em nós. — O segredo das harmonias misteriosas que nos rodeiam. — O quadro encantador da Natureza. — As alegrias superiores do Iniciado. — A direção do trabalho intuitivo. — Os horizontes imensos que se abrem ao pensamento. — A revelação das Forças inteligentes e amigas que nos extasiam de Claridade, de Vida e de Esplendor.

A intuição é uma faculdade estranha que nos permite receber a revelação direta e espontânea de fatos; não há necessidade, por esse conhecimento, de apelar para as faculdades habituais de nosso espírito; a noção salta por si mesma, sem que a pessoa intuitiva utilize a razão.

Essa faculdade existe em cada um de nós em estado latente, mas entre alguns seres particularmente dotados ela toma uma extensão quase prodigiosa.

As idéias vêm diretamente ao pensamento, sem nenhum esforço, sem nenhuma pesquisa preliminar; elas sobrevêm de maneira imprevista, sem que o receptivo tenha a menor consciência do mecanismo do fenômeno. Mas essas intuições não são necessariamente fortuitas. É possível, em certas condições, obtê-las à vontade.

E alguém que se acredita pouco favorecido a esse respeito, pode esperar, um dia ou outro, obter algumas manifestações intuitivas que se renovarão tanto melhor quanto se colocar o receptivo em condições psíquicas favoráveis à sua eclosão.

Entre as manifestações espontâneas, citaremos os fenômenos de inspiração e, em certa medida, o gênio artístico que, em certos casos, como vamos ver, deu (mui raramente) obras terminadas, sem intervenção consciente do artista.

Muito mais freqüentes são os fenômenos de pré-ciência; trata-se da percepção de fatos e de sensações que se produzem fora de todas as possibilidades normais por intermédio dos nossos sentidos. Essas pré-ciência manifestam-se, principalmente, no curso dos sonhos chamados premonitórios e que fazem o paciente assistir, por vezes com muita antecedência, a fatos que acontecerão mais tarde, quer os veja na forma exata com a qual se revestirão, quer tenha deles a noção sob uma forma simbólica.

Esses fenômenos de pré-ciência podem ser provados voluntariamente. O sono magnético permite precisamente o desenvolvimento das faculdades de lucidez e de previsão do futuro entre os pacientes sensitivos.

Questão complexa, que abordamos já no nosso *Curso de Magnetismo Pessoal*, indicando a técnica operatória. Porém, o sono magnético, se é útil, em muitos casos, ao desenvolvimento da faculdade intuitiva, não é, entretanto, indispensável. E muitos pacientes podem, em um estado que tem todas as aparências de vigília, ser a sede de manifestações lúcidas. Basta isolar-se das contingências exteriores e concentrar-se docemente.

Um simples esforço da vontade é suficiente.

Em outros casos, os intuitivos têm recorrido a um objeto que impede o seu espírito de se distrair. Bola de cristal, espelho, taro, clara de ovo, borra de café, alfinetes, ossinhos, linhas da mão... pouco importa, cada objeto não tem nenhuma virtude adivinhatória particular. É um simples suporte para a atenção do paciente.

É fora de dúvida que o paciente intuitivo percebe fatos longínquos e que tem conhecimento dos acontecimentos que sobrevirão. E isso, fora do limite em que podem ser exercidas as suas faculdades habituais.

Vê no espaço e no tempo. Para ele, são relatividades. Por mais extraordinários que sejam, esses fatos não são menos reais e poderíamos consagrar-lhes longas páginas.

Como diz o Dr. Vaschide, que era diretor-adjunto do laboratório de psicologia na *Escola de Altos Estudos*:

"Existem seres dotados de uma sensibilidade única, intuitiva, que podem, talvez, saber as leis caprichosas do acaso. Pode acontecer, pois, que pacientes dotados desta faculdade misteriosa, a intuição, apanhem idéias desconhecidas, as idéias do desconhecido."

Numerosos estudos têm estabelecido esta possibilidade, para certos seres, de ver o futuro. Eles não têm conhecimento senão de alguns fatos, certamente. Apenas uma nesga do véu ergue-se aos seus olhos. Mas, quaisquer que sejam os limites nos quais se exerce esta faculdade, isto não é menos real.

Os trabalhos de numerosos psiquistas — Dr. Osty, Ed. Duchâtel, Prof. Carlos Richet, entre outros — fornecem provas absolutas.

Resulta desses fatos, sobre os quais não podemos nos estender aqui, que seres, especialmente dotados, são suscetíveis de colher, para o seu espírito, idéias que não são perceptíveis aos outros e que no seu estado normal nada lhes pode fazer pressentir. Essas manifestações parecem pôr em jogo não mais a consciência ordinária, porém uma espécie de super-consciente latente em cada um de nós e que se manifesta somente quando circunstâncias — que não são ainda bem conhecidas — o permitem.

*

* *

Para aprender, tanto quanto se possa, o mecanismo dos fenômenos intuitivos, voltemos, em algumas palavras, à constituição do ser.

A usina humana, conjunto de órgãos agrupados em funções, dissemos, tem dois dirigentes: um diretor e um subdiretor.

O sub-diretor é o inconsciente, chamado ainda subconsciente ou consciência subliminal (Myers). Ele faz funcionar as engrenagens, com ou sem apoio do diretor.

É este inconsciente que sente as emoções e seu papel é enorme na atividade mental de que partilha a tarefa com o diretor.

Vimos que é ele que tem o comando de nossas faculdades psíquicas inferiores (automatismo, instintos etc.) e, pela sua faculdade de registrar as sensações com uma perfeição que depende de sua educação e de seu treinamento, leva a faculdade de associar as idéias e, por conseqüência, à memória uma assistência de primeira ordem.

Esta memória e este julgamento, como a vontade e a atenção que beneficiam também os trabalhos do inconsciente, dependem principalmente da consciência que é o diretor da nossa usina.

O conjunto da direção — consciente e inconsciente — constituem o que os psicólogos chamam o eu.

Este eu foi profundamente estudado, em nossos dias, em suas diversas partes.

Binet compara-o, separando estas duas entidades, uma superior e outra inferior, a um lustre que conduz duas ordens de fochos: a ordem superior representa os fenômenos psíquicos superiores — vontade, atenção, julgamento, associação de idéias, memória; a ordem inferior corresponde aos fenômenos psíquicos inferiores, aqueles que citamos.

O Professor Grasset deu outra forma aos seus pensamentos, comparando as nossas duas personalidades a um poliedro do qual eis a figura.

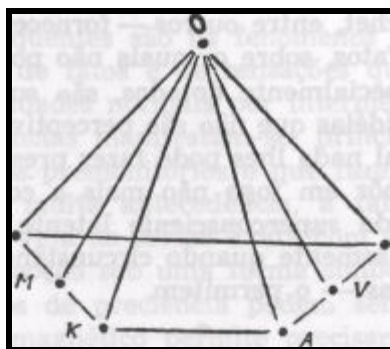


Figura 12: Esquema dos dois psiquismos, segundo Grasset.

No vértice da pirâmide, o Centro psíquico superior O (personalidade consciente, vontade livre, eu responsável). A base poligonal da pirâmide ($Avtemk$) esquematiza o conjunto dos Centros psíquicos inferiores do automatismo psicológico. (A , centro auditivo; V , centro visual; T , centro tátil (sensibilidade geral); K , centro quinético (movimentos gerais); M , centro da palavra; E , centro da escrita).

Como base, um polígono cujos contornos figuram os centros nervosos realizadores das faculdades psíquicas inferiores: centros auditivo, visual, tátil, quinético (movimentos gerais), centros da palavra e da escrita. Destes centros partem linhas que se reúnem em um ponto O , que é o centro das faculdades superiores. Mas estas duas entidades: o consciente e o inconsciente, o centro psíquico superior e o polígono dos centros psíquicos inferiores são insuficientes para explicar a totalidade dos fenômenos psíquicos.

Nos casos de intuição, inspiração e gênio parecem que os elementos não vêm à nossa consciência pelo ministério do nosso inconsciente, cujo papel, assim como vimos, é, entretanto, muito importante, porém sempre muito inferior.

Os dados intuitivos não vêm também da consciência, pois que os dados registrados pela intuição são sempre de uma qualidade muito superior ao que se pode obter pelo exercício normal do nosso juízo. É, pois, mais ou menos, necessário admitir a existência, no ser humano, de uma faculdade nova, uma super-consciência que tem por função haurir, fora do ser humano, elementos de emoção ou de conhecimento que servirão ao poeta para criar a sua obra, ao músico, ao compositor

para achar a sua melodia. Há aí um fato que se afasta inteiramente das idéias correntes.

Certamente, o problema da intuição não é daqueles que podem ser resolvidos com facilidade.

É extremamente complexo, não somente devido à multiplicidade de elementos que comporta, como também pela variedade quase infinita das combinações que estes elementos dispõem no ser sensível.

O inconsciente e o consciente são atingidos por eles e conduzem a sua pedra para esse edifício, e a proporção na qual a sua intervenção se produz, não poderia estar determinada exatamente no atual estado da ciência.

*

* *

Todavia, muitos fatos passam por intuitivos, os quais não deveriam ser considerados como tais. Assim como fizemos ressaltar, no nosso *Curso de Magnetismo Pessoal*, ensinamentos cuja produção é atribuída à intuição, superconsciência, não são intuitivos absolutamente. Longe de serem manifestações inesperadas e inexplicáveis, são o produto de um obscuro trabalho de educação que se passa no inconsciente ou na semi-inconsciência que não é controlada pela atenção.

As pessoas nervosas, sensitivas e impressionáveis — dizíamos naquela obra — têm um trabalho mental extremamente rápido e este trabalho nem sempre está colocado sob o controle do consciente. As imagens passam no seu cérebro como em um impulso cinematográfico. Falam com precipitação, como se as idéias desordenassem as palavras. É com pressa proporcional que as impressões se registram. Porém, do mesmo modo que elas nem sempre chegam a exercer sobre a

sua onda de palavras um domínio desejável e que o que elas dizem sob tal impressão ultrapasse muitas vezes o que desejariam e deveriam exprimir, do mesmo modo, quando registram impressões, essas notações são raramente perfeitas, porque no seu rápido registro perdem em precisão o que adquiriram com rapidez.

Os sensitivos guardam, pois, no seu inconsciente, uma multidão de pensamentos e imagens de que não têm nenhuma lembrança ou apenas uma lembrança de tal modo vaga que nem mais pensam nela ou supõem havê-la esquecido.

Todavia, se o consciente não experimentou e conservou essas impressões, o inconsciente guardou, muitas vezes, extraordinário número delas e, embora tenham sido ligeiras, podem, entretanto, reaparecer em um momento de calma cerebral.

É principalmente durante o sono que este fenômeno se produz mais facilmente. Nesse momento, o inconsciente, senhor absoluto da totalidade do campo mental, faz vir à superfície algumas impressões obliteradas, coloca-as em relevo, associa-se a outras e de tudo tira deduções.

Não se trata do sonho banal que não é senão uma justaposição, muitas vezes muito fantasista, de impressões, mas de certos sonhos ditos lúcidos que fornecem, ao despertar, dados que a pessoa está em condições de controlar mais tarde. Mais freqüentemente durante o sono é que o pseudo-intuitivo acreditou achar um pensamento fortuito; entretanto, não fez senão agitar pensamentos já existentes. Passou-se nele mesmo um trabalho mental que lhe escapa inteiramente. Não teve consciência das operações que se efetuaram no seu cérebro.

Só o resultado do trabalho lhe é conhecido. Toma-o por uma intuição; entretanto, à idéia que julga aparecer-lhe espontaneamente é o produto de uma dedução inconsciente.

Esses fatos de dedução inconsciente são extremamente freqüentes entre as pessoas nervosas, porque, precisamente, as suas sensações não são suficientemente dominadas. Estudamos numerosos casos.

*

* *

Os fatos de intuição real acham-se muito restritos por essa distinção; não existem, entretanto, menos por isso, certamente.

Em alguns casos em que a faculdade vai manifestar-se espontaneamente, essa intuição é aliciada pela consciência.

O ser pensa no seu trabalho, medita sobre esse assunto, estabelece um plano, documenta-se, toma notas, cria no seu consciente e no seu inconsciente uma espécie de assiduidade involuntária que dá a seu trabalho um lugar predominante sobre todos os outros pensamentos.

A intuição produz-se, depois, bruscamente; o poeta escreve, o músico compõe e as melodias ou as idéias que não estavam senão esboçadas no seu pensamento tomam a sua forma definitiva por vezes bem diferente do que o artista havia esperado.

Acontece, embora mais raramente, abandonar completamente as idéias anteriores e servir-se de dados inteiramente novos.

Tanto o primeiro período foi laborioso e difícil quanto o segundo é harmonioso e fácil.

O primeiro trabalho necessitava de uma tensão de espírito, uma atenção sustentada que desaparece no segundo caso; aqui, tudo jorra da fonte; parece que o artista trabalha sob o ditado de um ser superior; sua alegria é um transporte sublime que pode ir até ao êxtase.

Em certos casos, a intuição não é precedida de nenhum esforço consciente. Em estado de isolamento, de recolhimento, o artista encontra, espontaneamente, idéias novas. Um pensamento que lhe parece exterior revela-se-lhe subitamente.

Idéias luminosas afluem ao seu cérebro. Apoderam-se dele e, em um impulso imprevisto, basta notar o que lhe diz a voz interior: tocar no seu teclado, sem ter disso quase consciência, a melodia que lhe canta uma voz que só ele ouve.

Em certos casos, essa intuição se dá durante o sono, em uma espécie de sonho. O inspirado levanta-se como um sonâmbulo; não é a sua consciência pensante que age, é outra personalidade que o dirige, uma entidade que lhe parece exterior.

É nesse curioso estado de consciência que Chopin teria improvisado a sua *Marcha Fúnebre*, e Rouget de l'Isle a sua *Marselhesa*.

É em sonho, igualmente, que se produzem numerosas intuições espontâneas. Muitas mulheres, mais sensíveis do que os homens, têm essas premonições; confiam nelas, porque acontece muitas vezes que os seus pressentimentos se verificam.

Essas intuições, esses pressentimentos parecem vir bem dessa faculdade, superior à consciência habitual, que chamamos super-consciência.

O caráter da inspiração é a espontaneidade e a alegria fácil na qual ela se produz.

O artista, o poeta, tem a impressão de ser subitamente visitado por uma presença estranha e é como se a sua mão fosse guiada por uma vontade além da sua. Sua obra é escrita de um só jacto, sem pausa, nem reflexão. Esse trabalho é feito sem esforço, em uma espécie de êxtase que não lhe deixa meio de se reconhecer e que o coloca inteiramente sob a influência daquele que parece dirigi-lo.

Esse arrebatamento, raro aliás, é de uma duração variável, porém, enquanto dura, o artista se sente transportado; tem consciência apenas que o seu espírito bebe em uma fonte superior e que ele pode tirar, sem medida, tudo o que lhe for dado por uma vontade mais alta e mais forte do que a sua. Esse transporte pode durar horas; não necessita nenhum esforço; apenas a fadiga física do trabalho material de realização poderá fazer-se sentir.

Ao sair dessa inspiração o artista não precisaria retocar. O que ele fez é alguma coisa completamente estranha para si. Não tem nenhum controle sobre essa obra que ele julga muito superior à sua produção ordinária e se, em qualquer sentido, quisesse modificar a sua produção, esse trabalho estaria acima de suas forças.

Não está à altura dessa tarefa. Se, apesar de a duração desse êxtase, não terminou de uma só vez a obra começada, não lhe é possível tornar a encontrar o estado misterioso que o elevou e susteve acima da terra; o raciocínio, a reflexão, as pesquisas documentárias, tudo será vão para tornar a mergulhar-se nesse oceano de luz um instante entrevisto e que se fechou. É assim que primores de arte ficam incompletos, ainda que os seus autores tenham vivido muito tempo depois de os ter compreendido.

Aqueles que foram tocados por essa alegria pura de uma inspiração sagrada tiveram a consciência de que comungavam com forças superiores, que u'a

mão os dirigia como Deus inspirou o profeta e que inteligências inacessíveis à multidão lhe falavam numa linguagem mística e sobre-humana, que não compreenderiam talvez mais, agora que a fonte de inspiração está fechada. Eles têm, então, a certeza de que não agiram pessoalmente; que não foram senão instrumento pelo qual se manifestaram vontades inteligentes. A intuição, tal como acabamos de estudar, é, pois, um fenômeno essencialmente espontâneo. Nasce sem nenhum esforço e não somente sem ser chamada, mas, muitas vezes, sem que o pressintamos e sem participação voluntária daquele que é objeto dela. Certamente, as pessoas que têm intuição e pressentimentos, oferecem caracteres particulares que permitem reconhecê-las e sem os quais a faculdade não poderia exercer-se. São pessoas nervosas, impressionáveis e emotivas, tendo uma acuidade de percepção muito acima da média.

Porém, fora desses seres excepcionais, é possível desenvolver a intuição entre aqueles que não a possuem senão em grau mais fraco. Eis aí um problema importante.

Mesmo aqueles que são bem dotados a esse respeito, poetas, músicos, muitas vezes desejaram obter, por sua vez, a inspiração feliz que lhes faz produzir as mais belas obras. É um problema delicado, porém que não nos parece insolúvel. É certo que o iniciado pode desenvolver a sua super-consciência e ter, por esse meio, desde que chegou a certo grau de prática, uma visão dos fatos inteiramente diversa da anterior.

Pode-se esperar adquirir uma intuição precisa no sentido em que se deseja evoluciona, e essa faculdade desenvolver-se-á tanto mais nitidamente quanto a sua direção for mais exata. Pode tornar-se esse faro que cria o sucesso em negócio, como a intuição e a associação de idéias que dão a facilidade para

escrever, imaginar ou, ainda, essa sensibilidade especial que chamamos o senso artístico.

É certo que uns e outros podem, em graus diferentes, desenvolver em si mesmos essa curiosa faculdade e tornar-se, mais perfeitamente, segundo a ordem de fatos em que a sua atividade é desenvolvida, homens de negócios, escritores, romancistas, artistas. Esse desenvolvimento da super-consciência necessita um estudo profundo do ser humano. Em cada um de nós dormita essa faculdade intuitiva. Mas, quando ela não ultrapassa a média, não lhe prestamos atenção, ignoramo-la. Desde que o problema se coloque diante de nosso espírito, percebemos que essa faculdade é educável. Do mesmo modo que os músculos se desenvolvem, que a parte emocional do nosso ser pode influenciar-se em uma direção que a torna mais aguda e mais extensa, também a nossa super-consciência pode, por sua vez, desenvolver-se harmoniosamente.

*

*

*

Certas pessoas, em vista de desenvolver a super-consciência, entregam-se aos narcóticos. É um grave erro querer fazer dependente de uma droga o arrojo divino do pensamento.

Os venenos eufóricos podem, muito momentaneamente, produzir um efeito desse gênero, mas o bem fraco resultado que dão é pago a preço elevadíssimo por suas conseqüências fatais.

Certamente, o ópio, o haxixe, a cocaína podem dar ao ser humano uma superexcitação especial que, a princípio, certos psicólogos chamaram a lua-de-mel do intoxicado, desperta novas visões, acuidades particulares, percepções estranhas

que são antes a deformação da realidade do que portas abertas para um mundo desconhecido.

Não se tinha pensado nesse aspecto das coisas e parece que se tinha descoberto um mundo singular e perturbador, onde tudo é diferente da vida cotidiana.

Mas essa miragem é fugitiva e de duração bem curta. Dá breves alegrias, depois das quais o hábito se produz. Não se quer privar-se do veneno inspirador e o prazer torna-se uma necessidade; o indivíduo se torna escravo do excitante; não pode trabalhar sem ele e o tóxico, que fora um auxílio, torna-se um tirano com o qual todo o ser deve contar. É preciso que o infeliz, que pediu ao veneno as suas alegrias e forças, continue a submeter o seu pensamento e a sua vontade à droga infernal; é como um náufrago à mercê das ondas. O que tomava por visões sublimes não é mais do que fantasmagorias.

O artista perde em breve a possibilidade de realização. Gasta-se em vãos devaneios. Tudo se deforma em torno dele e os seus próprios pensamentos sofrem essas deformações. Aquele que se entrega aos narcóticos com o desejo de criar está perdido em um estado inativo que não repousa nem dá alegrias; definha em pensamentos perturbados que, muitas vezes, o tolhem de terror. É incapaz de um esforço seguido e, quando o veneno o invadiu definitivamente, toda ação é-lhe uma carga, torna-se um peso, um fardo. Uma simples carta a escrever é um suplício acima de suas forças; o intoxicado é um indivíduo sem vontade e sem energia.

*

*

*

Essas perturbações devidas ao ópio, ao haxixe e, de maneira geral, a todos os narcóticos derivados do ópio (morfina, heroína, cocaína), são muito conhecidas para que nos demorem a examiná-las. As fontes às quais poderíamos enviar o leitor são numerosas, e algumas têm grande valor de observação, pois que são o diário autobiográfico dos intoxicados.

Entre as mais curiosas dessas autobiografias, uma das mais estranhas é a de Tomaz de Quincey. A obra foi traduzida por Alfredo de Musset sob este título: *O Inglês comedor de ópio*. É esse mesmo trabalho que serviu a Baudelaire para a segunda parte dos seus Paraísos artificiais que consagrou ao ópio e ao haxixe.

Tomaz de Quincey mostra-nos bem, nas suas revelações, as armadilhas do ídolo ao qual sacrificou e, depois de alegrias falazes, a abolição quase completa de sua personalidade. Todo esforço, como dizíamos, tornou-se-lhe impossível:

"Eu era bem raramente capaz de escrever uma carta; uma resposta de duas palavras àquelas que recebia era tudo o que eu podia fazer; e isso, muitas vezes, depois de ter deixado a minha carta aberta durante semanas ou meses sobre a minha mesa..."

É bem difícil mostrar mais ingenuamente a miséria na qual o opiomano é submergido.

Contrariamente às fantasias que contam, ou aqueles que falam levemente do que não sabem, ou os intoxicados, cedendo à desastrosa necessidade de proselitismo que é uma das características de seu estado, vê-se que o haxixe e o ópio, longe de desenvolverem a intuição e as faculdades superiores do

espírito, aniquilam todo pensamento, destruindo toda a vontade. O mesmo sucede com todos os outros narcóticos.

Não somente aquele que se entrega a esses venenos não adquire faculdades novas, mas é sempre vítima de perturbações que se agravam à medida que aumenta a intoxicação.

O grande intoxicado: opiomano (sob qualquer forma que a droga seja ingerida: comida, fumada ou posta sob a forma de láudano) ou haxixiano, sofre, durante o dia, perturbações que suprimem nele toda a possibilidade de realização. Quanto às suas noites, são lamentáveis e povoadas dos mais assustadores pesadelos e visões terríveis, que lhe aparecem com pavorosa nitidez.

Não quero outra prova senão a confissão de Tomaz de Quincey na obra já citada:

"No momento em que aumentava a faculdade de criar nos meus olhos, uma espécie de simpatia se estabelecia entre o estado de sonho e o estado de vigília em que me achava. Todos os objetos de que acontecia recordar-me e me retraçar voluntariamente na obscuridade, eram logo transformados em aparições, de modo que eu tinha medo de exercer essa faculdade temível; porque, semelhante a Midas, de cuja avareza ele mesmo se punia e que transformava em ouro tudo o que tocava, desde que uma coisa podia apresentar-se aos olhos, eu não tinha senão que pensar na obscuridade e a via aparecer como um fantasma; e, por uma conseqüência aparentemente inevitável, uma vez assim

traçada em cores imaginárias, como uma palavra escrita em tinta simpática, chegava até a um clarão insuportável que me despedaçava o coração. Porque isso, como todas as outras mudanças sucedidas nos meus sonhos, era acompanhado de uma inquietação e uma profunda melancolia, impossível de exprimir”.

“Parecia-me, cada noite, que eu descia, não por metáfora, mas literalmente, em subterrâneos e abismos sem fundo, eu me sentia descer, sem ter nunca esperança de poder voltar. Mesmo ao meu despertar, eu não acreditava haver subido”.

“É uma visão bastante assustadora da escravidão do toxicômano — essa familiaridade constante de imagens involuntariamente criadas e que se pintam pelas paredes com o sinistro chamejar da mão visto por Baltazar e que escrevia as maldições que fizeram cair Babilônia; essa sensação de uma descida irremediável é certamente uma tortura aflitiva, mas não basta àquele que quis se criar um modo fictício para viver segundo o seu desejo. Perturbações novas agravam os terrores que o torturam; os sentimentos do espaço e do tempo se perturbam dolorosamente nele”:

“Os edifícios, as montanhas elevavam-se em proporções muito vastas para serem medidas pelo olhar. A planície se estendia e se perdia na imensidade. Isto, contudo, me afligia menos do que o prolongamento do tempo; acreditava

algumas vezes ter vivido 70 ou 100 anos em uma noite; tive mesmo um sonho de milhares de anos; e outros que passavam os limites de tudo quanto os homens podem recordar-se." (O Inglês comedor de ópio).

Expulso do espaço e do tempo por sua lamentável loucura, o infeliz é ainda atormentado por lembranças que tomam, a seus olhos, um caráter real. Algumas dessas visões se encarniçam contra ele. Cita-se o caso de um intoxicado malaio que foi, durante anos, o seu mais feroz perseguidor. Uma palavra, um verso, um som, tudo tomava nele poder evocatório e a potência do mal forçava-o a viver dolorosamente algumas de suas lembranças.

*

* *

Vê-se, por essas curtas citações, e teríamos podido escolher mais trágicas, em que estado se coloca voluntariamente aquele que quer fugir da realidade e criar, à sua vontade, visões e inspirações que lhe não vêm do alto.

É demonstrar à sociedade que o emprego dos narcóticos é o pior processo para desenvolver a intuição e as faculdades superiores do espírito.

Eles não podem senão desafinar o instrumento de que nos queremos servir e não é desse instrumento desafinado que poderíamos arrancar belas harmonias, não é dessa consciência prestes a escurecer na loucura que poderemos obter produções superiores, lógicas e harmoniosas.

A droga dá perturbações, por vezes visões curiosas, a princípio especialmente pela dissociação da personalidade; porém, ela resgata esse pequeno resultado roubando àquele que a emprega toda faculdade de julgamento, a

associação lógica das idéias, a vontade. Pelo emprego dos euforísticos, o ser humano torna-se um farrapo sem valor, por uma ação normal e regularmente consentida.

Foge da realidade para penetrar no domínio mentiroso das miragens, e, em breve, prostrado pelo hábito, torna-se escravo do veneno.

O caminho do iniciado não é esse. Porém, antes de encará-lo e antes de indicar como podemos desenvolver em nós mesmos as faculdades intuitivas, acreditamos útil, para bem sublinhar a diferença entre a visão quimérica do intoxicado e o fato real de intuição, reproduzir uma observação que o Dr. Gastão Durville publicou num estudo em que encarou a possibilidade de educar o super-consciente.

Essa observação, que foi dirigida ao Dr. Gastão Durville por uma senhora que se assinava I. L., abre horizontes até aqui insuspeitos ao pensamento.

"Comecei a 9 de Maio de 1917 — escreveu a senhora I. L. — o estudo do órgão, sem ter tido, até esse dia, a menor noção desse instrumento; sou medíocre pianista e, se outrora lia facilmente a música, de há muito que perdi esse hábito, não tendo tocado piano desde há 7 anos senão raramente, quando conseguia ler certas músicas. Esbarrei, desde a minha primeira lição de "pedal", com três dificuldades principais":

"1.º — A aprendizagem dos pés sobre o teclado de pedais";

"2.º — A leitura simultânea de três pautas musicais (linha superior para a mão direita, média para a mão esquerda, inferior para os pedais)";

"3.º — Enfim, a pauta escrita para os pedais ocupa o lugar da linha escrita para a mão esquerda nas obras para pianos; o que complica a leitura para o principiante".

"Depois de um quarto de hora de horrível confusão, estava perdida em uma decifração impossível, invertendo sem cessar a ordem das três pautas e o lugar dos dezoitos pedais. Foi então que, sendo chamado o meu professor, oito ou dez minutos, à presença de um visitante, tive a idéia de aplicar o método psíquico ao meu novo trabalho; fiz alguns instantes o "isolamento", depois enviei sucessivamente toda a minha vontade (com uma profunda respiração a cada ordem dada)":

"1.º — Aos meus pés, ordenando-lhes a não obedecer senão à leitura da linha inferior";

"2.º — A minha mão esquerda, com a ordem de não obedecer senão à leitura da linha média";

"3.º — A minha mão direita, com a ordem de não obedecer senão à leitura da linha superior".

"Tendo feito isso com método e fé no sucesso, pensei simplesmente: Agora não nos preocupemos mais com isso".

"Meu professor voltando para junto de mim, pus-me a tocar. Imediatamente o mestre admirou-se da mudança

súbita: não invertia mais a ordem das pautas e se não fossem os erros contínuos de meus pés na escolha das notas teria lido correntemente a música”.

“Fiz meu segundo estudo no dia seguinte com uma jovem habituada a fazer trabalhar crianças soletrando-lhes, nota por nota, sem trégua nem interrupção: dessa vez, impossível de me “recolher” um só instante para utilizar-me do método psíquico, foi preciso contentar-me em aplicar-me como os outros principiantes, com a minha inteligência consciente; volto, então, a todas as apalpadelas de meu primeiro quarto de hora e deixo o meu trabalho, extenuada e aborrecida”.

“A diferença de um estudo a outro sendo provada, consagro o meu terceiro estudo a renovar a primeira experiência, mas, aplicando igualmente a “concentração psíquica” ao conhecimento do teclado dos pedais; o resultado é imediato, e no dia seguinte (quarto estudo e segunda lição), meu professor estava estupefato de me ver decifrar um prelúdio de Bach sem olhar os meus pés”.

“Entre 9 e 25 de Maio, tive, aproximadamente, oito horas de estudo. Ora, em 25 de Maio, o meu professor me fazia tocar no órgão de Saint S..., dois prelúdios de Bach, assegurando-me terem sido executados tão corretamente como se fosse após um ano de estudos. Como eu lhe explicasse o meu processo, disse-me ele: É muito interessante, mas eu não explico a rapidez inconcebível com a qual

retivestes a colocação dos dezoitos pedais. Eu lhe fiz notar que eu me enganava como qualquer principiante, desde que cessava de "ter confiança" nos meus pés e nas minhas mãos, isto é, desde que, temendo erros, pensava neles e vigiava as suas mudanças de pedais ou de teclas."

"Enfim, nesses últimos dias, eu experimentei suprimir completamente o trabalho consciente ou subconsciente do cérebro: depois de ter ordenado aos quatro membros "executantes" a obediência exclusiva às suas respectivas pautas, encarreguei o meu "super-consciente" (fala desta parte superior do mental), da percepção de todas as dificuldades musicais de que meus olhos tomavam "maquinalmente" conhecimento, reservando-me somente, como esforço consciente, a leitura de um conjunto, sem nenhuma tensão, nem aplicação raciocinada. Em suma, é o inverso do processo habitual, isto animou-me infalivelmente: todas as vezes que eu toco com confiança e calma absoluta, não experimento senão as dificuldades de mecanismo e posso estudar duas horas sem a mais ligeira fadiga. "Não digais, como o meu professor, que é prodigioso e anormal. Nem sempre me saí bem, mas tenho observado que todos os meus erros tinha sempre uma das seguintes causas":

"Ou eu não dava a ordem formal a um dos membros executantes";

"Ou eu estava longe da calma absoluta";

"Ou tinha começado a raciocinar a minha leitura (aplicara-me, diria um estudante normal)";

"Ou pensava em outra coisa. Esse caso se produz muitas vezes; então dir-se-ia que o "contato é retirado". Tenho a impressão de que o espírito consciente retoma penosamente o lugar do "outro" e tateia erradamente para se "encontrar", enquanto os pés e as mãos se confundem como os dos principiantes. E eis o que me acontece cada vez que não limito estritamente o meu esforço à leitura visual — não refletida — e com a exclusão de todo pensamento vagabundo".

"Hoje, 7 de Junho, depois de oito lições e perto de quinze horas de estudo (ao total), decifro a Marcha dos Peregrinos, de Tannhauser, e a Pastoral, de Franck."

Esses fatos são curiosos. Deixam supor que o ser humano, especialmente dotado, pode apelar para uma consciência superior. Certamente, é difícil precisar a natureza exata dessa super-consciência. Apenas a entrevemos.

São fatos tão excepcionais que devemos crer no milagre? Não pensamos assim. Achamos, ao contrário — e isto repousa em numerosas experiências — que é possível dar a certos seres humanos predispostos uma espécie de super-inteligência que lhes permita conhecer, em certos momentos, fatos que não cabem sob o domínio dos sentidos habituais.

*

*

*

Como se pode desenvolver ou adquirir essa faculdade?

É ainda o conhecimento do ser humano que no-la poderá revelar. Nenhum poder real, nenhuma faculdade poderosa pode aparecer no nosso ser fora das Leis eternas. A Lei primordial, que domina todas as faculdades e percepções, é que o ser deve, antes de tudo, realizar, em si mesmo, uma síntese, uma harmonia, um conjunto que não deixe lugar a nenhuma dissonância. É dessa síntese que resultam os poderes superiores do espírito e do super-consciente; é por ela que podem nascer e se expandir as mais altas faculdades psíquicas. Esses poderes e essas faculdades se encontram em todos os seres, mas em estado latente; basta realizar as condições de uma harmonia perfeita para que apareçam e, progressivamente, se desenvolvam.

O primeiro ponto que deve realizar aquele que quer iniciar-se nessas faculdades superiores é criar, em si, essa síntese, essa harmonia: deve ser senhor de seu corpo, senhor de seu espírito, senhor de suas emoções, senhor de seus impulsos. É neste domínio que experimenta o sentimento de sua força, a soberana calma que lhe dá pleno poder em torno, este perfeito equilíbrio sem o qual nenhuma ação é possível.

Esse domínio próprio dá uma severidade deliciosa, uma alegria sem sombra e sem limite que não se encontra em outra parte e que é uma das mais altas felicidades acessíveis ao homem.

Com isso adquire a força de vencer, não somente nos seus interesses materiais, mas ainda nessas pesquisas apaixonadas que lhe fariam esquecer tudo, se os seus deveres não o solicitassem. É aí que se encontra a Senda, a única Senda, a única que conduz aos poderes reais, às faculdades estáveis.

Aquele que persevera nessa linha de conduta sentir-se-á, dia a dia, mais poderoso e sua força crescerá à medida que se tornar mais calmo e mais em posse de si mesmo.

A faculdade intuitiva não se pode manifestar, brotar, expandir-se, até dar ao ser uma visão nova e inteiramente diferente da vida, senão quando a calma é obtida.

Tocamos aí em um dos mais altos cumes iniciáticos. Os cumos, no ar que os rodeia, são, para nós, a imagem mais perfeita da paz e da estabilidade; mas esses altos cumos não podem ser escalados se os declives precedentes não forem galgados. É, pois, de primordial necessidade ter, antes de tudo, obtido a calma do corpo, o apaziguamento dos sentimentos, o domínio das emoções e a posse das idéias antes de realizar outra ambição.

Para bem fazer compreender a necessidade dessa calma, teremos ainda de recorrer a uma comparação:

Imaginai que, em uma usina onde entrastes, encontraríeis o diretor. Tem ele belas faculdades, faculdades de cálculo, por exemplo. Mas há, no escritório diretorial, duas pessoas pelas quais são simbolizados o consciente e o inconsciente. Essas pessoas são, muitas vezes, muito turbulentas. A consciência se manifesta por uma vontade brusca, autoritária; dá ordens despóticas. Quanto ao inconsciente, é vítima de revoltas e perturbações que alteram toda a usina.

Como, em tais condições, a mais alta parte de nós mesmos fornecerá o seu trabalho? A faculdade está em nós, porém se o ruído impede a sua expansão, ela não nos pode servir. Fica latente dentro de nós, inutilizada; não se pode manifestar, do mesmo modo que o diretor, no seu escritório, não se pode entregar, no meio da confusão e das disputas, às operações difíceis. Não pode fazê-las sem

ter a cabeça repousada; é preciso, pois, antes de tudo, que afaste do seu escritório tudo o que perturba a calma; não é senão depois de o ter conseguido que ele está em condições de fazer os seus cálculos e resolver os mais delicados problemas.

O super-consciente aparece àquele que observa e experimenta na calma e no repouso de espírito, como uma entidade comparável a esse diretor de usina que é dotado de faculdades notáveis, porém se acha, por causa de um tumulto exterior, na impossibilidade de cumprir o seu trabalho. Se, ao contrário, está em condições favoráveis, as suas belas faculdades tomarão todo o desenvolvimento que são capazes de dar; poderá exercê-las e impeli-las ao seu mais alto ponto de perfeição, porque a calma necessária foi estabelecida em torno dele.

Para que as nossas faculdades super conscientes dêem a sua medida real, é preciso, pois, obter, primeiramente, a calma altamente perfeita em si e em torno de si.

*

* *

No capítulo precedente, insistimos sobre o auxílio que podemos pedir ao silêncio. Na calma, o nosso ser repousado sente-se rodeado de poderosas energias, de presenças que pedimos às Forças amigas do Silêncio. É no silêncio amigo que podem brotar as nossas mais altas faculdades latentes.

Estamos, pois, na necessidade de procurar um quadro silencioso para o nosso desenvolvimento.

Em nossa casa, esse quadro pode ser um canto privilegiado do nosso aposento, onde gozamos de solidão, onde achamos, com um prazer sempre novo, tal poltrona, tal *chaise-longue*, onde repousamos melhor que em outro lugar, onde

experimentamos, melhor do que em qualquer outra parte da nossa casa, a doçura de descansarmos, de repousarmos física e moralmente, e sonharmos a nosso gosto.

Nosso gabinete de trabalho, longe do ruído da rua, é um ambiente favorável para exercermos as nossas faculdades de intuição, em vista dos nossos trabalhos escritos e obras absorventes dos nossos negócios. O atelier é um quadro inteiramente designado para obtermos novas visões relativas à arte que praticamos. Mas há momentos em que mesmo o lugar mais favorável da casa não é o quadro que agrada mais à nossa inspiração.

É na Natureza, na sua calma e na sua doçura, que encontramos as nossas inspirações mais belas. Amemos essa Natureza materna que nos oferece, os seus verdes palácios para abrigar os nossos sonhos e facilitar os nossos trabalhos. É a ela que deveremos sempre as nossas alegrias mais belas e mais profundas; é ela que pós abrirá mais facilmente e mais completamente as fontes da inspiração; que espalhará no nosso espírito, com a verde luz que se projeta nas folhas, essa harmonia que nos faz viver uma vida mais alta e mais consciente.

Não é somente para a nossa comodidade que devemos escolher para o nosso pensamento um quadro imutável. Esse lugar em que nos recolhemos conserva sempre alguma coisa dos nossos pensamentos habituais. Esses pensamentos parece aí sobreviverem, aí persistirem e aí criarem uma atmosfera diferente do resto do mundo. Nada como penetrar no nosso aposento amado, nosso cantinho que nos agrada, nesse lugar solitário onde o regato, que murmura, nos embala com o seu cântico tão fresco, onde parece que encontraríamos os nossos pensamentos anteriores.

*

*

*

Quem dirá o segredo dessas harmonias misteriosas?

O sensitivo as percebe. Sente em torno de si as forças amigas, os pensamentos nascidos dele que, espontaneamente, retomam o lugar no seu espírito, encantam-no, prendem-no, preparam-no a um novo arrebatamento, a um novo esforço. Esse lugar que freqüentamos, onde nos sentimos bem, fica impregnado do nosso pensamento como um vaso poroso guarda o perfume do líquido que conteve.

Encontrando-nos novamente nesse ambiente, num momento em que tudo é silencioso e calmo, tanto em nós como em torno de nós, encontramos de novo os pensamentos que nos foram familiares nesse lugar escolhido.

Parece que sobrevivem no aposento amigo tanto como no recanto preferido do campo.

São verdadeiramente os nossos pensamentos? Têm eles uma realidade de algum modo permanente que lhes permite fazer-nos esse acolhimento?

Somos o joguete de uma sugestão?

Não importa, pois dessa sensação aquele que trabalha tira os resultados mais felizes.

O que é importante é procurar criar um quadro amigo para nos desenvolvermos, uma atmosfera propícia à eclosão de nossa super-consciência, da intuição e da inspiração.

Esse pequeno caminho que serpenteia no bosque e que amamos parece guardar o nosso pensamento. A primeira vez envolveu-nos em seu encanto e se mostrou propício às nossas laboriosas meditações. Voltamos aí. Acostumamos-nos com ele.

Encantou-nos sem sabermos porque, e agora estamos deliciosamente cativos de sua calma e de sua poesia.

Os eflúvios que procuramos penetram-nos mais docemente sob a sua sombra doce. Conheceu os nossos primeiros trabalhos e, depois, cada vez que aí voltamos, dá-nos a mesma calma de espírito, parecendo que nos sugere lembranças e idéias.

As forças e inteligências amigas vêm a nós, sob as abóbadas movediças das árvores. Vêm a nós, cantando como um grupo de jovens virgens. Brincam nos raios, aparecem e desaparecem, sempre sob um novo aspecto que suscita novas associações de idéias.

Voltamos a esse lugar para aí gozarmos sem cessar essas alegrias extasiantes e calmas.

Esse quadro nos inspira assiduamente pelo trabalho que fazemos. O ar que respiramos na sua intimidade viva conduz não somente a vida física aos nossos pulmões, mas, ainda mais, ao nosso espírito, um afluxo de imagens indeciso, murmura-nos doces coisas que não compreendemos em outra parte. Mais vivemos nesse lugar aprazível, mais sentimos quanto nos é favorável. Lá encontramos belas idéias; parece-nos que elas descem para nós com os raios que deslizam entre as verduras.

*

*

*

De onde nos vêm esses pensamentos? Onde foram colhidas essas imagens que nascem como flores em torno de nós? Ninguém c saberia dizer. Estão aí, na atmosfera; elas nos inundam como a seiva que sobe às árvores

rejuvenescidas, cumulam-nos de percepções novas, de pensamentos imprevistos; inspiram-nos.

Aliás, o mecanismo idêntico agirá diferentemente pela diversidade dos aspectos.

Sim, na calma repousante da Natureza, o ser sente crescer em si faculdades que depressa se vão expandir em prodigiosos resultados. Uma doce atividade, nova para as nossas forças, se desenvolve lentamente. Uma lucidez que não conhecíamos mostra-nos a vida sob um aspecto diverso. A intuição se desenvolve.

E as visões que nos vêm da Natureza são lúcidas, tanto quanto doces. Não se experimenta a deformação característica da influência dos venenos. Sentimos que estamos sempre na realidade. Não é a miragem que nos guia, a aparência vã do fugitivo desejo, mas, ao contrário, é a constante flama de entusiasmo pelo qual se metamorfoseia a vida corrente e faz brotar, entre as visões habituais, florações belas e suaves imagens que a tornam magnífica em torno de nós. Durante essa calma, na qual o apaziguamento da Natureza penetra até ao fundo de nossos corações, o espírito, liberto de suas preocupações diárias, desprende-se e se eleva, desliza o seu vôo acima do mundo sensível e descobre o que ignorávamos. Não se trata de associações de idéias ou, se um fato desse gênero se produz, não nos é perceptível.

Em todo caso, efetua-se um trabalho superior àquele que poderíamos dar pela tensão voluntária de nosso espírito. Temos a impressão ridente de tirar de uma fonte superior esses pensamentos novos que nos iluminam em uma claridade resplendente.

*

*

*

Bem doces são as alegrias que goza assim o Iniciado! Seu trabalho é facilitado por esta elevação de sua alma acima de si mesmo.

Enquanto o intoxicado vê toda a sua atividade cerebral limitada à imaginação, cuja forma se desregra e se perverte, o adepto ganha, no seu recolhimento na Natureza, poderosas faculdades superiores. Encontra a idéia que procurava. Ele a renova e multiplica. E essas idéias que se produzem em jacto contínuo coordenam-se e se encadeiam de mil maneiras imprevistas. Não são os vagos clarões que provêm da alucinação. Tem-se a oportunidade de notar os coloridos; e aquele que sabe desenvolver assim a sua intuição chega a recolher, à vontade, as intuições que procura e que o procuram sem interrupção, segundo o grau de sua necessidade de trabalho.

O domínio do Iniciado é vasto e cresce sem cessar.

Os pensamentos superiores o visitam nos momentos em que a calma que soube fazer descer à sua alma o prepara a receber o seu influxo. Sob essa irradiação, mil eclosões se produzem que desenvolvem e tornam magníficas as suas faculdades mais admiráveis. Sente que, quando a vontade é dominadora e bem desenvolvida, não há mais limites ao poder do homem.

Ele sabe de si mesmo; expande-se com toda a lucidez; saboreia, na sua plenitude, o encanto dessa Natureza que ele compreende melhor, à medida que a decifra e dela se deixa penetrar.

Não é possível imaginar os benefícios de uma tal intuição. Resulta disso, para o homem de negócios, uma visão inteiramente nova de seus trabalhos; o que lhe parecia difícil e intransponível, aparece-lhe subitamente claro e fácil. Vencerá,

bem o sabe. Vence. As dificuldades não são nada para aquele que as considera com a vista lúcida. As forças realizadoras vêm e acompanham as idéias.

É o mesmo com relação às produções artísticas. Sob o efeito da inspiração, as dificuldades técnicas se esclarecem. A produção se eleva e se intensifica: o artista comungou com as harmonias supremas; ele as faz irradiar.

*

* *

Do mesmo modo que se aprende a concentrar o pensamento sobre uma idéia determinada, também se pode dirigir o trabalho intuitivo.

Tal assunto me interessa. Procuro exercer sobre ele a minha intuição. Limito-me a anotar sobre uma folha ou simplesmente na minha memória, o objeto na sua mais simples forma.

Não estudo; não reflito. Contento-me a ir para o lugar mais propício às minhas meditações, para o canto preferido do meu aposento ou, melhor ainda, para a Natureza que me envolve na sua calma apaziguadora.

Lá no encantamento do bosque, próximo da fonte que sussurra, encontro a calma que emana do meu quadro preferido. Abandono-me à doçura dessa hora encantadora; não faço um só esforço; enfim, nenhum esforço ser-me-ia útil na tarefa que empreendi. Não penso em nada em particular.

Muitas vezes, no começo, as horas passam, sem que se apresente qualquer coisa ao espírito; não me preocupo, não me esforço; é necessário que a inspiração seja espontânea. O essencial é conservar a calma, não sentir nenhuma tensão cerebral. Não é preciso mesmo perguntar se virá ou não; é preciso esperar na calma, evitando todo o esforço de atenção.

O espírito deve estar repousado.

O hábito auxiliando, somos muitas vezes surpreendidos, porque, simplesmente pelo repouso do espírito, sem nenhuma pesquisa particular, as idéias afluem.

Parece que um véu espesso se rasga diante dos olhos do espírito, o nevoeiro se dissipa e idéias iluminadas por uma flama interior se levantam no nosso pensamento.

Aparecem de improviso e nos espantam pela sua precisão e seu relevo. Vêm tanto mais vivas e rápidas, quanto esse trabalho tão simples se nos torna habitual. E que trabalho fácil! Sentimo-nos auxiliados e sustentados por uma doce e poderosa mão. A doçura desta sensação nos extasia. Tudo o que a solidão pode ter de triste desaparece do nosso pensamento; estamos embriagados de alegria.

É assim que se produz o trabalho intuitivo quando é desejado e procurado. Esse trabalho é sempre superior àquele que se faria por um processo diferente. É superior pela elevação dos pensamentos, pela amplidão e variedade das associações de idéias. Faz-se sem pressa e sem perturbação. Sois senhor absoluto dessas idéias. As imagens que vos rodeiam não deslizam com a rapidez cinematográfica que têm entre os grandes nervosos; tendes, ao contrário, todo o tempo necessário para notá-las, escolhê-las e agrupá-las, em uma ordem mais harmoniosa possível.

E se, em um ponto particular, desejais obter um trabalho intuitivo mais intenso, bastará pensar docemente nesse ponto, evocá-lo sem brutalidade e esperar; as idéias complementares afluirão logo.

Vós mesmos sereis surpreendidos pela facilidade e utilidade do que parecerá um brinquedo, se os resultados não fossem tão vastos. E esse trabalho considerável vós o obtereis tanto mais facilmente quanto tiverdes chegado por um

exercício necessário, pela prática a mais isolamento, a um domínio absoluto de vós mesmos. O artista, o compositor, também eles, podem desenvolver a intuição propícia às obras de sua arte.

O mecanismo é o mesmo para todas as formas de intuição. Seja na natureza ou em casa, em um lugar calmo, o atelier do pintor, do compositor, do músico, o quarto do poeta, o laboratório do inventor também, cada um pode desenvolver em si essa: faculdade na calma e na meditação. Certamente, ela não dá a gênio, mas todos retirarão, desse exercício, inapreciáveis vantagens que lhes permitirão descobrir, em si mesmos, dons inatos que ignoravam talvez totalmente.

*

*

*

Os psiquistas que estudaram os fenômenos de lucidez e de intuição entreviram os imensos horizontes que podiam abrir ao pensamento.

O ser que se desenvolve descobre em si mesmo infinitas possibilidades.

O Dr. Eugênio Osty que mostrou, com autores, a possibilidade para um indivíduo ler no cérebro de uma pessoa os pensamentos que ali se ocultam, escreve:

"Assistiremos ao espetáculo do homem descobrindo as magnificências insuspeitáveis de seu espírito, através dos cérebros lúcidos, esforçando-se, por meios ainda ignorados, em utilizar, primeiro indiretamente e talvez diretamente mais tarde, a extensão de conhecimentos de seu pensamento?... Veremos a engenhosa, mas enferma inteligência consciente assaltar o grande pensamento latente?"

Certamente, indivíduos lúcidos podem ler no nosso cérebro, mas, em certas condições, podemos ler também.

O domínio do pensamento comporta problemas vários e complexos que não serão elucidados antes de longas pesquisas. Os fatos de intuição são, talvez, aqueles que propõem questões as mais delicadas e mais imprevistas. De onde vêm os nossos pensamentos? Fazem eles parte de um fundo comum que se espalha como um vasto rio sobre o universo inteiro?

Encontramo-los no nosso cérebro? De onde vêm então essas correntes de idéias que se impõem a uma época toda e lhe dão, na história, seu caráter especial?

Passar-se-á muito tempo antes que se tenha encontrado para todas estas interrogações uma resposta plausível, baseada em observações notadas com cuidado e método.

Não podemos, agora, senão registrar o que nos é conhecido e conduzirmos apenas a nossa pedra para o edifício comum.

*

* *

Nossos pensamentos estão primeiramente em nós.

Parece estarem em reserva nas profundezas da nossa consciência, nas criptas ocultas do nosso inconsciente. Toda a nossa personalidade moral está impregnada de pensamentos e embebida neles. Estão em nós como um tesouro oculto debaixo da terra. Nós mesmos nem suspeitamos o seu valor e a sua importância.

Nossos pensamentos estão em nós e em torno de nós. Nós os esparzimos como um perfume. Arrastamo-los como uma sombra. Eles nos são de tal modo habituais que nem fazemos idéias mesmo dessa riqueza.

Não poderíamos viver sem eles, como não poderíamos viver sem o ar respirável, e os esquecemos como fazemos com o ar, no qual não pensamos senão se dele estamos privados.

Conhecemos tão pouco a nossa personalidade que não cuidamos nem ao menos dos pensamentos que nos assaltam a todo segundo. No trabalho íntimo que se opera no fundo de nossa consciência, qual é a proporção dos pensamentos que acreditamos verdadeiramente pessoais e a proporção daqueles que nos vêm de fora aumentando sem cessar a nossa riqueza intelectual? Recebemos impressões a cada segundo, desde sempre, desde o momento em que os nossos olhos estão abertos, em que pensamos sem saber que o fizemos somente porque respiramos a atmosfera intelectual da Humanidade.

Nas horas de calma e meditação, parece ser nesse reservatório que nos vamos alimentar. Certamente, ficam em nós, na sombra do subconsciente, muitas impressões de que esquecemos e somente dormitam.

Quando o super-consciente desperta, encontra-as novamente e as arrebatada para a luz. Essas sensações esquecidas nos parecem vivas e novas, porque as consideramos com mais atenção.

É assim que nos vêm muitas idéias que nos seduzem pela sua originalidade, idéias que jorram espontaneamente e que nos encantam por alguma coisa de imprevisto e novo.

Mas é somente nas profundezas da alma humana que haure a super-consciência? Parece que não. Os dados verdadeiramente intuitivos têm justamente

de particular que não aparecem sempre como superiores ao que produziríamos habitualmente. Saem inteiramente do quadro em que nos habituamos a progredir.

Quando a intuição desce sobre nós, que facilidade nos vem para um trabalho árduo! O que nos havia detido, desaparece subitamente. Descobrimos em nós novas faculdades. Trabalhamos sem esforço, na alegria, no arrebatamento que nos leva para uma atmosfera superior onde tudo é leve, risonho e harmonioso, onde a mágoa não existe.

Verdadeiramente, sentimos que qualquer coisa em nós está desprendida da matéria, da vida banal, que um fato novo e inesperado produziu-se quase sem que déssemos por isso.

Atingimos às Fontes puras, tocamos essas Forças inteligentes e amigas que os poetas têm cantado e que os extasiam de Claridade, de Vida, de Esplendor.

Estão aí essas Fontes puras. Estão à nossa disposição, ao alcance da nossa mão. Parece que não devemos senão formular o nosso desejo e lançarmo-nos com o coração sincero, para as atingirmos e mitigarmo-nos a sede. É pouca coisa, para obter tais alegrias, sujeitando-nos a um exercício, a uma prática que não é nem dolorosa nem amarga, e que, depois de algum esforço de vontade, nos faz comungar com os Ritmos e as Forças que levam o pensamento a viver no mundo da Luz que é o seu real elemento.

A EVOLUÇÃO

Tudo, na Natureza, vive e se transforma, passando insensivelmente de um estado imperfeito a um estado mais rítmico. — As transformações do reino animal. — A hipótese transformista. — Escala evolutiva da monera ao ser humano. — Os vinte e dois estádios, segundo Haeckel. — O embrião humano passa novamente, durante os nove meses da gestação, pelos estádios anteriores. — O caso excepcional em que o ser humano vem ao mundo com órgãos rudimentares pertencendo a um estágio inferior é um argumento em favor da teoria transformista. — A evolução de nossa parte espiritual. — A lei do ciclo. — O conhecimento dos fenômenos psíquicos e o mistério da morte. — As crianças prodígios. — Nascemos com qualidades e defeitos que são a consequência de nosso passado. — A grande lei do Equilíbrio que nos domina. — A ignorância de nosso passado é um bem. — Nas condições da vida atual, na nossa conta inscrita no Livro do Destino, há bem mais "deve" do que "haver". — Se conhecêssemos antecipadamente todos os desgostos e dificuldades que nos esperam, ficaríamos desanimados. — A esperança de uma vida melhor. — As resoluções a tomar. — Todo estágio de dor é um período de espera, de aviso; passado esse, a nossa Evolução prossegue na felicidade, no equilíbrio. — A dívida que temos a pagar é como uma sombra que se apega aos nossos passos; diminui d medida que nos aproximamos da Luz.

O Universo inteiro é regido por uma única Lei primordial: a da Evolução.

Tudo, na Natureza, vive e se transforma, passando insensivelmente de um estágio imperfeito a um estágio mais rítmico. A vida, seja nos mundos mineral, vegetal ou animal, segue esse processo evolutivo; tende a um aperfeiçoamento sempre mais notável.

O seixo que nos parece mais inerte é, entretanto, dotado de vida. O metal também é vivo; evoluciona. Os alquimistas sempre afirmaram a unidade da matéria; esse dogma muito contestado outrora é considerado como uma verdade pela ciência oficial hodierna.

O cristal vive e se desenvolve, mas, segundo leis mais especialmente rítmicas, em uma forma que é sempre a mesma. É o que exprime Dastre em seu estudo sobre a vida e a morte:

"Existe no cristal qualquer coisa de análogo à nutrição, uma espécie de nutrilidade que é o esboço da propriedade fundamental dos seres vivos. O ponto de partida, o germe do indivíduo cristalino é o núcleo primitivo comparável ao ovo ou ao embrião da planta ou do animal. Colocado em um meio de cultura conveniente, isto é, na solução de sua substância, esse germe se desenvolve. É assimilado na matéria dissolvida, as partículas se incorporam e crescem, conservando a sua forma, realizando um tipo ou uma variedade de tipo específico. O crescimento não se interrompe. O indivíduo cristalino pode atingir, aliás, grandes dimensões, se sabemos nutri-lo — poder-se-ia dizer cevar — convenientemente".

"Freqüentemente, em um momento dado, uma nova partícula de cristal serve, por sua vez, de núcleo primitivo e torna-se o ponto de partida de um cristal novo incrustado sobre o primeiro (é a germinação)".

"Retirado das águas nas quais se operou a sua cristalização, posto na impossibilidade de se nutrir, o cristal, detido no seu crescimento, cai em um repouso que não está sem analogia com a vida latente do grão ou do animal revivescente. Espera a volta das condições favoráveis, o banho da matéria solúvel, para continuar a sua evolução." (A Vida e a Morte).

No reino vegetal, a vida é mais aparente e as transformações são nítidas e precisas. O grão é posto na terra. Eis logo as raízes e as folhas. Caules, folhas e flores se desenvolvem. Vemos a flor nascer, expandir-se, chegando ao seu apogeu, perder a beleza de sua corola, tornar-se o fruto que, por seu turno, dará ao solo novos grãos, capazes de recomeçarem um novo ciclo. Assim a espécie sobrevive e se renova.

É a justo título que os filósofos tomaram esse termo de comparação da planta com a vida humana, porque, ao mesmo tempo, como a imagem de nossa própria vida, pode simbolizar todas as formas de aperfeiçoamento de que somos suscetíveis, seja pela cultura, seja pelo melhoramento do meio social. A planta, como nós, vive e morre depois de ter seguido um ciclo bem comparável ao nosso. Ela renasce de sua morte aparente como acontece conosco e o seu aperfeiçoamento é a imagem de nossa evolução, para quem sabe observar.

*

*

*

É fácil seguir as transformações do reino animal, se consideramos a escala dos seres em toda a sua extensão.

Tudo evolve neste mundo, tudo tende para uma perfeição sempre maior.

Se consideramos o conjunto dos seres animados que povoam a terra, se procuramos estudar as suas relações recíprocas, uma primeira noção nos impressiona: todos os seres seguem a mesma linha de evolução ascensional.

É-nos fácil seguir essa progressão que marcha sem recuos e sem saltos, do animal mais rudimentar até aquele que podemos considerar como o mais perfeito — pelo menos no que concerne aos nossos conhecimentos atuais — o homem.

O estudo nos fará conhecer, com mais precisão, os estádios aos quais chegam esses seres organizados quando eles progridem dessa maneira.

Cada um dentre eles é uma etapa desta senda cujo fim não nos é exatamente conhecido. Se tudo progride em torno de nós, é verossímil admitir que, depois da nossa vida atual, não pararemos mais e que o caminho ascensional nos conduzirá para novos melhoramentos. Efetivamente, se consideramos atentamente a escala de todos os seres que vivem sobre a terra, vemos que cada espécie é seguida por uma outra espécie que ocupa o grau imediatamente superior e que apresenta um novo aperfeiçoamento.

As espécies, mesmo as mais nitidamente caracterizadas, têm sempre entre si uma variedade um pouco híbrida que constitui o traço de união entre as duas, como o morcego, o peixe voador e o ornitorrinco.

E, dessa maneira, a escala prossegue a sua subida até ao ser humano.

*

*

*

A paleontologia demonstra melhor ainda que, depois da aparição da vida sobre o nosso planeta, as espécies animais se aperfeiçoaram de maneira contínua. As espécies gigantescas e monstruosas desapareceram sem deixar outros traços além dos fósseis, porém, as variedades que os representam atualmente são mais harmoniosas.

Assim sendo, estão mais bem adaptadas ao meio no qual têm de viver. A hipótese transformista é, desde longa data, admitida pelo espírito do pensador e do filósofo. Lamarck, Geoffroy Saint-Hilaire, Darwin e, mais recentemente ainda, Haeckel, estabeleceram com certeza esta cadeia evolutiva dos seres vivos, em que encontramos os protozoários em baixo da escala, depois os vermes, os moluscos, os peixes, os anfíbios, os répteis, os pássaros e, enfim, os mamíferos.

E a escala termina no seu cume pelo macaco e pelo homem, último elo atual da evolução física.

Perguntamo-nos muitas vezes sob que influência se produz essa evolução ascendente.

Será sob o impulso das necessidades e dos hábitos, como queria Lamarck?

Será sob a influência dos meios ambientes, como admitia Geoffroy Saint-Hilaire?

Este aperfeiçoamento incessante é devido à necessidade que se apresenta para cada ser de se defender?

Não existe entre as espécies uma sorte de concorrência vital, de luta pela vida, conduzindo os diferentes seres a uma seleção, o mais forte, o mais armado

destruindo o mais fraco para lhe sobreviver, assim como o expõem Darwin e seus sucessores?

Há, certamente, uma parte de verdade em cada uma destas concepções, mas não nos parece que a explicação seja suficiente. Parece-nos lógico admitir que uma vontade consciente presida a essas mudanças e essas modificações rítmicas de que cada uma conduz um melhoramento. Essa evidência impressionou Lamarck e ele a exprime assim:

"Os seres vivos formaram depois de sua primeira aparição sobre o globo várias séries ordenadas que se desenvolvem das formas simples até as mais complicadas e realizam as diversas fases de um plano preexistente devido ao Autor supremo de todas as coisas."

É bem difícil atribuir-se ao acaso um trabalho lento que se produz com constância.

*

*

*

É por isso que todos os autores que trataram de biologia preocupam-se em estabelecer as etapas que o animal deve atravessar antes de chegar à forma humana. Tomemos a título de exemplo os vinte e dois estágios que pareceram necessários a Haeckel, para chegar da monera a nós:

1.º — *Estágio original de Monera*, protoplasma sem núcleo, membrana celular;

- 2.º — *Amiba*, ou célula de núcleo simples, revestida de uma membrana.
Este estágio corresponde ao ovo;
- 3.º — *Sinamiba*, aglomeração de células de resultante da segmentação mais ou menos completa do ovo;
- 4.º — *Planéada*, espécie de larva;
- 5.º — *Gastréada*, estágio durante o qual o ser informe abre uma cavidade que será o ventre com os órgãos digestivos;
- 6.º — *Vermes turbelariados atuais*, que têm uma forma alongada, mas não possuem uma cavidade geral do corpo;
- 7.º — *Escolécidas*, já de posse de um líquido sangüíneo e de uma cavidade para os órgãos;
- 8.º — *Vermes saciformes*, apresentando um rudimento de medula espinhal;
- 9.º — *Vertebrados acranianos*;
- 10.º — *Monorrineanos*, com um crânio rudimentar sem maxilares;
- 11.º — *Selacianos*: divisão das narinas, aparição do esqueleto dos maxilares e de dois pares de membros;
- 12.º — *Dispneutas*, primeiro estágio de respiração pulmonar;
- 13.º — *Sozobranquias*, que possuem, ao mesmo tempo, pulmões e brânquias, permitindo-lhes respirar alternadamente na água e ao ar livre: E' igualmente nesse estágio que aparecem as extremidades divididas em cinco dedos;
- 14.º — *Sozuros*, anfíbios que, como os precedentes, possuem, em diversas épocas de sua vida, pulmões e brânquias, que, porém, contrariamente aos precedentes, conservam a sua cauda na idade adulta, enquanto perdem as suas brânquias;

15.° — *Protaniotas*, entre os quais as brânquias desaparecem totalmente, desenvolvendo-se u'a membrana aniótica;

16.° — *Promamalianos*, que são animais do mesmo tipo, providos porém de mandíbulas dentadas;

17.° — *Marsupiais*, cujo tipo é a sariguéia e que têm uma bolsa membranosa no ventre;

18.° — *Prosimiano*, tipo que se aproxima já dos macacos;

19.° — *Monocercos*, espécie de macacos de longa cauda;

20.° — Antropóides, macacos descendentes dos precedentes, porém já desprovidos de cauda, aproximando-se mais da humanidade;

21.° — *Homem-macaco* ou *antropopiteco*, não diferindo do homem senão pela forma do crânio e pela ausência da palavra. Equilibra-se verticalmente e seus pés são diferentes de suas mãos;

22.° — *O ser humano*, tal como o conhecemos.

Os estágios da evolução animal assim estabelecidos por Haeckel não foram admitidos e reconhecidos por todos os outros naturalistas. Há divergências de detalhe entre eles. Entretanto, de maneira geral e sem entrar em explicações técnicas, cujo lugar não é este pode-se dizer que a teoria de Haeckel determina a marcha tipo da evolução. Sobe a uma gradação nítida, lógica, um encadeamento raciocinado, estabelecendo o esforço contínuo da Natureza para o tipo humano e prosseguindo esse esforço através de toda a cadeia dos seres, em vista do seu aperfeiçoamento.

Não se trata aqui, naturalmente, senão do corpo, não podendo a história natural, no pensamento dos sábios atuais, ligar-se estreitamente com a filosofia,

como admitiam os sábios antigos. É fácil, todavia, verificar que a evolução mental corresponde à evolução física.

*

* *

Quando o homem é gerado, o feto passa novamente, durante os nove meses da gestação, por todos os estados anteriores e isso ainda é uma prova da evolução.

Aí, a ontogênese vem corroborar as observações da paleontologia. Ambas chegam a demonstrar por verificações experimentais e científicas que as espécies evoluem seguindo uma ordem sempre idêntica, transformando-se a inferior na superior, por gradações infinitas, porém inegáveis.

A ontogênese estabelece, efetivamente, que o ser humano, durante os nove meses de sua vida fetal, passa, de novo, por todas as etapas que atravessou outrora.

No seio de sua mãe, retoma o estado embrionário da monera, depois as características do molusco, do peixe, do réptil, do quadrúpede, para chegar, enfim, à forma do ser humano.

Haeckel tinha, aliás, sido impressionado por esta verificação. Reconhece que o desenvolvimento embrionário de um ser vivo atual é uma recapitulação das fases pelas quais passou o desenvolvimento paleontológico limitando à espécie ou ao grupo do qual o indivíduo estudado faz parte. Precisa esta opinião nestes termos:

"A ontogenia é uma repetição, uma recapitulação breve e rápida da filogenia, de acordo com as leis da hereditariedade e da adaptação."

Carlos Depéret, que nos seus trabalhos sobre a transformação do mundo estuda os diversos sistemas conhecidos a este respeito, comenta assim a opinião de Haeckel sobre a transformação dos animais:

"É incontestável, se consideramos somente os traços mais gerais, que a história do desenvolvimento de um indivíduo é uma espécie de recapitulação rápida das fases lentas da evolução da espécie e do ramo. Essa recapitulação é, aliás, muitas vezes limitada e simplificada, principalmente nos grupos mais diferenciados, pelo fato de que o embrião atravessa certos estados muito rapidamente ou mesmo os suprime inteiramente."

É na formação do ser humano que o estudo tem sido melhor e mais longamente prosseguido.

*

*

*

Um argumento ainda em favor da teoria transformista é o caso excepcional em que o ser humano vem ao mundo com órgãos rudimentares pertencendo a um estágio inferior.

É um fato de parada de desenvolvimento local que se produziu e que deixou, em seu lugar, órgãos que deveriam ser eliminados. O Dr. Paulo Carton demonstra, como segue, o mecanismo desses fenômenos:

"Essas recordações morfológicas de ancestrais longínquos fazem adquirir, aliás, ao embrião humano uma série de disposições e de órgãos que se atrofiam no estágio seguinte, seja completamente, seja parcialmente, deixando os seus traços em tão numerosos órgãos rudimentares que os encontramos quando estudamos a anatomia humana. Anormalmente mesmo, essas lembranças morfológicas podem persistir integralmente, nos casos de regressões por degenerescência, e é assim, por exemplo, que se pode observar esses quistos branquiais do pescoço que são malformações congênitas, lembrando o estágio do peixe pelo qual o homem passou antes de chegar à sua organização atual." (Tratado de Medicina Naturista).

Desses fatos, resulta até a evidência que muitas formas animais têm precedido sobre a terra à forma humana. De outro lado, o homem antes de se realizar nesta vida terrestre, passa, no curso da gestação, por todas as formas que precedentemente percorreu.

É preciso admitir, pois, sob pena de faltar a todas as leis da lógica, que essas transformações têm um fim e que a evolução do corpo para uma forma sempre mais harmoniosa e mais perfeita é real.

*

* *

Vejam, agora, qual é a evolução de nossa parte espiritual.

Primeiramente, devemos propor esta questão: o corpo material é todo o ser? Certamente não. A parte mais importante não é o corpo, mas a alma, que é a própria vida. O corpo não é para esta alma senão uma vestimenta, um alojamento que ela habita temporariamente. Estabelecido que tudo foi feito segundo um ritmo constante e absoluto, parece-nos lógico admitir que as transformações sucessivas do corpo, no curso dos séculos, não são senão a manifestação exterior do aperfeiçoamento da alma.

A alma passa por transformações análogas, senão idênticas, às do corpo. Mais ainda que o arcabouço material, a alma tem necessidade de se aproximar de um Ideal divino, de tornar-se capaz de considerá-lo e compreendê-lo, vivendo cada vez mais segundo o ritmo que esse ideal lhe confere.

O corpo aperfeiçoa-se no curso de suas evoluções consecutivas. É natural admitir que a alma siga a mesma senda ascendente. Ela é a parte essencial do ser, porém — não temos senão que olhar em torno de nós para verificá-lo — todas as almas não chegaram a um mesmo grau de evolução.

Do mesmo modo que a nossa civilização é mais perfeita do que há uns séculos atrás, também a nossa alma continua a cadeia de Isto é de tal modo verdadeiro que o ser humano não se contenta em cumprir o seu ciclo, mas ainda é solidário com todos os seres que o rodeiam, com o ar que respira, animais e plantas de que se nutre, e esses seres mesmos dos quais faz o seu repasto são, por sua vez, solidários com o ar, a terra e a água que lhes fornecem, cada um segundo as suas possibilidades, os meios de sua evolução no ciclo em que estão colocados.

Cada ser tem a sua utilidade; cada um, do menor ao maior, tem e representa o seu papel no imenso concerto deste mundo e cada um não pode dissociar o seu destino do destino dos seres que o rodeiam.

Para quem sabe olhar, o universo é a mais bela imagem que podíamos sonhar da fraternidade, para a qual tudo deveria convergir, porque tudo, na Natureza, se encadeia e nenhuma vida pode produzir-se e persistir sem a assistência e o apoio da vida de seu vizinho. Por que os seres humanos são os únicos que se não conformam com esta Lei de aliança e harmonia? Quando compreenderão eles a lição que a Natureza lhes dá? Tornar-se-ão, em breve, conscientes do seu dever?

Sim, tudo na Natureza segue a lei da evolução.

O ser humano não poderia escapar a essa Lei.

É um erro admitir que a morte é uma dissociação da consciência, a cessação da vida. É somente u'a modificação da vida, mas, nessa mudança, a consciência não é de modo algum perturbada e ainda menos dispersada.

Com a morte, o corpo volta à terra e ao ar; sua matéria se desagrega e nenhuma das partículas, às quais a morte deu liberdade, ficará inutilizada.

Mas a parte essencial — a alma — ficará intacta; continua a sua evolução.

Todas as épocas, todas as religiões, todas as filosofias legaram-nos esta certeza; todos afirmaram a sobrevivência do espírito e a necessidade de assisti-lo na sua evolução que o conduz para estágios mais elevados.

O organismo físico do homem levou séculos a se tornar o que é hoje; a alma também moldada lentamente deve atingir os aperfeiçoamentos bem mais altos do que aqueles que o corpo está no direito de esperar. É por isso que a sua evolução reclama uma duração tão longa.

Em todos os tempos, o problema da sobrevivência da alma tentou bastante os pesquisadores. Teólogos e filósofos tem-no encarado sob diferentes

aspectos. Até estes últimos anos, a questão ficou no domínio da especulação metafísica.

Uns e outros não baseiam as suas afirmações senão sobre as provas de raciocínio.

*

* *

O conhecimento dos fenômenos psíquicos, cuja sede é o ser humano, parece justificar a crença na sobrevivência da alma. Mas é preciso reconhecer bem que a interpretação dos fatos — que resultam de observações ou de experiências — é particularmente delicada.

A questão parece tanto mais complexa quanto mais nos damos ao trabalho de estudar o problema sob todos os seus aspectos.

Uma reminiscência da vida anterior, uma revelação atribuída a um morto pelo médium que a exprime e muitos outros fatos parecem simples à primeira vista. E' certo que aquele que se acha em presença de um tal fato e que ignora a totalidade dos problemas psíquicos ou que não tem deles senão conhecimento muito superficial, será conduzido a considerar esses fatos como provas formais e indiscutíveis da sobrevivência de além túmulo.

Entretanto, mais perscrutamos esses delicados problemas e mais achamos espinhosa a interpretação. O caráter verossímil da manifestação póstuma é o mesmo, quase sempre, mas outras hipóteses surgem. Elas se precisam e se multiplicam à medida dos esforços que tentamos para resolver o enigma.

Diante de tais fatos é preciso nos desprendermos de toda idéia preconcebida.

E antes de recorrer à hipótese de u'a manifestação póstuma real, é preciso eliminar necessariamente — e isto não se faz sem custo — toda a intervenção do pensamento, consciente ou inconsciente, venha ele do médium ou dos assistentes.

O inconsciente, vimo-lo, é um vasto móvel onde estão encerradas, sem mesmo darmos por isso, impressões e reminiscências em quantidades inumeráveis. O médium e o paciente têm sempre a possibilidade de haurir, em transe ou hipótese e mesmo em estado de vigília aparente, em suas abundantes reservas, e tirar-lhe idéias, inconscientemente: lembranças, notas, impressões. Esses dados formarão, muitas vezes, a base das manifestações chamadas espíritas, realizadas sob qualquer destas formas: linguagem por meio da mesa ou do *oui-já*, incorporações, escrita e desenhos automáticos, visão ou audição de pessoas mortas etc. etc. Nada é mais difícil do que desprender parte resultante das próprias faculdades do médium. Em todo caso, essa parte, em todos os fenômenos chamados espíritas, é enorme; aparece tanto mais considerável quanto mais se estuda, sem *parti-pris*, o problema em toda a sua amplitude.

E depois, em última análise, é preciso sempre indagar se o percipiente, médium ou paciente, não está em condições de fazer uma leitura de pensamento (consciente ou inconsciente), um ato de lucidez que demonstre as suas faculdades supranormais, mas não se internando, de modo algum, pelo invisível.

Freqüentemente, afinal, não se pode decidir a qual das duas hipóteses é preciso dar preferência, quer seja a sobrevivência de um ser ou uma faculdade psíquica (visão ou previsão) do percipiente. As duas hipóteses se aplicam sempre ao problema proposto. O espírita, limitado em um domínio muito restrito, convergirá logo para a explicação espírita; o ardor de sua convicção não lhe deixará encarar

outras hipóteses. Mas o psiquista, habituado às experiências de lucidez, previsão do futuro, visão a distância, regressão da memória, desdobramento experimental da personalidade, sugestão verbal e mental e todos os fenômenos conexos, mostrar-se-á naturalmente mais circunspecto.

Prudentemente, pedirá provas mais estritas e levará a experiência até a suas extremas possibilidades.

Muitas vezes, posto em presença de várias conclusões pela variedade das hipóteses, preferirá não concluir, a concluir superficialmente.

Do mesmo modo, no que concerne às manifestações atribuídas aos moribundos (antes, durante e logo depois da morte), principalmente às que tocam à telepsiquia, à interpretação em favor da sobrevivência da alma, é sempre delicada a afirmação. São precisos longos anos de pesquisas para ousar, diante de tais casos, exprimir uma opinião seriamente motivada. Vê-se, sob o ponto de vista experimental, que o problema da sobrevivência da alma pediria uma longa exposição que não pode ter lugar aqui; voltaremos a esse assunto em trabalhos ulteriores.

*

* *

Entretanto, para resolver tal questão, as provas experimentais são, a esse ponto, necessárias?

Nós pensamos assim. Muitos fatos que caem diariamente sob os nossos sentidos parecem bem demonstrar a preexistência daqueles que vivem, a sobrevivência daqueles que morrem.

Sobre o primeiro ponto, não temos senão que refletir no caso, bastante freqüente, dessas crianças prodígios que, na idade em que as outras crianças não cuidam senão em folguedos próprios da infância, são já senhores de uma arte ou

ciência que requer, em geral, muitos anos de preparação. É assim que se vê Blaise Pascal, aos 17 anos, descobrir grande parte da geometria, sem que tenha podido, por qualquer lição, estar em condições de resolver esses árduos problemas.

É o caso do jovem sueco Ericson que, aos 13 anos, era já engenheiro e, muito jovem ainda, fez parte dos diretores de trabalhos para a abertura do istmo de Suez.

Na sua obra relativa à *Sobrevivência da Alma*, o Dr. Fugairon cita outro caso de precocidade científica:

"É Grandmance que, na idade de 18 anos, em uma sessão pública realizada em Paris, em 1853, respondeu sem hesitação e sem assentar um só algarismo, a duas questões que, resolvidas mentalmente, ofereciam prodigiosa dificuldade. É Mondeux que achava, instantaneamente, o logaritmo de um número dado e o número correspondente a um logaritmo qualquer."

Sob o ponto de vista artístico, os exemplos surgem igualmente: é Jean-Paul Laurens que, simples guardador de ovelhas, desenha sem ter aprendido e com tal perfeição que um pintor lhe presta toda a atenção e lhe facilita o acesso em escolas que prepararam a sua bela e longa carreira artística.

O mesmo sucedeu a Rembrandt que, muito jovem, antes mesmo de ter aprendido a ler, já desenhava.

Mozart, pequenino, manifestou dons artísticos; aos 4 anos tocava sonatas diante de ilustres auditórios e a sua primeira composição conhecida data dos seus 8 anos feitos. Não era uma romanza ou breve melodia, mas uma ópera completa.

Outros prodígios manifestaram-se na música, e, assim como o Dr. Fugairon lembra na obra já citada, "*é Therosita Milanollo, tocando violino aos 4 anos, com tanta arte e superioridade que Baillot dizia que ela certamente tocara violino antes de nascer.*"

Faculdades tão estranhas não podem resultar da educação recebida na presente existência apenas. Vêem-se assim crianças manifestarem uma prodigiosa memória; por exemplo, esse jovem jogador de xadrez que, não contente em bater os adversários mais temíveis, se media contra 15 ou 20 jogadores de uma vez e ganhava todas as partidas. É bem difícil admitir que essas faculdades sejam absolutamente inatas, isto é, que aquele que as possui na existência atual nada tenha feito para obtê-las.

Se queremos achar uma explicação racional para dons tão estranhos, somos quase obrigados a admitir que esses dons inatos na aparência sejam resultado de aquisições preliminares e que é no curso de existências precedentes que o prodígio lentamente as adquiriu, pelo método que todos nós empregamos; os conhecimentos que aparecem nele desde a idade mais tenra constituem o produto da sua evolução que lhe permite conservar, desses conhecimentos, uma lembrança inteira ou parcial.

*

* *

Mas se, impellido pelo raciocínio, admitimos essas existências anteriores e suas heranças na vida terrestre — e é bem difícil não darmos valor a essa opinião, a

menos segundo o nosso ponto de vista — é preciso admitir que nascemos com qualidades e defeitos que são o resultado de nossa evolução passada. Nossa existência atual parece bem a conseqüência da vida anterior, e merecemos essas qualidades, esses defeitos e as conseqüências inevitáveis.

Tal disposição especial, tal gosto bem saliente, é a manifestação dessas aquisições antigas. Essa aquisição que conduzimos ao nascer, é boa ou má. Se é boa, é que a nossa conduta passada permitiu que nos tornássemos melhores. Se, ao contrário, manifestamos graves defeitos num momento de nossa vida em que as paixões e os vícios nos deveriam ser desconhecidos, é que a nossa evolução não está ainda bastante elevada para que tenhamos triunfado dos baixos instintos ou tivemos, nas nossas vidas anteriores, uma conduta que nos deu a virtude e a felicidade bem difíceis de adquirir nesta.

As condições sociais, tão diferentes como as qualidades e os defeitos, são igualmente o resultado desse carma (é o nome que as filosofias hindus dão à nossa herança nesta vida).

Em suma, segundo essa concepção, a nossa pessoa é semelhante à planta. Se ela é cuidada, se está colocada em um meio próprio ao seu crescimento, desenvolve-se, dá flores e grãos que perpetuarão a espécie, e as novas plantas serão tanto mais belas quanto os cuidados do jardineiro forem melhores. Acontece o mesmo conosco. Quanto mais elevamos o nosso espírito, mais adquirimos qualidades, mais abriremos o nosso coração e praticaremos o devota-mento e a fraternidade, mais no nosso ciclo seguinte nos encontraremos dotados de possibilidades de felicidade.

Nossa vida atual está intimamente ligada ao nosso passado, tão intimamente quanto a nossa próxima vida, a consequência lógica da nossa vida atual.

*

* *

Uma grande lei do Equilíbrio nos domina. Não poderia haver efeito sem causa. A Justiça e a Harmonia são as rainhas do mundo. No domínio da Humanidade, que é o domínio superior da Natureza, a Justiça e a Harmonia não cessam — e somente em aparência — pelos erros dos homens.

A Justiça reina nas Leis que nos regem. Temos o que merecemos, mas, o mais das vezes, ignoramo-lo, e é desta ignorância que provêm as nossas recriminações contra o Destino. Chamamo-lo injusto quando não o é absolutamente. Pelo contrário, ele é a própria Justiça e, desde que vemos a realidade do mundo e nos aplicamos a penetrar as suas Leis, apercebemo-nos da perfeição da Justiça universal, que trata todos os homens com igualdade.

Quando possuímos este conhecimento tão útil, toda a vida muda de aspecto aos nossos olhares.

Comprendemos que o que nos aparecia outrora como duro e severo, é, ao contrário, consequência de uma Lei superior e harmoniosa.

Não somente esses males de que nos queixamos, esses reveses que nos têm tornado a vida tão penosa são uma justa expiação de nossas faltas, mas ainda, longe de nos ser uma barreira, são um meio de purificação.

Se a vida nos parece dura, sabemos que pagamos as nossas dívidas e que o muito benevolente credor não nos obrigará a pagar duas vezes.

É a doutrina hindu do Karma. É ela que forma a base dos ensinamentos iniciáticos com relação ao Destino.

E. Arnold, comentando os ensinamentos búdicos, assim expõe:

"A vida de cada homem é o resultado de suas existências precedentes; os erros passados trazem os desgostos e sofrimentos, enquanto o bem passado espalha a felicidade. Recolheis o que tendes semeado. Vede este campo! O sésamo era sésamo, o trigo era trigo. O silêncio e a sombra o sabiam! Assim nasce o destino do homem. Vem recolher tanto sésamo ou trigo quanto tenha semeado em sua existência anterior e tantas ervas daninhas e venenosas, que o tornam doente — ele e a terra dolorosa".

"Se trabalha bem, arrancando-as e plantando em seu lugar sementes benéficas, o solo será fecundo, belo e puro, e a colheita será rica".

"Se aquele que vive, sabendo de onde vem a dor, aceita-a pacientemente, esforçando-se para pagar as velhas dívidas contraídas por suas faltas antigas, praticando sempre o Amor e a Verdade, se não faz mal a ninguém, purga completamente o seu sangue da mentira e do egoísmo, sofrendo tudo com doçura e não distribuindo senão o perdão e o bem para ofensas; se cada dia se torna mais compassivo, santo, justo, amável e sincero e arranca o desejo de todos os lugares onde ele se agarra com as suas raízes sangrentas, até

que o amor à vida desapareça; se ele procede assim, quando morrer começará uma existência nova que é como a soma do seu eu, uma conta saldada de sua vida, cujos males são mortos e liquidados, e cujo bem recente ou afastado é vivo e poderoso de tal modo que recolherá logo os frutos. Tal homem não tem mais necessidade do que chamamos vida e aquela que outrora começou nele está terminada; cumpriu o seu destino humano. Não sofrerá mais tormento, os pecados não o contaminarão mais, o sofrimento das alegrias e dores terrestres não perturbará mais a sua paz eterna e as mortes e existências não recomeçarão mais para ele."

O Sábio goza, assim, a paz do Nirvana.

Se nos reportamos a esta concepção búdica, que é a da maioria das iniciações antigas, nascemos, pois, felizes ou infelizes por predestinação.

Não é um capricho da sorte, é a conseqüência da nossa conduta boa ou má na nossa existência precedente. A lei primordial é aquela que nos obriga a progredir e aperfeiçoarmo-nos. As faltas que cometemos constituem uma dívida que estamos na obrigação de resgatar integralmente.

Este pagamento, que é ao mesmo tempo a purificação do nosso coração e do nosso espírito, não pode ser feito senão praticando as qualidades que nos elevam: o trabalho, o altruísmo, a bondade.

*

*

*

Uma objeção foi muitas vezes oposta à doutrina com a qual acabamos de concordar: a ignorância desse passado do qual suportamos as conseqüências dolorosas.

Sofro, diz aquele que não sabe ainda; sofro no meu coração a perda de um filho querido; nos meus interesses, uma ruína imprevista; na minha saúde física ou moral, por uma desordem do coração, um desgosto profundo, perdas nas minhas empresas; sofro hoje, por isso, e cruelmente. Dizei-me que este sofrimento é a conseqüência de minhas faltas em outra vida? Mas, como posso ser punido por fatos que ignoro e de que não guardei nenhuma lembrança? Há nisso qualquer coisa de profundamente injusto à primeira vista. Se, mesmo de relance, eu me lembrasse das minhas existências passadas, se eu conhecesse as minhas faltas, por pouco que fosse, eu faria todos os meus esforços para expiá-las, para compreender. Por que o ignoramos?

Embora certas pessoas — notadamente os teósofos — digam que se recordam de existências anteriores, é preciso reconhecer que este saber é bem raro; ainda não nos oferece nenhum caráter de autenticidade. Se esta lembrança nos fosse possível, é de temer que bem poucas pessoas fossem capazes — se esta revelação lhes fosse feita — de estar à altura da tarefa. Esta tarefa, efetivamente, lhes apareceria, freqüentemente, acima de suas forças. Talvez também não se avaliasse a proporção da cena com o delito. Essa ignorância nos evita, além disso, muitos ressentimentos e, sob este ponto de vista, é um grande bem.

Como observa muito judiciosamente o Dr. Geley, a ignorância do passado, como a ignorância do presente, é um bem, um grande bem. Diz ele:

"Só o Ser idealmente evolucionado poderá, sem inconveniente, conhecer toda a formidável acumulação de experiências, sensações, emoções, esforços e lutas, alegrias e dores, amor e o ódio, sentimentos baixos ou elevados, sacrifícios ou atos egoísticos, tudo, em uma palavra, o que constitui, pouco a pouco, sob as suas múltiplas personalidades e o distinguiu, especializado alternativamente."

"Se tivesse, ainda que um rápido clarão, esse conhecimento, o homem vulgar seria por ele sempre fulminado! Está ele bastante pesado de erros ou desgostos presentes. Como suportaria ele, acumulados, os pesos das dores passadas, da tolice e da baixeza, das paixões animais que o agitaram, da monotonia incomensurável das vidas banais, os arrependimentos de existências privilegiadas ou os remorsos de existências criminosas?"

"O esquecimento implica, por felicidade, o arrefecimento dos ódios e das paixões esterilizadores e distende, em uma justa medida, as cadeias que ligam muito estreitamente os seres uns aos outros e limitam no mesmo campo os seus movimentos".

"Toda lembrança do passado não conseguiria senão incomodar o Ser no seu esforço presente."

*

*

*

De u'a maneira geral, podemos supor, nas condições da vida atual, que a nossa conta corrente no Livro do Destino conduz mais a pagar do que a receber. Esta predominância da sombra, do negro, do desgosto, da doença, da desilusão, da dor sob todas as suas formas, provém quase sempre do nosso desconhecimento das leis naturais.

Vivemos no passado e vivemos no presente, exclusivamente para nós, preocupados somente com o nosso bem-estar e o nosso prazer. Somos egoístas, pessoais.

Olhemos simplesmente a nossa vida atual. Aquele que intoxica o seu corpo com uma alimentação defeituosa, muito abundante ou muito suculenta, também pagará fatalmente este desconhecimento das leis fisiológicas. Pagará tanto mais quanto aos olhares do espectador desatento parecerá mais são e mais sólido.

Está rubicundo, gordo, corado! É, como dizem as pessoas simplórias, a imagem da saúde! Mas a queda será mais cruel por ter sido muito tempo retardada.

Subitamente, no momento em que menos pensava, as dores vêm e as doenças imobilizam este inconsciente. E quantos assim, por sua culpa, a quem a multidão cega augurava ou concedia o certificado de longa vida, foram derrubados pelo mal que não souberam prever?

A alma, também ela, tem necessidade de cuidados, como o corpo. Quantas pessoas pensam nisso e quantas vezes?

Muitos não têm outro objetivo na vida senão satisfações banais e rasteiras de todos os dias; não vêem mais alto, nem mais longe. Vão sem destino por esse caminho, não se preocupando com a distância dessa estrada, com a distância para o Além e do Além para o Infinito. Descuidados do fim real para o qual os seus

esforços deveriam convergir, ignoram que uma vontade consciente os vigia e observa.

Por um justo retomo das coisas, encontram subitamente a dor que o seu egoísmo acreditou evitar, e no momento das lágrimas, não tem mesmo para os consolar a lembrança do bem que teriam podido espalhar e que não fizeram.

A vida do ser humano não deve ser entregue assim ao acaso. Ir às cegas é correr para os perigos inevitáveis; é lançar-se, de olhos fechados, para cima de todos os obstáculos; é tropeçar dolorosamente em todas as pedras do caminho. É preciso ter um fim e colocá-lo alto e longe. É preciso cessar de olhar exclusivamente o nosso horizonte tão limitado.

Ao longe, está o panorama esplêndido da Natureza, percorrido em todos os sentidos; e de todos os lados há ainda a galgar. No alto, estão as Inteligências sublimes, as Entidades, amigas. É para elas que nos dirigimos na nossa ascensão; é nelas que devemos depositar confiança.

Se ignoramos o plano da obra para a qual colaboramos, se vemos raso e limitado, na esfera restrita de nossos interesses materiais, se rolamos com os outros na arena onde se debatem os bens da luxúria e da cupidez; se estamos sedentos de embriaguez, sensualidade e lucro, pagaremos qualquer dia as faltas que cometemos.

Os tormentos nos acabrunharão durante a vida, ainda feliz se os aceitamos com paciência, se compreendemos que eles são o resgate de nossas faltas. Bem infeliz é aquele que tenta evitá-los! Deverá pagar, na hora dolorosa em que deixar o seu despojo e, mais tarde ainda, achará diante de si um credor que reclamará a sua dívida. Quando voltar, não poderá furtar-se ao pagamento.

*

*

*

Voltando à terra, conduzimos as conseqüências de todos os nossos atos passados. Há alegrias em perspectivas, mas, para a maioria, que penas!

Se soubéssemos, antecipadamente, a quantidade destas últimas, ficaríamos, talvez, desanimados pela soma de esforços que precisaríamos empregar.

É permitido ter esse temor quando se vêem tantos seres que se acreditam muito fortes e são tão pouco resistentes.

Olhai este amoroso. Vai à entrevista à hora exata, ou antes mesmo. Aguarda. Espera. Conta os minutos que o separam daquela que ama. A hora passa e ei-lo que se impacienta. Sua mão febril atormenta o seu relógio que continua a avançar com a indiferença da fatalidade.

Os minutos sucedem-se aos minutos; a amante esperada não vem. Então, mil pensamentos contraditórios perseguem o espírito daquele que espera. Pensa naquela que ama e lembra-se, ao mesmo tempo, das suas ternuras e indiferenças; teme que uma desgraça lhe tenha sucedido e imagina que um outro lhe tenha agradado... É feliz se a amada vem finalmente! Volta depressa à sua felicidade; mas se, mesmo retida por um acontecimento inesperado, a amiga não vem, a sombra se instala no seu espírito e ele se torna uma presa do ciúme.

Quem não ficou inquieto esperando uma missiva importante?

Quer seja carta de amor ou documento de negócios, o tardar dessa carta toma aos olhos daquele que se impacienta uma proporção excessiva; crispa-se o rosto, bate o coração, ressentem-se a digestão, o sono torna-se difícil, resultando daí as insônias e os pesadelos. A imaginação — a louca da casa — faz das suas.

Para um homem de negócios, o vencimento do prazo que chega apresenta dificuldades? Contou com pagamentos para equilibrar os seus, e alguns de seus devedores faltam com a palavra. Que desordem, quantos tormentos até que a dificuldade seja transposta!

E o artista aniquilado pelo medo, o amoroso que desejaria falar, dizer coisas delicadas e sente-se enrubescer, perturbando-se, têm eles plena posse de si mesmos?

Verdadeiramente, o ser humano é bem o caniço pensante de que fala o filósofo e é mais caniço ainda do que pensante.

Um nada o emociona, o atormenta, o desconcerta; um nada leva-o a ponto de lhe fazer perder a direção do seu ser.

E essa perturbação e essa emoção, ele as sente diante dos pequenos fatos, das coisas insignificantes que o farão rir quando as considerar futuramente com o olhar tranqüilo daquele que deixou de amar, do homem de negócios que venceu na vida.

Às vezes, alguns minutos bastam para que esse grande medo e esse obsedante temor se tornem ridículos. Consideramo-nos tolos por haveremos corado; rimo-nos disso e, contudo, recomeçaremos, ainda que tenhamos passado penosos momentos.

Agitamo-nos por uns nada. Qual seria a nossa conduta, se fôssemos colocados de repente em presença das faltas do nosso passado, das dificuldades de nosso futuro, das dores e mágoas que deveremos sofrer em vista de nossa evolução?

*

*

*

O que nos permite o equilíbrio nos momentos difíceis é a espera de um auxílio, de uma intervenção propícia.

Felizmente não sabemos o que nos advirá amanhã. Uma divindade benevolente estende o véu da ilusão por sobre os males que não poderemos evitar.

Sem esse "*Véu da Felicidade*", que seria daqueles que não estão suficientemente evolucionados?

Aquele que, depois de longos desesperos, sai a custo de tristes catástrofes, poderia recomeçar o seu esforço se soubesse que, em consequência de suas faltas passadas, esse novo esforço será vão? Se ele soubesse que, em breve, seria arrastado de novo à borda do precipício, preferiria acabar com a vida, sem pensar nas consequências de um suicídio. Quando consideramos o obstáculo que está colocado diante de nós, a menos que tenhamos uma educação especial, somos conduzidos a julgá-lo intransponível. Que seria se tivéssemos conhecimentos desse obstáculo dos anos futuros?

Lutando dia a dia, porque a fé está em nós, latente, mas robusta. Essa esperança devemos reforçá-la porque é o melhor fomentador de energias. Devemos desenvolver em nós essa fé benéfica, a fé em nós mesmos, a fé nas Forças superiores, a fé em uma Justiça suprema que, em última análise, será sempre vitoriosa.

É a esta Justiça que obedecemos; é ela que preside as nossas eclosões, as nossas evoluções.

Principalmente, não nos revoltamos contra as experiências necessárias. Aceitemo-las como as justas consequências de nosso passado. As nossas dores têm a sua utilidade. Se dois caminhos conduzem ao conhecimento: a Reflexão e a Dor, esta última via é a mais rápida.

Em sua Noite de Outubro, Musset poeticamente expressiu este fato:

O homem é um aprendiz, a dor é sua mestra, E ninguém se conhece enquanto não sofreu.

É nesse sentido que foi dito: "*Felizes aqueles que sofrem, felizes aqueles que choram*"; esse sofrimento abre-lhes os olhos, fazendo-lhes ver, no seu justo valor, os seres e as coisas deste mundo.

Na estrada, caminhamos indiferentemente, mergulhados nos nossos devaneios, descuidosos de um perigo possível, mas o obstáculo que nos faz estacar é também a causa que nos faz abrir os olhos. O choque nos foi útil. Prestamos mais atenção ao resto do caminho a percorrer.

A dor é esse obstáculo que nos obriga a considerar tudo o que nos rodeia com mais cuidado e, como a necessidade cria sempre novas faculdades, ela nos dota também de uma sensibilidade que não teríamos sem ela. Aqueles que têm sofrido adquirem geralmente um desenvolvimento psíquico muito sensivelmente superior ao daqueles seres que não estiveram nunca em poder dos tormentos da vida, dos sofrimentos tanto físicos como morais e sentimentais.

Mas, principalmente, devemos ser reconhecidos à dor, porque nos liberta de nossas dívidas. Ela nos fornece os meios de tomar esta necessidade primordial: estamos quites para com o nosso passado, na medida do que tivermos sofrido. A nossa condição social e atual, os nossos sofrimentos, as nossas dores de toda espécie são a consequência de nossas faltas passadas.

Aceitemo-las corajosamente. Coloquemo-nos à altura do esforço. Ninguém, quando o quer sinceramente e com perseverança, está abaixo da tarefa.

*

*

*

Aquele que descobre essa verdade, tem o dever de dar, à sua vida, uma nova orientação. Esforçar-se-á por dirigir o seu espírito nesse caminho, haurindo nas forças que o rodeiam a energia suficiente para se colocar em face do destino. Desde que tomou essa resolução, sente-se auxiliado; vêm-lhe forças novas, acode-lhe o apoio a seu apelo. Depois das dificuldades do começo, sua tarefa se torna, de dia em dia, mais fácil. A sua vontade calma e disciplinada se fortifica e não se furta mais ao contato dos obstáculos; está seguro da sua órbita.

Emprende a luta com uma força admoestada; redobra o esforço; triunfa.

A dor é inevitável, mas precisaremos saber também que toda prova é transitória. A luta que aceitamos é uma luta que será necessariamente vitoriosa. É preciso que sejamos vencedores.

Abreviaremos tanto mais a duração da prova quanto mais soubermos tirar partido da advertência que nos é dada. E, dessa crise dolorosa, podemos estar seguro de que sairemos engrandecidos.

Para triunfar dessa dor, elevemos o nosso espírito para as regiões elevadas, como, para tornar a dar força e vigor ao nosso organismo depauperado, procuraremos o ar puro nas altas montanhas.

Desprendamo-nos dos prazeres e das tentações da terra. Que são essas alegrias tão fictícias em comparação com o conhecimento e a Luz, que nos esperam, que possuiremos quando tivermos passado o estágio das experiências? Ensinando-nos a não desesperar nunca, a ver mais alto do que os homens, a Iniciação nos revela as conseqüências de nossos atos e desfalecimentos.

Mas não devemos trabalhar apenas para nós. É preciso abriremos o nosso coração à angústia que nos rodeia.

Devemos arrancar de nós todos os sentimentos maus, sentir que todos nós somos um foco e que, a exemplo dos grandes centros de força e de luz que Deus criou, devemos irradiar sobre todos os seres, fazer-lhes participar de nossa força, velar por eles e pela potência de nossos bons pensamentos.

Então, no poder sempre novo de nossa irradiação, conheceremos a alegria de dar, de sustentar aqueles que são fracos, que necessitam e se arrastam como nós mesmos o fizemos no princípio da nossa iniciação.

Assim compreendida, a vida não cessa de ser uma luta, porém ela se embeleza pelo conhecimento do bem que fazemos em torno de nós, do auxílio levado àqueles que sofrem. A inteligência esclarecida vê logo as coisas, na sua gradação relativa. Um otimismo clarividente adoça as inquietações do espírito.

*

* *

Contrariamente ao que pensam certos filósofos pessimistas, se a dor nos é útil para avançarmos na nossa senda, a evolução não é senão dor. Existe, ao contrário, uma grande alegria na evolução e no ritmo aceitos. O conhecimento das harmonias que nos rodeiam é, sem cessar, para nós, ocasião de alegrias as mais altas.

Procuremos surpreender, em torno de nós, os segredos da Natureza. Para brotar e desenvolver, a planta tem necessidade de luz e calor; morreria na sombra. Assim, a nossa alma necessita de expansão, de graça, de alegria, não dessa satisfação brutal que é apenas o prazer, mas de uma alegria íntima e doce que vem da afeição dos seus, da luz divina na qual estamos banhados.

Se vivêssemos no escuro, afastados constantemente dos outros, não tardaríamos em perecer de neurastenia.

A dor, a desilusão não são mais que períodos tanto mais passageiros quanto tornamos mais depressa à nossa linha de conduta. O estado ideal de nosso corpo é a harmonia, a saúde; não é a doença.

Devemos fazer todos os nossos esforços para conservar em nosso corpo um ritmo vital perfeito.

O mesmo para o nosso coração e o nosso espírito.

A dor e a desilusão são, como a moléstia corporal, conseqüências de nossas faltas; desaparecem no dia em que damos ao nosso espírito e ao nosso coração o seu verdadeiro elemento, as alegrias elevadas e sãs, as harmonias delicadas e superiores de que eles têm sede. Sim, é na alegria que o iniciado evoluciona. Todo estágio de dor é um período de espera, de advertência, para aquele que não achou ainda a verdadeira senda. Esforcemo-nos para compreendê-lo e procuremos tudo o que possa reconduzir ao nosso ser essa alegria que lhe é necessária, essa calma cheia de felicidade que o sustem, mesmo nos momentos difíceis.

Esqueçamos o passado doloroso; esqueçamo-lo principalmente no que concerne às ofensas que sofremos.

Esse rancor seria, para nós, um peso incômodo, um obstáculo, um entrave na via da perfeição.

Lancemos voluntariamente um véu sobre os sofrimentos passados; esqueçamos os tormentos para não conservar senão o muito precioso ensinamento que recebemos por seu intermédio. É o futuro que deve ser a nossa preocupação, o futuro muito próximo, certamente, mas também, e principalmente, o nosso futuro mais longínquo. Não há causa sem efeito, e o nosso esforço, podemos ter disso a consolante certeza, terá a sua repercussão nos estágios que preparamos.

Que todos os nossos atos, todos os nossos pensamentos tenham por fim preparar a próxima aurora. E, quando tivermos compreendido a significação da vida, saberemos amá-la.

Tudo nos sorrirá, tudo florescerá em torno de nós.

*

* *

Novel adepto, olha os homens! Olha-os ha vida material que não é senão símbolo e imagem. Olha-os a caminhar.

Quanto mais estão afastados da luz, seus corpos arrastam atrás de si uma sombra de extensão desmesurada. Quanto mais longe estiverem da luz, mais essa massa negra parecerá considerável.

Essa projeção não evoca a teus olhos a imagem do karma do passado cuja dívida é preciso resgatar?

Todo homem arrasta essa sombra e ela o segue passo a passo; adverte-o sem cessar na sua missão, porém, ninguém pensa nisso. Entretanto, desde que avançamos na senda, que nos aproximamos do foco luminoso, essa sombra diminui. Ela era larga e pesada, quando não sabíamos onde a Luz se achava; quando caminhávamos às cegas, longe de toda fonte de claridade e de toda alegria. Agora que o nossos olhos estão abertos, corremos para a Luz com todo o arrebatamento de nossas forças novas e os dolorosos obstáculos não nos amedrontam mais! A medida que nos aproximamos do Archote divino, a sombra que se apega aos nossos passos se faz mais leve.

Evoca, com todo o coração, essa Luz divina que vai apagar o traço de tuas faltas. Ela vai, em breve, te invadir de uma alegria deliciosa. É ela que colocou a auréola na fronte de todos os grandes santos, de todos os grandes pensadores, de

todos os grandes artistas. É ela que te iluminará na nova senda que escolheste. Mas, essa via tão próxima e tão oculta a todos os olhares está em ti procurá-la e descobri-la.

Trabalha, redobra os teus esforços e medita sobre tudo o que te rodeia.

A Natureza é, para todos nós, um livro e um guia. Pede-lhe os ensinamentos que te são úteis, pois não são jamais recusados, assim como não é recusado o auxílio fraternal de todos os adeptos que te precederam na mesma estrada.

Merece as etapas superiores de tua evolução, A Luz e a Paz serão a recompensa de teus pacientes esforços.

DEUS

A magnificência de tudo o que nos rodeia. — O ternário: Matéria, Força e Inteligência; estes três elementos colaboram em todas as coisas. — O conhecimento destes três elementos é necessário para compreendermos o enigma do mundo. — Admiremos a Natureza para reconhecermos, por toda parte, a presença de Deus. — O Ser Supremo e a sua manifestação em todos os mundos: mineral, vegetal e animal. — Os grandes fenômenos cósmicos e o que nos revelam. — O Segredo do Absoluto. — Dificuldades de adquirir uma noção exata de Deus. — A nossa pequenez diante da Natureza. — Para viver feliz, nos devemos conformar com as Leis divinas. — Para o Sábio, para o iniciado, a voz de Deus faz-se ouvir na paz de sua alma, no silêncio de seu coração.

Ainda que todos vivam nas mesmas condições no seio deste Universo cheio de maravilhas, bem poucos dentre os homens pensam em perguntar a si mesmos por que meios se formou e como pode guiar-se esta maravilhosa eurrítmia, que nos é muito habitual para que lhe rendamos, espontaneamente, a homenagem de admiração que lhe devemos.

Muitos dentre nós não se dão ao trabalho de refletir a respeito da sublimidade daquilo que os rodeia: não percebem da vida senão o espetáculo mutável e animado, felizes mesmos se vêem a sua beleza plástica e material.

Quantas pessoas passam à margem da água, quando o sol se deita e esparze aí os seus raios feéricos, sem ver a púrpura e o ouro da tarde disputá-la à noite, envolvendo os campos de nácar e de azul que escurecem pouco a pouco?

O pintor e o poeta os contemplam com profundo arrebatamento. Mas, mesmo entre estes, quão poucos interrogam que vontade misteriosa guia a marcha dos astros, o ritmo eterno e cambiante das estações e das horas, modificando em uma ordem imutável a beleza do nosso Universo. Poucos perguntam a si mesmos, como Booz diante da lua curva e clara:

*Qual Deus, qual ceifador do eterno estio,
Lançou negligentemente, ao retirar-se,
Esta foice de ouro no caminho das estrelas?*

É um sentimento desta ordem que Epícteto exprime nos seus Entretenimentos, em termos de uma sóbria magnificência:

"O mundo é como uma grande feira, onde são conduzidos animais de valor e bois para vender; e onde a maioria das pessoas vêm para comprar ou vender; bem pouco é preciso para se imaginar o espetáculo da feira, para ver como as coisas aí se passam, em vista do que elas se fazem, quais são aqueles que a estabeleceram e porque o fizeram. Assim é na grande feira da vida: bom número de pessoas, semelhantes aos animais de valor, não se ocupam de outra coisa além da forragem. Bem poucos entre os homens aqui reunidos têm a curiosidade de examinar o que é este mundo e quem o governa".

"Não há, pois, ninguém que o governe?"

"Como seria possível que uma cidade ou uma casa pudesse subsistir um só instante sem que alguém a administrasse e a conduzisse, e como poderia este grande e magnífico conjunto ser mantido em uma ordem tão bela por caprichos do acaso?"

"Há, pois, alguém que o rege".

"Quem é esse alguém e de que modo o rege?"

"Que somos nós, que nascemos dele? E que temos de fazer? Há um liame entre ele e nós? Estamos ou não em relação com ele?"

"Eis os pensamentos deste pequeno número, que não cuida, aliás, senão de uma coisa: deixar a feira, depois de a ter examinado bem. Porém, qual! o vulgo ri-se deles! E' que, efetivamente, na feira, os mercadores riem-se dos simples espectadores; e os animais de valor, se tivessem inteligência, caçoariam daqueles que dão preço a outra coisa além da forragem."

*

*

*

Como Epícteto, o pensador, o filósofo, o iniciado, principalmente, não se contentam somente com a face exterior das coisas: procuram-lhes as razões profundas; saem do círculo ordinário das preocupações comuns para compreenderem o Infinito. Em tudo o que contemplam, encontram, com o êxtase de uma visão sempre mais clara, o sublime ternário: Matéria, Força e Inteligência,

colaborando em todas as coisas, misturando e combinando os seus esforços para chegarem ao fim perfeito, ao fim divino.

Esses três elementos são facilmente discerníveis no ser humano e mostramos a sua cooperação constante para o melhor rendimento de toda a nossa pessoa.

Temos o prazer de pôr sob os olhos dos nossos leitores as páginas tão fortes e tão lúcidas pelas quais o Dr. Paul Gibier, na *Análise das Coisas*, expõe esta mesma verdade com todas as suas harmoniosas conseqüências.

"Se o homem — diz ele — fosse inteiramente matéria e força, a sua personalidade não subsistiria muito tempo além da combinação destes dois elementos, porque cada um deles não é ele".

"Entretanto, o homem, o filósofo elevando-se acima dos objetos materiais para melhor dominá-los, mergulha o seu pensamento na extensão infinita para aí procurar a penetração de dois mistérios: o mistério do mundo e o mistério que é ele mesmo. Contempla a abóbada celeste e os astros; considera ansiosamente o universo onde, átomo, está ele como que perdido. Para não ser perturbado em coisa alguma, procura fazer abstração de tudo, de tudo o que tem podido aprender até então".

"Um fato impressiona imediatamente os seus olhares; há alguma coisa; esta alguma coisa é a matéria".

"Um segundo fato atrai quase imediatamente a sua atenção: esta matéria move-se. Mas percebe depressa que ela não se move por uma virtude própria, porque é inerte, e que, sendo assim, não pode mover-se por si mesma: o exame lhe mostra que esse movimento, todas as suas conseqüências e transformações são manifestações da Energia".

"Depois de ter verificado que tudo, até este ponto de seu exame, se reduz a mostrar dois princípios aos quais todos os fenômenos de que é testemunha podem relacionar-se, o homem fica assombrado e iludido. A energia pode dar-lhe a razão da existência da matéria; mas, a energia?"

"Que é e de onde vem ela? Que existe atrás dela?"

"É em vão que ele passeia longamente os seus olhares sobre os mundos, continuando majestosamente a órbita que uma sábia e invisível mão parece haver-lhes traçado nos céus".

"Desespera de nada aprender deste grande Universo solene e mudo para ele, mas, entretanto, animado. É inútil interrogar as estrelas, a lua, o sol e os planetas: todos estes gigantes das profundezas inabordáveis ficam surdos à sua voz".

"Ao homem, então, não resta mais do que voltar à sua própria natureza, perscrutar a sua própria vida e analisar-se a si mesmo".

"Nele vê primeiramente um corpo feito de matéria tirada à matéria circundante; este corpo emprestado não é, pois, dele; um dia ficará sem ele; será restituído à terra da qual o recebeu e o formou, no dia da grande mudança que chega, inelutável, uma vez para cada um. Mais ele se analisa, mais acha a sua matéria semelhante à outra".

"Em seguida, encontra ainda, em si, sob aspectos tão variados como os da matéria, esta energia cujos efeitos viu nas coisas que o rodeiam".

"Até aí, compreende que ele é feito da matéria e da energia universais; mas com que compreendeu todas estas coisas? Será com a sua matéria ou com a sua energia ou com as duas? Mas, então, a matéria e a energia universais seriam, pois, inteligentes?"

"Vendo os efeitos da morte e a inércia de um cadáver, deduz que a matéria só, não compreende nem pensa."

"Analisando suas variedades de energias e vendo que elas não servem senão para entreter as funções de sua matéria organizada, ou para executar as ordens de sua vontade consciente e inteligente, conclui que compreendeu o que queria compreender, com qualquer coisa que não é nem a sua matéria nem a sua energia, e dá a isso o nome de inteligência".

“E, conhecendo a sua própria natureza, prossegue logicamente do conhecido ao desconhecido, e diz a si mesmo que a sua matéria e a sua energia, tendo sido hauridas ou tiradas da fonte universal, sua inteligência deve ter a mesma origem: adivinhou o terceiro elemento do Universo; viu e compreendeu que, ao mesmo tempo que a MATÉRIA e a ENERGIA, há a INTELIGÊNCIA no mundo.”

"Sentiu que, para ter uma idéia do Universo, precisava que o homem se estudasse e se compreendesse, porque não podemos mais apreender a essência do mundo, pois vemos que não seria dado a um ser dotado de inteligência, como nós, compreender o homem, se as suas dimensões não lhe permitissem estudar dele senão uma porção microscópica: por exemplo, alguns glóbulos do sangue circulando em um vaso capilar." (Análise das Coisas)

*

*

*

Essa idéia é necessária para a nossa perfeita compreensão do enigma do mundo. Sem ela, não podemos penetrar nem a força, nem a forma desta vida na qual estamos mergulhados e não nos elevamos acima do instinto inferior.

Uma inteligência está no homem que dirige e ordena todas as suas ações segundo uma vontade raciocinada. Uma inteligência suprema cumpre a mesma função no imenso Universo do qual o nosso sistema solar não é senão uma parte muito insignificante.

Essa Inteligência rege todas as coisas e é ela que sentimos invisivelmente presente atrás de todos os grandes fenômenos que nos causam tanta admiração, mas dos quais não temos a chave se recusamos ver aí a presença de um dirigente.

É essa divina Inteligência pela qual todo espírito desce para a matéria a fim de aí encontrar campo de evolução para cultivar, fazer viver e auxiliar as almas retardadas, conduzindo-as para a luz. É uma Inteligência que concebeu e pôs em prática todas as leis da Evolução.

Todas as religiões tiveram consciência da supremacia dessa Inteligência soberana, seja ela considerada pelos filósofos como um ser abstrato, a Alma universal que se nos manifesta sob o véu de ouro da Natureza, seja ela o Parabrahm dos Hindus, o Ain-Soph dos Kabalistas, o Ato puro de Santo Tomaz, é sempre Deus sob todos os nomes que a Humanidade encontrou para exprimir ao mesmo tempo o seu reconhecimento e a sua admiração para com Aquele que traçou o plano da Criação.

*

* *

É necessário ser muito prolixo a respeito de uma questão tão evidente, para provar a existência de um Ser Supremo, com argumentos filosóficos?

Não pensamos assim. Esses argumentos estão em obras especiais onde cada qual os pode encontrar.

Basta admirar a Natureza para reconhecer nela a presença de Deus. Em tudo o que nos rodeia, nada mais fácil do que discernir a existência de uma Inteligência suprema, conscientemente providente, que traçou os planos do Universo e que dá a cada ser o seu caráter particular, segundo o qual ele deve seguir a sua presente evolução, ou melhor, seu aperfeiçoamento definitivo. Mil fenômenos se

apresentam à nossa vista, os quais, sem o conhecimento do criador, nos seriam incompreensíveis.

Por toda parte, os nossos olhos se maravilham, o nosso coração se exalta, o nosso espírito se perturba. Nós nos interrogaríamos como tais fatos podem ser produzidos se a resposta não a lêssemos na forma de tudo o que vive, desde o raminho da erva até a estrela; se todas as vozes não a cantassem, desde o bramar da vaga até o murmúrio indistinto dos insetos e do zéfiro.

Todas as coisas evoluem em torno de nós e se apresentam sob formas puras e precisas que não podem ser devidas ao acaso.

Tudo se desenvolve segundo as leis rítmicas suscetíveis de serem expressas por Números, segundo fórmulas constantes.

Admitiremos que o acaso possa fazer tais coisas? Os menores fatos estão cheios destes ensinamentos.

*

* *

Olhai os longos fetos que a geada corta sobre os caminhos, o inverno.

São maravilhosos desenhos compostos por um amontoamento de estrelas. É preciso, ver na sua delicada precisão outra coisa além de uma sábia mão, antes que a arte do homem se perturbe diante deles?

Estas leis são aplicáveis também aos cristais que se formam debaixo da terra tanto quanto nos laboratórios. Cada corpo se cristaliza em uma forma geométrica sempre a mesma.

Só uma Inteligência consciente pode presidir a tal trabalho.

E a planta! Que alambique maravilhoso destila da lama infeta para tirar de si tudo que arrebatava: a cor mascarada do lis, o perfume voluptuoso da rosa, a virtude

salubre de tal ou tal planta que, segundo a sua espécie, os transmitirá sempre tão vivos e tão perfeitos às outras plantas de sua raça. No mesmo terreno, a dormideira encontrará os elementos do seu ópio, rico de sonhos e inteiramente entorpecido de sono, enquanto o timo e a salva hão de haurir daí virtudes estimulantes e de acre vigor.

Perto deles florescerão as doces violetas e, não longe, o estramônio que traz a morte. Como cada planta escolhe justamente o que lhe é necessário, e apenas isso?

Seria um mistério insolúvel, se não sentíssemos que uma Inteligência suprema preside a esse trabalho, dando a cada organismo as possibilidades necessárias à sua conservação, à sua produção. E a criança que se forma no seio de sua mãe não é, para o nosso pensamento, um trabalho incompreensível? Foi necessário que duas células se encontrassem, e, lenta e progressivamente, segundo leis nunca transgredidas, sem cuidados especiais, por vezes mesmo contra a vontade daqueles que a puseram no mundo, a criança nascerá. Quer a mãe freqüente os bailes ou siga uma higiene racional, isto pode influenciar as condições do nascimento, mas não o próprio nascimento. Uma Inteligência suprema vela para que o trabalho seja feito.

Se retalhamos o ser humano, cada órgão será para nós um objeto de profunda admiração. Considerai um olho. Vede como cada uma de suas partes é adaptada à sua função que é a de nos fazer conhecer os objetos e a sua forma, sem o auxílio do tato.

É uma prodigiosa maravilha. Todo o gênio de que o homem é tão orgulhoso não pôde conseguir fazer, na forma exterior, senão Um olho de vidro,

impróprio à visão e, contrafazendo a estrutura interior, limitou-se apenas a essa cópia informe do mais delicado dos nossos sentidos: o aparelho fotográfico.

Porém, como tudo isso está longe do esplendor da Natureza, de sua admirável perfeição!

Temos a imagem, porém não a visão. A Natureza sai vitoriosa em todos os casos em que o gênio humano se encontra com ela. O espírito e o coração ficam confusos diante de tantas provas de uma superioridade incontestável.

Todos os fenômenos da vida, todos os atos conscientes ou inconscientes dos seres que nos rodeiam cantam o louvor de uma Inteligência suprema, consciência do Universo.

*

* *

E se saímos do nosso restrito ambiente, se consideramos os grandes fenômenos cósmicos, até que ponto nos submergiremos em uma profunda admiração?

O ritmo das estações dá alternativamente, ao mundo, novos aspectos e rios anuncia os acontecimentos naturais de nossa existência.

Os astros que, segundo a expressão bíblica, "*cantam a glória de Deus*", gravitam em torno de nós, seguindo leis imutáveis.

Estamos longe deles, e nos são tão estranhos que concebemos, a seu respeito, erros que, a custo, se dissiparam.

Apenas — se prestamos atenção — nos certificamos, por meio de aparelhos científicos, de sua massa, de sua composição, de sua distância e, como disse tão poeticamente Camilo Flammarion: — "*esses mundos longínquos que se embalam, como o nosso, no éter, sob o balouçar das mesmas energias e das*

mesmas leis, são, como o nosso, a sede da atividade e da vida"; são letras de fogo que escrevem o nome divino mais alto que as nuvens do céu.

Essa Inteligência suprema que eles nos manifestam, dotou-os de leis que o homem descobre lentamente. Newton e Kepler encontraram a fórmula da gravitação universal, desse maravilhoso equilíbrio, graças ao qual as forças adversas se contrabalançam, em uma ordem perfeita. E essas energias contrárias mantêm em um ritmo constante o curso dos planetas que gravitam em torno do sol.

O astro que nos cativa, tanto quanto a flor que nos encanta, mostram-nos a mesma Inteligência ativa na realização de seus prodígios incessantes. O poeta canta, o pensador se entusiasma e o sábio, que parece mais ponderado pela forma de suas pesquisas, não lhe cede nada em admiração.

*

* *

Lineu, o grande botânico sueco, olha as flores e seus órgãos tão perfeitamente adaptados às suas funções e, entretanto, tão maravilhosos ao olhar, tão deliciosos à respiração. Compreende que uma tal harmonia não pode provir de um encontro fortuito, pois ela se repete tantas vezes que a mesma flor existe e se reproduz segundo leis que não mudam e é o que lhe arranca estas palavras:

"O Deus eterno e imenso, sabendo tudo, podendo tudo, passou diante de mim. Não o vi em face, mas o seu reflexo, arrebatando minh'alma, lançou-a no estupor da admiração. Segui aqui e ali o seu traço entre as coisas da criação; e, em todas essas obras, mesmo nas menores, as mais imperceptíveis, que força e quanta sabedoria! Que

indefinível perfeição! Observei como os seres animados se superpõem e se encadeiam, ao reino vegetal, os próprios vegetais aos minerais que estão nas entranhas do globo, enquanto o globo gravita em torno do Sol e todos os astros, todo o sistema sideral, imenso, incalculável na sua infinidade, mover-se no espaço, suspenso no vácuo por. um primeiro motor incompreensível, o Ser dos seres, a Causa das causas, o Guia e o Conservador do Universo, o Senhor e o Obreiro de toda a obra do mundo..."

Certamente, o nosso conhecimento de Deus é insuficiente. Não podemos compreender plenamente um ser tão acima de nós e cujas possibilidades ultrapassam tão altamente as nossas.

Nossos sentidos são muito limitados para seguirem, no Absoluto, o arrebatamento, o impulso que o nosso pensamento desejaria sentir ou tomar. Nosso próprio pensamento não é nem bastante amplo nem bastante claro para se medir com uma claridade tão forte que ofusca o nosso fraco entendimento; do mesmo modo, o som muito vibrante representa para nós o silêncio.

Por vezes, o auge do entusiasmo e a iluminação da fé podem transportar-nos um instante a essa esfera sublime onde a Luz e o Ritmo são tão vivos como o pensamento; onde tudo é esplendor e alegria. Mas, em geral, somos forçados a nos conservarmos bem longe de um conhecimento tão alto. Podemos verificar e admirar, mas não podemos adquirir uma noção exata do que é a Divindade.

*

*

*

Sentimos por toda parte essa Inteligência, sem a qual nada existiria. Vemos os seus efeitos, mas a causa nos escapa.

Goethe inclina diante desse pensamento o seu sereno orgulho olímpico e fica confuso:

"Estou muito afastado de crer que eu tenha do Ser Supremo uma noção exata. As minhas opiniões, aquelas que eu dito ou tenho escrito, se resumem todas nisto: Deus é incompreensível e o homem não tem dele senão um sentimento vago, uma idéia aproximativa. De resto, a natureza e nós outros, os homens, somos de tal modo penetrados da Divindade, que ela nos sustem! Vivemos nela, respiramo-la e aí estamos: sofremos e regozijamo-nos, segundo as leis eternas, diante das quais representamos um papel ativo e passivo ao mesmo tempo; pouco importa que as conheçamos ou não. A criança se regozija com um doce, sem se inquietar de saber quem o fez, e o pássaro belisca a cereja sem cuidar como brotou. Que sabemos nós da idéia de Deus e que significa, definitivamente, essa intuição estreita que temos do Ser supremo? Mesmo que eu o designasse, como os turcos, por um centena de nomes, eu ficaria ainda infinitamente abaixo da verdade, tão numerosos são os seus atributos..."

"Como o Ser augusto, que denominamos a Divindade, se manifesta não somente no homem, mas ainda no seio de uma natureza rica e poderosa, assim como nos

grandes acontecimentos do mundo, a idéia que formamos dele, segundo as qualidades humanas, é evidentemente insuficiente."

E o que Goethe exprime assim, em todos os tempos os Sábios o compreenderam e não esperavam achar a noção do divino, senão no êxtase ou na morte, os quais penetram as portas da Evolução, por estágios, um breve e o outro de uma duração ainda desconhecida.

Na Índia primitiva, elevavam-se vozes que recusavam ao orgulho do homem o conhecimento de seu Deus. O Sama Veda declara, em uma forma sagrada:

"Se dizes: Eu conheço perfeitamente o Ser supremo, engana-te; quem poderia enumerar os seus atributos? Se dizes: Eu penso o contrário, não que eu creia conhecê-lo perfeitamente ou desconhecê-lo de todo, mas conheço-o parcialmente, porque aquele que conheceu todas as manifestações dos deuses que procedem dele, conheceu o Ser supremo; se tu dizes isto, enganas-te; isso não é conhecê-lo, mas ignorá-lo inteiramente."

"Aquele, porém, que crê não o conhecer, é aquele que o conhece; aquele que crê conhecê-lo é o que não o conhece. E' olhado como incompreensível por aqueles que mais o conhecem e conhecido perfeitamente por aqueles que o ignoram inteiramente."

Certamente, não compreendemos a Essência divina, nem a natureza dessa Inteligência que é a Causa primária de tudo o que existe. Contudo, sentimos-la em todas as coisas.

Não podemos negar-lhe a existência, que se revela por tantos benefícios. É, entretanto, difícil fazermos dela uma idéia exata.

É rebaixá-la se a fizermos semelhante a nós, personificando-a num ser que nos dotaria com os nossos sentimentos, os nossos próprios apetites e até o nosso ódio!

Verificamos a presença de um Princípio e de uma Inteligência, mas não estamos em estado de precisar a sua natureza. Limitemo-nos a uma concepção imperfeita. Procuremos harmonizarmo-nos aos Ritmos maravilhosos que nos envolvem. Admiremos Deus em suas obras e que cada uma delas contenha, para nós, um ensinamento próprio a nos desenvolver e tornar-nos melhores.

*

* *

O ser que reflete e observa, sente-se bem pequeno diante da Natureza. Tudo é motivo para meditações aproveitáveis, tanto o astro como a flor. Toda criatura conduz um mistério que o pensador pode estudar e a palavra de todos esses enigmas é sempre a mesma: todos os seres lhe revelam uma Vontade constante e uma Inteligência soberana. Muitas criaturas nos parecem inertes e, entretanto, são dotadas de uma vontade, como esses cristais que víamos escolher, nas águas em que se opera a sua cristalização, as moléculas com as quais aumentavam as suas proporções.

Deus se nos manifesta tanto no átomo quanto nesses mundos radiosos que uma força superior arrebatava através do Cosmos.

Assim como disse o Dr. Gibier na *Análise das Coisas*, contemplando as estrelas, "o homem aprende a não se admirar, seu espírito se dilata até esses mundos inacessíveis à vista ordinária. Em um clarão do pensamento, visita-os. Incorpora-se neles e se é capaz de não conceber um orgulho louco, dessa ascensão gloriosa, torna-se um Deus ele mesmo."

Essa expressão pode parecer-vos ambiciosa; não o acrediteis. Como os mundos que contemplais, o ser humano está submetido a leis inelutáveis: é forçado a avançar, a evolucionar. Tal o verdadeiro fim da vida, mas quantos o ignoram ou o desconhecem! É necessária uma longa reflexão, uma profunda meditação, para que o ser saia de seu círculo estreito, ultrapasse as contingências, desprenda o seu espírito das preocupações banais que tomam tanto lugar, quase todo o lugar no seu espírito. Sente, então, a necessidade das obras imortais que lhe parecem fúteis e que são, para a maioria dos homens, a chave de ouro da revelação.

Prepara o seu pensamento para compreendê-los, o seu coração para melhor senti-los. Expande-se para sentir as belas Harmonias. Comunga com as forças naturais que lhe não parecem mais cegas e indiferentes, porém fraternais. Pressente as Leis divinas que regem o Universo.

A inteligência clarividente de Deus nos observa a evolução e nos vê conformarmo-nos, consciente ou inconscientemente, com a sua eterna vontade. É a mais bela homenagem que estamos em estado de lhe render.

Elevemos a nossa alma para Ele. Consideremo-la como a fonte da Vida e da Luz, sem as quais não existiríamos.

É pelo conhecimento de uma comunidade nativa nessa fonte que podemos evolucionar harmoniosamente. É necessário que vivamos com o

pensamento, que façamos parte de um Todo onde todas as criaturas estão em graus diversos de sua evolução.

Não devemos sentir desdém por aqueles que nos parecem em estágios inferiores.

*

* *

Para viver feliz, é necessário que nos conformemos com as Leis divinas. É-nos preciso compreendê-las primeiramente.

Se refletíssemos, o conhecimento das forças que rodeiam nos revelariam uma parte do grande segredo. As leis constantes que regem todos os seres desvendam-se-iam aos nossos olhos.

Admiraremos a obra de Deus e esta obra, ensinando-nos progressivamente o segredo de suas harmonias, ditar-nos-á as nossas próprias leis, mostrando-nos o ritmo de nossa evolução pessoal.

Quanto a Deus, propriamente, ele nos será sempre inacessível. É esta a conclusão a que chega Maeterlinck no fim de seus estudos iniciáticos, resumindo assim o seu ensinamento:

"O grande segredo — diz ele — o único segredo, é que tudo é segredo. Aprendamos ao menos, na escola de nossos misteriosos ancestrais, a fazer, como fizeram eles, a parte do desconhecido e não procuremos ali senão o que se encontra, isto é, a certeza de que tudo é Deus, que tudo está nele e deve terminar na felicidade e que a única divindade que podemos esperar conhecer está no mais profundo de nós

mesmos e é preciso descobri-la. O grande segredo não muda de aspecto, está no mesmo lugar, o mesmo que era para eles. Souberam eles, desde a sua origem, tirar do irreconhecível a moral mais pura que temos tido; pois que nos encontramos no mesmo ponto desse irreconhecível, seria casualidade, para não dizer impossível, deduzir daí outros ensinamentos."

"E seus ensinamentos que, pela elevação, constituem os mesmos e não diferem senão nas partes menos elevadas em todas as religiões, cujos diversos dogmas não são, no fundo, senão traduções ou interpretações mitológicas dessas verdades, muitos abstratas, teriam feito do homem o que ele não é ainda, se tivesse tido a coragem de segui-los. Não os esqueçamos." (O Grande Segredo)

Tudo na natureza é a obra de Deus. A menor das células, a gota de seiva que sobe da raiz para animar e perfumar a corola nos mostram atrações e repulsões tão nítidas como as que se contrabalançam para formar a gravitação universal.

O corpo e o espírito do homem nos instruem sobre o seu destino e os astros que gravitam no éter são nossos guias na vida, como o são no mar. Tudo o que nos rodeia envolve e nos convida para nossa própria evolução. Todo ser é uma palavra que devemos ouvir e compreender. Todos nos dizem que existe uma Vontade suprema. Conformemo-nos com as suas Leis.

*

*

*

Deus está em nós. É ele que faz palpitar o nosso coração, como também é ele que anima as estrelas. Está por toda parte em torno de nós. Manifesta-se pela beleza do mundo; é ele quem desperta ecos fraternais no nosso coração e na nossa sensibilidade.

Esforcemo-nos, cada dia, para melhor o conhecermos. Admiramo-lo na sua obra e, nos arroubos de nosso coração, elevemo-nos para Ele.

Não é sem razão que foram criados para a multidão, sempre inconsciente das altas leis que nos dirigem, templos, igrejas, imagens simbólicas, muitas vezes da maior beleza, em que se resumiu o pensamento dos séculos.

A multidão não está ainda em estado de descobrir Deus em todas as coisas, admirá-lo diretamente e conformar voluntariamente a sua vida com as suas Leis.

Deve, contudo, encaminhar-se, lentamente, para o seu objetivo final. Conscientes dessa necessidade e com o fim de auxiliar a massa, os iniciados têm dado, em todos os tempos, a essas igrejas, a esses templos, a essas imagens, a maior beleza que lhes foi possível conferir a formas concretas.

Mas, nenhuma forma atinge ao esplendor da Inteligência suprema e essa Inteligência é sentida e percebida em toda parte pelo Sábio, pelo Iniciado, os quais lhe rendem homenagens aqui ou ali, não importa onde.

Seu culto está em se conformar, cada vez mais com as suas Leis, reconhecê-las em tudo, seguir a beleza de sua obra em suas múltiplas manifestações.

Para o Sábio, para o Iniciado, a Voz de Deus se faz ouvir e essa Voz o guia e o sustem. Ele a ouve na paz de sua alma, no silêncio de seu coração. Escuta-

a sempre em êxtase. A ela se submete com alegria. Conforma-se com os seus ensinamentos — Beleza e Harmonia — no esplendor da Evolução.

CONCLUSÃO

O nosso objetivo escrevendo estas linhas. — Queremos fazer de nosso Centro Iniciático um importante agrupamento cuja influência intelectual e moral se irradie através do mundo e crie, entre todos os seus membros, um elo indestrutível. — Novel Adepto, estarás à altura desta missão. Tua tarefa é espalhar a Luz e conduzir, por toda parte onde passares, esta Paz e esta Concórdia que desejará ver irradiar sobre o mundo.

O presente trabalho não é mais que uma exposição rápida da Ciência secreta.

Não pudemos senão entreabrir horizontes, alinhar o caminho que o Adepto deve percorrer para melhor possuir o seu reino. É uma espécie de guia que lhe assinala alguns sítios. Àqueles que se sentirem atraídos por um conhecimento mais profundo, estudo mais importante se imporá; esse estudo lhes parecerá útil e procurarão, por si mesmos, desenvolver estas primeiras indicações.

Deixamos, propositalmente, na sombra, certos pontos sobre os quais prometemos voltar em trabalhos ulteriores.

As próprias indicações que aqui demos, reclamariam maiores desenvolvimentos para que a sua importância pudesse ser avaliada por todos os leitores.

Para desvendar a profundidade dos Arcanos, seria preciso uma extensão muito larga.

A presente publicação corresponde, entretanto, a um fim e devemos fazê-lo conhecido aos nossos leitores:

O que queremos é, nos anos que se seguirem, fazer do nosso Centro Iniciático, um agrupamento importante, cuja influência intelectual e moral se irradie através do mundo e crie entre todos os seus membros um elo indestrutível.

Atualmente, a vida, tal como a maioria dos homens a compreende, é um desafio à razão. O pensador, que se inclina sobre a multidão inconsciente admira-se e se aflige de ver todo esse povo ignorante cometer faltas que deverá pagar um dia.

O egoísmo é a paixão dominante. Dia a dia, o ideal desaparece e a fé, que é uma das maiores alavancas de ação, não mais anima os povos.

Por isso o valor moral da Humanidade parece descrever mais e mais. Apenas sobe, dia a dia, a vaga desencadeada dos apetites.

Uma idêntica lei preside à evolução dos indivíduos e das coletividades.

A humanidade toda cometeu faltas na direção de sua vida e, como um organismo mal cuidado, tem crises dolorosas. Esses acessos em que o mal parece triunfar momentaneamente, não devem, entretanto, desencorajar, porque são crises de eliminação que uma vez passadas, a deixarão mais robusta e mais pura. Toda falta para com as leis divinas têm as suas repercussões, que são o castigo e o resgate.

Do mesmo modo que o ser humano volta à saúde ao aceitar cuidados apropriados ao seu estado, assim também o ser coletivo pode tornar a encontrar o Equilíbrio, a Alegria, pode prosseguir novamente no seu Ciclo evolutivo, retomar o Caminho ascensional para um Vir-a-ser superior.

A Humanidade acaba de sofrer uma crise dolorosa. Sua falta de fé e ideal, o domínio dos interesses a conduziram à margem do abismo. É urgente reparar as faltas cometidas.

Para que triunfe no mundo o reino do Altruísmo, da Bondade e da Fraternidade, são precisos numerosos combatentes animados de um ideal elevado e poderoso, cujo coração seja imenso e robusto, e se comova terna e fortemente diante da Beleza, diante da Dor, diante de tudo que lhe trazer do exterior um grito capaz de o fazer vibrar.

Nosso fim escrevendo estas páginas foi procurar esses homens, esses porta-fachos, encontrar colaboradores.

São numerosos aqueles que desejariam associar-se a uma bela obra, mas estão dispersos.

Estão cheios de fé e coragem, porém as suas energias dormitam. Queremos fazê-los sair da sombra, agrupá-los e mostrar-lhes que a sua nobre ambição, o seu desejo de fazer bem é partilhado por outros corações; que outros cérebros têm o mesmo ideal e que o que um único não poderia tentar, poderão fazê-lo em conjunto, ligados por uma idêntica esperança, sustentados por uma ardente e alegre emulação.

*

* *

Novo adepto, estarás à altura desta missão?

Antes de entrar na lição, analisa-te e perscruta os meios físicos e morais de que dispões.

Antes de combater, é necessário que te prepares para a luta.

Não te empenhes antes de haver engrandecido a tua alma e multiplicado as tuas forças.

No fundo de teu ser, nesse tesouro secreto e ignorado de ti mesmo, jaz a maravilhosa jóia, esta lâmpada de Aladino que deve dirigir os teus passos.

É a Luz que guiou os grandes Santos, é uma parcela desse Pensamento sublime que aureola, em todos os tempos, a frente dos grandes Pensadores e dos Iniciados.

Tu és também de sua raça.

Legaram-te este tesouro do Universo: seus pensamentos, seus anseios, o exemplo de suas ações.

Herdaste as suas virtudes, as suas qualidades, tudo o que foi a sua força e o seu valor moral.

Há em ti uma parcela desse pensamento sublime que animou, em todas as idades, aqueles que votaram o seu esforço à mais bela obra humana, a que se associa ao plano eterno.

Tu és um elo dessa cadeia que transmite, através das idades, os ensinamentos sublimes que fazem viver a Humanidade.

Possuis as qualidades requeridas para descobrir o Grande Ar-cano. Teu desejo de penetrar a sombra, de desvendar, enfim, o mistério, far-te-á encontrar o que procuras.

A tua fé robusta evitará os desencorajamentos que não influem senão os desfalecidos, que não abatem senão os fracos.

Lançando-te, em um livre surto, no grande domínio do pensamento iniciático, não te iludas: ficarás preso aos teus deveres. Mesmo se não atingires aos mais altos cumes do conhecimento, não estarás menos ligado ao teu lar, à tua família, à tua pátria, à tua raça. É partilhando o esforço daqueles que te rodeiam, que te tornarás digno de os esclarecer, de os socorrer, de te elevar acima deles, para te debruçares, mais fraternal e mais ternamente, sobre as suas dores e feridas.

Cultiva o amor, um amor puro e elevado. Procura a amizade de teus irmãos. Está sempre à altura da nobre tarefa que assumes. Age, principalmente, irradia. Não esqueças nunca da admirável missão de que te encontras investido. Protege os fracos; auxilia-os de todas as maneiras, discretamente.

Levanta ás vontades desfalecidas e estimula aquelas que estão cansadas.

Leva a todos o teu sorriso amigo e benevolente, a tua força calma e soberana, a tua palavra doce e refletida.

Estende a mão, largamente, àqueles que têm necessidade de ti; eles te esperam sem te conhecer.

Tu te tomaras, em breve, o confidente daqueles que sofrem, a sua esperança e o seu apoio. Merece essa confiança. Conserva a esperança que te votam. E, mais que tudo: não procures dominá-los ou humilhá-los.

Desejam um amigo e não um senhor. Guia-os como um irmão mais velho; consola-os como u'a mãe.

Como é nobre a tua missão!

És tu quem deve espalhar a Luz, conduzindo por toda parte onde passares, essa Paz e essa Concórdia que desejaras ver irradiar sobre o mundo.

Esta é a Senda que conduz à verdadeira Felicidade.